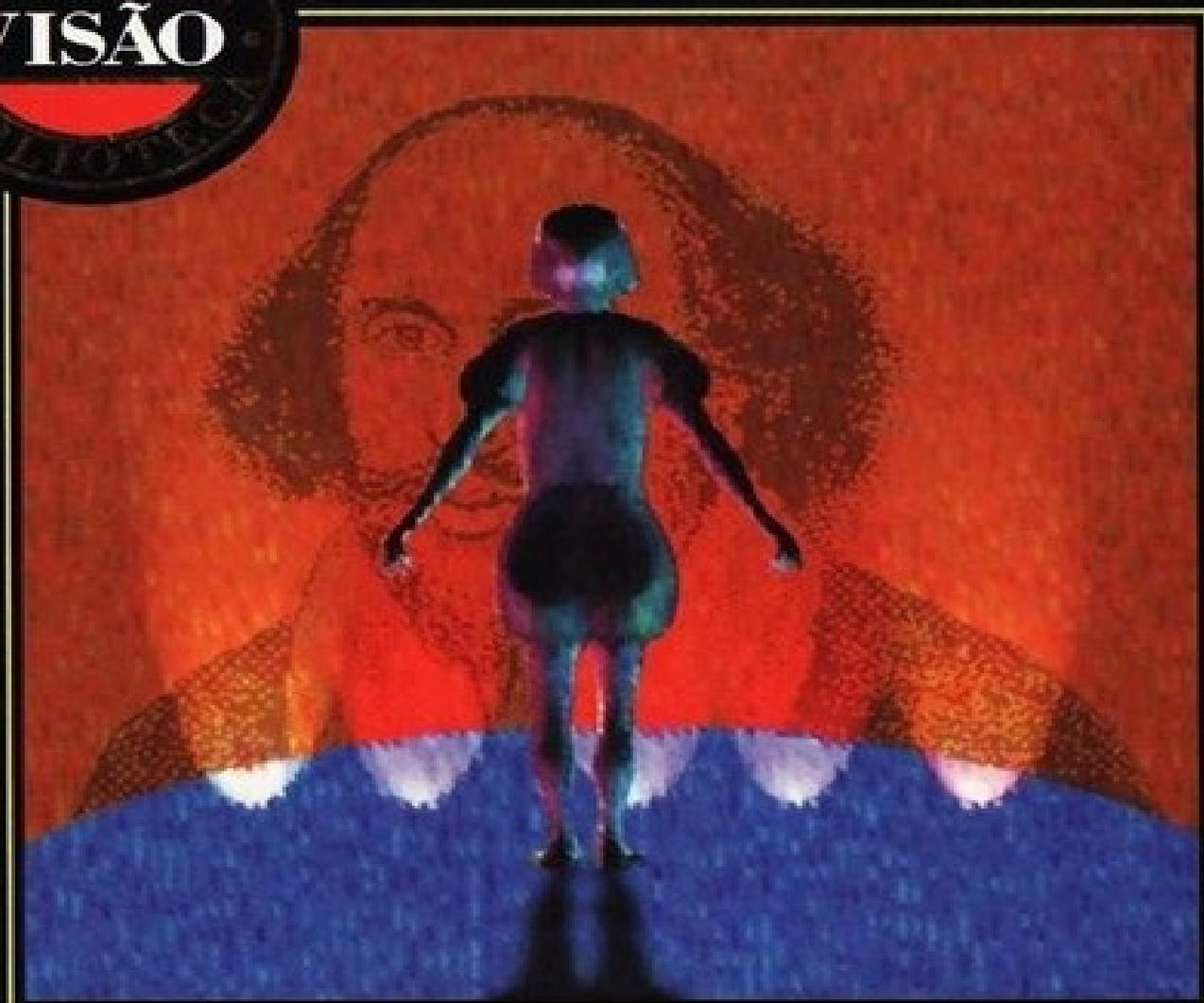
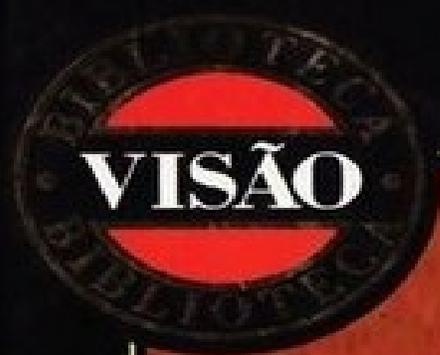

Marguerite Yourcenar

COMO A ÁGUA QUE CORRE



COLEÇÃO NOVIS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



COMO A ÁGUA QUE CORRE

Marguerite Yourcenar

Título original: "Comme l'eau qui coule"

Tradução: Luiza Neto Jorge

Edição cedida por Difel
BIBLIOTEX, S. L.

Para esta Edição ABRIL/CONTROLJORNAL
Publicação Maio de 2000

Em *Como a Água Que Corre*, Marguerite Yourcenar reuniu três novelas escritas na juventude e reformuladas numa época de maturidade literária. Na primeira obra, *Anna, Soror...* surge o tema do incesto, do amor entre irmão e irmã; em *Um Homem Obscuro*, é traçado o percurso de Natanael, personagem de alma límpida; por fim em *Uma Bela Manhã*, o pequeno Lázaro vive não só a sua vida, mas a vida toda, numa companhia de actores ingleses. Em suma, um tríptico onde emerge o requintado talento de uma escritora que foi também em 1980, a primeira mulher a ingressar na Academia Francesa.

Anna, Soror...

Nascera em Nápoles no ano de 1575, detrás das espessas muralhas do forte de Santelmo cujo governador era seu pai. Há longos anos estabelecido na península, dom Álvaro ganhara o favor de vice-rei, mas também a hostilidade do povo e a dos membros da nobreza campesina que suportavam mal os abusos dos funcionários espanhóis. Mas ninguém, pelo menos, contestava a sua dignidade nem a excelência do seu sangue. Graças ao seu parente, o cardeal Maurizio Caraffa, desposara a neta de Inês de Montefeltro, Valentina, última flor a esgotar a seiva de uma raça entre todas privilegiada. Valentina era bela, branca de rosto, fina de cintura: a sua perfeição desencorajava os fazedores de sonetos das Duas Sicílias. Preocupado com o risco que uma tal maravilha fazia correr à sua honra, e naturalmente propenso a desconfiar das mulheres, dom Álvaro impunha à sua uma vida quase claustral, e os anos de Valentina iam-se partilhando entre os melancólicos domínios que seu marido possuía na Calábria, o convento de Ischia onde passava a Quaresma e as câmaras baixas e abobadadas da fortaleza em cujas masmorras apodreciam os suspeitos de heresia e os adversários do regime.

A jovem aceitou de bom grado a sua sorte. A infância passara-a ela em Urbino, na mais polida e refinada das sociedades, no meio dos manuscritos antigos, das doudas conversas e das violas de amor. Os derradeiros versos de Pietro Bembo agonizante foram compostos para celebrar a sua próxima vinda ao mundo. Sua mãe, ainda mal refeita do parto, levou-a, ela mesma, a Roma, ao claustro de Sant'Ana. Uma mulher pálida, boca marcada por uma ruga de tristeza, tomou a criança nos braços e deu-lhe a sua bênção. Era Vitória Colona, viúva de Ferrante d'Avalos, que venceu em Pavia, a mística amiga de Miguel Ângelo. O ter crescido ao lado dessa musa austera deu a Valentina uma singular gravidade e a calma dos que nem sequer à felicidade aspiram.

Absorvido pela ambição e por crises de hipocondria religiosa, seu marido, que a negligenciava, pusera-a de lado depois do nascimento de um filho, do seu segundo filho. Não lhe criou rivais, tendo como aventuras galantes na corte de Nápoles tão-só as necessárias para estabelecer a sua reputação de fidalgo.

Sob a máscara, naquelas horas de abatimento em que uma pessoa se entrega a si mesma, passava dom Álvaro por preferir as prostitutas moiriscas cujos favores se regateiam, no bairro ribeirinho, com as patroas das espeluncas, agachadas junto a uma lamparina ou a um braseiro. Dona Valentina não se molestou. Esposa irrepreensível, jamais teve um amante; escutava com indiferença os galantes petrarquistas, nunca participava nas cabalas que urdiam entre si as várias amantes do vice-rei, nem elegia de entre o seu séquito qualquer confidente ou favorita. Por respeito às conveniências, envergava nas festas da corte as vestes magníficas que quadravam à sua idade e à sua condição, mas não se detinha diante dos espelhos a contemplar-se, a ajeitar uma prega ou a apertar um colar. Todas as noites deparava dom Álvaro, sobre a mesa, com as contas da casa conferidas pela mão precisa de Valentina. Era no tempo em que o Santo Ofício, recém-introduzido na Itália, espiava o mínimo estremecimento das consciências; Valentina evitava cuidadosamente todas as conversas que abordassem assuntos de fé, e a sua assiduidade aos ofícios era a que convinha. Ninguém sabia que ela fazia passarem em segredo roupa e bebidas reconfortantes aos presos nas masmorras da fortaleza. Sua filha Anna nunca conseguiu lembrar-se, mais tarde, de algum dia a ter ouvido rezar, mas viu-a, muitas vezes, na sua cela do convento de Ischia com um Fédon ou um Banquete nos joelhos, as belas mãos poisadas no parapeito da janela aberta, meditar longamente diante da baía maravilhosa.

Os filhos veneravam-na como uma madona. Dom Álvaro, que contava mandar em breve seu filho para Espanha, só raramente exigia a presença do mancebo nas antecâmaras do vice-rei.

Miguel passava longas horas sentado ao lado de Anna na salinha doirada como o interior de um cofre, onde corria, bordada sobre os muros, a divisa de Valentina: *Ut crystallum*.

Ensinara-os a ler, desde crianças, em Cícero e em Séneca: e enquanto eles ouviam aquela voz terna explicar-lhes uma máxima ou um argumento, confundiam-se os seus cabelos sobre as páginas. Naquela idade, Miguel era muito parecido com a irmã; se não fossem as mãos, delicadas, nela, endurecidas nele pelo uso das rédeas e da espada, tê-los-iam tomado um pelo outro.

As duas crianças, que se amavam, eram muito caladas, não necessitando de palavras para gozar do prazer de estarem juntas; dona Valentina pouco falava, com aquele instinto justo e avisado de quem se sente amado sem se sentir compreendido.

Guardava, numa caixinha, uma colecção de pedras preciosas gregas, ornadas, muitas delas de figuras nuas. Subia às vezes os dois degraus que levavam ao fundo vão das janelas para expor aos derradeiros raios do sol a transparência das sardónicas, e assim envolta pelo oiro oblíquo do crepúsculo, também ela, Valentina, parecia diáfana como as suas gemas.

Anna baixava os olhos, com aquele pudor que nas meninas piedosas mais se agrava à beira da idade núbil. Dona Valentina, com o seu flutuante sorriso, dizia: - Tudo o que há de belo traz a luz de Deus.

Falava-lhes em língua toscana; eles respondiam em espanhol.

No mês de Agosto de 1595, dom Álvaro anunciou que, antes das festas do Natal, devia o filho estar em Madrid, onde um parente seu, o duque de Medina, lhe dava a honra de o receber como pajem. Anna chorou em segredo, mas conteve-se, por orgulho, diante da mãe e do irmão. Ao contrário do que dom Álvaro esperava, Valentina não levantou qualquer objecção à partida de Miguel.

O marquês de la Cerna possuía, pelo ramo italiano, vastos domínios cortados de pântanos, que davam pouco rendimento. A conselho dos feitores, tentou aclimatar à sua terra de Acropoli as melhores cepas de Alicante. Teve medíocre sucesso dom Alvaro; não se desencorajou; todos os anos presidia ele mesmo às vindimas. Valentina e os filhos acompanhavam-no.

Naquele ano, dom Álvaro, impossibilitado, pediu à mulher que tomasse conta, sozinha, daquela propriedade.

A viagem levava três dias. Seguida pelos carros onde se empilhavam os criados, a carruagem de dona Valentina rodava sobre o piso desigual, rumo aos vales do Sarno. Dona Anna ia sentada em frente da mãe; dom Miguel, apesar do seu amor pelos cavalos, tomara lugar ao lado da irmã.

A habitação, construída no tempo dos Angevinos da Sicília, tinha o ar de uma fortaleza. Em começos do século, haviam-lhe acrescentado uma construção coberta a cal, espécie de quinta com o seu pórtico abrindo para um pátio interior, o seu telhado raso onde secava a fruta do pomar e a sua fileira de lagares de pedra. Ali morava o feitor mais a mulher, sempre grávida, e uma caterva de filhos. O tempo, a falta de reparações, as intempéries haviam tornado inabitável a grande sala invadida pela fartura da quinta. Montes de cachos de uvas já cristalizadas no seu próprio suco tornavam peganhento o lajedo à moirisca, crivado de moscas; tranças de cebolas pendiam das abóbadas; a farinha saída das sacas infiltrava-se, com o pó, por toda a parte; o cheiro do queijo de búfalo arranhava a garganta.

Dona Valentina e os filhos instalaram-se no primeiro andar.

Os quartos do irmão e da irmã ficavam em frente um do outro; através das vidraças, estreitas como seteiras, calhava dom Miguel entrever o vulto de Anna, indo e vindo à luz de uma candeia. Desfazia o cabelo, gancho a gancho, estendia depois o pé a uma criada para que lho descalçasse. Dom Miguel, por decência, corria as cortinas.

Os dias, sempre iguais, iam-se arrastando, cada um tão longo como o Verão todo. O céu, quase sempre carregado de um nevoeiro de calor colado por assim dizer à planície, ondulava desde a serra baixa até ao mar. Valentina e a filha atarefavam-se, na farmácia meio escalavrada, a confeccionar remédios que distribuían pelos doentes de malária. Surgiam contratemplos que retardavam o fim das vindimas; atingidos pela febre, havia trabalhadores que não largavam a enxerga; outros, amolentados pelo mal, cambaleavam pela vinha como homens embriagados. Muito embora dona Valentina e os filhos nunca se referissem a isso, a partida iminente de Miguel ensombrou-os aos três.

À noite, no brusco escurecer do crepúsculo, comiam juntos numa salinha térrea. Valentina, fatigada, deitava-se cedo; Anna e Miguel, uma vez sós, olhavam um para o outro, em silêncio, mas não tardava a ouvir-se a voz límpida de Valentina chamar pela filha. Subiam então os dois a escada; dom Miguel, estendido na cama, contava o número de semanas que faltavam para a partida e, muito embora sofresse por ter que deixar Anna e a mãe, sentia com alívio que essa próxima viagem já dele ia afastando as duas mulheres.

Haviam rebentado motins na Calábria; dona Valentina intimava o filho a que se não afastasse demasiado da aldeia e do castelo. Entre a arraia-miúda seivava o descontentamento contra os oficiais e os intendentes espanhóis, e monges havia, sobretudo, que se agitavam nos seus pobres mosteiros alcandorados nas montanhas. Os mais letrados, os que tinham estudado alguns anos em Nola ou em Nápoles, sonhavam com o tempo em que aquela terra era terra grega, cheia de mármore, de deuses, de belas mulheres nuas. Os mais afoitos negavam ou maldiziam a Deus, e conspiravam, dizia-se, com os piratas turcos que lançavam âncora no fundo das enseadas. Falava-se de estranhos sacrilégios, de cristos espezinhadados e de hóstias metidas entre as partes viris para aumentar o vigor; um grupo de monges raptara e sequestrara no convento parte dos jovens de uma aldeia e endoutrinava-os na ideia de que Jesus conhecera carnalmente Madalena e São João. Valentina cortava, com uma palavra, tais boatos ouvidos em casa do feitor ou na cozinha. Miguel, mau grado seu, pensava frequentemente nisso, depois varria-o do espírito como quem se desfaz de um parasita, perturbado, todavia, com a ideia desses homens a quem o desejo levava tão longe que a tudo se atreviam. Anna tinha horror ao Mal, mas, às vezes, no seu pequeno oratório, diante da imagem de Madalena desfalecida aos pés de Cristo, pensava que devia ser bem doce apertar nos braços aquilo que se ama, e que a santa por certo arderia no desejo de que Jesus a erguesse.

Havia dias em que Miguel, sem fazer caso das proibições de dona Valentina, se levantava de madrugada, selava ele próprio o seu cavalo e lançava-se à aventura por aí fora, até às terras baixas. O solo estendia-se negro e nu; búfalos imóveis, deitados, numa mancha escura, mais pareciam, à distância, pedaços de rocha desabados das montanhas; montículos vulcânicos enchiam de bossas a charneca; havia sempre grande ventania. Dom Miguel, vendo a lama espessa espirrar sob os cascos do cavalo, travava de repente à beira de um pântano.

Certa vez, já mesmo ao sol-pôr, foi até junto de uma colunata erguida frente ao mar. Fustes estriados jaziam como grossos troncos de árvores; outros, de pé, duplicados na horizontal pela sua sombra, alçavam-se contra o céu rubro; o mar, enevoado e pálido, adivinhava-se por detrás. Miguel prendeu o cavalo ao fuste de uma coluna e pôs-se a deambular por entre aquelas ruínas cujo nome desconhecia. Ainda atordoado do longo galope pela charneca, sentia aquela impressão de leveza e de moleza que às vezes se tem em sonhos.

No entanto doía-lhe a cabeça. Sabia vagamente que se encontrava numa daquelas cidades onde haviam vivido os sábios e poetas de que dona Valentina falava; gente que vivera sem a angústia do inferno aberto sob os pés, que a toda a hora dominava dom Álvaro, mais torturado, nesses tempos, do que os detidos do forte de Santelmo; contudo, também eles tinham as suas leis. Já no seu tempo, uniões que certamente teriam parecido legítimas aos rebentos de Adão e Eva, no dealbar do mundo, haviam sido severamente punidas; um tal Cauno houve, que fugira de terra em terra dos avanços da doce Bíblis...

Porque pensava ele nesse tal Cauno, ele a quem ainda ninguém solicitara amor? Perdia-se no meio daquele dédalo de pedras desmoronadas. Nos degraus do que fora certamente um templo, deparou com uma rapariga sentada. Encaminhou-se para ela.

Talvez não passasse de uma criança, mas o vento e o sol haviam-lhe lavrado o rosto. Reparou dom Miguel nos seus olhos amarelos, que o inquietaram. A pele e o rosto eram cinzentos como o pó, e a saia punha a descoberto, até aos joelhos, as pernas e os pés descalços poisados nas lajes.

- Minha irmã - disse ele, perturbado, mau grado seu, por aquele encontro em plena solidão. - Qual o

nome deste lugar?

- Não tenho irmão - respondeu a rapariga. - Muitos nomes há que é melhor não saber. Este lugar é um lugar mau.

- Tu pareces estar à vontade.

- Estou entre a minha gente.

Estendeu os lábios num breve assobio e com um dedo do pé, como que a fazer sinal, apontou para um interstício entre as pedras. Uma cabeça estreita e triangular brotou da fenda. Dom Miguel esmagou a víbora com a bota.

- Deus me perdoe - disse ele - mas serás tu feiticeira?

- O meu pai era assobiador de répteis - retorquiu a rapariga. Um vosso criado. E ganhava bem a valer.

Porque as víboras, senhor, as víboras rastejam por toda a parte, sem contar as que há nos corações.

Só então Miguel se apercebeu de que o silêncio estava repleto de frémitos, de restolhares, de rastejos; toda a espécie de bichos venenosos rastejavam pela erva. Corriam formigas; aranhas teciam entre dois fustes a sua teia. E

inúmeros olhos amarelos como os da rapariga recamavam a terra.

Dom Miguel quis dar um passo atrás, e não se atreveu.

- Ide, senhor - disse a rapariga. - E lembrai-vos de que há também serpentes noutros sítios.

Dom Miguel voltou já tarde ao castelo de Acropoli. Quis saber pelo quinteiro qual o nome da cidade em ruínas; o homem ignorava a sua existência. Em contrapartida, soube Miguel que, ao entardecer, dona Anna, ocupada na escolha da fruta, descobrira uma víbora no meio da palha. Gritara: a criada acorrera, e matara o bicho com uma pedrada.

Nessa noite, Miguel teve um pesadelo. Estava deitado, de olhos abertos. Um enorme escorpião saía da parede, a seguir outro, e mais outro ainda; avançavam ao longo do colchão, e os desenhos entrelaçados que bordavam a colcha transformavam-se em nós de víboras. Os pés morenos da rapariga descansavam em paz sobre eles como sobre um leito de ervas secas. E esses pés avançavam a bailar; Miguel sentia-os a andarem-lhe sobre o coração; via-os, a cada passo, tornarem-se cada vez mais brancos; tocavam agora no travesseiro. Ao inclinar-se para os beijar, Miguel reconhecia neles os pés de Anna, descalços nas suas chinelas de cetim preto.

Um pouco antes de matinas, abriu a janela e encostou-se ao peitoril para respirar. Uma brisa fresca, vinda do golfo, gelava-lhe o suor. As portas da janela de Anna estavam abertas; dom Miguel insistia em olhar, do lado oposto, para um rebanho de cabras levadas a pastar ao longo dos muros; contava-as com obstinação maníaca; enganava-se; acabou por virar a cabeça. Dona Anna encontrava-se no seu genuflexório.

Ao levantar-se, pareceu-lhe a ele ver, entre as roupas de noite e o cetim da chinela, a palidez doirada de um pé descalço. Anna saudou-o com um sorriso.

Passou à galeria para se lavar. O frio da água, despertando-o por completo, acalmou-o.

Outros sonhos vieram. De manhã, já não conseguia diferenciá-los bem da realidade. Fatigava-se, na esperança de vir a dormir melhor.

Às vezes, na sua solidão, encaminhava-se para as ruínas. Ao chegar à vista das colunatas, voltava rédeas; outras vezes, contudo, impelido, mau grado seu, ou envergonhado consigo mesmo, entrava. Lagartixas perseguiram-se no meio das ervas.

Nunca dom Miguel ali descobriu qualquer víbora, e a rapariga não estava lá.

Informou-se acerca dela. Os camponeses, todos eles a conheciam. O pai dela, natural de Lucera, era de raça sarracena; daí herdara a filha o seu encanto. Andava de aldeia em aldeia, bem recebida nas quintas, que livrava dos bichos. O

receio de algum malefício e, talvez, o instinto, que ele próprio desconhecesse, de uma raça atravessada de sangue moiro, impediram-no de fazer mal à moça sarracena.

Confessava-se todos os sábados a um eremita da vizinhança, homem piedoso e de boa nomeada. Mas ninguém se confessa dos seus sonhos. Como tinha a consciência pouco à vontade, espantava-se de não ter qualquer falta a censurar-se. Tomava o seu enervamento à conta da próxima partida para Espanha.

Deixara, contudo, de fazer quaisquer preparativos.

De regresso de uma longa cavalgada, num dia em que fazia imenso calor, apeou-se do cavalo e ajoelhou-se para beber directamente de uma nascente. Delgado fio de água jorrava do solo, a alguns passos da estrada; umas poucas de ervas altas cresciam à solta em volta daquela frescura. Dom Miguel estendeu-se no chão para beber, como um animal. Ouvia-se um roçar por entre as estevas; e ele sobressaltou-se ao ver aparecer a moça sarracena.

- Ah! Serpe falsa!

- Desconfiai, senhor - disse a detentora do encanto. - A água coleia, contorce-se, freme e cintila, e o seu veneno gela-nos o coração.

- Tenho sede - respondeu dom Miguel.

Estava ainda suficientemente perto do círculo formado pela nascente para poder ver, na água levemente conturbada, o reflexo daquele rosto estreito, de olhos amarelos. A voz da rapariga tornara-se sibilante: - Senhor - pareceu-lhe a ele ouvir - vossa irmã espera-vos perto daqui, com uma taça cheia de água pura. Bebereis os dois.

Dom Miguel, cambaleante, tornou a montar. A moça desaparecera, e o que ele tomara por uma presença e por palavras não passava de fantasmas. Estava sem dúvida com febre. Mas talvez que a febre permita ver e ouvir aquilo que doutro modo se não vê nem ouve.

Foi tristonha a ceia. Dom Miguel, de olhos baixos fixos na toalha, parecia sentir o olhar de Valentina poisado nele. Como sempre, ela apenas se alimentava de frutos, de legumes e de ervas, mas nessa noite estava quase incapaz de levar os alimentos à boca. Anna não falava nem comia.

Dom Miguel, a quem a ideia de ir fechar-se no quarto aterrorizava, propôs que fossem apanhar ar para o terraço.

O vento amainara com o decair do dia. O calor abrira rachas na terra do jardim; as estreitas e cintilantes poças de água dos pântanos iam-se apagando uma a uma; não se via uma luz nas aldeias; sobre a cerrada escuridão dos montes e da planície arredondava-se o límpido negrume do céu. O céu, esse céu de cristal e diamante, rodava lentamente à volta do pólo. Cabeça atirada para trás, os três olhavam. Dom Miguel perguntava a si mesmo que planeta nefasto se ergueria no seu signo, que era o Capricórnio. Anna pensava sem dúvida em Deus. Valentina talvez sonhasse com as esferas cantantes de Pitágoras.

Disse: - Esta noite, a terra recorda-se...

A sua voz era clara como o sino de prata. Dom Miguel pensava se não lhe valeria mais dar parte das suas angústias à mãe. Ao procurar as palavras, deu-se conta de que nada tinha a confessar.

Anna, aliás, estava presente.

- Voltemos para casa - disse baixinho dona Valentina.

Voltaram para casa. Anna e Miguel iam à frente; Anna aproximou-se do irmão; ele afastou-se; parecia temer pegar-lhe o seu mal.

Dona Valentina teve que parar várias vezes, e apoiar-se ao braço da filha. Tremia, debaixo do manto.

Subiu a escada devagar. Ao chegar ao patamar do primeiro andar, lembrou-se de que tinha deixado lá fora, no banco, o seu lenço bordado a ponto de Veneza. Dom Miguel desceu a buscá-lo; quando voltou, já dona Valentina e a filha tinham entrado para os seus quartos; mandou o lenço por uma camareira, e retirou-se sem ter beijado, como de costume, a mão de sua mãe e de sua irmã.

Sem sequer se dar ao trabalho de despir o gibão, sentou-se dom Miguel à sua mesa e passou a noite a tentar raciocinar. As ideias giravam à volta de um ponto fixo como as falenas à roda de uma lâmpada; não era capaz de as fixar; escapava-se-lhe o mais importante. Já noite alta, passou pelo sono, desperto apenas o bastante para saber que dormia.

A rapariga devia tê-lo enfeitado. Não lhe agradava, ela.

Anna, por exemplo, era infinitamente mais branca.

De madrugada, bateram à porta. Reparou então que já clareava o dia.

Era Anna, toda vestida, também; achou que ela se levantava muito cedo. Aquele rosto assustado pareceu-lhe, a dom Miguel, tão semelhante ao seu, que julgou ver o seu próprio reflexo no fundo de um espelho.

Disse-lhe a irmã: - Nossa mãe apanhou as febres. Está muito debilitada.

Deixando-a tomar a dianteira, entrou nos aposentos de dona Valentina.

As portadas da janela estavam fechadas. No fundo do grande leito, Miguel mal divisava a mãe; quase se não mexia, mais entorpecida que estava, do que propriamente a dormir. O corpo, quente ao tacto, tremia-lhe como se o ar dos pântanos ainda corresse sobre ela. A mulher que velara dona Valentina levou-os até ao vão de uma janela.

- Desde há muito que a senhora está doente - disselhes ela.

- Ontem, foi tomada de uma tal fraqueza que julgámos que se ia. Agora está melhor, embora demasiado calma, é mau sinal.

Como era domingo, Miguel e a irmã foram ouvir missa à capela do castelo. O prior de Acropoli, homem grosseiro, por vezes um pouco tocado do vinho, oficiava para eles. Dom Miguel, que se recriminava por haver proposto aquele passeio de véspera, pelo terraço, no fresco mortal da noite, procurava já no rosto de Anna a palidez plúmbea da febre. Alguns criados assistiram também à missa. Anna rezava com fervor.

Comungaram. Os lábios de Anna estenderam-se para receber a hóstia; Miguel pensou que aquele gesto lhes dava a forma do beijo, mas logo afastou essa ideia como sacrílega.

À saída, Anna disse-lhe: - Devia-se ir chamar um médico.

Daí a minutos, já ele galopava para Salerno.

O ar livre e a velocidade apagaram os vestígios da noite de insónia. Galopava contra o vento. Era assim como que a embriaguez de uma luta contra um adversário que recuasse, resistindo sempre. A borrasca atirava para trás os seus receios, como as pregas de um longo manto. Os delírios e os tremores da véspera haviam cessado, levados por um rompante de força e de juventude. O acesso de febre de dona Valentina podia também não ser mais do que uma crise passageira.

Logo depararia, à noite, com o belo e sereno rosto de sua mãe.

Ao chegar a Salerno, pôs o cavalo a passo. Voltaram-lhe as angústias. Talvez que a febre fosse como um malefício do qual é possível desfazermo-nos passando-o a outrem, talvez que ele, sem saber, a tivesse pegado a sua mãe.

Custou-lhe a encontrar a morada do médico. Finalmente, num beco junto ao porto, indicaram-lhe uma casa pobre de aparência; um postigo meio solto abanava. Bateu à aldraba, apareceu uma mulher toda descomposta, a gesticular; perguntou ao cavaleiro o que o trazia ali; ele teve que explicar tudo em pormenor, gritando para se fazer ouvir; outras mulheres apiedaram-se ruidosamente da doente desconhecida. Dom Miguel lá acabou por perceber que messer Francesco Cicinno se encontrava na missa solene.

Ofereceram ao jovem um tamborete, na rua. Findara a missa; messer Francesco Cicinno aproximava-se em passinhos curtos nas suas vestes doutorais, escolhendo com cuidado o melhor pavimento. Era um velhote tão asseado, que conservava aquele ar novo e insignificante dos objectos que nunca serviram.

Quando Miguel disse o seu nome, confundiu-se em medidas.

Depois de muito hesitar, acedeu a montar no cavalo. Pediu, no entanto, que o deixasse comer primeiro qualquer coisa; a criada trouxe-lhe à soleira um naco de pão embebido em azeite; levou imenso tempo a limpar os dedos.

Ao meio-dia estavam eles em pleno pantanal. Fazia calor, naquele fim de Setembro. O sol, caindo

quase a pino, atordoava dom Miguel; messer Francesco Cicinno estava, também ele, incomodado.

Mais adiante, junto a um pinhal enfezado que bordejava a estrada, o cavalo de dom Miguel deu um sacão ao ver uma víbora. Dom Miguel julgou ouvir uma gargalhada, mas estava tudo deserto à sua volta.

- Tendes um cavalo assustadiço, senhor - disse o médico, a quem o silêncio pesava. E gritando um pouco para se fazer ouvir pelo cavaleiro, acrescentou: - Caldo de víbora não é remédio de desprezar.

As mulheres esperavam ansiosas o médico. Mas messer Francesco Cicinno era tão modesto, que ninguém dava pela sua presença. Alongou-se em explicações sobre o seco e o húmido e propôs-se sangrar dona Valentina.

Correu muito pouco sangue da picada. Dona Valentina teve um segundo desfalecimento, pior que o primeiro, de que só com grande custo se reanimou.

Como Anna pedisse a messer Francesco Cicinno que tentasse outra coisa, o humilde médico fez um gesto descoroçoado: - É o fim - cochichou ele.

Com a acuidade de ouvido dos moribundos, dona Valentina virou para Anna o seu belo rosto que ainda sorria. As suas mulheres julgaram ouvi-la murmurar: - Nada acaba.

A vida, nela, ia baixando a olhos vistos. No grande leito de baldaquino alongava-se o seu corpo delgado, moldado pelo lençol, como o de uma jazente em seu leito de pedra. Sentado a um canto, o médico insignificante parecia temer incomodar a morte. Houve que mandar calar as criadas que propunham curas maravilhosas; uma delas falava em humedecer a fronte da doente com sangue de lebre esfolada viva. Miguel suplicou várias vezes à irmã que saísse do quarto.

Anna tinha grande esperança na extrema-unção; dona Valentina recebeu-a sem qualquer espécie de emoção. Pediu que levassem a casa o padre, que se desfazia em ruidosas homilias. Depois de ele sair, Anna ajoelhou-se ao pé da cama a chorar.

- Ides deixar-nos, senhora minha mãe.

- Vi trinta e nove vezes o Inverno - murmurou imperceptivelmente Valentina. - Trinta e nove vezes o Verão. É o bastante.

- Mas nós somos tão novos - disse Anna. - Não vereis Miguel ilustrar-se e a mim, não me vereis...

Ia para dizer que sua mãe a não veria casada, mas essa ideia fez-lhe, de repente, horror. Ficou em suspenso.

- Estais já, ambos, tão longe de mim - disse em voz baixa Valentina.

Pensaram que delirava. No entanto ela ainda os reconhecia, pois deu a Miguel, também ele ajoelhado, a sua mão a beijar.

Disse-lhe: - Aconteça o que acontecer, não chegueis nunca a odiar-vos.

- Nós amamo-nos - disse Anna.

Dona Valentina fechou os olhos. E logo, muito de mansinho: - Eu sei isso.

Parecia estar já para além da dor, do receio ou da incerteza. Sem que alguém percebesse se se tratava do futuro dos filhos ou se era de si própria que falava, disse ainda: - Não vos inquieteis. Está tudo bem.

Depois, calou-se. A sua morte sem agonia foi quase também sem palavras; a vida de Valentina mais não fora do que um longo deslizar para o silêncio; abandonava-se sem luta.

Quando os filhos perceberam que ela estava morta, nenhum assombro se veio aliar à sua tristeza. Dona Valentina era daquelas que nos admiramos de ver existir.

Decidiram levá-la novamente para Nápoles. Dom Miguel ficou incumbido de tratar do caixão.

O velório teve lugar na grande sala escalavrada, liberta dos produtos da quinta, mobilada apenas com algumas arcas de ripas despregadas. O tempo e os insectos tinham feito a sua obra no cordovão das tapeçarias. Dona Valentina estava estendida entre quatro archotes, no seu vestido comprido de veludo branco; o seu sorriso meio terno, meio desdenhoso franzia-lhe ainda o canto dos lábios; e o seu rosto de largas pálpebras profundamente entalhadas lembrava o das estátuas que por vezes são exumadas quando se remexe a terra da Grande Grécia, entre Crotona e Metaponto.

Dom Miguel pensava nos presságios que há semanas o assaltavam. Recordou-se de que a mãe de dona Valentina, ela própria descendente, por linha materna, dos Lusignan de Chipre, encarara o súbito aparecimento de uma serpente como um augúrio de morte. Sentiu-se vagamente reconfortado. Essa desgraça vinha justificar-lhe os pressentimentos e restituir-lhe a calma.

O vento, engolfando-se pelas grandes janelas abertas, fazia tremer a chama das lâmpadas. Para leste, as serras da Basilicata ensombrevam ainda mais a noite; o restolho a arder permitia adivinhar cursos de água já secos. As mulheres vociferavam fúnebres endeixas no falar de Nápoles ou no linguajar da Calábria.

Uma sensação de infinita solidão envolveu os dois filhos de Valentina. Anna fez o irmão jurar que jamais a abandonaria. E ele, de volta ao quarto, para se aprontar para a partida, deu consigo outra vez a pensar que, felizmente, lá por alturas do Natal embarcaria para Espanha.

O regresso, infinitamente mais lento do que a vinda, durou quase uma semana. Anna e Miguel iam sentados lado a lado em frente do caixão da mãe, postado no fundo da pesada carruagem que os havia trazido de Nápoles. Os criados vinham atrás, em carros cobertos de negro. Seguiam a passo; penitentes escoltavam a pé a carruagem e recitavam litânias, de círios na mão.

Revezavam-se a cada etapa. De noite, à falta de um convento, Anna e as suas aias contentavam-se com qualquer poiso miserável. Quando a aldeia não tinha igreja, o caixão de Valentina ficava no largo; à volta improvisava-se o velatório; dom Miguel, que evitava deitar-se, passava a maior parte da noite a rezar.

O calor, que continuava excessivo, vinha acompanhado de uma perpétua poeira. Anna parecia grisalha. Os seus negros bandós cobriam-se de uma espessa camada branca; já se lhe não distinguiam sobranceiras nem pestanas; o rosto de ambos ganhava tons de argila seca. Queimava-se-lhes a garganta; Miguel, com receio das febres, opunha-se a que Anna bebesse a água das cisternas. Lá fora, o círio vergava nas mãos dos penitentes. A maçadoria das moscas de dia sucedia ao enervamento nocturno causado pelos parasitas e mosquitos.

Anna, para descansar os olhos do reflexo da estrada e do tremeluzir dos círios, mandava correr as cortinas do coche; dom Miguel protestava com violência, afirmando que se sufocava ali.

Eram assaltados a todo o instante por mendigos lamuriando preces. Crianças penduravam-se, numa chilreada, dos eixos das rodas, arriscando-se a cada passo a cair e a ficar estropiadas ou esmagadas. Dom Miguel atirava de vez em quando uma pequena moeda para a estrada, na esperança vã de se ver livre da catraçada. À hora do meio-dia, os campos estavam quase sempre desertos; caminhava-se como numa miragem. Depois, à noite, camponeses andrajosos traziam, à falta de flores, braçadas de ervas aromáticas. Amontoavam-nas como podiam sobre o caixão.

Dona Anna não chorava, sabedora de quanto as lágrimas importunavam o irmão.

Ele ia enterrado no seu canto, o mais longe possível dela, para lhe deixar mais lugar. Anna conservava, encostado à boca, um lençinho de renda. O movimento lento do coche e a litania dos portadores de círios mergulhavam-nos numa espécie de alucinada sonolência. Nos sítios piores da estrada, os solavancos atiravam-nos um contra o outro. Tremiam, por vezes, de ver cair e rachar-se o caixão, feito à pressa pelo segeiro de Acropoli. Apesar das duplas tábuas, não tardou que um cheiro enjoativo se viesse misturar ao perfume das ervas secas. Multiplicaram-se as moscas. Todas as manhãs eles se encharcavam de águas de cheiro.

Ao quarto dia, pelo meio-dia, dona Anna desmaiou.

Dom Miguel mandou chamar uma das aias da irmã. A moça tardava a vir; Anna estava como morta, ele desafogou-lhe a roupa; procurava, ansioso, o sítio do coração; sob os seus dedos, recobriram as pulsações.

A camareira de Anna acabou por trazer vinagre aromatizado.

Ajoelhou-se diante da ama para lhe banhar o rosto.

Como se virasse para agarrar num frasco, deu com dom Miguel e levantou-se num repente.

- O senhor sente-se mal?

Ele estava de pé, encostado à portinhola do coche, as mãos ainda a tremer, e mais lívido do que a irmã. Não conseguia falar. Acenou que não.

Como havia lugar para três pessoas na parte dianteira da carruagem, Miguel, dizendo que Anna podia voltar a desmaiar, deu ordem à aia que viesse para junto dela.

A caminhada durou ainda mais dois dias. O calor e a poeira persistiam; de quando em quando, a camareira limpava o rosto de Anna com a ajuda de um pano húmido. Dom Miguel passava constantemente as mãos uma pela outra, como que para apagar qualquer coisa.

Entraram em Nápoles já ao crepúsculo. O povo ajoelhava à passagem do féretro de Valentina: era muito amada. Murmúrios hostis ao governador do forte de Santelmo aliavam-se às apiedadas exclamações: os inimigos do regime acusavam dom Álvaro de ter mandado sua mulher morrer de febres naquele domínio malsão.

Celebraram-se solenes exéquias daí a dois dias, na igreja espanhola de São Domingos. Irmão e irmã assistiram, lado a lado. À volta, dom Miguel solicitou uma entrevista ao pai.

O marquês de la Cerna recebeu-o no seu gabinete, diante da mesa coberta de relatórios de delatores e de listas de presos políticos ou de suspeitos vigiados por ordem do vice-rei. Dom Álvaro tinha como principal função reprimir motins, e por vezes, se fosse necessário, provocar algum, para fazer cair na rede os agitadores. As suas negras vestes não eram apenas por Valentina: desde a morte de um filho que, anos atrás, tivera de uma primeira esposa, esse homem fiel à sua maneira usava luto.

Não quis saber nenhum pormenor acerca da morte de dona Valentina. Miguel, alegando que Nápoles se lhe tornava por demais triste sem a mãe, perguntou se não seria possível apressar a partida para Espanha.

Dom Álvaro, que continuava a ler o correio recém-chegado de Madrid, respondeu sem levantar a cabeça: - Não me parece isso oportuno, senhor.

Como dom Miguel, mudo, continuasse ali, mordendo os lábios, acrescentou, a despedi-lo: - Logo me voltará a falar disso.

De regresso a casa, principiou Miguel a fazer, contudo, alguns preparativos para a viagem. Anna, pelo seu lado, arrumava os objectos que tinham pertencido à mãe. Parecia-lhe que o amor filial de Miguel levava a palma à amizade fraternal; mal se viam; a sua intimidade parecia ter morrido com dona Valentina. Só então é que ela percebeu a mudança que aquele desaparecimento operara na sua vida.

Certa manhã, ao voltar da missa, cruzou-se com Anna nas escadarias. Parecia horrivelmente triste. Disse-lhe ela: - Há mais de uma semana que vos não vejo, meu irmão.

Estendeu-lhe as mãos, essa Anna ativa, e humilhou-se a pontos de dizer: - Ai, meu irmão, estou tão sozinha!

Fez-lhe pena. Sentiu vergonha de si. Recriminou-se por não a amar o bastante.

Voltaram à vida de antigamente.

Ele aparecia todas as tardes, à hora em que o sol entrava a rodos pelo quarto. Instalava-se na frente dela; Anna estava entretida a coser, mas a maior parte das vezes a obra descansava nos joelhos, entre as suas mãos indolentes.

Conservavam-se ambos em silêncio; pela porta entreaberta, ouvia-se o zunido reconfortante da roda de fiar das criadas.

Não sabiam como ocupar as horas. Iniciaram novas leituras, mas Séneca e Platão perdiam em não ser modulados pelos ternos lábios de Valentina e comentados pelo seu sorriso. Miguel folheava impaciente os volumes, lendo algumas linhas, e passava a outros que logo de seguida punha de parte. Um dia, encontrou sobre uma mesa uma Bíblia latina que um dos seus parentes napolitanos, conquistado pelo evangelismo, deixara a Valentina antes de se passar para Basileia ou Inglaterra.

Abrindo o livro em vários sítios, como se faz para tirar sortes, leu dom Miguel alguns versículos, aqui e acolá. De repente, interrompeu-se, poisou negligentemente o volume e, ao retirar-se, levou-o consigo.

Tardava-lhe ir fechar-se nos seus aposentos, para o abrir na página que tinha marcada; quando acabou a leitura, voltou ao princípio. Era a passagem dos Reis onde se fala da violência feita por Ámon a sua irmã Tamar. Uma hipótese que ele nunca se atrevera a encarar, surgia-lhe assim. Ficou horrorizado.

Atirou a Bíblia para o fundo de uma gaveta. Dona Anna, que estava empenhada em arrumar os livros da mãe, pediu-lha várias vezes, mas ele sempre se esquecia de lha trazer. Até que ela não pensou mais nisso.

Ia algumas vezes ao quarto dele, na sua ausência. Miguel tremia com medo que ela abrisse o livro naquela página; sempre que saía, fechava-o com todo o cuidado.

Leu-lhe os místicos: Luís de Leão, frei João da Cruz, a piedosa madre Teresa. Mas aqueles suspiros entrecortados de soluços deixavam-nos esgotados; o vocabulário ardente e vago do amor de Deus comovia mais Anna do que os poetas do amor terreno, muito embora fosse, no fundo, quase idêntico; aquelas efusões emanadas, tão recentemente ainda, de santas personagens que jamais veria, fechadas que estavam atrás dos muros dos seus conventos de Espanha, eram como que um mosto de que ela se inebriava. A sua cabeça levemente inclinada para trás, os seus lábios entreabertos, lembravam a dom Miguel o mole abandono das santas, em êxtase, que os pintores representam quase voluptuosamente penetradas de Deus. Anna sentia o olhar do irmão poisado em si; confusa sem saber porquê, endireitava-se na cadeira; a entrada de uma criada fazia-os mudar de cor como dois cúmplices.

Tornou-se duro. Fazia-lhe constantes reparos acerca da sua ociosidade, do seu porte, do seu trajar. Ela escutava-os sem um queixume. Como ele tinha horror à desnudez do colo, habitual nas patrícias, Anna, para lhe agradar, atabafava-se de véus. Miguel censurava-lhe asperamente as efusões de linguagem; acabou por imitar a severa reserva dele. Receou, então, que ela tivesse adivinhado alguma coisa; observava-a à socapa; ela sentia-se espiada, e os mais ínfimos incidentes davam origem a disputas. Deixara de a tratar por irmã; ela notou-o; chorava, à noite, pensando em que é que o poderia ter ofendido.

Costumavam ir juntos, frequentemente, à igreja dos Dominicanos. Tinham que atravessar Nápoles inteira; a carruagem, cheia de recordações do regresso fúnebre, era odiosa a Miguel, o qual insistia para que ela levasse consigo a sua aia Inesina. Suspeitou Anna que ele estivesse apaixonado por esta; não podia suportar semeLhante comércio; sempre lhe desagradara o descaramento daquela moça; e a pretexto de qualquer coisa, achou maneira de despedir a serva.

Estava-se na primeira semana de Dezembro; dom Miguel mandou subir os baús e contratou até um escudeiro para a viagem.

Contava os dias, tentando regozijar-se por passarem tão depressa, mas mais dorido do que aliviado. Sozinho no seu quarto, esforçava-se por fixar na memória os mínimos traços do rosto de Anna, como decerto o faria quando estivesse longe dela, em Madrid. Quanto mais ele tentava, menos a via, e a impossibilidade de lembrar com precisão o trejeito de um lábio, a forma especial de uma pálpebra, o sinal nas costas de uma mão pálida, martirizava-o de antemão. Então, tomado de súbita resolução, entrava nos aposentos de Anna e fixava-a com muda avidez. Um dia, disse-lhe ela assim: - Se essa viagem, meu irmão, vos aflige, nosso pai não vos forçará.

Não lhe deu resposta. Anna julgou que ele estava contente por partir, e se bem que tal sentimento fosse testemunho de pouco amor, não se sentiu infeliz: sabia agora que nenhuma outra mulher retinha dom Miguel em Nápoles.

No dia seguinte, por volta das dez da noite, Miguel foi chamado à presença de dom Álvaro.

Estava certo de que se trataria de qualquer recomendação respeitante à viagem. O marquês de la Cerna mandou-o sentar e agarrando numa carta aberta, que estava em cima da mesa, estendeu-lha.

Vinha de Madrid. Em termos prudentemente velados, um agente secreto do governador contava do súbito desfavor em que caíra o duque de Medina. Era o parente para cuja casa, em Castela, deveria Miguel seguir, como pajem. Miguel virou as folhas devagar e devolveu a carta em silêncio. Disse-lhe o pai: - Eis-vos de regresso de Espanha.

Dom Miguel pareceu perturbado ao ponto de levar o marquês a acrescentar: - Não vos sabia tão apressado em dar livre curso à vossa ambição.

E prometeu vagamente, com polida condescendência, que faria por compensar ali mesmo dom Miguel com qualquer outra situação igualmente digna da sua origem. Acrescentou: - O amor fraterno deveria levar-vos a preferir não sair de Nápoles.

Dom Miguel ergueu os olhos para seu pai. O rosto do fidalgo era, como sempre, impenetrável. Um criado com um turbante à moda turca dos icoglans trouxe ao governador o seu vinho da noite.

Dom Miguel retirou-se.

Cá fora, foi uma atordoada alegria. Repetia para consigo: - Deus assim não quis.

E como se a mudança involuntária da sua sorte, libertando-o de toda a responsabilidade, o tivesse de antemão justificado, sentia agora, numa espécie de embriaguez, uma súbita facilidade em seguir o seu pendor. Correu para os aposentos de Anna que àquela hora devia estar só. Seria ele mesmo quem iria anunciar-lhe que ficava. Muito feliz se sentiria ela.

O corredor e a antecâmara de Anna estavam imersos em escuridão.

Por baixo de uma porta filtrava-se um ténue raio de luz. Ao aproximar-se, ouviu Miguel a voz de Anna a rezar.

Logo a imaginou, mais branca do que a sua branca roupa, e toda entregue a Deus. Aquela voz sempre igual e baixa era o único barulho que se ouvia, na enorme fortaleza adormecida. As palavras latinas desfiavam-se, no silêncio, como pingos de água dum frio e calmante aguaceiro. Insensivelmente, dom Miguel juntou as mãos e uniu-se àquela oração.

Anna calou-se; o raio de luz extinguiu-se; devia ter-se deitado. Dom Miguel foi-se, aos poucos, afastando da porta.

Veio-lhe à ideia, enfim, que algum criado poderia dar com ele na antecâmara ou no patamar. Foi para o seu quarto.

Mergulhou numa onda de dissipação. O padrinho, dom Ambrósio Caraffa, acabava de lhe mandar, pelos seus dezanove anos, dois ginetes da Barbária. Voltou às corridas. Deixando a sua câmara, situada no mesmo andar da de dona Anna, e na mesma ala da fortaleza, tomou outra, no extremo oposto do castelo, não longe das cavaliças particulares do governador.

Seu pai julgava-o ocupado em chorar as ambições de Espanha.

Anna, tomando tal separação como um ultraje, pensou que ele suspeitava de que ela lhe houvesse contrariado a partida. Não se atrevia a justificar-se perante ele; o orgulho impedia-a de se queixar, mas o desgosto era por demais visível, e dom Miguel, nas raras ocasiões em que a encontrava, na sala grande ou nos corredores do forte de Santelmo, perguntava-lhe com ar duro por que razão afectava ela tal tristeza.

Forçava-se a frequentar a corte do vice-rei. Poucos amigos ali tinha; a intransigência espanhola do governador principiava a erguer contra ele a nobreza da península. Miguel vagueava sozinho no meio daquela confusão, e as gordas beldades napolitanas, realçadas de pinturas e de jóias, colo nu sob o brilho dos lustres, irritavam-no com a sua lascívia revestida de petrarquismo. Anna via-se às vezes obrigada a assistir a essas festas. Ele via-a de longe, toda de negro, as ancas monstruosamente avantajadas pela espessura do guarda-infante; separava-os a multidão; mais pesado tédio se desprendia daqueles tectos de cornijas, e os restantes seres vivos já não passavam para ele de opacos fantasmas. De manhã, à porta de qualquer reles taberna do porto, dom Miguel dava consigo doente, a tremer de frio, embrutecido de cansaço e mais mortiço que o céu ao raiar da aurora.

Mais do que uma vez se cruzou com dom Álvaro, no corredor de uma espelunca. Nem um nem outro se deram por achados; dom Álvaro usava, aliás, uma máscara, como era uso nesse género de lugares. Mas quando, no dia seguinte, Miguel se cruzava com o pai sob a poterna do forte de Santelmo, parecia-lhe decifrar, naquele rosto hermético e fechado, o sarcasmo de um sorriso.

Experimentou as cortesãs. Mas a mais nova pareceu-lhe velha como os pecados de Herodes, e ele ali ficava, arrimado a uma mesa, perdido sempre nos mesmos pensamentos, pagando de beber a amigos de ocasião, enquanto as mulheres da taberna se inclinavam sobre o seu ombro.

Sentado, uma noite, numa espelunca da rua de Toledo, cotovelos apoiados nos joelhos e cabeça entre as mãos, via bailar uma rapariga. Bela não o era; enfadada, tinha ao canto da boca o vinco amargo de quem serve para o prazer dos outros.

Não teria mais, por certo, do que uns vinte anos, mas não se podia olhar para aquela mísera carne sem pensar nos muitos abraços que já a haviam gasto. Um cliente, que esperava por ela lá em cima, impacientava-se, possivelmente. A alcoviteira debruçou-se à balaustrada do primeiro andar e gritou: - Vens ou não vens, Anna?

Cambaleando de nojo, levantou-se e saiu.

Mas logo lhe pareceu que estava a ser seguido. Enfiou por uma rua lateral. Já não era a primeira vez que tinha a sensação de ter um espião no seu encalço; desatou a andar mais depressa. A subida até ao forte de Santelmo era longa e árdua.

Ao entrar, viu, como sempre que voltava de madrugada, que as portas da janela de Anna estavam entreabertas. Chegado ao terraço, virou-se e, pela encosta de Vomero, divisou o seu próprio escudeiro, Meneguino de Aia, que subia.

Antes de entrar ao seu serviço, pertencera esse homem longo tempo a dom Ambrósio Caraffa, que lhe dera a sua confiança.

Era assaz bem nascido e, ao que se dizia, conhecera melhores dias. O seu ar de franqueza agradara logo de entrada ao seu novo amo; nas últimas semanas, contudo, dom Miguel sentia-se espiado por esse criado perfeito em demasia. Surpreendeu, nos corredores do castelo, misteriosos conciliábulos entre Meneguino de Aia e as aias de sua irmã. Finalmente, viu-o entrar, por duas ou três vezes, nos aposentos de dona Anna, guiado por uma criada. As lutas interiores, que nele havia, fatigando-lhe o espírito, tornavam-no presa de suspeitas que ele próprio considerava ignóbeis. A frequência da corte e das tabernas haviam-no ensinado a recear as perigosas fantasias das mulheres.

Veio-lhe a ideia de escutar às portas. O seu orgulho empertigou-se perante tal baixeza.

Anna, nessa época do Carnaval, desfazia-se em orações.

Andava a par, graças a Meneguino de Aia, dos gestos e feitos de dom Miguel; aqueles pecados banais afiguravam-se-lhe ainda mais execráveis desde que os sabia cometidos pelo irmão.

O que lhe era dado imaginar desesperava-a e perturbava-a, ao mesmo tempo. Ia prorrogando de dia para dia o momento de lhe falar.

Certa manhã, preparava-se ele para a missa, viu-a entrar em sua câmara. Estacou, interdita, ao descobrir que ele não estava só. Meneguino de Aia encontrava-se junto à janela, ocupado a reparar um arnês. Disse Miguel para Anna, apontando-lhe aquele homem: - Eis o que buscas.

Dona Anna empalideceu; e o silêncio de ambos alongar-se-ia muito mais, se não fora o homem de dom Ambrósio Caraffa ter-se antecipado.

- Senhor - disse ele - andei mal em vos dissimular uma coisa. Dona Anna, que se inquieta com a vossa conduta, pediu-me que velasse por vós. Ela é um pouco mais velha. Penso que não ireis querer mal a vossa irmã pela sua muita ternura.

O rosto de Miguel mudou subitamente de expressão, pareceu desanuviar-se, mas a cólera, pelos vistos, aumentava.

Exclamou: - Perfeito!

E, voltando-se para a irmã: - Assim, foi para me espiar que conquistastes este homem! De manhã, quando eu entrava, estáveis à minha espera como uma amante desprezada! Tereis esse direito? Estarei eu à vossa guarda? Serei eu vosso filho ou vosso amante?

Anna, cara escondida pelo espaldar de uma cadeira, soluçava.

A vista das lágrimas pareceu abrandar Miguel. Disse para Meneguino de Aia: - Levai-a para os seus aposentos.

Uma vez sozinho sentou-se na cadeira que ela acabava de deixar. Pensava para consigo, exultante: - "Tem ciúmes."

Tendo-se levantado, foi-se postar diante do espelho até os olhos cansados de fixar a sua própria imagem lhe darem a ver apenas névoas. Meneguino de Aia veio de regresso. Dom Miguel pagou-lhe o soldo e despediu-o sem uma palavra.

A janela do seu quarto dava para os contrafortes do castelo.

Debruçando-se, dominava um antigo caminho de ronda, já fora de uso, mas a que o governador tinha acesso. A escada do bastião entroncava ali, mais adiante; naquelas celas abandonadas passava dom Álvaro por mandar vir, uma vez por outra, algumas mulheres perdidas. Por vezes, à noite, ouvia-se o riso abafado das moças e das alcoviteiras. Vinham a subir; os rostos pintalgados apareciam, à luz tremeluzente de uma lanterna, e essas coisas, que a Miguel repugnavam, acabavam por desvanecer-lhe os escrúpulos, provando-lhe o universal poder da carne.

Dias mais tarde, Anna, ao entrar na sua câmara, deu com a Bíblia de dona Valentina, que tantas vezes havia pedido ao irmão. O livro estava aberto e virado contra a mesa, como se aquele que o lia desejasse, ao interromper a leitura, marcar determinada passagem. Dona Anna agarrou nele, pôs um sinal entre as folhas e arrumou-o cuidadosamente numa prateleira. No dia seguinte, perguntou-lhe dom Miguel se passara os olhos por aquelas páginas. Ela respondeu que não. Ele temeu insistir.

Já não se coibia da presença dela. Modificou-se a sua atitude. Não se esquivava a alusões que a si lhe pareciam claras. Eram-no apenas para ele; tudo lhe parecia agora visivelmente relacionado com a sua obsessão. Tantos enigmas transtornavam Anna, sem que tentasse descobrir-lhes um significado. Uma angústia inexplicável se apossava dela na presença do irmão; este sentia-a tremer ao mais leve contacto das suas mãos. Afastava-se, então. À noite, já no quarto, enervado até às lágrimas, malquerendo-se pelo seu desejo e igualmente pelos seus escrúpulos, perguntava a si mesmo o que iria acontecer no dia seguinte à mesma hora. Os dias iam correndo, sem que nada mudasse. Pensou que ela se negasse a perceber. Começava a odiá-la.

Não se furtava já às congeminções nocturnas. Esperava, impaciente, essa semi-inconsciência de um espírito prestes a adormecer; rosto enterrado nas almofadas, entregava-se aos seus sonhos. Despertava com as mãos a escaldar, a boca a saber mal, como depois da febre, e mais desamparado do que na véspera.

Na quinta-feira santa, Anna mandou perguntar ao irmão se não queria acompanhá-la na sua visita às sete igrejas. Ele mandou dizer que não. A carruagem de Anna estava à espera. Partiu sozinha.

Continuou no seu vaivém pelo quarto. Ao fim de algum tempo, não pôde mais. Vestiu-se e saiu.

Anna visitara já três das igrejas. A quarta seria a dos Lombardos; a carruagem parou na praça do Monte Olivete, diante de um pórtico baixo junto ao qual se amontoavam, numa choradeira, alguns mendigos enfermos. Dona Anna atravessou a nave e entrou na capela do Santo Sepulcro.

Um rei da Nápoles aragonesa fizera-se ali representar com suas amantes e seus poetas, na pose de um velório que iria durar para sempre. Sete personagens de terracota, em tamanho natural, ajoelhadas ou agachadas sobre as lajes, lamentavam-se à volta do cadáver do Homem-Deus que haviam seguido e amado.

Era, cada uma, o fiel retrato de um homem ou de uma mulher mortos havia um século apenas, mas as suas efígies desoladas pareciam gemer ali desde o tempo da Crucifixão.

Adornavam-nas ainda alguns restos de cor: o vermelho do sangue de Cristo descamava-se como as crostas de uma velha ferida. As várias camadas de sujidade, as velas, a falsa luz da capela davam àquele Jesus o ar atrozmente morto que devia ter o do Gólgota horas antes da Páscoa, quando a podridão ensaiava a sua obra e os próprios anjos principiavam a duvidar. A multidão constantemente renovada aglomerava-se naquele espaço exíguo. Os andrajosos acotovelavam-se com os fidalgos; eclesiásticos atarefados como se estivessem em exéquias abriam passagem por entre os soldados da Armada, de rosto crestado pelo mar e marcado pelo sabre turco. Dominando de alto as frentes inclinadas, outras estátuas de virgens e de santos alinhavam-se nos nichos, revestidas, segundo o uso antigo, de véus roxos em honra desse luto que vence os demais lutos.

Desviavam-se diante de Anna para lhe dar lugar; o seu nome sussurrado de boca em boca, a sua beleza e a magnificência do seu traje interrompiam por instantes o movimento dos rosários.

Um coxim de veludo negro apareceu-lhe à frente; dona Anna ajoelhou-se. Dobrada sobre o morto de barro estendido nas lajes, beijou devotamente as chagas do lado e as mãos trespassadas. O véu, que lhe caía sobre o rosto, incomodava-a.

Como se endireitasse um pouco para o atirar para trás, teve o pressentimento de que alguém a observava e, virando a cabeça para a direita, deu com dom Miguel.

A violência com que ele a fixava assustou-a. Estavam separados pela largura de um banco. Apresentava-se, tal como ela, vestido de preto, e ela, aterrorizada, mais branca do que a carne dos círios, olhava para aquela estátua escura ao pé das estátuas roxas.

Mas logo se lembrando de que estava ali para rezar, inclinou-se de novo para beijar os pés de Cristo. Alguém se debruçou sobre ela. Sabia que era o irmão.

- Não - disse-lhe ele.

E, sempre em voz baixa: - Encontrar-me-eis à saída.

Anna nem sonhou sequer em desobedecer-lhe. Ergueu-se, e atravessando a igreja a ecoar de litanias, chegou ao umbral do pórtico.

Miguel estava à sua espera. Ambos lutavam, naquele final de Quaresma, contra o nervosismo provocado pelas longas abstinências.

- Espero que já tenhais cumprido todas as vossas devoções - disse ele.

Aguardava que continuasse. E ele insistiu:

- Não haverá outras igrejas mais solitárias? Já vos não admiraram tempo demais? Será necessário dar a conhecer ao povo o modo como beijais?

- Meu irmão - disse Anna - estais muito doente.

- Só agora vos apercebeis? - disse ele.

E perguntou-lhe por que não fizera antes no convento de Ischia o retiro da Semana Santa. Não teve ela a coragem de dizer que se não quisera separar dele.

A carruagem estava à espera. Anna entrou. Miguel seguiu-a.

Parando com a visita às igrejas, deu ela ordem que os levassem ao forte de Santelmo. Conservava-se muito direita no assento, rígida e preocupada. Olhando para a irmã, dom Miguel pensava naquele desmaio, na estrada de Salermo.

Chegaram. A carruagem parou debaixo da poterna. Subiram juntos até aos aposentos de Anna. Miguel pressentia que ela tinha algo a dizer-lhe. Erguendo o véu, disse-lhe ela: - Sabeis que nosso pai me propôs um casamento na Sicília?

- Ah? - disse ele. - Quem é?

Humilde, ela respondeu: - Bem sabeis que não aceitarei.

E dizendo que preferia retirar-se do mundo, talvez para sempre, falou em entrar para o convento de Ischia ou para o das clarissas de Nápoles, belo claustro que dona Valentina muitas vezes visitara.

- Estais louca? - exclamou ele.

Parecia fora de si.

- E aí viveríeis - disse - banhada em lágrimas, a consumir-vos de amor por uma figura de cera? Bem vos vi há pouco. Iria eu permitir-vos um amante, só porque está crucificado? Estais cega, ou acaso mentis? Julgais que aceito ceder-vos a Deus?

Ela recuou, num grande susto.

- Nunca! - repetiu ele várias vezes.

Estava encostado à muralha, soerguendo já o reposteiro com uma mão, para sair. Um estertor convulsionava-lhe a voz.

- Ámon, Ámon, irmão de Tamar! - bradou.

Saiu, batendo com a porta.

Anna continuava prostrada na cadeira. O grito que acabava de ouvir ainda lhe ressoava aos ouvidos; vagas passagens das Sagradas Escrituras lhe vieram à memória; sabendo já o que ia ler foi buscar a Bíblia de dona Valentina e abriu-a no sítio marcado, na passagem em que Ámon comete violência sobre sua irmã Tamar. Não foi além dos primeiros versículos. O livro escorregou-lhe das mãos e, inclinada para trás na cadeira, estupefacta por ter mentido a si própria durante tanto tempo, escutou o pulsar do seu coração.

Pareceu-lhe que ele se dilatava, ao ponto de inundar todo o seu ser. Apoderou-se dela uma irresistível moleza. Atravessada por bruscos sacões, assim ficou, de joelhos apertados, dobrada sobre aquela pulsação interior.

Na noite seguinte, Miguel, deitado na cama sem dormir, julgou ouvir qualquer coisa. Não estava bem certo: era mais o frémito de uma presença, do que propriamente um barulho. Tendo já vivido amiúde, em pensamento, outros momentos semelhantes, pensou que estaria com febre e, esforçando-se por se acalmar, recordou-se de que a porta estava trancada.

Não queria soerguer-se; soergueu-se e sentou-se. Parecia que a consciência dos seus actos se tornava mais aguda, à medida que estes mais involuntários se tornavam. Assistindo pela primeira vez a essa invasão de si mesmo, sentia esvaziar-se-lhe gradualmente o espírito de tudo o que não fosse aquela expectativa.

Poisou os pés no lajedo e, muito de mansinho, levantou-se.

Instintivamente, conteve a respiração. Não queria assustá-la; não queria que ela soubesse que estava à escuta. Receava que ela se pusesse em fuga e, mais ainda, que ficasse. O soalho, do lado de lá da porta, rangia um pouco sob dois pés descalços. Aproximou-se da porta sem fazer barulho, com inúmeras paragens, e acabou por apoiar-se no batente. Sentiu-a apoiar-se também; o tremor dos seus dois corpos comunicava-se às madeiras. A escuridão era total: cada um deles ouvia, na sombra, o arfar de um desejo igual ao seu. Ela não era capaz de lhe suplicar que abrisse. E para se atrever a abrir, aguardava ele que ela falasse. Aquela sensação de algo de imediato e irreparável deixava-o gelado; desejava, a um tempo, que ela nunca tivesse vindo e que tivesse entrado já. O pulsar das artérias impedia-o de ouvir.

- Anna... - disse ele.

Ela não respondeu. Numa pressa, ele correu o ferrolho. As suas mãos agitadas tactearam, sem conseguirem erguer a tranqueta. Quando abriu, já não estava ninguém do outro lado da porta.

No longo corredor abobadado estava tão escuro como dentro do quarto. Ouviu fugir e perder-se ao longe o barulho leve, abafado, precipitado de uns pés descalços.

Esperou durante muito tempo. Já não se ouvia nada. Deixando a porta escancarada, voltou a estender-se entre os lençóis. À

força de espiar os mais ligeiros frémitos do silêncio, acabava por ouvir, em imaginação, ora o roçar de um tecido, ora um débil e tímido apelo.

As horas foram passando. Incriminando-se pela sua cobardia, consolava-se com pensar o quanto ela não sofreria.

Quando já era dia, levantou-se e foi fechar a porta. Sozinho na sala vazia, sonhava: Ela agora estaria aqui.

As cobertas atiradas para trás formavam largas manchas de sombra. Tomou-se de fúria contra si mesmo. Deixou-se cair sobre os colchões. Rolava-se neles, aos berros.

Anna passou todo o dia seguinte metida no quarto. As portas das janelas ficaram fechadas. Nem sequer chegou a vestir-se: a veste negra e comprida em que todas as manhãs as aias a envolviam flutuava em pregas soltas à roda dela. Proibira que deixassem entrar alguém. Sentada, cabeça apoiada no áspero dossel da cadeira, sofria sem chorar, e sem pensar, humilhada não só pelo que tentara, mas também por tê-lo em vão tentado, demasiado esgotada mesmo para sentir o seu mal.

Por volta da noite, contudo, as aias trouxeram-lhe novas.

Dom Miguel apresentara-se a seu pai, à hora do meio-dia. Mas o fidalgo estava numa daquelas suas crises de terror místico, durante as quais se julgava condenado. Perante a insistência de Miguel, alguns serviçais deixaram-no, todavia, entrar no oratório onde se encontrava dom Álvaro, que, impaciente, fechou o seu livro de horas.

Dom Miguel anunciou-lhe o seu próximo embarque numa dessas galeras armadas para a caça aos piratas, que cruzavam o mar de Malta até Tânger. Aceitavam quem quer que fosse nessas embarcações, na sua maioria vetustas, ou mal equipadas, equipagem essa que era de antigos piratas ou de turcos convertidos, às ordens de qualquer capitão de acaso.

Informados não se sabe como, garantiam os criados que dom Miguel assinara o seu alistamento nessa mesma manhã.

- Tendes singulares ideias para um fidalgo - disse Dom Álvaro, secamente.

Era para ele, contudo, um duro golpe. Viram-no empalidecer.

E dizer para o filho: - Lembrai-vos, senhor, de que não tenho outro herdeiro.

Dom Miguel estava de olhar fixo perdido no vácuo. Algo de desesperado se desenhara naquele olhar, e sem que um músculo do rosto estremecesse, a face cobriu-se-lhe de lágrimas. Só então dom Álvaro pareceu compreender que, talvez de há longa data, cruel combate se travava na alma de seu filho. Dom Miguel ia para falar, para se confiar, sem dúvida. Seu pai deteve-o com um gesto.

- Não - disse ele. - Creio que passais por duro transe. Não tenho, porém, empenho em saber qual seja. Ninguém tem o direito de se intrometer entre uma consciência e Deus. Fazei como melhor vos parecer. Muito me pesam já os meus pecados, para me ocupar ainda com as vossas desgraças.

Apertou a mão ao filho; abraçaram-se os dois homens, solenemente. Dom Miguel saiu. Ninguém soube depois onde é que ele se meteu.

As aias de Anna, vendo que ela lhes não respondia, deixaram-na em paz.

Anna ficou só. Escurecera por completo. O calor era precoce e sufocante, para esse quarto dia de Abril. Anna sentia o coração novamente agitado; via, com terror, que a febre da véspera se iria apossar dela à mesma hora. Sufocava.

Levantou-se.

Chegou-se à varanda, abriu as portadas para deixar entrar a noite, e encostou-se à muralha, para respirar.

A varanda, muito larga, dava para vários quartos. Dom Miguel estava sentado no canto oposto, apoiado à balaustrada. Não se virou. Um frémito advertiu-o da presença dela. Não fez um gesto.

Dona Anna olhava fixamente no escuro. O céu, nessa noite de sexta-feira santa, parecia resplandecente de chagas. Dona Anna tornara-se rígida, de sofrimento.

- Porque não me haveis matado, meu irmão? - disse ela.

- Pensei nisso - respondeu. - Amar-vos-ia morta.

Só então ele se virou. Ela entreviu, na penumbra, aquele rosto desfeito que as lágrimas pareciam corroer. As palavras que tinha preparadas permaneceram nos seus lábios. Inclinou-se para ele com

desolada compaixão. Estreitaram-se num abraço.

Três dias mais tarde, assistia dom Miguel à missa, na igreja dos Dominicanos.

Deixara o forte de Santelmo aos primeiros alvares do dia, nessa segunda-feira a que o povo chama a Páscoa do Anjo, pois foi em tal dia que um mensageiro celeste falou outrora às mulheres, à beira do túmulo. Lá no alto, na fortaleza cinzenta, alguém o acompanhara até à porta de um quarto. Em silêncio se haviam prolongado as despedidas. Muito de mansinho, tivera que desapertar os cálidos braços que lhe estreitavam a nuca. A boca conservava ainda o sabor acre das lágrimas.

Rezava perdidamente. A uma oração sucedia-se outra, mais ardente; e de todas as vezes novo impulso o impelia à oração seguinte.

Sentia, numa atordoada embriaguez, aquela leveza de corpo que parece dar asas à alma. Não lamentava coisa alguma. Agradecia a Deus o não ter permitido que se fosse embora sem o viático da partida. Suplicara-lhe ela que ficasse; ele partira no dia fixado. Essa palavra cumprida para consigo mesmo confirmava-o nas suas tradições de honra, e a imensidade do seu sacrifício parecia-lhe merecer o compromisso de Deus. Aquelas mãos entre as quais ele, para melhor se abstrair de tudo, escondia o rosto, restituíam-lhe o perfume da carne acariciada. Nada mais tendo a esperar da vida, caminhava para a morte como para um fim necessário. E, certo de que cumpriria a morte como cumprira a vida, soluçava sobre a sua felicidade.

Ergueram-se alguns fiéis para comungar. Não os acompanhou.

Não se tinha confessado para a comunhão pascal; uma espécie de ciúme impedia-o de revelar, a um sacerdote que fosse, o seu segredo. Apenas se aproximou o mais possível do oficiante, de pé, do lado de lá do banco de pedra, para que a influência da hóstia descesse sobre ele. Um raio de sol coava-se ao longo de um pilar ali ao lado. Encostou a face àquela pedra lisa e suave como um contacto humano. Fechou os olhos. Voltou às orações.

Não era por si que rezava. Obscuro instinto herdado talvez de algum antepassado desconhecido ou renegado que tivesse combatido sob o Crescente, asseverava-lhe que todo o homem morto em combate contra os infiéis será forçosamente salvo. A morte, em busca da qual partia, dispensava-o do perdão. Rogava a Deus, com paixão, que poupasse sua irmã. Não tinha dúvidas de que Deus acederia a isso. Exigia-o, como um direito.

Envolvendo-a no seu sacrifício, tinha a sensação de a alçar, em sua companhia, a uma bem-aventurada eternidade. Deixara-a; mas cria que a não tinha abandonado. A ferida do rompimento parara de sangrar. Nessa mesma manhã em que umas mulheres lacrimosas apenas depararam com um túmulo vazio, elevava dom Miguel uma prece de gratidão à vida, à morte, e a Deus.

Alguém lhe pôs a mão no ombro. Abriu os olhos; era Fernão Bilbaz, o capitão do navio no qual ia embarcar. Saíram juntos da igreja. Lá fora, anunciou-lhe o aventureiro português que a calma retardava a partida da galera; que voltasse para casa, mas que estivesse prestes, ao mais ligeiro sopro da brisa. Dom Miguel tornou a escalar o forte de Santelmo, mas não se esqueceu de atar às persianas de Anna uma longa faixa, que logo ouviriam bater ao vento.

Passados dois dias, pela madrugada, ouviram eles o ranger da seda. Renovaram-se as lágrimas e as despedidas, iguais às de antevéspera, um pouco como às vezes o repetir de um sonho.

Mas talvez que nem um nem outro acreditasse em perpétuas despedidas.

Decorreram algumas semanas; em fins de Maio, Anna teve conhecimento de que dom Miguel encontrara a morte.

O navio comandado por Fernão Bilbaz deparara com um corsário argelino, a meio caminho entre a África e a Sicília. À canhonada sucedera a abordagem. A nave sarracena fora ao fundo, mas o barco espanhol, vitorioso, se bem que desamparado, com os aprestos destruídos e o mastro quebrado, andara errante durante vários dias, presa do vento e das vagas. Uma rajada atirou-o finalmente para umas escarpas, não longe da pequena cidade siciliana de Cattolica. Entrementes, morrera a maior parte dos

homens feridos no decurso do combate.

Camponeses de uma aldeia ali próxima, movidos talvez pelo engodo do lucro, desceram até junto daqueles destroços. Fernão Bilbaz mandou abrir uma fossa e, com a ajuda do vigário de Cattolica, deu sepultura aos defuntos. Mas dom Álvaro possuía grandes domínios nessa parte da Sicília; quando as gentes da terra ouviram o nome de dom Miguel, foram piedosamente depor o seu corpo, à noite, na igreja de Cattolica; encaminharam em seguida o seu caixão até Palermo, de onde foi embarcado para Nápoles.

- É uma bela morte - limitou-se a dizer dom Álvaro, ao ter conhecimento de tal fim.

Isso, porém, consternava-o. O seu primeiro filho fora, ainda menino, levado por uma pestilência, juntamente com a mãe, alguns anos antes de Miguel ter nascido. Esse duplo luto levava dom Álvaro a contrair uma nova união, mas esta mostrara-se, por seu lado, ainda mais vã. A par do desaparecimento de dom Miguel, deplorava ele o esforço inane que fizera para aumentar e consolidar o edifício da sua fortuna, o qual, embora ainda incompleto, se veria em breve sem possuidor. O seu sangue e o seu nome não lhe sobreviveriam. Conquanto o não tivesse desviado por completo do cumprimento dos seus deveres de fidalgo, aquele fim, lembrando-lhe a vaidade de todas as coisas, viria a contribuir para o precipitar ainda mais fundo no ascetismo ou no deboche.

Desembarcado ao crepúsculo, o corpo de dom Miguel foi provisoriamente deposto na pequena igreja de São João do Mar, não longe do porto.

Era uma noite de Junho um tanto enevoada, doce e abafadiça.

Anna, que chegou já noite cerrada, deu ordem para que abrissem o caixão.

Alguns archotes alumiam a igreja. Uma chaga visível do lado esquerdo deu esperanças a Anna de que o irmão não tivesse sofrido por muito tempo. Mas quem sabia? Talvez, pelo contrário, tivesse agonizado durante imenso tempo no convés meio destruído do navio, no meio de outros moribundos. Nem o próprio Fernão Bilbaz se recordava. Dois ou três monges salmodiavam. Anna pensava para consigo que aquele corpo já meio dessorado iria continuar a desfazer-se entre aquelas tábuas, e invejava a podridão. Iam voltar a pregar o caixão.

Anna procurou algo de seu que ali pudesse encerrar.

Não se lembrara de mandar vir flores.

Tinha ao pescoço um escapulário do Monte Carmelo. Miguel, no momento da partida, várias vezes o beijara. Tirou-o e depô-lo no peito do irmão.

O marquês de La Cerna, contra o qual se ia avolumando a hostilidade popular, achou prudente não assistir à transladação do corpo para São Domingos, onde deveriam celebrar-se as exéquias. A transladação fez-se de noite, sem cerimónia; Anna foi a acompanhar, de carruagem. Metia dó às aias.

No dia seguinte, perante toda a corte, celebraram-se as exéquias.

Ajoelhado junto do coro, dom Álvaro olhava fixamente para o alto catafalco; sob aquela pilha de panejamentos e de emblemas, a forma do caixão desaparecia; pelo espírito do fidalgo perpassou toda a espécie de visões, visões áridas como o solo de uma serra, ásperas como um cilício, pungentes como um Dies irae. Olhava para aqueles brasões, vaidade das linhagens, que no fim só servem para recordar a cada família o número dos seus mortos. O mundo, com seus prazeres e vaidades, parecia-lhe um sudário de seda sobre um esqueleto.

Seu filho provara, tal como ele, dessa cinza. Dom Miguel fora, sem dúvida, maldito; com religioso terror, pensava dom Álvaro que provavelmente também o viria a ser; abismava-se na ideia dos castigos eternos infligidos a criaturas de carne, por via de breves convulsões de uma alegria que não chega a ser felicidade. A esse filho que pouco amara sentia-se ele agora ligado por um parentesco mais íntimo e misterioso: esse que, através da lúgubre diversidade dos erros, as mesmas angústias, as mesmas lutas, os mesmos remorsos, e o mesmo pó criam entre os homens.

Anna encontrava-se na frente dele, do outro lado da nave.

Aquele rosto resplandecente de lágrimas lembrava a dom Álvaro o seu filho Miguel, no dia de sexta-

feira santa, quando ele lhe viera anunciar a partida, no limiar da morte e, sem dúvida, do pecado.

Antigos indícios, que o seu espírito acabara por associar, o selvagem desespero de Anna e mesmo certas reticências inquietantes das criadas faziam-no suspeitar do que ele a si próprio se coibia de saber. Olhava para Anna com ódio. Aquela mulher causava-lhe horror. "Matou-o", pensava ele.

A impopularidade de dom Álvaro agravou-se, bruscamente.

Dom Ambrósio Caraffa tinha um irmão, Libério. Alimentado pelos poetas e oradores da Antiguidade, votara-se esse mancebo ao serviço da sua pátria italiana. No meio da emoção subsequente aos tumultos da Calábria, excitara os camponeses contra os oficiais do imposto, conspirara, fora obrigado a fugir. A sua cabeça foi posta a prêmio; julgavam-no em segurança num dos castelos da família, quando, nisto, se veio a saber que acabava de ser feito prisioneiro no forte de Santelmo.

O vice-rei encontrava-se ausente. Dom Ambrósio Caraffa foi a casa do governador pedir-lhe que prorrogasse a execução.

- Só vos peço uma prorrogação - disse o padrinho de dom Miguel para o marquês de La Cerna. - Amo Libério como a um filho. Tem precisamente a idade que dom Miguel tinha.

- O meu filho morreu - respondeu dom Álvaro.

Percebeu dom Ambrósio Caraffa que não havia que ter esperança. Execrava, mas também lamentava dom Álvaro; não deixava, igualmente, de admirar aquela sua firmeza inabalável.

Mais a admiraria se soubesse que o governador obedecia a ordens dadas de viva voz pelo conde Olivares, já ciente de que iria ser desautorizado.

Horas mais tarde, soube-se que a cabeça de Libério sempre rolara. Daí em diante, só raramente dom Álvaro, munido de forte escolta ou, pelo contrário, disfarçado e de noite cerrada, se atrevia a descer à cidade onde o chamavam os seus prazeres e devoções. Veio a ser reconhecido; apedrejaram-no; fechou-se no forte de Santelmo e não mais de lá saiu. A cidadela, assente sobre Nápoles como o punho do Rei Católico, era detestada pelo povo.

Anna ia todas as tardes à igreja de São Domingos. Os piores inimigos de seu pai apiedavam-se ao vê-la passar. Mandava abrir a capela e ali ficava, inerte e sem lágrimas, esquecida até de rezar. Os fiéis que a essa hora tardia frequentavam a igreja olhavam-na através da grade, sem sequer se atreverem a pronunciar o seu nome, com medo de que aquela forma semelhante a uma estátua sobre uma tumba se voltasse.

Julgou-se que iria ingressar na vida religiosa. Nunca o quis fazer. A sua vida, na aparência, em nada mudara, mas uma regra quase monástica governava os seus dias, e usava um cilício para recordar o seu pecado. À noite, deitava-se numa cama estreita, de tábuas, que mandara pôr junto ao enorme leito onde nunca mais queria dormir. Os sonhos faziam-na despertar; via-se sozinha. Desesperava-se então à ideia de que tudo aquilo não passara de um sonho, de que não tinha provas de nada, de que acabaria por esquecê-lo. A fim de reviver, enfronhava-se na memória. Não luzia nela qualquer esperança de futuro. Era tão desoladora essa sensação de solidão, que Anna ardentemente esperava aquilo que, em semelhantes casos, aterraria a maior parte das mulheres.

O vice-rei de Nápoles, o conde Olivares, regressou. Dom Álvaro foi chamado à sua presença.

- Sabíeis que eu iria desautorizar-vos - disse-lhe o conde, sem mais preâmbulos.

Dom Álvaro inclinou-se. Retornou o conde Olivares: - Crede que não ajo assim por meu próprio interesse. Acabo de receber ordem de marcha, por parte do rei, e mais alto monarca me chamará por certo muito em breve.

Não mentia. Estava doente, inchado de hidropisia.

Acrescentou ainda: - O marquês de Spínola procura, para a guerra da Flandres, um lugar-tenente que conheça os Países Baixos. Combatestes outrora nessa província. Vamos justamente enviar, para lá, através da Sabóia, um corpo de homens e dinheiro. Ireis vós a comandar.

Era um exílio. Ao despedir-se do conde Olivares beijou dom Álvaro aquela mão flácida e disse,

pensativo: - O tudo nada é.

De regresso a casa, mandou prevenir Anna que se preparasse para partir em breve.

Os últimos dias em Nápoles passou-os o governador em recolhimento na cartuxa de São Martinho, fortaleza de orações a par da sua. Anna procedeu a um inventário. Até que chegou aos aposentos de dom Miguel. Anna não mais passara aquela porta desde o dia em que Miguel tentara emburrar com ela a propósito de um escudeiro. Ao abri-la, sentiu-se desfalecer; esse incidente já esquecido revivia de novo, a seus olhos; Miguel esforçava-se por injuriá-la, rubras de vida e de cólera as faces morenas. O compartimento, onde ainda havia, esquecidos, alguns arreios preciosos, estava impregnado de um cheiro a coiro.

Pensava ela, e ao pensá-lo já sabia que era mentira, pensava que, naquela altura, nada de irreparável sucedera ainda, e que tudo se poderia ter passado de outro modo. Sentiu-se desfalecer. As aias abriram as persianas para entrar o ar. Não se recompôs. Saiu dali.

O governador decidira, à cautela, que a partida teria lugar de manhã muito cedo. As aias vestiram Anna à luz dos archotes.

Depois, desceram com os baús. Anna, uma vez só, encaminhou-se para a varanda, a ver Nápoles e o golfo na brancura mate da manhã.

Era um dia em meados de Setembro. Debruçada sobre a balaustrada, Anna procurava, em baixo, como as estações de uma via que não mais viria a percorrer, cada um dos lugares onde por momentos se detivera a sua vida. O declive de uma colina, à direita, ocultava-lhe a ilha de Ischia onde duas crianças pensativas haviam soletrado uma página do Banquete. A estrada de Salerno, à esquerda, perdia-se na distância. Anna reconhecia, junto ao porto, a igreja de São João do Mar, onde pela última vez fora ter com Miguel, e, elevando-se acima dos vários terraços das casas, o campanário de São Domingos dos Aragoneses. Quando as aias tornaram, vieram dar com a ama estendida na grande cama desfeita, prostrada de saudade.

Um coche esperava-a no pátio principal. Tomou docilmente lugar no veículo, onde seu pai já se encontrava. À porta de entrada, carregando com móveis e utensílios, os serviçais do novo governador discutiam com os criados que estavam de partida. Largou a carruagem. Ao atravessar a cidade, quase deserta àquela hora, pediu Anna que parassem por instantes diante de São Domingos, que acabava de abrir as portas. Dom Álvaro não se opôs.

Passou-se algum tempo. O marquês impacientava-se. As aias, por ordem sua, entraram na igreja a pedir a dona Anna que viesse embora. Não tardou a aparecer.

Baixara o véu. Sentou-se novamente no seu lugar sem uma palavra, dura, indiferente, impassível, como se tivesse deixado naquela capela, à guisa de ex-voto, o seu coração.

Dona Anna havia composto para o túmulo o costumado epitáfio.

Lia-se assim, no plinto:

LUCTU MEO VIVIT

Seguiam-se, em espanhol, o nome e os títulos. E depois, no soco:

ANNA DE LA CERNA Y LOS HERREROS, SOROR CAMPANIAE CAMPOS
PRO BATAVORUM CEDANS HOC POSUIT MONUMENTUM AETERNUM
AETERNI DOLORIS AMORISQUE

A Infanta, na Flandres, estava grata ao senhor de Wirquin, capitão de uma companhia recrutada perto de Arras, em terras suas, por ele haver pago recentemente, dos seus dinheiros, o soldo, muito atrasado,

dos seus homens, e também sabia que os chefes dele lhe apreciavam a brutal coragem. Mas esse francês que se forçava por falar o espanhol das cortes, como quem põe sobre uma armadura o enganador enfeite de uma renda, parecia ser uma dessas pessoas providas de dupla face, a quem basta uma piscadela de olho para se tornarem transfugas. De facto, nenhuma lealdade ligava Egmont de Wirquin a esses italianos disenos ou a esses espanhóis tagarelas, maltrapilhos doirados, bastardos, por vezes, cujo sangue corrompido não valia, segundo ele, o seu. Logo se vingaria mais tarde, com sabido insulto, dos que lhe haviam feito sentir que o seu título de nobreza datava de véspera, apenas, e se acaso tardasse essa oportunidade, ou se a brisa política soprasse diversamente, sempre poderia passar para o lado francês.

Na noite anterior àquela em que, no Brabante, viria a ser recebido pela Infanta, traçou o duque de Parma, para o seu subordinado, no coche que os levava de regresso ao acampamento, o perfil dos acontecimentos. As sete províncias do Norte estavam, para dizer a verdade, definitivamente perdidas; a Espanha, ainda mal recomposta do vendaval que lhe levava os navios, já não podia pretender patrulhar aquelas extensas costas, cujas dunas tantos mortos recobriam. No interior, é certo, a lealdade reflorescia nas boas cidades.

Confessou, no entanto, que havia dificuldade em saldar o montante dos fornecimentos devidos aos ricos burgueses de Arras, mercadores de panos e de vinho, aos quais o senhor de Wirquin era aparentado pelo lado da mãe. Um empréstimo à causa real, acrescentou ele, era não só uma honra, como igualmente um saque sobre o futuro: a soma seria reembolsada na próxima chegada dos galeões. O capitão sorriu, sem dar resposta.

Fez notar depois, com ar negligente, o hábil italiano, que uma união com uma dessas jovens beldades vindas de Espanha, que a Infanta, por política, se propunha casar na Flandres, asseguraria a um homem bem nascido, mas sem apoios na corte, a oportunidade de chegar até junto do arquiduque e de sua real esposa. Pouco tentado pelo estado conjugal, era-o todavia o senhor de Wirquin à ideia de uma brilhante aliança.

Contentou-se com dizer que logo veria.

Casada já para o tarde, vestida com uma austeridade monacal, a Infanta de boamente confinaria as suas meninas à penumbra de uma igreja; não se opunha, contudo, nem aos adornos que à sua condição convinham, nem aos jogos permitidos, nem às homenagens dos galantes escolhidos a dedo, com vista a boas alianças que cimentassem a sua política de reconciliação.

Talvez ela invejasse aqueles olhos risonhos, ou marejados de lágrimas infantis, que a visão de exércitos, de armadas e fortalezas não vinham atormentar. Sentada, num fim de tarde chuvoso, junto à alta chaminé, olhava ela melancólica, nesse dia, para as damas do seu séquito, pensando qual iria sacrificar. Ouviam-lhe sair dos lábios palavras de devoção à causa real e de submissão ao céu. As donzelas recuavam sob aquele olhar perscrutador: as que tinham amantes temiam ter de os deixar, e Pilar, Mariana ou Soledad rezavam para que não fossem escolhidas.

Mas a Infanta virou-se para a última a ter chegado, de entre as suas damas de honor. Anna de La Cerna, de vinte e cinco anos de idade, era também a mais velha. Trajava de negro desde a morte de seu irmão, morto três anos antes ao serviço do rei, e a sumptuosidade dos tecidos dava ao seu luto um certo fausto.

- Abordei vosso pai a respeito deste casamento - disse a Infanta. - Deixa-vos escolher entre esse modo de vida e o convento.

Estavam à espera que ela optasse pela clausura. Causou espanto às suas companheiras ao dizer quase em voz baixa: - Sinto pouco gosto pelo casamento, Senhora, mas também me não sinto preparada para me entregar a Deus.

Anunciaram a chegada do cavaleiro. A Infanta levantou-se para passar à sala contígua. Anna de La Cerna teve que a acompanhar. Muito embora o senhor de Wirquin apreciasse tão somente as opulentas beldades flamengas, ficou seduzido por aquela jovem a quem o trajo negro tornava mais branca e

delgada. Anna de La Cerna emocionava-o como um estandarte.

Depois, segredavam-lhe que ela herdaria de seu pai, o marquês de La Cerna, enormes domínios em Itália. Como se todas essas riquezas, tão longínquas que mais pareciam fabulosas, lhe pertencessem já, escreveu a sua mãe, que lhe mobilasse de novo o castelo de Baillicour.

Membro, desde há pouco, do Conselho Privado, o marquês de La Cerna encontrou por acaso a filha na corte da Infanta, alguns dias depois dos esponsais. Estava manifestamente num daqueles seus acessos de humildade que lhe transviavam a razão.

- Já vos não quero mal - disse-lhe ele.

Percebeu que continuava a ser malquerida.

A missa de casamento de Anna teve lugar a 7 de Agosto de 1600, na igreja de Sablon, em Bruxelas, na presença da Infanta. Na altura do ofertório, dona Anna desmaiou, o que se atribuiu ao calor, à extrema incomodidade causada pela multidão, e ao corpete lavrado a prata que a atabafava. Dom Álvaro, de pé, junto ao coro, conservou, durante a longa cerimónia, uma calma imperturbável que até os seus próprios detractores admiraram: acabavam de prender dois calvinistas apostados em apunhalá-lo, e a gente do seu séquito não conseguia deixar, ao mínimo barulho, de se virar para trás.

Também dom Álvaro olhava para trás, pois nunca deixou, durante todo esse dia, de considerar o seu passado. Esse homem, que não se recordava de jamais ter amado em corpo e alma qualquer criatura viva, pensava cada vez mais no filho, agora que este enfileirara no exército dos seus fantasmas. A sua cabeça enfraquecia; acontecia-lhe afundar-se em misteriosas ausências que o levavam às fronteiras dessa zona escaldante, mas sem cor e sem forma, onde, de todos os nossos actos, somente os remorsos sobrevivem. Não ousando olhar de frente a falta de Miguel, talvez por temer que ela o não horrorizasse o bastante, sentia contudo uma certa inveja diante dessa paixão que tudo varrera à sua volta, até mesmo o medo do pecado. O amor livrara Miguel do terror de estar sozinho, como seu pai, no meio de um universo vazio de tudo que não fosse Deus. Invejava-o, sobretudo, por já ter sido julgado. O casamento de Anna quebrava o último fio, tão fino, que o prendia à raça viva; a ambição mais não era que um logro, que já o não enganava; as exigências da carne iam-se calando com a idade; essa triste vitória forçava-o a virar-se para a alma. Inquieto, mas esgotado, sentia o marquês ter chegado o momento de se entregar à grande e terrível mão que talvez se tornasse clemente desde que ele abandonasse a luta.

Meses mais tarde, fez parte, pela derradeira vez, do Conselho privado da Infanta. A sua demissão foi de boamente aceite. Sofreu com isso: esperava que o mundo o disputasse mais a Deus.

Egmont de Wirquin levou a mulher para as suas terras, na Picardia. Perante aquele estranho que julgava possuir Anna, como se se possuísse uma mulher ignorando as razões do seu pranto, o marquês, a despeito do ressentimento que continuava a ter à filha, sentia-se ligado a ela por muda cumplicidade.

No entanto, secas foram as suas despedidas; dom Álvaro, mau grado seu, desprezava-a por ainda estar viva; a própria Ana maldizia a sorte que a não quebrantara mais. Resignada a aturar um marido que, pelo menos, não receava vir a amar, regozijava-se de que o seu rosto, os seus braços, o seu colo já não fossem os mesmos que umas mãos em pó tornadas haviam, elas só, acariciado.

Cuidados de guerra e de dinheiro impediam o senhor de Wirquin de se preocupar muito com ela. Por demais desdenhoso para descobrir motivos às fantasias de uma mulher, nunca se espantou que Anna, durante a Semana Santa, passasse as noites a rezar.

Certa noite de Julho de 1602, um homem pobremente vestido batia, em Nápoles, à porta do mosteiro de São Martinho.

Abriu-se prudentemente um postigo gradeado, e o irmão porteiro começou por recusar a entrada ao estranho, em virtude do adiantado da hora. Surpreendido, enfim, com o tom de comando a que não estava habituado por parte de gente andrajosa como aquela, o monge correu o ferrolho da porta e deu passagem ao desconhecido. No limiar da entrada, o homem virou-se para trás. Era o momento em que o sol, já vermelho, se esgueira por detrás dos Camáldulos. Sem dizer palavra, o homem mirou o mar pálido, a

enorme frontaria do forte de Santelmo rebocada a oiro pelo crepúsculo e, para lá das ameias que lhe tapavam a vista do porto, o triângulo enfunado de uma galeota a sair da barra. Depois, com um brusco encolher de ombros, enterrou o chapéu até aos olhos e seguiu o seu guia através de um longo corredor. Ao passar pela igreja, que era nova e ricamente decorada, ajoelhou-se largos momentos, mas notou que o monge o não largava de vista, como se receasse estar a braços com um ladrão. Por fim, entraram ambos num parlatório contíguo à sacristia. O frade fechou então a porta atrás do estranho, deu uma volta à chave que soltou um rangido de ferragem velha, e foi prevenir o prior.

De olhar perdido como que em oração, esperou o estrangeiro um tempo infindo. O mesmo rangido se fez ouvir, e o prior de São Martinho, dom Ambrósio Caraffa, apareceu. Dois monges que o escoltavam detiveram-se no umbral da porta. Trazia cada um uma vela. As pálidas chamas reflectiam-se nas madeiras.

Era um homem obeso, já de uma certa idade, de rosto calmo e benévolo. O indivíduo tirou o chapéu, desatou a capa e dobrou o joelho sem falar. Como baixasse a cabeça, a barba rude e grisalha roçou pelo veludo do gibão. No rosto emaciado, que mais não era do que um entrelaçado de músculos, os olhos olhavam a direito, em frente, para além do prior, como se ele se esforçasse por não ver aquele monge ao qual vinha, todavia, pedir algo.

- Padre - disse ele - estou velho. A vida já só tem para me oferecer a morte, e espero que esta seja melhor do que o foi aquela. Peço-vos que me aceiteis no vosso seio como o mais humilde e desprovido dos vossos irmãos.

O prior considerava em silêncio aquele altivo suplicante.

Quem assim falava estava sem jóias, sem gola e sem cordão, mas em redor do pescoço tinha ainda pendurado, por negligência ou vaidade derradeira, o Tosão de Oiro espanhol. Advertido pelo olhar do prior, o estrangeiro levou a mão a ele e tirou-o.

- Sois nobre - disse o prior.

- Tudo esqueci - respondeu o homem.

O prior abanou a cabeça: - Sois rico.

- Dei tudo - retorquiu o homem.

Nesse momento, um grito longo e arrastado elevou-se no ar, prolongou-se, esmoreceu. Era o passe das sentinelas, o som do render da guarda no forte de Santelmo, e o prior viu o estranho estremecer, perante aquele súbito eco do mundo. Dom Ambrósio Caraffa já de há muito que reconhecera dom Álvaro.

- Sois o marquês de La Cerna - disse ele.

- Fui - respondeu dom Álvaro humildemente.

- Sois o marquês de La Cerna - prosseguiu o prior. - Se soubessem que estáveis em Nápoles, muitos haveria, cuja existência por certo ignorais, que teriam vindo dar-vos as boas-vindas à punhalada. ; Também eu assim teria feito, aqui há dez anos. Mas o golpe que me desferistes arredou-me de vez do mundo. Morrer para o mundo é o que vós pretendeis agora. Os fantasmas não se matam uns aos outros neste lugar de paz.

Como dom Álvaro se erguesse, acrescentou: - Eis-vos meu hóspede, dom Álvaro, como no tempo em que eu vos recebia no meu gabinete de verdura nas Cascatelle.

E um sorriso fino de patricio, meio afundado nas banhas, perpassou pelo rosto do cartuxo. Dom Álvaro mostrava-se sombrio. O prior apercebeu-se disso.

- Fiz mal em evocar o passado - disse. - Aqui mais não sois do que o hóspede de Deus.

Dom Álvaro virou-se, então, para olhar não se sabe o quê na sombra. Algo dos antigos terrores se apossou dele, e aquele horror do grande abismo. Mas as muralhas do mosteiro defendiam-no do vazio e, por detrás dessas, outras muralhas, ainda mais sólidas, que à sua volta a Igreja erguia. Dom Álvaro sabia que as portas do inferno não prevaleceriam sobre elas.

A sua vida, daí em diante, foi só penitência.

Dom Ambrósio Caraffa conservava, em plena simplicidade cisterciense, o mesmo gosto das artes que o distinguira no século.

A expensas suas, foram os claustros reconstruídos em estrita conformidade com as ordens de Vitrúvio e, como incentivo às meditações de um piedoso epicurismo, cada pilastra ostentava uma caveira finamente esculpida. As mãos gordas do prior verificavam, minuciosas, o polido da pedra. Esse patrício, para quem a religião talvez fosse apenas o coração da humana sabedoria, via Deus nos veios de um belo mármore, tal como na leitura do Cármides. Quando uma flor dos seus canteiros lhe parecia particularmente admirável, costumava, sem infringir a regra do silêncio, designá-la com um sorriso.

Pensava então dom Álvaro no combate que, subterrâneas, travam as raízes, nesse calor de seiva que faz de cada corola um receptáculo de luxúria. As construções inacabadas, cujo aspecto é, como que para desencorajamento do mestre-de-obras, uma prematura imitação da ruína que um dia virão a ser, lembravam-lhe que todo o construtor mais não edifica ao fim e ao cabo, do que um desmoronamento. Ficava-lhe, como que de uma febre, um cansaço, de tantas fatigadas ambições, e o espanto que, após o ruído, nos causa o ensurdecido silêncio. Os arcos de abóbada dos claustros onde, desdobrando cada arcada sobre a parede oposta, o meio-dia dava à coluna de pedra o seu par, numa coluna de sombra, alternavam em preto e branco como uma dupla fila de monges. Dom Ambrósio e dom Álvaro ali se saudavam de passagem. Um, repetindo os versos de um poeta de Chiraz que no tempo das suas embaixadas romanas um enviado do sultão lhe explicara, reencontrava, em cada anémone, a fresca juventude de Libério. A terra árida, onde às vezes se abria uma cova, lembrava, ao outro, dom Miguel. Assim, cada um lia diferentemente esse livro da criação que se pode decifrar em dois sentidos, sentidos esses que se equivalem, pois ninguém sabe ainda se tudo vive para morrer ou se apenas morre para reviver.

A história de Anna teve, dali em diante, a monotonia de uma provação longamente suportada. O senhor de Wirquin cedo deixara o partido de Espanha para se virar para a França, o que mais fez aumentar o desdém que Anna por ele sentia. Várias vezes a guerra assolou as suas terras; houve que salvar, na medida do possível, os camponeses, o gado, os bens móveis, mas essas preocupações em comum não os aproximavam. O marido de Anna, por seu lado, não perdoava ao sogro o haver malbaratado a fortuna em funções de piedade; os bens quase fabulosos por via dos quais ele tinha, pelo menos em parte, contraído aquela aliança, não passavam de miragens. Entre ele e Anna, a cortesia fazia as vezes da ternura, sentimento que ele, aliás, considerava desnecessário nas relações com uma mulher. Anna começara por suportar com repulsa, as suas atenções nocturnas, depois, um certo prazer se foi, mau grado seu, insinuando, limitado, porém, a uma parte baixa e estreita da sua carne, sem que todo o seu ser se abalasse. Ficou-lhe grata, mais tarde, por ter arranjado amantes que dela o afastaram.

Algumas gravidezes, suportadas com resignação, deixaram-lhe, acima de tudo, a recordação de longas náuseas. Amou, todavia, a seus filhos, mas com um amor animal, que diminuía logo que dela deixavam de necessitar.

Dois rapazes morreram, de tenra idade; teve sobretudo pena do mais novo, cujas feições infantis lhe lembravam Miguel, mas com o tempo também esse desgosto passou. O primogénito, que sobreviveu, homem de guerra e de corte, debatia-se com os credores que lhe deixara seu pai, morto em duelo na sequência de uma obscura pendência de honra. A filha era religiosa em Douai. Poucos meses decorridos sobre a morte do senhor de Wirquin, um amigo do defunto, que escoltava Anna desde Arras até Paris, onde se encontrava seu filho, valeu-se de um albergue de acaso para assediá-la ainda bela viúva; demasiado cansada para lutar, ou talvez solicitada pela sua própria carne, Anna recebeu-o com, nem mais nem menos, a mesma emoção que sentira no leito conjugal. Nunca mais se veio a falar em tal incidente; o galante partiu, a juntar-se ao seu regimento na Alemanha; na verdade, nada disso importava. Durante as raras estadias de Anna no Louvre, engodou-se a rainha por essa espanhola de alta linhagem, com a qual lhe aprazia conversar na sua língua natal.

Mas a viúva de Egmont de Wirquin recusou um lugar de dama de honor. A pompa francesa e o luxo das Flandres, sob os céus baixos, nada eram, comparados com a lembrança dos faustos de Nápoles e com o seu céu tão puro.

Com os anos, o isolamento, a fadiga, uma espécie de estupor veio a cair sobre ela. Era-lhe recusada a consolação das lágrimas; ia-se consumindo naquela secura, como no meio de um deserto árido. Em certos momentos, delicados resquícios do passado vinham, inexplicavelmente, inserir-se no presente, sem que se soubesse de onde provinham: um gesto de dona Valentina, o enrolar de uma videira à roda da polé de um velho poço, no pátio de Acropoli, uma luva de dom Miguel poisada numa mesa e ainda quente da sua mão. Parecia então soprar tépida brisa: e ela, quase desfalecia. Depois, durante meses, faltava o ar. O ofício dos Mortos, recitado todas as noites desde há quarenta anos, à força de ser dito perdia de súbito todo o sentido. O

rosto do bem-amado aparecia-lhe às vezes em sonhos, preciso até ao mínimo pormenor de um buço sobre o lábio; o resto do tempo jazia decomposto na sua memória, como o próprio dom Miguel no seu túmulo, e tão depressa se lhe afigurava que Miguel jamais existira, a não ser dentro dela, como lhe parecia que, de um modo quase sacrílego, estava a forçar um morto a continuar a viver. Como outros se flagelam para que de novo os sentidos se lhe inflamem, assim se flagelava Anna com os seus pensamentos, para reavivar o luto, só que a esgotada dor mais não era já do que lassidão. Recusava-se a sangrar, aquele coração mortificado.

Por volta dos sessenta, tendo deixado ao filho os seus domínios, instalou-se como pensionista no convento de Douai, onde sua filha tomara o véu. Outras damas nobres ali findavam os seus dias. Pouco depois de Anna ter chegado, prepararam um quarto para uma tal senhora de Borsèle, uma das amantes pelas quais se arruinara Egmont de Wirquin. O tempo que as damas não consagravam aos ofícios era gasto em bordados, em leituras em voz alta de cartas que seus filhos lhes enviavam, em merendas ou requintadas ceias que mutuamente se ofereciam. A conversação girava à volta das modas da sua juventude, dos respectivos méritos dos maridos defuntos ou dos presentes confessores, dos amantes que se gabavam de ter ou não ter tido. Mas sempre voltavam, com repugnante e quase grotesca insistência, aos seus males corporais, visíveis ou ocultos.

Quase parecia que o expor assim as suas enfermidades se tornara para elas uma nova forma de impudicícia. Uma certa dureza de ouvido impedia dona Anna de ouvir as suas conversas e permitia-lhe não entrar nelas.

Tinha, cada uma, a sua criada, mas sucedia que essas moças eram por vezes negligentes, ou que, por esta ou aquela razão, vinham a ser despedidas, e as irmãs conversas nem sempre bastavam ao serviço das pensionistas. A senhora de Borsèle era obesa e quase impotente; Anna ajudava-a por vezes a tocar-se e a antiga beldade batia as palmas quando lhe chegavam ao rosto um espelho. Ou então gemia penosamente por se terem esquecido de lhe pôr à mão a sua caixa de confeitos. Anna levantava-se então de onde estava, o que fazia já não sem dificuldade, ia buscar a caixa e deixava a senhora de Borsèle atafulhar a boca de doces. Uma vez, uma velha pensionista, à vinda do refeitório, vomitou no corredor. Não havia ali, naquela altura, nenhuma criada; Anna lavou as lajes.

As religiosas admiravam a sua mansidão para com a antiga e escandalosa rival, a sua austeridade, a sua humildade, a sua paciência. Mas não havia ali mansidão, nem austeridade, nem humildade, nem paciência, no sentido em que elas o entendiam.

Anna estava muito simplesmente alheia.

Voltara à leitura dos místicos: Luís de Leão, frei João da Cruz, a madre Santa Teresa, os mesmos que outrora lhe lia, nas ensoleiradas tardes napolitanas, um jovem cavaleiro todo de negro. O livro ficava aberto à boca da janela; Anna, sentada ao pálido sol do Outono, poisava de quando em quando numa linha os seus olhos fatigados. Não procurava seguir o sentido, mas aquelas frases grandes e ardentes faziam parte da música amorosa e fúnebre que acompanhara a sua vida. As imagens de outrora

irradiavam de novo na sua imutável juventude, como se dona Anna, na sua descida insensível, estivesse prestes a atingir aquele lugar onde tudo se ajunta. Dona Valentina não andava longe; dom Miguel resplandecia no fulgor dos seus vinte anos; estava já muito próximo. Uma Anna dos seus vinte anos ardia e vivia, também ela imutável, no interior daquele corpo de mulher gasto e envelhecido. O tempo deitara abaixo as barreiras e quebrara as grades. Cinco dias e cinco noites de uma felicidade violenta enchiam, com os seus ecos e reflexos, todos os recantos da eternidade.

Longa e penosa foi, no entanto, a sua agonia. Esquecera o francês; o capelão, que se gabava de saber algumas palavras de espanhol e um pouco de italiano dos livros, vinha às vezes exortá-la numa dessas duas línguas. Mas a moribunda só a custo o escutava e entendia. Se bem que já não visse, o padre continuava a mostrar-lhe um crucifixo. Perto do fim, o rosto marcado de Anna desanuviou-se; baixou devagarinho as pálpebras. Ouviram-na murmurar: - Mi amado...

Julgaram que falava com Deus. Talvez falasse com Deus.

Um Homem Obscuro

A nova da morte de Natanael numa pequena ilha frísia não deu grande brado ao ser recebida em Amesterdão. Seu tio Elias e sua tia Eva convieram ambos que estavam mesmo à espera desse fim; aliás, já dois anos atrás estivera Natanael quase à morte, no hospital de Amesterdão; este segundo falecimento não conseguira, por assim dizer, causar emoção. Corria o boato de que sua mulher Sarai (seria, realmente, sua mulher?) morrera antes dele, mas em que circunstâncias, melhor seria não aprofundar muito. Quanto ao filho do casal, Lázaro, não se via Elias Adriansen a ir procurá-lo, Judenstraat fora, a casa de uma velha de olhos muito negros e vivos, que passava geralmente por sua avó.

O nascimento de Natanael fora, também ele, muito discreto; é aliás essa a regra, em ambos os casos, pois a maior parte da gente entra e sai deste mundo sem grande estentor. O primeiro desses dois acontecimentos, se é que o eram, apenas interessara a meia dúzia de comadres holandesas instaladas em Greenwich com seus maridos, carpinteiros que trabalhavam para o Lorde do Almirantado e eram bem pagos em belos shillings e pences. Esse pequeno grupo de estrangeiros, desprezados como tal, mas respeitados pela sua indústria e o seu sólido protestantismo, ocupava uma série de casinhas muito limpas ao longo de uma doca seca. A sua aldeia marítima, a jusante de Greenwich, estendia-se, de um lado, até às ribas do mar, onde os mastros dominavam os telhados e os lençóis de barrela se confundiam com as velas; do outro, perdiam-se as barracas numa região ainda rústica de bosquedos e pastagens. O pai do recém-nascido era um homem forte e rubicundo, mas ágil, sempre empoleirado num escadote, contra uma carena inacabada. A mãe, curtida na Bíblia, lavava a fronha dos filhos e cozinhava umas papeladas em que as vizinhas inglesas decerto não tocariam, tal como ela se negava a provar a sua carne de vaca demasiado crua.

Como o pequeno Natanael era enfezado e mancava um pouco, não foi, como os irmãos, raspar o casco dos navios ancorados na doca seca ou espetar pregos em tábuas. Confiaram-no a um mestre-escola da vizinhança, que se interessava por ele.

A sua manutenção saíria pouco custosa à família. Faria alguns trabalhos leves para o mestre, tais como encher os tinteiros, talhar as penas, varrer o soalho da sala; e ajudaria a senhora a tirar água e a sachar o jardim. Com o tempo far-se-ia dele um pregador ou, por sua vez, um mestre-escola.

Natanael agradou-se de ficar com o mestre, mau grado os sopapos e as pancadas que choviam em cima dos alunos. Cedo se viu encarregado de soletrar o alfabeto aos condiscípulos mais novos, mas saía-se mal, pois não sabia dar-lhes, no devido momento, com a régua de ferro nos dedos. Mas para os rapazes da mesma idade, o seu ar meigo e atento era, todavia, um bom exemplo. À noite, depois de os alunos se irem embora, o mestre deixava-o ler, de Verão, enquanto houvesse claridade no jardim, de Inverno, à luz da lareira, na cozinha. A escola possuía alguns calhamaços que o mestre achava demasiado preciosos e de leitura demasiado difícil para servir à turba dos escolares, que não tardariam a fazê-los em pedaços; havia também um Cornélio Nepos, um tomo desirmanado de Virgílio, outro de Tito Lívio, um atlas onde se via a Inglaterra e os quatro continentes com o mar todo à volta e golfinhos no mar, e um planisfério celeste, acerca do qual nem sempre o indivíduo estava apto a responder às perguntas da criança.

Entre os livros menos sérios, havia várias peças de um tal Shakespeare, que tinham tido sucesso no seu tempo, e o romance de Percival impresso em caracteres góticos, custosos de decifrar. O mestre comprara tudo isso por baixo preço à viúva de um vigário da vizinhança que só considerava, como livros, os sermões do seu defunto. Natanael aprendeu assim a falar um inglês puro, e não o que os seus arranhavam, lá em casa, e um pouco de latim, para o qual mostrava ter dons. O mestre gostava de o fazer trabalhar, ele que desde que deixara de ensinar numa boa escola de Londres raramente tinha ensejo de

mostrar os seus talentos. Era impiedoso no capítulo da gramática, e escandia Virgílio batendo com o indicador no tampo da carteira.

Quando Natanael chegou aos quinze anos, começou a andar com uma loirinha da mesma idade, meio tímida, meio descarada, possuidora de uns lindos olhos. Chamava-se ela Janet e era aprendiz numa oficina de tapeteiro. Nos dias de sol, comiam e bebiam juntos o seu pão e a sua cidra no prado mais próximo; mais tarde, ganharam o hábito de se passear pelos bosques, onde Natanael colhia plantas para o herbário do mestre.

Aconteceu-lhes, assim, fazerem amor numa cama de erva ou de fetos; ele fazia-lhe o menos mal possível, e estava tacitamente acordado entre eles que um dia viriam a casar-se.

Uma vez, chegou ela muito assustada a um desses encontros.

Um burguês, negociante em equipagens e apetrechos marítimos, que bebia e passava por ser amante de carne nova e fresca, vinha a assediá-la desde há algum tempo com propostas entremeadas de ameaças. Nas noites em que saíam juntos, Natanael tinha o cuidado de a levar até à porta do tapeteiro e esperar que a porta se fechasse nas suas costas. Num domingo de Maio, vinham eles assim, ao lusco-fusco, de mão dada, quando, nisto, o bêbedo lhes barra a passagem. Devia tê-los seguido e espiado na sua cama de fetos, pois debitou, a respeito dos seus amores, toda a espécie de sujas e bem precisas graçolas. Mais pronta e ligeira do que uma gazela assustada, Janet desatou a fugir. O homem lançou-se para a frente em sua perseguição; felizmente cambaleava. Tão mal se tinha nas pernas, que se agarrou a Natanael, passou-lhe o braço à roda do pescoço, não se sabe se para retomar o equilíbrio, se por via de uma súbita e tonta ternura. Era agora ao aluno do mestre-escola que ele fazia as suas propostas. Natanael, tomado de nojo e de horror (não saberia dizer qual desses dois sentimentos prevalecia) repeliu-o, apanhou uma pedra e feriu-o em pleno rosto.

Quando viu o homem por terra, respirando com dificuldade, um fio de sangue ao canto dos lábios, apoderou-se dele o terror.

Se alguém o tivesse visto, de longe, ou se Janet contasse o incidente, seria mandado prender por ordem do intendente da polícia e apresentado à força na manhã seguinte.

Pôs-se, por sua vez, em fuga, no seu passo incerto de coxo, que, aliás, melhor era não chamar, correndo, a atenção de quem passava. Escolhendo as vielas mais desertas, contornando as docas secas onde àquela hora tardia ainda pudesse haver algum guarda de vela, chegou ao sítio onde sabia que, de madrugada, algumas barcas se iriam fazer ao mar. Uma delas parecia vazia, com a escotilha toda aberta, a meio da ponte e, pendente por cima, a corda de um cabrestante. Os homens da equipagem tinham ido certamente beber a terra pela última vez.

A bordo só havia um cão, mas Natanael nunca deixara de fazer amizade com os cães. Desceu o rapaz ao porão, pela corda do cabrestante, e escondeu-se no meio de uns barris.

Transido de medo, toda a noite ficou de ouvido alerta aos passos dos homens que subiam para bordo, ao barulho do alçapão que deixaram cair com toda a força, ao rumor do vento e da água contra o casco do navio, ao ranger das cordas, ao estalar das velas desfraldadas.

Lá pela madrugada, finalmente, sentiu que deslizavam ao longo do rio, mas ainda era bem vivo o seu medo. Uma calma podia retê-los fundeados junto à costa ou alguma tempestade forçá-los, pelo contrário, a procurar um porto. Ao cabo de dois dias e de três noites, já a morrer de fome, apelou debilmente pelos homens que ali haviam descido com pás, para melhor repartirem o lastro. Nessa altura, já eles iam ao largo das Sorlingues. Não tardou a saber que o barco navegava rumo à Jamaica.

Trouxeram os homens para a ponte o rapaz todo a tremer.

Propuseram, por brincadeira, deitá-lo à água. Mas o cozinheiro, um mestiço, intercedeu por ele; o jovem maltrapilho iria ocupar-se dos frangos e do porco que tinham embarcado, e da lida da cozinha. O capitão que, com o seu ar de brutamontes, não era mau homem, acedeu. Natanael tinha, no mestiço, um protector a bordo. Coisa estranha, aceitou dele, sem repugnância, intimidades que, propostas pelo bêbedo

de Greenwich, o haviam horrorizado. Natanael sentia afeição por esse homem de pele acobreada que era bom para ele. Não podia calcular o prazer que o outro tinha em proteger e acariciar um jovem branco.

Na Jamaica, estiveram largo tempo parados para descarregarem o frete trazido de Inglaterra e para meterem uma carga de madeira preciosa, que acabaria por ser empregue em painéis e embutidos, nas belas casas de Londres. O mestiço era nativo da ilha; deu a provar a Natanael os frutos da terra e levou-o às barracas das moças, ocupadíssimas, nesses dias, pois havia no porto várias equipagens. Natanael aguardou a sua vez, juntamente com os outros. Agradaram-lhe essas beldades pela doçura da sua pele e, mais ainda, dos seus olhos sombreados de longos cílios, e pelo seu calmo abandono. Mas esses amores pagos, reduzidos, por falta de tempo, a um fugaz abraço, esses homens apinhados à porta, presa, todos eles, do mesmo desejo, enchiam-no de uma vaga repugnância; não era só o receio das doenças que estava em causa: gostava era de ter uma daquelas moças só para ele, por muito tempo, talvez até para sempre, como pensara vir a ter Janet. Mas isso, nem pensar.

Os negros que atravessavam a passarela vergados ao peso de pesadas pranchas causavam-lhe pena; talvez não fossem muito mais miseráveis do que os descarregadores do porto de Londres, mas esses, ao menos, não trabalhavam debaixo de chicote.

Apesar daqueles rasgões na pele, ainda às vezes lhes era dado rir, dentes brancos à mostra. Na hora de maior calor, quando até os próprios contramestres se estendem à sombra, Natanael ria e falava com eles na sua algaraviada.

Fizeram-se à vela para as Barbados. Na véspera, o mestiço recebeu uma facada no olho, durante uma rixa. A chaga infectou; morreu no meio de dores atrozes; lançaram-no ao mar depois de terem recitado um salmo sobre o seu corpo; ninguém, na verdade, sabia se era baptizado ou não.

Natanael chorou-o. Deram-lhe o lugar de cozinheiro que ficava vago; desenvencilhou-se o melhor que pôde, mas em São Domingos deixou a embarcação. Engajou-se como marujo a bordo de uma fragata inglesa armada de quatro morteiros que se aprestava a cruzar as costas do Nordeste, a fim de pôr termo às invasões dos franceses.

O mar, nesse Verão, estivera quase sempre calmo e, naquelas paragens, mais ou menos deserto. À medida que iam avançando para norte, o tempo húmido e abafado dera lugar a uma brisa fresca; o céu transparente tornava-se leitoso, quando um leve nevoeiro por ele se espalhava; sobre as margens da terra firme ou das ilhas (não era fácil distinguir uma das outras), desciam até à borda de água impenetráveis florestas. Natanael recordava-se vagamente de matas invioladas à beira de santuários, de que fala Virgílio, mas estes lugares aqui não pareciam encerrar nem antigos deuses, nem fadas ou duendes como os que ele por vezes julgara ver nos bosques de Inglaterra, mas tão-somente ar e água, árvores e rochedos. A vida, contudo, fervilhava ali sob as mais variadas formas.

Milhares de aves marítimas balançavam-se sobre a crista das ondas ou empoleiravam-se no recôncavo das falésias; um belo veado ou um enorme alce atravessavam às vezes a nado uma estreita passagem entre duas ilhas, erguendo bem alto a cabeça pesada das grandes hastes e, sacudindo-se, trepavam depois para a margem.

Índios, nas suas pirogas, aproximaram-se por várias vezes do navio, oferecendo ostras cheias de água fresca, bagas, quartos de caça grossa ainda a sangrar, e pedindo rum em troca. Alguns tinham fixado várias palavras de inglês, ou por vezes de francês, à força de praticarem essa espécie de troca; a bordo, cuidava-se de que houvesse um oficial ou um marinheiro que soubesse arremedar ao menos uma das línguas indígenas. Por vezes embarcavam um desses selvagens à guisa de piloto, nalguma passagem mais difícil.

Um belo dia, um deles participou-lhes uma novidade: um pequeno grupo de homens brancos de ar particularmente sério e grave, que passavam os dias em cerimónias em honra dos seus deuses, havia sido deixado numa ilha próxima pela equipagem revoltada do seu navio; esses homens viviam ali desde há meses; os índios de terra firme, que frequentavam aquele lugar na época da pesca, tinham-lhes por vezes

fornecido alimento; encontrando-se imobilizado no seu acampamento por prolongada doença mandara-os o chefe Abenaki vir à sua presença para lhes exigir um tributo de bebidas fortes; não as tinham, mas haviam-lhe deitado água pela cabeça abaixo, para que o Grande Espírito o favorecesse; desde então, o chefe melhorara.

Não era esta a primeira vez que o capitão ouvia falar de jesuítas vindos de França para evangelizarem os selvagens do Canadá. Tais fingimentos católicos começam não só a tornar-se insuportáveis, como além do mais ninguém ignora que os reverendos raramente se vêm instalar em qualquer lado sem terem a apoiá-los uma retaguarda de soldados e de traficantes do seu país. Tão piedosas personagens eram os emissários do rei que se pretendia cristianíssimo.

A ilha em questão só de há pouco vinha marcada nos mapas.

Alta e rochosa, coberta, nas terras baixas, de abetos e carvalhos, reconheciam-se à distância os seus seis ou sete cumes. Nada de precioso havia nela, mas um braço de mar penetrava-a profundamente ao sul, formando um amplo porto natural maravilhosamente abrigado do vento; uma ilhota oval protegia a entrada; na margem esquerda, no mais baixo de uma grande pradaria, corria uma nascente de água viva conhecida dos navegadores; estes méritos bastavam para que o rei de Inglaterra a disputasse ao rei de França. Ao aproximarem-se da margem, divisaram, à beira de uns abetos negros entremeados de carvalhos já vermelhos do Outono, umas cabanas feitas de peles e de ramos, que os índios deviam ter ajudado os intrusos a construir. No meio erguia-se uma grande cruz. Mandou o capitão abrir fogo. Natanael tinha horror à violência, mas a excitação dos homens que manobravam os morteiros apoderou-se dele; o barulho repercutiu-se ao longo dos cerros baixos. Era a primeira vez, sem dúvida, que neles ecoava esse trovão humano, pois até ali só haviam conhecido o rugir da tempestade e, no degelo, o estalar dos blocos de gelo desprendendo-se das falésias. Viram, à distância a que estavam, uns homens em sotaina esgueirar-se por entre as ervas altas; dois deles caíram; os restantes refugiaram-se nas matas.

Arriou-se uma canoa que foi até à margem, mas as cabanas esventradas apenas ofereceram como despojos um pequeno monte de roupa e de provisões de boca, mais uns livros e uma caixa de ferramentas de que o capitão se apoderou. Natanael constatou que um dos padres havia principiado um herbário; as folhas do livro batiam ao vento. Havia também um canhenho onde um jesuíta começara a anotar um vocabulário da língua índia, com os equivalentes latinos a tinta vermelha. Natanael meteu-o ao bolso, já que ninguém o quererá, mas veio a perdê-lo a seguir.

Tinha pressa em socorrer, se possível, os dois homens caídos, pois sabia que os seus camaradas não iriam preocupar-se com semelhante tarefa.

Mas a pradaria era maior e mais acidentada do que supunha; sentia-se meio perdido naquele mar de ervas. Um dos dois homens, aliás, estava já morto. Natanael avançou com precaução em direcção ao segundo, que ainda respirava. Não fazia fé nas palavras furibundas dos pregadores que escutara em Greenwich, no templo aonde na infância, acompanhava seus pais, e o ódio contra os católicos inimigos do rei de Inglaterra não o habitava: haviam-lhe ensinado todavia, a temer os papistas e os franceses. Mas aquele jovem ali não era perigoso: estava a morrer; tinha parte do tórax metida para dentro; o sangue, quase que invisível, embebia-lhe a negra sotaina. Natanael soergueu-lhe a cabeça e dirigiu-se-lhe primeiro em inglês, depois em neerlandês, sem se fazer compreender. Lembrou-se então de lhe perguntar em latim o que poderia fazer para o aliviar. Mas o latim do mestre-escola de Greenwich diferia sem dúvida do de um jesuíta francês. O moribundo ouviu-o, contudo, o bastante para dizer com um débil sorriso de surpresa: - Loquerisne sermonem latinum?

- Paululum - replicou timidamente Natanael.

E tirou o seu capote de marinheiro para cobrir com ele o moribundo, que por certo tinha frio. Mas já o francês pedia que lhe tirasse do bolso da sotaina um livro pequeno e grosso, que era precisamente um breviário, e arrancasse a página de guarda, onde havia umas quantas palavras escritas. Era o nome dele, e o da cidade onde se encontrava o seu seminário.

- Amice - disse o moribundo - si aliquando espistulam superiori meo scribebis, mater et soror meae mortem meam certa fide dicerent...

Natanael dobrou cuidadosamente a folha e prometeu escrever ao superior de Angelus Guertinus, ex seminário Annecy, para que sua mãe e irmã não ficassem na incerteza. Annecium nada lhe dizia, e Annecy também lhe não diria muito mais. Mas tratava-se apenas de consolar um agonizante. Alçando-se um pouco sobre um cotovelo, pediu-lhe o jovem padre que abrisse o livro num sítio que lhe designou: Natanael reconheceu uns salmos que lera em língua vulgar na Bíblia de seus pais, mas agora soavam-lhe estranhamente, naquelas solidões que nada sabiam do rei de um reino chamado Israel, nem da Igreja Romana, nem das igrejas fundadas por Lutero e Calvino. Alguns desses versículos eram, porém, muito belos, aqueles em que se falava do mar, de vales e montanhas, e da imensa angústia do homem. A voz de Natanael quebrava-se, como lhe sucedia na escola, ao ler Virgílio.

- Summa voce, oro - murmurou o jovem jesuíta, fosse por ter compreendido mal as palavras latinas tal como Natanael as pronunciava, fosse porque já tivesse perdido o ouvido.

Respirava agora com grande dificuldade. Natanael poisou o breviário na relva e correu a buscar, na palma da mão, a água de um regato que corria a dois passos. O moribundo sorveu um golo a custo.

- Satis, amice - disse.

Antes que as últimas gotas escorressem pelos dedos de Natanael, já o padre Ângelo Guertin, do seminário de Annecy, se finava. Era tempo de voltar para bordo. Natanael recuperou o capote, inútil para o defunto.

Este incidente veio-lhe depois à memória por várias vezes, em sonhos, mas a pessoa a quem ele dava de beber mudou com frequência, no decorrer dos anos. Havia noites em que lhe parecia que aquele a quem ele assim tentava socorrer outro não era senão ele mesmo.

O capitão virou de proa a nordeste. Era um dos seus intentos verificar o que restaria de uma pequena colónia inglesa estabelecida outrora mais para norte, numa ilha situada na embocadura do rio de Santa Cruz; ao que se dizia, tal colónia soçobrara. Durante vários dias houve mau tempo; o capitão temia as enormes marés que se abatem sobre essa costa durante o equinócio. Acabava ele de ordenar que dessem meia volta, quando uma rabanada de vento os lançou de encontro à perigosa ilha que buscavam. O navio, encalhado entre duas rochas, não sofrera grandes avarias, mas a borrasca redobrou com a maré-cheia; vagas alterosas ergueram o casco e deixaram-no cair depois em falso. As vértebras de madeira estalaram.

Natanael conseguiu escalar uma rocha quase a seco, mas uma vaga mais alta arrebatou-o. Lembrava-se de se ter agarrado a um pedaço de tábuia. Soube, mais tarde, que a maré, na ressaca, o viera depor, desmaiado, no fundo de uma pequena angra de areia.

Voltou a si deitado numa enxerga postada no meio de dois ou três pedregulhos que alguém aquecera e lhe pusera ao pé, para que lhe comunicassem o calor. Divisou, sob o travejamento baixo, os rostos de um velho e de uma velha debruçados sobre ele (ou tinham, pelo menos, um ar tão gasto que mais pareciam velhos), uma rapariga ainda muito nova, de faces magras, e um menino dos seus doze anos, que não parava de sorrir. Havia também umas outras pessoas agachadas à volta de um monte de coisas que ele reconheceu ter visto a bordo.

Estava tão fatigado, que voltou a adormecer. Mas era de boa constituição. Ao fim de alguns dias já quase se não ressentia daquele desaire.

Não tardou a saber que era o único sobrevivente da equipagem. O desastre viera despertar sentimentos contraditórios na escassa população da ilha. Da colónia dizimada pelos longos invernos, pelos estios adversos, pela varíola e pelos tiros dos franceses, restavam apenas uns sete ou oito fogos. Desde há muito que aquela gente contava com a chegada de um barco que os reabastecesse e levasse, possivelmente, de volta à terra. Afirmavam, pelo menos, desejar tal regresso; na realidade, as noções de pátria e de pertença de um senhor já nada significavam para eles; aquela pobre ilha, cujo nome nem

sequer vinha nos mapas, parecia ter voltado ao tempo em que não era de ninguém. Muitas das choupanas construídas há uns vinte anos tinham ido abaixo, mal se divisando por entre o mato e a erva alta. Uma família de dez pessoas, suspeitas, na altura, de se dedicarem a provocar naufrágios, isolava-se a norte, junto de um grande banco de areia; havia também, contra essa gente, umas histórias de carneiros roubados. A leste e a sul, abrigavam-se debaixo das árvores umas quantas cabanas; uns vagos carreiros, marcados aqui e além por montinhos de pedras, ligavam-nas entre si; desapareciam, no Inverno, debaixo da neve. Um andarilho dos bosques, certamente expulso do Quebeque por via de alguma malfetoria, fixara-se numa clareira com sua mulher, Madalena, de sangue Abenaki, e seus filhos de cabelo liso e olhos escuros, e não queria saber doutro lugar para viver. Dois irmãos, instalados numa calheta, vendiam o excedente do sal que obtinham fervendo num enorme caldeirão a água do mar; serviam-se também do seu produto para, de mistura com outros ingredientes mal-cheirosos, curtirem as peles que lhes levavam ou que eles próprios tiravam das presas; era com eles que se contava para coser as botas e reparar as raquettes de andar na neve. Já ali tinham os seus hábitos; mal se lembravam da aldeia de Norfolk onde haviam sido criados. Um fidalgo que, ao que se dizia, combatera na Flandres e frequentara a corte do rei Jaime, vivia isolado no sopé de uma falésia, com o seu servo índio; tal como Natanael, tivera decerto as suas razões para deixar a Inglaterra. O antigo pregador da colónia deixara de pregar, incapacitado por uma congestão; lá ia vivendo numa quintarola com a mulher, a filha viúva e os filhos desta. A família que socorrera Natanael era constituída pelo velho, que também em tempos andara numa fragata inglesa, pela velha, natural de La Rochelle, ali recolhida após o naufrágio de uma barca que ia rumo a uma feitoria francesa, pela filha que se chamava Foy, e por um rapaz simples de espírito a quem não haviam posto nome. A velha, esquecera a sua língua natal e vociferava ou barafustava em inglês. Os velhos tinham-se insensivelmente prendido àquele sítio onde há vinte anos penavam, e teriam receado uma longa viagem por mar. Os filhos, ignorantes de tudo, não imaginavam que se pudesse estar melhor noutra lugar.

Mas o naufrágio da embarcação tanto tempo esperada tivera o seu lado bom. Uma vez acalmado o mar, os míseros haviam conseguido trazer para terra o grosso da carga; ninguém tinha falta agora de talheres de estanho, de ferramentas ou de cobertores, e até mesmo se tinham salvo alguns caixotes de salgados quase intactos. Natanael depressa se apercebeu que não fora o amor ao próximo a única razão que levava os velhos a reanimá-lo e a tratar dele: se bem que ainda suficientemente robustos, pensaram eles para consigo que a ajuda de um mocetão de vinte anos não seria mal vinda, e que Foy estava em idade de arranjar marido.

Mal se recompôs, logo Natanael tomou parte nos trabalhos da estação rigorosa, ajudando o velho a fixar um cabo novo numa foice, calafetando a canoa, dando todos os dias de comer e de beber ao cavalo, à vaca e a alguns carneiros apinhados no estábulo, que servia também de celeiro. Essa construção ficava encostada à choupana, para que a quentura da casa dos animais se comunicasse à dos homens, e inversamente; uma corda estendida ao longo da parede exterior levava da porta de casa à do estábulo; agarravam-se a ela quando iam tratar dos animais, durante as tempestades de neve, com medo de andarem à roda e de se ficarem ali mesmo, sem dar com a entrada da casa, que era a dois passos. Quando a neve endurecia, carregavam os troncos caídos ou recém-cortados; o cavalicoque arrastava os troncos grandes. Em tempo de gelo, desciam à enseada e abriam buracos no gelo para pescar.

A casa tinha apenas um compartimento, mas uma escada levava ao sobrado. Não tardou muito que o velho e a velha lá instalassem uma enxerga para dois, contra a parede menos fria, a que a lareira, em baixo, aquecia. Ninguém pensou em dirigir-se ao pastor, de quem estavam separados por toda a largura da ilha, mas sobre aquela espécie de cama com a sua colcha esgarçada deitaram os velhos a sua bênção. E assim, todas as noites Natanael e Foy subiam para aquele negro tugúrio, que a economia e o medo do fogo eram razões de sobejo para passarem sem candeia. Natanael gostava daquela escuridão.

Era bom dormir ali ou acariciarem-se até de madrugada, quentinhos e apertados um contra o outro.

Foy estremecia, no amor, soltava gritinhos, prendia Natanael com as suas pernas e os seus braços

lisos; os pés e as mãos expostos às intempéries eram, pelo contrário, rugosos e cheios de frieiras.

Com a vinda da Primavera, atiraram-se todos ao trabalho do campo. Veio primeiro o tempo em que as aves migradoras sobem até ao norte; os filhos do índio, que era hábil em atirar com o arco, apareciam com gansos selvagens mortos em pleno voo, que trocavam pelo trigo que ainda havia. Outras vezes traziam coelhos que haviam morto à paulada ou deitado abaixo a poder de funda; era um dos seus jogos favoritos. Como a pólvora era rara, na maior parte das vezes matavam os grandes animais da floresta cavando fossas cobertas de folhagem, onde o bicho agonizava, às vezes com as pernas quebradas, da queda, ou ficava empalado em estacas postadas no fundo, até que viessem acabar com ele, à faca. Natanael encarregou-se uma vez desse mister, mas fê-lo tão mal que não mais lho incumbiram. Na água quase sempre calma da enseada, construíam eles, com a ajuda de sebes espinhosas ou de juncos, uma espécie de labirinto no qual os peixes ficavam presos; puxavam-nos para terra numa nassa, saltitantes e sufocados, a menos que os estoirassem a golpes de remo. Natanael preferia, à pesca, a apanha de bagas, tão abundantes, nessa altura, que a charneca até mudava de cor; as suas mãos, e as mãos de Foy, ficavam vermelhas, do sumo dos morangos, e azuladas, dos mirtilhos muito maduros. Se bem que os ursos fossem raros na ilha, onde só se aventuravam a aparecer no Inverno, a coberto do gelo, Natanael viu um, em pleno ermo, apanhando com a sua patorra todas as framboesas que havia numa moita e levando-as à bocarra com tão delicado prazer, que ele o experimentou também. Esses animais possantes, a abarrotar de frutos e de mel, não eram de recear desde que se não sentissem ameaçados. Não falou a ninguém de tal encontro, como se entre ele e o animal se tivesse estabelecido um pacto.

Também não falou do raposinho encontrado numa clareira, que, sem se mover, orelhas espetadas como as de um cão, olhara para ele com uma curiosidade quase amigável. Guardou segredo sobre o sítio da mata onde vira cobras, com medo de que o velho se lembrasse de matar aquilo a que chamava "essa bicharada". Do mesmo modo estimava o rapaz as árvores; lamentava-as, por maiores e mais majestosas que fossem, por estarem incapacitadas de fugir ou de se defender, e condenadas ao machado de qualquer enfezado lenhador. Não tinha ninguém a quem confiar tais sentimentos, nem mesmo Foy.

A despeito da tosse e do pouco fôlego que tinha, Foy trabalhava que nem um homem. Ensinou ao seu jovem marido como se atavam os molhos e erguiam as medas; arrancava, a seu lado, os pedregulhos que por toda a parte eriçavam o solo, impedindo as culturas. Às vezes, quando os velhos não estavam à vista, deitava-se na erva meio seca, o que a fazia rir, pois tinha cócegas, e, levantando os saiotes esgarçados, convidava Natanael. Era bom. Dava consigo a pensar em Janet, não que a amasse mais a ela, mas porque se lhe afigurava que Janet e Foy eram a mesma mulher. Ambas se divertiam a cantar, numa vozinha fina, trechos de cantigas que nunca sabiam por inteiro; ambas prendiam flores no cabelo. Mas as faces de Foy estavam sempre afogeadas, como se estivessem com febre, e era atreita a grandes suores, que de repente a deixavam gelada.

Quando o seu estado se agravou, chamaram um feiticeiro índio que exorcizava as doenças. Queimou molhos de ervas que encheram a cabana de um cheiro estranho e pungente, contorceu-se, caiu no chão, soltou gritos roucos que ao mesmo tempo eram cantos, mas Foy não ficou nem melhor nem pior.

Os Micmacs e os Abenakis que frequentavam a ilha na altura da pesca não usavam de maldade para com aquela meia dúzia de brancos que a tanto custo extraíam do solo o seu magro provento. O antigo andarilho dos bosques gascão e sua mulher índia serviam, aliás, de intermediários entre os homens de tez acobreada e os homens de pele mais ou menos branca. Natanael admirava a resistência daqueles selvagens, a firmeza do seu corpo escuro e quase nu, o seu cuidado em não tirarem da caça senão o estritamente necessário para matarem a fome, e o desdém quase absoluto que mostravam perante os mil e um objectos fabricados que os brancos tão duramente tinham disputado entre si após o naufrágio da Tétis. Notou, contudo, que esses mesmos índios davam de bom grado todo o produto de uma pescaria por uma velha faca. O seu costume de mijar a esmo onde quer que estivessem, até mesmo dentro das cabanas, era um costume porco, mas pensou que um cavalo ou um boi, cuja calma altivez eles partilhavam, teriam feito

o mesmo. A guerra entre eles era por vezes encarniçada; infligiam, dizia-se, terríveis torturas aos seus prisioneiros, e dando-lhes ensejo de mostrarem a sua coragem, assim os honravam; levavam os escalpes consigo para as suas cabanas, após terem-nos elevado cinco vezes ao céu na ponta das lanças, a fim de libertarem a alma. Mas Natanael lembrava-se das cabeças dos supliciados penduradas à porta da Torre de Londres, e pensava que, em qualquer parte, os homens são sempre os mesmos.

Fazia com que Foy se sentasse todas as manhãs, no banco morno do sol outonal, mas os velhos exigiam sem parança que ela fizesse o trabalho que lhe competia. Ouviam-na tossir à distância, no meio do campo. Só se enterneceram quando ela já não largava a enxerga.

A velha cozia-lhe uns líquenes de que Natanael ia à procura, no meio das rochas. À noite deitava-se em cima de umas sacas, para a deixar dormir à vontade, mas Foy suplicava-lhe que se deitasse ao pé dela para a sossegar e aquecer. A cada fio de sangue que lhe vinha à boca, esbugalhava os olhos com medo de morrer. Foi-se, no entanto, sem grandes delongas nem grandes dores, em princípios de Outubro. Era a altura em que as matas, crestadas pelo estio, formavam massas rubras, violáceas ou amarelas cor de oiro. Natanael pensava para consigo que as rainhas por mor das quais se drapejam as igrejas de Londres não tinham exéquias tão bonitas como aquelas. O velho distraía o seu desgosto cavando a cova: a meio do trabalho, descobriu uma toupeira, incomodada na sua morada subterrânea, e cortou-a selvaticamente em dois com uma pazada. Sem que Natanael soubesse dizer porquê, a lembrança de Foy e a daquele bichinho assassinado ficaram, no seu íntimo, ligadas para sempre.

Logo ali lhe veio o desejo de partir. Era difícil, mas não impossível. Os Abenakis haviam-lhe dito (pois as notícias correm os bosques) que os jesuítas da ilha dos Montes Desertos que tinham sobrevivido aos morteiros da Tétis se haviam refugiado num acampamento de índios, e que estes os tinham ajudado a atravessar de piroga a imensa baía, para os levarem mais para norte, para o lado francês. Se os homens vermelhos se demorassem um pouco mais, aproveitando os dias de mar calmo para pescar, talvez conseguisse convencê-los a fazer outro tanto por ele, na estação rigorosa; e algum dos barcos embandeirados com a flor-de-lis, que de vez em quando aproavam à Nova França, haveria por certo de ter precisão de um marinheiro. Desembarcaria num porto normando ou bretão, de onde passaria à Holanda ou à Inglaterra, consoante os caprichos do vento ou os da paz e da guerra o permitissem; se fosse a Inglaterra, desencantaria um falso nome. Haveria certamente, nalguma cidade distante de Londres, e sobretudo de Greenwich, algum mestre-escola que precisasse de um assistente; e assim voltaria ao estudo. Os anos de escola pareciam-lhe, à distância, maravilhosamente calmos e fáceis.

Ou então continuaria marinheiro, veria de novo as Antilhas ou iria visitar os portos da Ásia. Mas não se lhe proporcionou nenhuma dessas oportunidades, e então tomava-se de pena do velho e da velha, aquele mais intratável, esta mais azeda do que nunca, que iriam passar o Inverno a sós com o menino simples de espírito e com os animais.

Suportando mal a atmosfera enfumarada da cabana (depois de uma fluxão que apanhara pelo Natal, tossia um pouco), refugiava-se no estábulo onde os animais espalhavam o seu belo calor.

Uns passarinhos de cabeça vermelha que se insinuavam pelas gretas andavam numa azáfama lá em cima, na palha. Só apareciam em pleno Inverno, trânsfugas de regiões ainda mais frias.

Natanael não deixava que a criança os molestasse, quando esta o seguia até à granja. Fizera uma flauta para o pequeno, na qual tentava ensinar-lhe as poucas árias que sabia, mas a criança não as retinha. Em contrapartida, aprendeu a fazer cestos; Natanael ajudava-o a entrançar esses frágeis e belos recipientes. Os índios haviam deixado atrás de si alguns molhos de erva-doce que empregavam na cestaria, planta cuja virtude é a de exalar, sempre que o tempo está de chuva, o mesmo cheiro bom que tinha meses e até anos antes, quando estava ainda verde e fresca à beira dos riachos. Achava Natanael que era assim como se aquela erva tivesse uma memória: também ele de pouco necessitava, de umas socas esquecidas a um canto, de um raio de sol por baixo da porta, de uma bâtega de água a tamborilar no forro da casa, para reviver a doçura dos primeiros tempos passados com Foy. Salvo nessas ocasiões, não

mais pensava nisso, extenuado que andava com os trabalhos mais pesados.

Às vezes catava os piolhos ao miúdo, que ronronava, agachado junto ao lume. O garoto batia palmas sempre que ele caçava algum. Também Foy dantes assim fazia.

Voltou a Primavera, e as suas nuvens de mosquitos; Natanael enfastiou-se das terras que circundavam a cabana, onde, de tanto se pisar, a erva já não crescia. As peles penduradas nas estacas mais pareciam escalpes; o peixe a secar nas caniçadas cheirava que tresandava, mas só a meio do Verão se lhe ofereceu o ensejo de fugir. Um dos dois irmãos salineiros, um rapaz chamado Joe, veio de canoa trocar o sal por uma peça de boa lã que a velha fiara e tecera durante os serões de Inverno. Natanael soube por ele que uma embarcação inglesa lançara âncora à entrada da enseada, ficando escondida do sítio onde estavam por umas saliências da rocha. O barco ficaria só o tempo necessário para reparar uma avaria.

Natanael desceu com o homem até à margem, para o ajudar a deitar a canoa à água. Saltou lá para dentro e gritou a Joe que o levasse. De pé na soleira da porta, os velhos, aturdidos por aquela partida imprevista, gesticulavam como fantoches; sem se aperceber de nada, o miúdo continuava a cabriolar como um potro na erva. Não tardaram a ficar ocultos por um quebra-mar rochoso.

O barco perdera um homem, morto de escorbuto; Natanael não teve qualquer dificuldade em fazer com que o aceitassem a bordo. O vento levou-os até à Terra Nova, de onde uma boa brisa de oeste os expediu para Inglaterra.

Natanael aprendera a manobrar durante as suas duas primeiras travessias. Ágil, ligeiro, e sólido de miolo, trepava lesto de verga em verga; a sua manqueira pouco o prejudicava. Às vezes demorava-se lá por cima, agarrado de pés e mãos ao cordame, ébrio de ar e de vento. Havia noites em que as estrelas se mexiam e tremiam no céu; outras, em que a Lua saía de entre as nuvens como um grande e branco animal e ali voltava a entrar, como numa toca, ou então, suspensa lá muito em cima, no espaço onde não se via mais nada, brilhava sobre as águas revoltas.

Mas o que ele preferia ver era o céu todo negro e o oceano todo negro, a par. Essa noite imensa lembrava-lhe o negrume que enchia o sobrado da cabana, e que tão fundo lhe parecera também. A diferença que havia é que agora estava sozinho. Mas sentia-se à mesma vivo, respirando, no centro de tudo aquilo.

Dilatava o peito para aspirar o mais possível aquele ar puro, depois descia e ia jogar aos dados na entreponte, com os companheiros. Cada lance falhado era coberto por uma enxurrada de arresadas pragas e blasfémias.

O barco fundeou em Gravesend; fez o caminho a pé até Greenwich. À cautela, entrou primeiro, a ver de onde sopram os ventos, na taberna onde os homens da Fair Lady tinham ido outrora beber, enquanto ele se aproveitava da sua ausência parase introduzir no porão. Ninguém naquele estabelecimento o conhecia e, aliás, em quatro anos havia mudado. Apresentou-se como colega de um marujo nascido em Greenwich, que o encarregara de dar um recado aos seus. O taberneiro lembrava-se, não há dúvida, de um mestre carpinteiro de faces rubicundas, morto, no ano anterior, de uma queda nas docas do Almirantado; talvez fosse esse o indivíduo de quem Natanael se informava. Disfarçando o melhor possível, o rapaz desviou a conversa para um gordo negociante de apetrechos marítimos, para quem o seu companheiro trabalhara como caixeiro. O taberneiro sabia das boas a respeito desse piedoso pirata que vendia biscoito estragado aos capitães de longo curso. Era mordomo da paróquia e os negócios corriam-lhe melhor do que nunca.

- O meu amigo julgava-o morto - disse timidamente Natanael - na sequência de uma rixa que teve com alguém que ia a passar.

- Não senhor! Bêbedo de caixão à cova, talvez, porque esse beato falso bebe-lhe bem. Se lhe tivesse acontecido alguma, logo se sabia. Não nos vemos livres de um estupor daqueles assim tão depressa.

Natanael percebeu que o gordo guardara silêncio acerca do incidente, que o não honrava. Devia ter pregado uma mentira qualquer aos bons samaritanos que o haviam levantado e tratado. Janet também se

calara. Nunca nenhum intendente da polícia viera à procura de um tal Natanael.

Assim, os seus terrores pânico, a sua fuga, as suas aventuras no Novo Mundo a nada se deviam. Poderiam perfeitamente não se terem dado; poderia perfeitamente ter ficado a ler latim numa sala de aula. Assim se iam quatro anos da sua vida por água abaixo, como um desses blocos que se desprendiam de um banco de gelo e mergulham em peso no mar.

Mais sossegado quanto à sua segurança, já não escondeu o nome aos desconhecidos que moravam na Pequena Holanda, distrito onde ficava situada a sua antiga casa.

Confirmaram-lhe a morte de Johan Adriansen, caído de uns andaimes e morto na mesma hora. Os dois filhos trabalhavam agora em Southampton para o Almirantado. A mãe estava, diziam, num asilo luterano para viúvas.

Natanael não foi visitar o mestre-escola por vergonha da sua súbita partida, sem uma palavra de despedida. Janet (soube-o pela mulher do tapeteiro) casara com um mercador de panos de Londres. De nada serviria ir incomodá-la às traseiras da sua loja.

Pôs-se, pelo contrário, a caminho do asilo onde a mãe vivia juntamente com outras viúvas, todas elas com suficiente desafogo para pagarem uma pequena renda à comunidade. Viviam essas dignas criaturas cada qual na sua casinha de uma só divisão, que dava para um pátio arborizado. A casa onde sua mãe morava estava miraculosamente asseada: o cobre da caixa dos bolos e da botija de água quente reluzia. Era a hora da refeição; uma malga de papas e um prato de arenque fumado estavam dispostos em cima de uma toalha alvíssima. Sua mãe recebeu-o sem enternecimentos. Era costume os filhos partirem, a ver o mundo, quando lhes dava na real gana; não era caso raro. Às primeiras, julgaram-no morto. Mas como lhe não encontrassem o corpo, nem a roupa, acabaram por pensar que tivesse embarcado. Estava-lhes na massa do sangue, aos Adriansen. Mal não iria, desde que tivesse ido, fosse para onde fosse, na paz do Senhor.

Natanael contou por alto as suas aventuras. A viúva ouvia-o sem falar, de lábios judiciosamente cerrados. Mas parte da sua atenção ia para o gato, que se empinava contra os seus joelhos, puxando pelo avental, atraído pelo arenque que estava no prato. Deu, aliás, provas do seu habitual sentido prático; os poucos haveres da família eram geridos pelo tio Elias, impressor em Amesterdão. Os dois mais velhos deixá-lo-iam pôr a render esses fundos, até ao momento em que viessem acabar os seus dias à terra natal. Se Natanael queria a sua parte, que a fosse reclamar ao tio, que era um homem justo e honrado.

Asseveravam, de resto, que o trabalho abundava nos portos da Holanda, e que a vida lá era mais barata do que ali.

- Praza a Deus que sejas um homem de bem, como o teu pai e o teu tio Elias.

Natanael não sabia exactamente o que era ser um homem de bem, nem o que poderá aprazer ou desaprazer a Deus.

A casa de Amesterdão tinha bom ar; o tio mandou entrar o sobrinho para o pequeno compartimento onde tratava com os fregueses. Elias comprara o fundo do livreiro-impressor em cuja casa fizera a sua aprendizagem; era uma pessoa considerada e ganhava bem, sem demasias. Fora obrigado a consagrar a essa aquisição o produto da venda da velha quinta familiar; de momento, não lhe seria possível pôr de parte esse capital aplicado no negócio, mas os sobrinhos não deixariam, mais tarde, de o ver duplicar. Natanael aquiesceu vagamente; não percebia nada dessas combinações. Elias, porém, reanimou-se ao saber que Natanael possuía alguns rudimentos e uma bonita e legível caligrafia. O tio tirava os seus proventos mais chorudos dos bons autores gregos e latinos cuidadosamente corrigidos e editados por doutos professores de Leida ou de Utreque, mas as correcções eram onerosas quando confiadas a gente diplomada, ainda que a morrer de fome. Só tinha consigo dois revisores qualificados, os quais se ocupavam também da paginação, dos índices, das rubricas à margem e dos títulos. Natanael ficaria a ganhar um pouco menos que esses trabalhadores já veteranos, mas o bastante para viver bem. Não devia esperar morar e comer a meias com a família; Elias outra coisa não queria, mas sua mulher, que era de

boas famílias e de esmerada educação, não suportava subordinados à sua volta. Natanael ficaria a dormir num canto da oficina até encontrar melhor poiso.

Agradeceu o rapaz: o lugar, para se instruir, valia bem a escola de Greenwich. Elias levou-o a visitar tudo aquilo. A tipografia ficava situada num pátio sem saída para a rua; ouvia-se o rumorejar de uma fonte. Viu a sala das prensas manuais, a sala dos compositores debruçados sobre os caixotins, o armazém com os rolos de papel e a sala das vendas e das embalagens, de onde os volumes ainda a cheirarem a tinta partiam para a Alemanha, para a Inglaterra e até mesmo para França e Itália; haviam afixado na parede a lista das obras proibidas nesses vários países, cujo envio levaria à apreensão e a perdas de monta. Vestidas de velino ou de carneira, as belas edições, orgulho de Elias, cobriam um exíguo parlatório, ladeadas por alguns deformados tomos de genealogia ou de história, por dicionários ou compêndios onde os revisores, em caso de dúvida, tinham a possibilidade de verificar um nome próprio, uma palavra insólita ou uma expressão inusitada. Um desses esquadrinhadores de palavras era um homem de meia-idade, metucioso como nenhum outro, mas azedado pela pouca sorte, pois, a seu ver, se tivesse sabido fazer as coisas, era ele, e não Elias Adriansen, quem deveria ter comprado a livraria bem afreguesada de Johannes Jansseonius. O outro, bom compincha, estivera outrora na posse de uma cátedra num colégio, de onde, a acreditar nele, a inveja dos colegas o havia apeado. Esse, enquanto trabalhava, ia cantarolando em grego uns versinhos de Anacreonte, que acomodava a árias da moda. Se não fossem as ressacas da bebida, teria esse prodígio de saber dado conta de tudo: só que as ressacas duravam vários dias.

Estes dois comparsas ensinaram-lhe de bom grado os ossos do ofício, como fosse o ler um texto às avessas, para não se deixar distrair pelo sentido das palavras, ou entregar-se de alma e coração ora à caça dos erros de pontuação, ora dos erros de sintaxe, ou ao alinhamento, ou às maiúsculas. O seu latim escolar, cujas falhas ele bem conhecia, fazia com que fosse mais lento e ao mesmo tempo mais cuidadoso que esses dois habilidosos; não tardaram a descarregar sobre ele as tarefas mais fastidiosas. Preso de escrúpulos e na esperança de instruir-se, Natanael fazia timidamente, de quando em vez, uma ou outra pergunta aos doutos que frequentavam o belo parlatório do livreiro. Discutiam esses sábios duramente, com Elias, o preço dos seus trabalhos, posto o que se deixavam ficar a fumar a sua cachimbada. A um desses, erudito em antiguidades romanas, perguntou ele a data de um consulado para pôr à margem de uma página de Tito Lívio. O sábio suspeitou de que aquele fulano quisesse apanhá-lo em flagrante delito de ignorância, ou pelo menos de dúvida, e virou-lhe as costas.

Elias bem lhe havia recomendado que nunca falasse dos anos passados junto aos mastros. Ninguém tinha necessidade de saber que fizera parte dessa canalha que só bebe e pragueja, que estivera entre a gente do mar. Natanael calava-se, pois, na oficina de impressão. Mas, nas horas de ócio, a saudade levava-o até ao porto. Ali, debruçado no estreito parapeito de uma ponte, podia observar, de cima, os navios acostados ao cais, apreciar a azáfama das partidas e chegadas, saber, da boca dos marinheiros, sempre desocupados em terra, quais os incidentes e a lonjura da travessia. Raramente lhes confessava que fora dos seus, talvez acanhado por já o não ser, mas também não se apresentava como revisor de imprensa, o que logo o afastaria daqueles homens simples que assinavam de cruz o seu contrato. Quando interrogado, dizia-se carpinteiro, como o fora seu pai antes dele, coisa que as suas manámulas pareciam confirmar. Esse título serviu-lhe de garante para tomar posse gratuitamente, e pelo tempo de que necessitasse, de um casinhoto situado numa viela que ia ter ao porto, na condição de o pôr em bom estado. Tinha os vidros partidos, a porta desmantelada, e nos canteiros do jardim só o que havia era cacos de garrafa e outros detritos para ali lançados por quem passava. Pôs tudo em ordem. Veio a saber, mais tarde, que aquele desalinho se não devia, como julgava, às paródias dos anteriores locatários. Apertado entre dois canais, o casinhoto servira de albergue ao culto católico interdito. Os beleguins irromperam por ali dentro em plena missa e levaram todo o bando para o posto, e de lá certamente para a prisão, onde essa gente ainda devia definhar. Natanael lamentava a sua sorte.

Elias e a mulher julgaram, e apregoaram, que ele iria servir-se do casinhoto para beber e lá levar raparigas. Muito se enganaram: a cabeça ou o estômago (não sabia ao certo) não lhe consentiam mais do que um copo. Quanto às raparigas, receava vir a ser importunado, se lhes indicasse o seu tugúrio. Mas moças não lhe faltavam, muito pelo contrário. As putas enojavam-no, com as suas pinturas baratas e os seus vestidos comprados nos farrapeiros; não lhes encontrava aquela doçura das moças das Ilhas. Bastava ele sentar-se num banco, de Verão, num recanto mais escuro do passeio público, para que as moças se achegassem e se roçassem por ele; camareiras ou empregaditas de loja, ou jovens burguesas suficientemente atrevidas para mandar fazer uma chave falsa ou despistar as colegas. Ficava espantado com o ardor das raparigas: nunca se dera ao trabalho de constatar que era um belo homem. Mas o desejo delas atiçava o seu. Às vezes possuía-as ali mesmo, ou encostadas a uma árvore do passeio; os passeantes tardios não se perturbavam com a remexida dos seus corpos. Sucedia também uns cavalheiros bem parecidos, mas furtivos, aparecerem por ali a altas horas da noite. Lastimava que eles se sentissem presas da vindicta de Deus e dos homens, por mor de uma apetência ao fim e ao cabo tão simples. Acedia por vezes a acompanhá-los até a um recanto mais escuro. Mas, na realidade, do que ele gostava era de seiozinhos moles como manteiga, de lábios lisos e de cabeleiras macias e escorridas como fios de seda.

Era daqueles a quem o prazer, em lugar de entristecer, depois serena e cria um redobrado gosto pela vida. Punha-se a pensar, às vezes, quais seriam as confidências daquelas moças, no fundo das suas lojas ou no sobrado das casas onde serviam, as suas brincadeiras, as comparações que fariam, algum abono ou infanticídio, talvez, por obra sua ou de outrem, ou, ainda pior, uma criança a mais nas lajes da rua. Nada disso era muito limpo. Ou, despertado por um ataque de tosse (desde que tivera, na Primavera, uma suspeita de pleurisia, não ia lá muito bem), incriminava-se por esse ocasional desperdício de substância e de força, por esse risco insidioso de contrair algum mal. Seria pagar caro demais uns espasmos.

Ao cabo de quatro anos vividos sem pensar (ele pelo menos assim o cria), voltara ao mundo das palavras insertas nos livros. Estes interessavam-lhe menos que outrora. Teve que corrigir um César, logo seguido de um Tácito, mas parecia-lhe que aquelas guerras e aqueles assassinatos principescos faziam parte de um amontoado pressupostamente glorioso de agitações inúteis, que jamais têm fim e já não causam espanto a ninguém.

Antes de ontem, Júlio César; ontem, na Flandres, Farnésio ou dom João da Áustria, hoje Wallenstein ou Gustavo Adolfo. Os doutos cujas notas, explicações e paráfrases inçavam, no rodapé das páginas, o texto curto dos Comentários, adoptavam, na presença do grande capitão, o mesmo tom obsequioso que usavam nas suas epístolas dedicatórias aos actuais grandes deste mundo; é certo que destes esperavam uma pensão ou um estipêndio, mas dir-se-ia que o prazer de bajular se sobrepujava a isso. Ou se, por acaso, rebaixavam César, era para exaltar Pompeu, como se fosse possível julgá-los, a tal distância. Natanael, cotovelos apoiados na mesa, parava às vezes de ler e deixava as madeixas de um loiro quase branco caírem-lhe para os olhos.

Aquelas tribos exterminadas pelo grande Romano lembravam-lhe os selvagens degolados aqui, explorados mais além, para glória de um Filipe, de um Luís ou de um Jaime quaisquer. Aqueles legionários que se metiam pelas florestas ou pelos pantanais dentro deviam parecer-se com os homens armados de mosquetes que se perdiam por esses ermos do Novo Mundo; os estendais de água e lama onde Amesterdão fervilhava de vida deviam assemelhar-se, outrora, aos estuários sem nome entrevistos lá longe. Mas César impusera aos Gauleses a autoridade de Roma, apenas; não tivera a desfaçatez de os converter ao único Deus verdadeiro, um Deus que nem sequer era igual, na Inglaterra e na Holanda, ao que era em Espanha e em França, e cujos fiéis se devoravam uns aos outros... A canalha batávia acotovelava-se para dar as boas-vindas aos barcos que voltavam dos combates e traziam os ganhos do ultramar. Via-se as madeiras preciosas e os fardos de especiarias; só não se via os dentes estragados pelo escorbuto, os ratos e os bichos" do rapaz do leme, as sentinas mal-cheirosas, ou aquele escravo de pé decepado que ele vira agonizar na Jamaica. Como também se não via o saco de oiro do mercador que

financiava à partida essas grandes empresas, vendendo não raro aos capitães géneros em mau estado ou roubados no peso como o gorducho de Greenwich.

Gostaria de saber quanto tempo mais iam durar tais traficâncias.

Leu os poetas. O mestre-escola, que possuía apenas um Virgílio, pusera o seu aluno em guarda contra as lúbricas elegias de Tibulo ou Propércio, que amolecem a alma, ou contra os versículos obscenos de Catulo ou Marcial, que inflamam os sentidos. Natanael teve que desbravar um pequeno volume dos elegíacos latinos, e uma edição de Uvídio. Sentiu prazer nisso: ao voltar da página, deparava-se, por vezes, com versos que corriam como mel, conjuntos de sílabas que deixavam na alma um ressaibo de felicidade. Como quem dissesse das aves de Vénus: Et Veheris dominae volucres, mea turba, columbae... Mas isso, apesar de tudo, eram só palavras, menos belas do que as aves de pescoço lustroso e liso... Amara Janet; parecia-lhe ter amado Foy; o sentimento que nutria por elas era mais simples e se calhar mais forte do que o expresso por esses poetas encharcados de tanta lágrima, impados de tanto ai, queimados de tanto fogo.

Leu Marcial; veio-lhe parar às mãos um Petrónio. Certas páginas divertiram-no. Mas aqueles três maraus de Petrónio, sempre atrás de aventuras como certos rapazes seus conhecidos, por essas ruas mal afamadas de Amesterdão, aquelas graçolas de Marcial cobertas pela patine do tempo, aquelas descrições de posturas ou de conjuntos esquisitos, isso que, precisamente, excitava os hipócritas comentadores, tudo isso era igual ao que ele fizera ou vira fazer, dissera ou ouvira dizer no decurso da sua vida. Os palavrões de Catulo lembravam-lhe as conas,, os caralhos" e os Kcus com que os seus camaradas de bordo apaladavam ingenuamente a conversa. Era isso; e não mais do que isso.

Os poucos tratados de teologia que Elias publicava iam para revisores mais aptos do que ele a detectar os erros de uma citação bíblica. Mas, por pura aparência, o patrão (pois, para Natanael, o tio Elias não era mais do que isso) exigia que os seus empregados fossem à prédica. Ao fim de um quarto de hora gasto a interrogar-se se o sermão seria melhor ou pior do que o do domingo passado, Natanael recorria a um método que muito utilizara em Greenwich, quando era miúdo: dormia de olhos abertos. Os pássaros pipilavam no jardim do mestre-escola; o mar rumorejava junto à costa da Ilha Perdida; a Fair Lady ou a Tétis batiam asas. Para logo, de novo sentado no banco do templo, ouvir uma vez mais o reverendo definir a Santíssima Trindade, vomitar os socinianos, os anabaptistas e o papa de Roma, ou asseverar que só em Jesus Cristo havia salvação. Os paroquianos cantavam ou berravam os hinos; achando prazer nesses exercícios vocais de conjunto, posto o que abalavam, munidos de dogmas, de admonições e de promessas para uma semana, a comer a pratada fumegante do almoço.

Um dia em que, finda a prédica, Natanael voltara ao templo, à procura das mitaines que a azeda esposa de Elias deixara esquecidas num banco, deu com o pregador sentado, sozinho, com a cabeça enfiada nas mãos, no meio das cadeiras vazias. Talvez esse jovem de cabeção sentisse que as suas palavras não haviam atingido o alvo, ou talvez as verdades por ele anunciadas lhe não parecessem já tão verdadeiras quanto há pouco. Natanael gostaria de o ter abordado, como outrora ao jesuíta moribundo, mas não sabia como fazê-lo, e aliás até era possível que o reverendo sofresse apenas de uma enxaqueca. Saiu na ponta dos pés.

No dia seguinte, no parlatório dos livros, procurou, numa grande Bíblia, as únicas páginas verdes e frescas de que se recordava no meio de toda aquela floresta de palavras, isto é, alguns versículos dos Evangelhos. Sim, essas parábolas nascidas nos campos e nas margens de um lago eram belas palavras; exalava doçura esse Sermão da Montanha em que cada palavra é, nesta terra em que vivemos, uma mentira, mas que num outro reino sem dúvida falará verdade, pois que parece vinda do fundo de um paraíso perdido. Sim, ele teria amado esse jovem agitador que vivia no meio dos pobres, e contra o qual se encarniçavam Roma, com os seus soldados, os doutores, com a sua Lei, a populaça, com os seus gritos. Mas que, destacado da Trindade e descido na Palestina, esse jovem judeu tivesse vindo salvar a raça de Adão com quatro mil anos de atraso em relação à Falta, e que só mediante ele se pudesse ir para

o Céu. Natanael acreditava tanto nisso como nas demais fábulas compiladas pela douta gente. Ia tudo bem enquanto tais histórias flutuassem como nuvens inocentes na imaginação dos homens, petrificadas em dogmas, pesando duramente sobre a terra, não passavam de nefastos lugares santos frequentados pelos mercadores do Templo, com os seus matadouros de vítimas e o seu pátio das lapidações. Se é certo que a mãe de Natanael vivia e morria fortificada pela sua Bíblia, entre a sua botija de cobre e o seu gato, também era certo que Foy, essa, vivera na inocência e findara a vida sem mais religiões do que a que têm a erva e a água das fontes.

De vez em quando ia passar uma hora à música com o seu camarada fera em grego, o despreocupado Jan de Velde. Jan bebia a valer e contava histórias, boas histórias porcas que repisava, por vezes, que muito o faziam rir. Natanael mal tocava no copo de genebra, que o outro acabava por esvaziar, depois de bebido o seu. Mas a embriaguez vinha mais das luzes tremeluzentes, das endemoninhadas alemandas em que certos pares se lançavam, agarrados pela cintura, das longas cachimbadas e a sua fumarada infernal, parecida com a das cenas de diabos das estampas.

As moças que ali se viam estavam mais bem postas do que as putas das ruas, ou pelo menos os seus palhetados galões brilhavam à luz das lâmpadas. Jan logo se eclipsava, à procura de uma figura que lhe agradasse. Natanael pagava a despesa dos dois e voltava para casa, cheio de sonhos. Mas, naquela noite, uma voz que cantava fê-lo apurar o ouvido.

Era uma rapariga já não muito nova, de belo rosto doirado como um pêssego. Judia, sem dúvida, pois só nas judias vira aquela tez quente e aqueles olhos escuros. Cantava em inglês, para uma mesa cheia de marinheiros, cantigas certamente já fora de moda em Londres: eram aquelas de que Natanael mais gostava quando era adolescente, em Greenwich. A voz um pouco surda era agradável, mas o seu belo rosto franzia-se sempre que tentava, nalguma plangente balada, exprimir um enternecimento que não sentia; e as piscadelas de olho, na volta de um refrão mais galhofeiro, davam a impressão de ser vesga. Mas só por momentos, pois aquele oval perfeito era tal qual uma água lisa que se fecha após a salpicante queda de uma pedra. Quando a rapariga ficou sozinha, venceu a timidez e aproximou-se dela.

Chamavam-lhe Sarai; contou a sua história em inglês, sem pejo algum; quando, em vez de cantar, falava, o sotaque do ghetto de Amesterdão vinha ao de cima. Fizera carreira em Londres em casa de umas alcoviteiras célebres, até que, segundo ela, um certo lorde lhe pusera casa e carruagem à porta. Manigâncias de rivais levaram o protector a aborrecer-se dela; como se visse à míngua, regressara à terra; aquela espelunca mal cheirosa sempre era melhor que nada.

Mandou vir uma cerveja. Embora os marinheiros de el-rei Jaime já se tivessem ido embora, Natanael e Sarai continuavam a falar em inglês; o emprego dessa língua isolava-os no meio do zunzum da música,, dava-lhes a impressão de estarem a sós e no quente, como atrás das cortinas de uma cama. Ela mostrava alegria e vivacidade de espírito; espantava-se ele de a sentir oferta, pois nunca chegara bem a admitir que agradava às mulheres. De vez em quando, ela parava de falar; a sua boca e a sua voz descansavam, por assim dizer; e os olhos, que se tornavam graves, pareciam a Natanael uma noite a brilhar de luzes. Foi-se embora, com a promessa de que voltaria.

Voltou, nas noites seguintes; ela ia sentar-se ao pé dele, quando o trabalho lhe dava folga. Numa noite de temporal, ia Natanael a entrar, quando a viu cá fora ao vento, xaile pela cabeça, uma trouxa de roupa à ilharga. Levou-o para longe da porta; arquejava.

- Acusaram-me de roubo - disse ela. - Eu, ladra! Olha só estas marcas da pancada!

Estendeu os braços nus até ao cotovelo. À luz da lanterna de um barco ele viu-lhe as nódoas negras e, por timidez, conteve-se de as beijar.

- Ladra, eu! A patroa disse-me que desandasse. Por via de dois porcos de dois dinamarqueses que perderam a escarcela e um deles os folhos dos calções... Aquilo só dá vontade de rir, aqueles folhos arrendados!

Percebeu que se tratava de dois capitães de navio, debochados e grosseiros, que costumavam

partilhá-la entre si.

- Para onde vais? - perguntou ele.

- Não sei.

Ofereceu-lhe asilo por essa noite na sua cabana do Cais Verde, bastante distante da música. Ela, que não estava habituada a andar, tropeçava sem jeito na tijoleira do passeio, sem conseguir evitar os buracos e as poças de água.

Parecia que as lágrimas de raiva lhe turvavam a vista: em vez de tentar guiar-se pelas luzes de algumas lojas ainda abertas, enfiava-se às cegas nos recantos mais sombrios; ele amparava-a com o braço; sentia-a toda empertigada, e mais irada do que lacrimosa. Esta vítima enchia-lhe de dó o coração.

- Depressa - arquejava ela - mais depressa!

Mas o medo acabou por paralisá-la: caminhava a custo.

Entrou ele primeiro na choupana, reavivou o lume, estendeu-lhe o único escabelo que havia e sentou-se num cepo.

Tinha para com ela as mesmas atenções que teria para com uma rainha. Já saciada com o pão e os sobejos que ele lhe oferecia, pôs-se ela a olhar em volta com um ar de troça.

Natanael lamentou, pela primeira vez, que os vidros estivessem partidos, e que uma grande racha fendesse a parede a norte.

Iria pôr ordem em tudo aquilo. E contudo, desde que ela ali estava, tudo lhe parecia como que doirado pela luz de uma lâmpada. As ferramentas espalhadas pelo chão eram lindas, como linda era também a coberta esburacada da cama cujo baloiçar, quando eles se lá deitaram, os fez rir. Ela não se mostrou avara dos seus encantos. Aquele corpo de curvas um tanto moles fundindo-se umas nas outras era mais doce do que qualquer outro que ele imaginasse. Reteve-se de lhe dizer que nunca gozara a tal ponto com outra mulher, temendo que ela lhe chamasse papalvo ou noviço, ou que tomasse ascendente sobre ele. No entanto, a intimidade do prazer parecia criar entre eles uma enorme confiança, como se toda a vida se tivessem conhecido.

Nessa manhã chegou atrasado à loja de Elias e saiu cedo, para comprar coisas que faltavam em casa. Ela ainda se não tinha levantado. Alimentaram-se de mexilhão temperado com vinagre e pain dépice que se compra em qualquer vendedor da rua. Durante dias, ou semanas (nunca o soube ao certo), pareceu-lhe viver como um rei ou como um deus.

Nessa felicidade abarcava ele tudo quanto via e costeava nas ruas cinzentas: aqueles homens com os seus casacos ou gibões usados, aquelas mulheres feias ou apenas meio bonitas, que via nas lojas ou no mercado, talvez tivessem também os seus tesoiros de paixão a dar ou a receber de alguém. Quentes os seus corpos sob as cotas puídas. Aquelas cabanas hirsutas, tão parecidas com a sua própria choupana, habitadas pelos empregados de alfândega ou pelos estivadores do porto, talvez contivessem também uma cama rodeada de uma glória como aquelas que trespassam as nuvens nos frontispícios dos livros. Aquela voz fina de mulher, soltando da sua janela uma canção inepta, talvez fosse, como a de Sarai, um bálsamo para o coração de um homem descoroçoado. Voltava para casa; encontrava-a ainda na cama, passajando os seus trapos. Como outras punham ordem, punha ela desordem à sua volta. Mas ele ficava contente por arrumar tudo nas vezes dela. Ao fim de uma semana, arriscou-se a sair um pouco nesse bairro a que não estava acostumada, a ir buscar o pão à padaria, e o leite a casa de uma vizinha que tinha uma vaca, a ir encher a bilha a uma fonte cuja água era um pouco mais limpa do que a do canal. Chegou mesmo a estender a roupa na ponta de uma comprida vara. À noite, enquanto ele se entretinha a aquecer a comida na lareira, ela deixava aquele vaivém para lhe dar, à guisa de brincadeira, uns beijinhos na nuca, ou para lhe alisar os cabelos. Mas a Natanael parecia-lhe, às vezes, que ela gostava dele como uma gata que se esfrega pelo dono.

Um dia, durante uma das breves surtidas de Sarai, aproximou-se da parede com uma trolha e argamassa para reparar a racha tapada com trapos, que tirou. Algo brilhou à luz da candeia que postara

no chão. Com toda a cautela, meteu lá a mão. Era uma bolsa com moedas de ouro, umas fivelas de sapato, de prata, e, dobrados dentro de um lenço, uns folhos arrendados. Por momentos, como já lhe acontecera em Greenwich quando julgara ter morto o gordo agressor de Janet, sentiu-se com a corda no pescoço. Suspeito de receptação, apanharia a sua conta. Mas logo uma sensação de horror se apoderou dele, perante aquela mulher que viera acoitar-se na sua cabana, fazendo amor à laia de pagamento. Mesmo ali, naquele bairro perdido aonde ninguém viria procurá-la, só se atrevera a sair depois, provavelmente, de os dinamarqueses se terem feito ao mar. Se eles realmente lhe tinham batido e, com certeza, revistado, antes de a patroa a ter posto fora da música, como era possível ter ela saído com aqueles objectos junto ao corpo ou metidos na pequena trouxa de roupa que tivera licença para trazer? Tais sevícias, cuja descrição tanto o havia impressionado, não passavam, se calhar, de medo; devia ter-se escapulado antes de terem dado com o roubo.

Meteu o corpo do delito no bolso do seu velho gibão e rebocou a parede com todo o cuidado. Ao cair da noite, foi deitar os objectos roubados ao canal.

Não lhe falou da sua descoberta. Ela, por seu lado, pareceu não reparar que a racha fora tapada. Alguns dias mais tarde, voltou a reaparecer a fenda; percebeu que ela raspava o estuque ainda fresco. Fingiu também, por sua vez, que nada vira. Pensando melhor, achou que ela, no fim de contas, tinha tanto direito sobre aquelas moedas de ouro como os dois beberrões dinamarqueses. Aliás, não era tanto o roubo que o indignava, mas o duro coração daquela mulher: expusera-o de bom grado à vergonha, e talvez à força. Mas, por outro lado, devia a sua felicidade àquela suja aventura. Também ele, de certa maneira, abusava dela. A paixão nocturna flamejava ainda, e talvez mais do que nunca, desde que a linguagem dos corpos era a única em que podiam francamente exprimir-se. Mas tinha a sensação de dormir com uma mulher contaminada.

Tudo piorou quando ela viu que estava grávida. Não queria acreditar, pois sempre até ali soubera desvencilhar-se.

Quando todos os expedientes falharam, falou de ir a uma abortadeira. Ele dissuadiu-a, temendo o efeito fatal dos pós e das longas agulhas. Ficou vários dias amuada, umas vezes colérica, outras banhada em lágrimas. Descurava-se; os seus velhos vestidos cheiravam a vomitado. Ele mandou-lhe fazer um novo, em bom droguete, com uma coifa e um avental de linho; negou-se a usá-lo. A fim de pôr cobro ao falatório do bairro, decidiu ele submeter-se às formalidades do casamento. Não era coisa de fácil execução; teria que descobrir um pastor de manga larga que consentisse em officiar, mesmo sem o esposo estar inscrito em qualquer registo de paróquia, e que aceitasse Sarai sem a fazer sofrer os incómodos do catecismo e do baptismo. Abriu-se com Jan de Velde, que encontrou, com efeito, entre os seus inúmeros conhecimentos, um homem de Deus complacente. Com algum dinheiro resolveu-se o problema. Finda a cerimónia, que foi curta, Jan de Velde convidou-os para almoçar na taberna, e fez rir a noiva à gargalhada ao imitar o pregador famélico nasalando em neerlandês os versículos da Bíblia. Jan de Velde não era perigoso para as mulheres. Mas aquele casamento assim tão depressa tornado irrisão pela própria desposada, aquela patuscada a seguir a tão adulterada cerimónia, amarguraram Natanael: parecia-lhe vagamente haver traído algo ou enganado alguém.

Tal solenidade em nada abrandou os maus humores da vizinhança: Natanael foi lamentado e tratado de pateta. A negra melancolia de Sarai nem por isso, também, diminuiu. De repente, e a mais de dois meses do seu termo, a jovem mulher anunciou que voltava para a Judenstraat, para casa de sua mãe.

Esta mãe imprevista sobressaltou Natanael.

Rememorou, pensativo, toda aquela história, desde o primeiro encontro. Mesmo que essa mãe não passasse de uma mãe de comédia, como é que se entendia que Sarai se não tivesse refugiado em casa dela na noite da algazarra na música,. Sem dúvida por receio de comprometer a velhota.

Por outro lado, esse desejo de voltar para casa da mãe, se é que a tinha, era compreensível; o casebre do Cais Verde ressumava de humidade; Natanael saía de manhã cedo para o trabalho e voltava tarde. Não

tendo sabido criar amizades na vizinhança, temia ela, não sem razão, vir a dar à luz sem ajuda de ninguém, na ausência dele. Como já estava muito pesada, mandou vir uma cadeirinha para o trajecto, que era bastante longo. As comadres lá do sítio fizeram chacota ao vê-la subir para lá.

Mevrouw Loubah, mais conhecida apenas pelo nome de Léah, morava numa casa de duas portas, uma que dava para a rua dos judeus, onde tinha um negócio de adelo, e a outra, de patamar lavado e esfregado a preceito, que dava acesso à sua loja de bugigangas vindas de França, situada, esta, numa viela do bairro cristão. A gente elegante não desdenhava de mercar aí os seus rhingraves e as suas mantas a ponto de Génova. Léah fechava aos sábados, por via da Lei judaica, e aos domingos, em que a freguesia baptizada não se mete em compras. O domingo era também o único dia em que Natanael dispunha de algum tempo. Tinham colocado Sarai num quartinho lá em cima; a Mevrouw ou uma das suas duas sobrinhas faziam-lhe companhia no intervalo dos seus afazeres. Havia entre essas mulheres uma amizade tumultuosa e de certo modo fervilhante, cheia de risos e de abraços; as vozes subiam de repente ao diapasão da cólera ou fundiam-se em ternuras. Escondiam tudo umas às outras, ou, pelo contrário, gritavam tudo bem alto. Léah e a sua pretensa filha falavam inglês, que era a sua língua secreta face às sobrinhas ou à criada; de vez em quando uma palavra de hebreu ou de português parecia um sinal a marcar uma passagem perigosa, a indicar que se tratava de outra coisa que não o que era dito, ou que um nome fazia as vezes de outro.

Nunca Natanael soube ao certo se eram realmente mãe e filha, mas graças às pilhérias e às recriminações trocadas na sua presença, percebeu que Léah tivera em Londres um elegante lugar de má-nota: fora ela, sem dúvida, que vendera, ainda novinha, Sarai a um tal lorde Osmond, e a outros, seguramente.

Um escândalo parecido com o da música fizera perder à bela o seu excelente lugar de amante titular; e assim, safara-se sem a mãe, que daí a meses batia em retirada. Mevrouw Loubah, porém, ainda ia e vinha entre Amesterdão e Londres, ao serviço de um diamantário. Fora certamente devido a uma dessas suas ausências que Sarai preferiu refugiar-se no Cais Verde.

De resto, agora que Natanael vivia sozinho, os vizinhos detinham-se novamente a cavaquear com ele à beira do canal.

Soube assim que, no Verão anterior, Sarai saíra amiúde e durante largo tempo, na sua ausência, fosse porque Léah lhe arranjasse alguns encontros pagos, fosse porque a tivesse ido ajudar, e às outras, a dobrar rendas ou a fazer pomadas; mas o silêncio de Sarai dava a essas suas idas e vindas um ar esquisito. Também podia ser que o casebre, afastado como era, fosse uma benesse para tais receptadoras. Depois que descobrira o embrulho escondido na racha da parede, poucos dias depois da chegada da rapariga, nunca mais Natanael se lembrara de ir lá revistar. Ainda tentou, uma noite, mas tudo ali podia servir de esconderijo, a palha desfeita do tecto, o pavimento com falta de mosaicos, o monte de lixo ao fundo do jardim. De resto, Sarai tinha, evidentemente, levado tudo consigo, ao sair dali.

As mulheres haviam prometido avisá-lo do nascimento da criança; com a animação do momento, esqueceram-se de o fazer.

Quando ele apareceu, como de costume, no domingo a seguir ao parto, Sarai, bonita e repousada, sorriu para ele, as mãos poisadas no edredão; uma das sobrinhas ia-a penteando.

Natanael procurou com a vista o recém-nascido, e como o não visse em lado nenhum, julgou-o morto. Tinham-no, nessa mesma manhã, dado a criar a uma vizinha. Sarai tinha muito pouco leite para poder amamentar a criança.

Foi ele à casa da mulher que o guardava. A ama era uma digna matrona já madura, uma espécie de mãe-galinha oriental, nas suas sete-quintas no meio de berreiros e vagidos. As suas frases eram todas elas esmaltadas de piedosos ditados. Mal se entrava aquela porta encimada por um filactério hebraico, ficava-se logo longe da rua barulhenta, e longe também daquele terreno armadilhado que era a casa de Léah. O marido era um açougueiro ritual, destro em matar devagar os animais, esvaziando-os do sangue.

Em casa, era um bom homem, terno de coração. A ama trouxe uma lâmpada para mostrar a criança: - É bonito, não é?

Natanael achou-o feio, mas sabia que todos os recém-nascidos parecem bonitos às mulheres. Maravilhava-se que dos violentos prazeres que saboreara com Sarai, dos seus risos e lágrimas, dos seus golpes de rins e dos seus langores carniais, tivesse brotado aquele frágil rebento. Uma penugem negra, herança da mãe, cobria o crânio da criança, de suturas ainda mal fechadas. Seriam em todo o caso as mulheres quem iria reger aquela pequena vida, e se acaso ele, Natanael, viesse a tê-lo um dia a seu cargo, que iria ele fazer daquele marmanjo que logo se saberia haver saído de uma rua do ghetto? O pequeno acabava de ser circuncidado, o que feriu Natanael no mais fundo da sua carne, como se houvesse, naquela oblação bíblica, uma ofensa à integridade dos corpos. Lázaro - recebera esse nome - iria crescer entre os usos e costumes da Judenstraat, umas vezes melhores, outras piores, mas em todo o caso diferentes dos do Cais Verde ou da Kalverstraat onde Elias estava estabelecido. Iria sem dúvida à escola dos rabinos, onde o que aprenderia não seria nem mais verdadeiro nem mais falso do que o que se aprendia na pregação. O mais provável é que fosse a rua a instruí-lo. Certamente iria conhecer mal seu pai. Mas até sobre essa paternidade se podiam pôr questões.

Natanael recuara um passo: já não pedia para levar Sarai logo consigo. Que ela alguma vez tivesse vivido à beira do Cais Verde, quase lhe parecia um sonho. Sarai, contudo, não se recusava a voltar para lá, no tempo bom; mas, de momento, gelava-se ali, naquele casinhoto; e a prova, era aquela tosse de Natanael. Enquanto isso, Mevrouw Loubah ia-o recebendo bem, sobretudo desde que ele, meio artesão, meio burguês, envergava belas roupas novas. Não deixava de presentear as mulheres com bugigangas e guloseimas. Dizia Sarai, a rir, que para ele andar assim todo aperaltado é que devia ter feito alguma boa.

E quase que era verdade.

Pouco antes do parto, resolvera-se a pedir novamente a Elias a sua parte nos bens da família: falou mesmo em pôr-lhe à perna um Procurador ou um meirinho. Elias decidiu-se. Foi como se Natanael tivesse puxado com toda a força por uma cepa podre que caía por si própria. O conteúdo de um velho saco, quatrocentos e oitenta florins ao todo, foi despejado sobre a mesa do parlatório dos livros, contado uma e duas vezes pelo devedor, e tornado a meter no saco que Elias atou, antes de o estender ao sobrinho. Natanael poisou o objecto no chão, envergonhado por ter duvidado da probidade daquele homem honrado. Um pedaço de pergaminho estava pronto para ser assinado como recibo: - Assina!

Fê-lo o mancebo, sem ter o cuidado de ler. Ao assinar, os seus olhos tropeçaram por acaso numa linha. Natanael não só passara recibo dos bens que Elias dizia pertencerem-lhe, como de todas as somas devidas por seu tio à família. Elias fechou o recibo à chave.

- Lembrai-vos que tivemos cortes nas rendas e falências na praça de Amesterdão, depois que vosso defunto pai me deixou esse pecúlio para eu o fazer render - disse o livreiro com azedume.

- O quê, esta bagatela? Esta miséria?

- Pois não me gabo eu de ser suficientemente rico para chamar tal coisa a quatrocentos e oitenta florins - retorquiu o negociante de palavras impressas.

Natanael correu os olhos à sua volta, por aquele mobiliário de homem abastado.

- Espero ver-vos gerir esses bens tão cuidadosamente quanto eu o fiz - insistiu o tio com uma ponta de sarcasmo. - Ainda que tenhais, sem dúvida, outros afazeres mais prementes.

Natanael poisou o saco em cima da mesa.

- Que o leveis ou não, pouco se me dá, uma vez que já assinastes o recibo - disse secamente o mercador que, a pretexto de qualquer coisa, havia chamado Jan de Velde, decerto para assegurar-se de uma testemunha. Natanael meteu o dinheiro no bolso.

Gostaria de deixar, de uma vez para sempre, aquela casa onde trabalhara durante quatro anos a espiolhar linha a linha tantas doudas obras. Mas o tio apontou-lhe uns granéis para ele levar. Agarrou neles maquinalmente. O rosto de Elias estava severo e melancólico.

- Vede - disse ele, como que a contragosto - a que insultos uma pessoa se expõe quando põe a render os bens de uma família. Ingratidão!...

Dir-se-ia que só à custa de viril sangue-frio ele se coibia de chorar. Natanael saiu, cuspiendo para o lado.

Projectou escrever aos irmãos. Ainda estariam a trabalhar em Southampton para o Almirantado? Sua mãe, no hospício (ainda estaria viva?) sabia ler a Bíblia, mas não escrever. Seria obrigado, aliás, a confessar o incompreensível pudor que o impedira de verificar a tempo o teor do recibo, com medo de parecer desconfiar do tio. Ninguém o iria acreditar.

Decidiu ir pedir conselho ao velho Cruyt, seu antecessor na tipografia, a quem uma pequena herança permitira enfim instalar-se por sua conta. Na loja dele não havia daqueles belos livros encadernados em marroquim. Com a ajuda de três prensas e de quatro operários, a quem tiranizava mais, aliás, do que Elias aos seus, Niklaus Cruyt publicava em papel ordinário recolhas de sermões trazidas por pregadores impantes de vaidade ou talvez desejosos de espalhar a boa palavra, calendários rústicos, ou pequenos tratados de arte veterinária para uso de quinteiros e de alquiladores que soubessem ler.

Mas os melhores lucros provinham de panfletos picantes e de libelos em língua gálica sobre os escândalos da corte de França, para ali expedidos à socapa, por conta e risco dos seus autores. Os negócios corriam optimamente; o velho fumava, nesse dia, o seu cachimbo, todo satisfeito. Encolheu os ombros ao saber da armadilha que Elias estendera ao sobrinho: era assim, esse réprobo.

- Ouve cá - disse ele, estendendo a cabeça com a prudência de uma tartaruga - se quiseres colocar esses trezentos e vinte florins que puseste de lado para dares aos teus irmãos, eu, Niklaus Cruyt, ponho-os a render em empréstimos a juros de doze por cento. Ainda ficava a ganhar, pois os usurários cobram a dezasseis. Não é que eu esteja precisado, graças a Deus, mas é sempre bom contar que o dinheiro demora a vir.

Detestando a usura, Natanael insistiu por juros a dez por cento. Estabeleceram um pequeno contrato e beberam à saúde.

Já à porta, gritou-lhe o velho que lhe desencantasse, se fosse possível, um bom libelo bem porco sobre os amores do Mazarino com a Rainha, já que Elias desdenhava desse género de trabalho. Desatou depois a barafustar com um homem vergado ao peso de um fardo, de quem Natanael se desviara, para o deixar passar. Não era aquela a oficina de camaradas com que o rapaz sonhara, onde cada qual gastaria à discrição do ganho comum, e em que o excedente, considerado pertença de todos, seria novamente empregue no negócio. Mas era bom que a parte de seus dois irmãos estivesse a render. De seus dois irmãos? Algo lhe segredava que não iria deixar de meter a unha nessa quantia em prol da criança, se necessário fosse, ou de Sarai, se Sarai voltasse um dia. A sua honestidade também não deixava de ter falhas.

Confiou à ama de Lázaro cinquenta florins para despender com o pequeno, em caso de extrema necessidade. A boa mulher guardou respeitosamente num cofre o dinheiro do cristão.

Mevrouw Léah pagava a pensão, que pouco era, mas a ama-de-leite parecia saber das boas acerca dos altos e baixos daquelas mulheres. O mais provável, contudo, era que a honrada mas faladora criatura se não calasse por muito tempo a respeito do depósito, e que Léah e Sarai acabassem por convencê-la a dar-Lho. Essa provisão para o futuro não passava de uma superstição e era também como que uma maneira de Natanael provar a sua paternidade.

Pensara trocar Elias pelos seus rivais, os Blau, mas a oficina desses ilustres livreiros estava de momento completa.

De qualquer modo, a farsa que se desenrolara no parlatório dos livros, em vez de piorar, melhorara a posição de Natanael na tipografia. A saída de Cruyt tornara-o, por sua vez, um veterano, privilegiado em relação a quem entrava de novo. Mas Elias, sobretudo, contente, sem dúvida, por tê-lo enganado, testemunhava-lhe de repente uma simpatia avuncular. Honrava-o, até, com uma palmada nas costas ou

felicitava-o, mesmo, por se ter mostrado diligente num dia em que o trabalho apertava. Um domingo, convidou-o para almoçar, a seguir à prédica. Foi taciturna a refeição: tio e sobrinho nada tinham a dizer um ao outro. Elias sempre fez, no entanto, uma alusão aos cristãos que se prendem a raparigas infiéis; Jan de Velde devia ter dado à língua. Mevrouw Eva, a esposa de Elias outrora tão azeda, lançava de vez em quando, para onde Natanael estava, uns olhares curiosos de mulher recatada a um rapaz que lhe haviam dito ser amado pelas mulheres. Natanael esquivou-se.

Depois de tão sensaborona refeição, a casa de Léah pareceu-lhe mais do que nunca aconchegada e acolhedora, e suculentos os pratos bem condimentados servidos à mesa por duas moças risonhas e tagarelas, e capitosos os vinhos do Porto e da Madeira.

Já um tanto alegre, falou dos embelezamentos que fizera na casa do Cais Verde, e das árvores do cais prestes a dar rebentos. Sarai piscava enigmaticamente os olhos. Ia ganhando forças muito lentamente e sentia necessidade dos mimos das duas sobrinhas. Deixaram-no dormir ali com ela várias vezes.

Mas já não era aquela nuvem de glória trespassada de raios que envolvera o leito da enxovia como a dos acasalamentos maravilhosos de Ovídio. Sarai já só usava, para com ele, artes de cortesã; e ele, por ela, só sentia o apetite banal que se tem por qualquer rapariga bonita, e essa política de cama que faz com que uma pessoa, em companhia, coma um pouco mais ou, ao invés, um pouco menos do que desejava. Sabia-se alvo dos gracejos das sobrinhas que troçavam do seu coxear e lhe empeçavam os cabelos chamando-lhe telhado de colmo. Ria juntamente com elas. Uma noite em que Sarai sofria de enxaqueca, tentou ela empurrá-lo, à laia de brincadeira, para os braços de uma das moças, que não desejava outra coisa.

Ficou mais ferido do que chocado.

Teve a sua bronquite anual: uns vizinhos trataram dele. Três semanas depois, suficientemente recomposto para dar conta de um recado que Elias o encarregara de fazer, foi levar os granéis de uns assaz abstrusos Prolegómenos a casa de um douto judeu chamado Léo Belmonte, que morava no bairro de Sarai.

Veio à porta o próprio sábio; discutiu afavelmente com Natanael algumas correcções feitas à margem, referentes a duas ou três construções latinas. Natanael teria gostado de se demorar um pouco mais, de pedir explicação de certas frases do autor sobre a natureza do universo e a natureza de Deus. Mas lembrou-se do adágio que diz que o sapateiro, em presença de um retrato, deve limitar-se a julgar, não da semelhança ou da beleza do modelo, mas da perfeição do calçado. Não era nem teólogo, nem filósofo, e Léo Belmonte não queria saber para nada da sua opinião.

Ao cair da noite, lembrou-se de passar por casa de Mevrouw Léah, embora não fosse esse um dos dias habituais. Mas talvez Sarai estivesse inquieta com a sua longa ausência.

A loja encontrava-se às escuras, mas a porta estava apenas no trinco. De uma lâmpada que havia na salinha ao fundo, vinha, através de um reposteiro entreaberto, uma réstia de luz. Natanael susteve a respiração: Sarai estava ali com um homem. Era ignóbil espiar; no entanto avançou sem fazer barulho até à entrada da câmara iluminada como um palco. O cavaleiro, que ainda tinha na cabeça o seu chapéu de feltro, cobria de beijos farfalhudos a boca de Sarai que lhe devolvia os chupões. Os seios da jovem escapavam-se do corpete desapertado; a mão do galante puxáva-os e apertava-os mecanicamente, como odres. A de Sarai deslizou com graça brincalhona ao longo das costas do cliente, atardou-se amorosamente junto ao flanco, enfiou-se com destreza na algibeira da veste. Natanael viu-a retirar algo de redondo e doirado, provavelmente uma caixinha de confeitos que logo desapareceu nas amplas pregas da sua saia. Quando ia a afastar-se, silenciosamente, ainda ouviu atrás de si aqueles risos e arrulhos que ela também tivera nos seus braços.

Achou-se no meio da rua, pensando para consigo: "Faz o seu trabalho... Faz o seu trabalho..." Nem sequer estava triste, e estúpido seria indignar-se. Só lamentava aquele fulano, o qual decerto se sentia como ele próprio se sentira também, nas nuvens, e que, como ele, estava a ser ludibriado. Mas Sarai fora

educada para tirar partido dos homens, como os homens tiravam partido dela. Era muito simples.

Voltou para o Cais Verde, ateou o fogo de turfa abafado pelas cinzas, e inspeccionou à sua luz uns poucos de objectos novos comprados com vista ao regresso de Sarai: quebrou, num gesto mecânico, dois pratos e duas canecas de louça, empurrando os cacos para um canto, e também as traves do berço que fizera para Lázaro. Ainda pensou em rasgar a cobertura quase nova comprada a um marujo que de certeza a tinha roubado da cama do capitão, mas acabou por se enrolar nela para dormir.

Dormiu um longo sono. Aquele ano de paixão e desengano sumia-se assim no abismo, como se some um objecto lançado borda fora, como, no seu regresso a Greenwich, se sumira o seu terror pânico de haver morto o gordo negociante amante de carne tenra, e os seus longos meses de vagabundagem com o mestiço, mais os dois anos de amor e de penúria na companhia de Foy. Era possível que nada disso tivesse acontecido.

Entregou as chaves ao dono, antigo capitão de marinha, de fronha hílare, que parecia, também ele, nada ignorar da sua aventura.

- Então, o pássaro bateu a asa?

Acrescentou o lobo-do-mar que nunca tivera tal espécie de preocupação; mulheres, era pegar ou largar, mas mais do que pegar, largar. Quando soube que Natanael lhe deixava alguns móveis e utensílios à guisa de renda, já que as obras começadas haviam ficado a meio, protestou vagamente o velho, antes de aceitar. Natanael deixou livros e umas coisas miúdas em casa de um vizinho que lhe ofereceu de bom grado uma enxerga. Mas essa família já vivia amontoada num único compartimento. E o rapaz, de qualquer modo, já estava farto daquele cais, daquelas árvores, e das caras lá do bairro. Mas a necessidade de conversar com um amigo, ou algo que o valha, era grande. À falta de melhor, foi ter com Cruyt, que talvez aceitasse albergá-lo na oficina, por uma pequena quantia.

Ficou estarecido ao entrar. As prensas haviam sido marteladas, esmagadas, amolgadas; manivelas quebradas ou correias cortadas e retorcidas confundiam-se, no chão; uma grande poça de tinta estendia-se sobre o balcão e escorria, num rasto largo. Aquele charco negro e luzente lembrou-lhe o que servia a Mevrouw Loubah para ler a sina, à porta fechada.

Mas o mais estranho ainda era o chão juncado de caracteres de imprensa saídos das gavetas escancaradas; milhares de letras encavalitavam-se numa espécie de alfabeto insensato. Natanael escorregava em toda aquela ferragem.

- Vieste ver a tua obra?

Sentado atrás do balcão, cabeça apoiada nas mãos, um cotovelo enfiado na tinta, o velho virou para ele uma cara rabugenta.

- Aquele pequeno opúsculo, sabes? sobre a corte de França, que me trouxeste lá do Elias? Perdão, de Mynheer Adriansen, o mestre impressor - rectificou ele, com ar de ódio. - Vendeu-se bem, sobretudo em Paris, às escondidas. Só que eu não tive tempo de meter lá o nariz, prò ler. Pois foi: Mynheer fez o favor de me trazer, lá da loja do seu tio, aquele papelucho indigno das suas prensas, e onde se falava, por azar, do embaixador de França junto das Províncias Unidas. Esse peralvilho que dorme com a mulher do armador Troin. E como não faltou logo quem lhe fosse levar o libelo novinho em folha...

- Mandou cá os lacaios?

- Que ideia! Arranjou no porto quatro fortalhões, que vieram cá esta manhã. Deitaram tudo abaixo...

Também a voz do velho se foi abaixo. Natanael fechou a porta atrás de si; a corrente de ar fazia esvoaçar aqui e além resmas de papel rasgado tiradas dos sacos abertos.

Aproximou-se, a tentar consolá-lo, mas Cruyt afastou-o com um gesto largo que fez saltar o que restava do frasco de tinta meio partido.

- Some-te, malandro! Feito com o tio para arruinar os pequenos concorrentes... Some-te daqui, já te disse, vai lá ter com a puta da tua judia... E essas mentirolas acerca do dinheiro... O teu dinheiro podes metê-lo...

Natanael não quis ouvir mais: saiu, limpando maquinalmente à mão a manga salpicada de tinta. Lamentava a sorte do velho, mas o pior é que o julgara um amigo. Para falar francamente, essa pretensa amizade era apenas o disfarce de uma comum antipatia para com Elias. E na verdade Sarai era uma puta, e judia, também, mas essas duas palavras não bastavam para a definir. Aliás, nem uma nem outra tinham o significado que o pobre Cruyt pretendia atribuir-lhes. A bem dizer, não tinham quase nenhum significado.

O mais simples, ainda, seria ir pedir a uma das albergarias de boa nomeada na cidade uma cama fria, nalgum quartito encerado e glacial.

Tinha meios para isso. Mas a carência de um pouco de calor humano ainda o dominava. Jan de Velde morava a dois passos dali, nos esconsos de um velho depósito de mercadorias. Tinha que se passar através de uma série de alçapões, para ir ter a esse apartamento espaçoso e bem arejado por ventos encanados.

Jan já o convidara várias vezes com insistência a ir viver para casa dele. Lembrou-se de lhe ir pedir asilo por uma noite (quanto a uma mais longa coabitação, logo se veria), só pelo prazer de ouvir a voz um tanto rouca de Jan debitar coisas cómicas ou cantarolar em grego. Fora Jan, ao fim e ao cabo, quem outrora lhe desencantara um pastor para ele desposar Sarai: podia perfeitamente falar-lhe dela, com toda a simplicidade. Aqueles degraus atrás de degraus deixaram-no sem fôlego. Jan veio abrir vestido com o seu fato de domingo, o que era compreensível, pois era dia feriado. Até estava barbeado. Atrás dele, viu Natanael uma mesa carregada como se fosse para um festim: um barril de cerveja, queijo, duas fatias de bolo, um garrafão de genebra. Fez o seu pedido com um certo embaraço; Jan pareceu contristado.

- Que pena, meu velho! Vens em má hora. Confesso que estou à espera, esta noite, dos favores de Eros e do sorriso da Celeste Afrodite. Mas se cá vieres amanhã à hora da ceia...

Natanael abanou a cabeça. Os olhos um pouco deslavados de Jan entristeceram; não gostava de negar hospitalidade a um amigo.

- Uma gota de genebra? - propôs ele.

Mas só já se via o busto do visitante tragado pelo alçapão e ocupado com a descida. Os favores de Eros... O sorriso da Celeste Afrodite... Jan tinha todo o direito de gozar dessa sorte... Acaso Natanael o retivera no Cais Verde, nas noites em que esperava, ardendo em desejo, que a porta se fechasse nas costas de qualquer visita importante, e que Sarai desapertasse a blusa?

A chuva começou a cair, à mistura com uns vagos flocos de neve. Natanael dirigiu-se para a doca onde atracavam os navios vindos do ultramar. Os seus mastros mais pareciam, de longe, árvores desnudadas pelo Inverno, a agitar-se ao vento. Aqui e acolá brilhava uma lanterna, sem o que se não acreditaria que viviam ali homens, naqueles cascos negros. Parecia-lhe agora que o mais belo tempo da sua vida fora o que dependera nas travessias, nas longas escalas em portos de lânguido clima, ou ainda aqueles dois anos de vida dura e de ingénuo amor, na ilha a que os seus habitantes chamavam a Ilha Perdida. Mas nenhum capitão aceitaria na sua equipagem um antigo marinheiro que tossia e ficava sufocado ao mínimo esforço que fazia.

Reparou que o seu jaquetão estava todo branco.

A chuva tinha, decididamente, virado neve. Devia ser mais tarde do que julgava: todas as luzes das casas estavam apagadas. Mas haveria de encontrar em qualquer parte, ali no bairro, uma espelunca de candeia acesa. Ia-se, porém, afastando do centro sem saber e caminhava agora em direcção ao campo, preocupado apenas em não se aproximar demais de um canal ou de um fosso, pois uma morte assim, na lama ou na água suja, não lhe agradava nada. Apesar da neve derretida que lhe escorria pela cabeça, tinha imenso calor. Impôs-se andar bem direito, com medo de que as pessoas, ao verem-no titubear, o tomassem por um bêbedo. Mas as ruas achavam-se vazias. Ao passar perto de uma barraca que estavam a levantar, para a feira, reconheceu, envoltas em trapos, friorentamente encostadas uma à outra, as carcaças de dois mendigos velhíssimos, Tim e Minne, qual casal de cães vagabundos a quem toda a gente atirava restos. Natanael sacou do bolso um punhado de moedas que lhe pesavam e lançou-Lhas: ao tilintar da

prata e do cobre no chão de tijoleira, os dois velhos precipitaram-se, num grunhido. Elias só lhe pagava daí a dois dias; a ausência de hoje e as três semanas de bronquite seriam descontadas, mas isso pouca importância tinha. Desembocou numa bela rua quase toda ela feita de casas novas; as altas fachadas cobertas de neve mais pareciam falésias; estavam separadas umas das outras por gradeamentos ou muros baixos; o vento infiltrava-se por essas passagens feitas de tijolo como por entre furnas. Natanael enterrou o boné na cabeça, mas apesar disso uma rajada levou-o, o que o fez rir. Parecia-lhe que o vento estava sempre a mudar de direção, como às vezes acontece no mar. Descobriu, num daqueles muros, uma reentrância que lhe pareceu abrigada, e ali se deitou, para dormir. A neve depressa o cobriu com um fino manto.

Acordou numa grande sala de paredes caiadas; os vidros das janelas eram enormes quadrados foscos. Ontem, hoje e amanhã formavam um só e longo dia febril, que também abarcava a noite. Pensou que tivesse entrado numa rixa e apanhado, de lado, alguma facada: mas eram só as ferroadas da pleurisia.

Alguns dias depois já ele conseguia enxergar mais distintamente aquelas mesmas paredes e aqueles mesmos vidros, por onde desta vez escorria a chuva. A sala estava cheia de ruídos e de cheiros humanos. Alguém tossia, talvez ele mesmo.

À sua direita, um homem, todo enrolado numa cama, gemia debilmente; à esquerda, um outro, esse robusto, ora afastava ora puxava para si a cobertura, repetindo muito alto, sempre no mesmo tom: "A safada da perna!..."

Mais adiante, um velhote de ar febril falava muito depressa, todo o tempo, inesgotável como um delgado fio de água que transborda de uma fonte. Contava certamente a sua vida.

Ninguém prestava atenção.

Passou o médico, com o seu chapéu de feltro, o seu colarinho e os seus punhos engomados, rodeado de um bando de estudantes igualmente bem vestidos. Os dedos frios de um enfermeiro despojaram Natanael da camisa (era a que ele trazia quando entrara no hospital, mas alguém lha devia ter lavado e passado de novo), deixando a descoberto as magras costelas e as costas marcadas pelos chupões das sanguessugas. Apontando com uma varinha que segurava na sua bela mão, proferiu o eloquente médico algumas frases latinas sobre o curso daquela doença pulmonar. Graças ao vigor da juventude, o sujeito desta vez escaparia, mas as intempéries, no próximo Inverno...

Natanael lembrou-se de o surpreender com uma resposta dada em bom latinório, mas para quê espantar aquele pedante? Além do mais, estava demasiado cansado para falar; fechou os olhos.

Quando tornou a abri-los, através das portas fechadas da sala contígua ressoavam gritos. Era o vizinho da cama ao lado de Natanael; o cirurgião decerto golpeava a safada da perna.

Foi paciente que não voltou mais à sala; outro se veio deitar sob aquela cobertura.

As janelas emolduravam agora o crepúsculo. Sentindo-se melhor, ergueu-se Natanael da almofada. Alguém lhe passava pelo corpo uma esponja húmida, como se faz aos defuntos.

Olhou. Era uma mulher corpulenta, de meia-idade, rosto branco e frio, com um ar de competência e de atenção. O cesto que ela trazia continha alimentos; , fê-lo engolir umas colheradas de um creme espesso e açucarado. Depois, mas com menos demora, deteve-se ao pé doutras camas. Os enfermeiros conheciam-na; era Mevrouw Clara, a governanta do senhor Van Herzog, o antigo burgomestre. Visitava quase todos os dias os doentes e os presos.

Quando Natanael se achou em estado de responder, informou-se ela do seu nome, morada e emprego. Voltou, daí a dias, com más notícias. Na Kalverstraat, aonde fora, a longa ausência de Natanael, precedida pelas três semanas de bronquite, no princípio do ano, levava Elias Adriansen a arranjar outro revisor; o que lá estava agora dava conta do recado. Haveria, decerto, trabalho excedente, que uma vez por outra se poderia reservar para o convalescente; podia-se dar-lhe que fazer na sala das embalagens. Além de Elias, que pouco ou nada dissera, vira também um belo homem de cabelos frisados a ferro

quente, um tal Jan de Velde, que lhe enviava muitos cumprimentos, e um velho que continuara a fazer o que estava a fazer, sem se incomodar. Era Cruyt, sem dúvida, não de todo aborrecido (quem sabe?) de voltar ao ferramental, depois de ter passado pelas agruras do patronato.

Mas isso que importava? Natanael não pretendia trabalhar para Elias; sempre se haveria de arranjar algures qualquer outro emprego. Nisto assaltou-o uma onda de medo: também o Tim e a Minne deviam ter dito, em novos, que depois sempre se havia de encontrar qualquer coisa. Porém, o futuro a que ele devia prover não iria ser assim tão longo.

- Fomos nós que vos descobrimos deitado na neve à entrada do jardim, - disse Mevrouw Clara, que parecia ter-lhe adivinhado os pensamentos - e não vos vamos agora deixar abandonado. Já por várias vezes me deixaram levar para casa os meus doentes e enfermos.

Mencionou dois dos seus protegidos: um velho paralisado do braço direito, a quem, mesmo assim, haviam encontrado um lugar de porteiro num pequeno templo, perto do Kaisergracht; uma hidrópica que haviam acabado por internar num asilo. Ao falar dos seus amos, o senhor Van Herzog e a filha deste, a senhora dAilly, usava sempre um vago plural. Quando estava mais mal humorada, eram também os de lá de cima". Talvez só vagamente os distinguisse, à distância, ou então, lembrada de que o seu defunto marido, mercador de grãos e sementes, fora parente afastado do antigo burgomestre, quisesse evitar tudo o que exprimisse inferioridade de serva. Antes de deixar Natanael, insistiu para que ele percorresse o longo corredor, a fim de exercitar as pernas.

No dia seguinte, ajudou o seu convalescente a calçar-se, rapou-lhe, com a destreza de um barbeiro, os pêlos que lhe haviam crescido nas faces durante os longos dias de hospital e fê-lo enfiar umas roupas usadas, mas muito bem remendadas, de que, pelos vistos, tinha uma verdadeira colecção. Dada a distância, trouxera o barquito do jardineiro. Seguiram devagar por canais pouco frequentados; o ar da Primavera inebriava o jovem, estendido debaixo de uma manta. Arrimou-se à sua benfeitora para subir o degrau do desembarcadero, ao fundo do jardim. Mas quando ia para lhe agradecer, ela intimou-o a não gastar palavras nem fôlego com isso. Aquela mulherona taciturna, de testa arqueada e cabelos repuxados para trás, fazia-lhe lembrar, sem ele querer, as alegorias da Morte que vêm nos livros. Envergonhou-se, porém, dessa noção supersticiosa: a morte, a estar em qualquer lado, era nos seus pulmões que estava, e tinha mais que fazer do que andar disfarçada de governanta de uma grande casa.

Daí em diante poucas vezes a viu, muito embora dormisse num dos três quartos que davam para a cocheira reservada para uso de Mevrouw Clara. Todo o dia o passava ela ocupada nas suas funções, naquela opulenta mansão; à noite, repousava, isto é, ia tratar dos seus presos e dos seus doentes. Já se haviam acostumado aos seus hábitos, e só lhe exigiam que, à entrada, pendurasse ao ar o capote e a coifa que usava nas visitas e que poderiam trazer nas dobras a febre e o ar malsão. Quanto a ela, nunca sofrera qualquer contágio.

Via-a apenas às refeições, que nos primeiros tempos tomavam juntos. A etiqueta opunha-se a que a governanta comesse com os seus subordinados, mas a Natanael, por ter feito o que ela chamava de estudos, tratava-o por senhor.

Mevrouw Clara mastigava em silêncio, ou relatava quaisquer incidentes da prisão e do hospital. Soube assim que ela, sempre que visitava a Cadeia Grande, levava debaixo do braço uma pequena bacia que fazia as vezes de um banho de tina e uma escudela cheia de sebo de carneiro, a fim de lavar e untar as chagas dos inculcados submetidos a interrogatório, a quem haviam sentado, com pesos nos pés, sobre a aresta cortante do cavalete que pouco a pouco lhes serrava em dois o períneo.

Munia-se igualmente de tampões de gaze para meter entre os artelhos e os ferros dos condenados. Mas nunca a ouviu ele indignar-se com a barbaridade dos torcionários ou com a brutalidade dos guardas, como também não se insurgia contra os médicos do hospital que faziam as suas experiências sobre os pobres. O mundo era assim feito.

Se ele a admirava por nunca chaga alguma a repugnar, respondia-lhe ela, com a mesma simplicidade,

que Deus a fizera assim; mas a senhora dAilly, que uma vez tentara acompanhá-la, sentira-se, pelo contrário, indisposta, no pátio da prisão; nem toda a gente tem feitio para suportar tais espectáculos.

Sem ver que impressionava o seu comensal, continuava a comer placidamente, apanhando com a ponta dos dedos as migalhas que ficavam no seu trincho. Insistia, no entanto, com Natanael para que tomasse uma tisana com mel para a tosse.

Quando veio o bom tempo, instalava-o no jardim enquanto se ausentava. Mas mal ela se afastava nas suas enérgicas passadas, o convalescente sentia necessidade de se tornar útil e de experimentar forças. Gostava de afundar as mãos na boa terra mole e plantar e sachar como já não fazia desde a Ilha Perdida; o jardineiro estava feliz por ter arranjado aquele benévolo ajudante. Num dia de chuva, abrigado na cocheira, Natanael areara os dois trenós que, presos por correias, iriam ficar pendurados nas traves do tecto até aos próximos nevões.

O do senhor Van Herzog, muito simples, era sublinhado por um filete doirado; o da senhora dAilly, mais pequeno, tinha ferragens de prata e uma cabeça de cisne. Mas o cheiro do verniz fez mal ao rapaz; a tosse agravou-se. O trabalho ao sol, com a pá e a picareta, que o jardineiro asseverara, com uma gargalhada, ser bom para a saúde, deixava-o, por seu lado, bem depressa encharcado em suor e sem fôlego. A senhora dAilly deve tê-lo visto nesse estado e falado disso a Mevrouw Clara, na altura de fazerem as contas da casa. Uma manhã, junto à alameda, aproximou-se dele a jovem viúva e disse com ar embaraçado: - Sabeis por certo que tivemos que despedir o lacaio de meu pai, que bebia e arruaçava na taberna. O senhor Van Herzog necessita de um rapaz engenhoso, de boa vontade, e com alguma instrução, como vós. Mevrouw Clara logo vos dirá quanto ganhareis. Não se exige que useis libré.

La para responder que lhe era indiferente usá-la ou não. Mas isso era evidentemente uma grande concessão que a senhora dAilly fazia. Só lhe restava agradecer.

Como criados da mansão só conhecera, até agora, o jardineiro e o palafraneiro, cujas mulheres se ocupavam da lavagem da roupa. Não tardou a familiarizar-se com a cozinheira, uma loiraça que servia escudelas e canecas cheias de comida e de cerveja e distribuía, à laia de guloseimas, os sobejos dos lá de cima". Natanael estabeleceu relações com o marido dessa mulherança, um lorpa muito esgalgado, a meio caminho entre o lacaio e o mordomo; travou amizade com o moço que esfregava os sobrados e com a ajudante da cozinha, gente de pouca monta que só comia depois de os demais se terem levantado da mesa, com o moço de recados, com a roupeira que às vezes o chamava, à tarde, para a ajudar a equilibrar um monte de roupa e que ao descer do escadote se apoiava nele talvez um pouco mais do que seria necessário; e até engodou a camareira da senhora dAilly, uma beata falsa que não se misturava com a criadagem e tomava as refeições numa bandeja, na antecâmara da ama. Não tardou a saber que o lacaio-mordomo se empifava, já noite alta, quando o senhor Van Herzog e sua filha descansavam nos braços de Morfeu; que a azougada roupeira tinha um bastardo a criar numa ama, lá na sua aldeia de Muiden; que a moça da cozinha passava à socapa os restos da comida a um certo amolador, seu namorado; que a camareira da senhora dAilly fazia parte de um conventículo menonita e recebia às vezes, numa sala térrea, dois ou três veneráveis pategos vestidos de preto que lhe subtraíam dinheiro. No alto desta pirâmide estava o senhor Van Herzog, um ancião de feições finas, ar achacado e saúde frágil, que em boa hora se retirara dos negócios públicos e passava o tempo com os seus livros e os seus instrumentos de física, e a senhora dAilly, nos seus discretos atavios de viúva.

Maravilhava-se Natanael de que estas gentes, de quem há um mês nada sabia, ocupassem agora tão grande lugar na sua vida, até ao dia em que dela sairiam, como acontecera com a sua família e com os vizinhos de Greenwich, com os colegas de bordo, com os habitantes de Ilha Perdida, com os empregados de Elias e as mulheres da Judenstraat. Porquê estes e não outros?

Era como se alguém numa estrada que não fosse dar a parte alguma encontrasse sucessivos grupos de viajantes, também eles desconhecedores do fim que levavam, com os quais cruzasse num abrir e fechar de olhos. Outros, pelo contrário, acompanhavam-no durante largo trecho do caminho, para

desaparecerem sem razão na curva mais próxima, volatilizados como sombras. Não se compreendia porque é que essas gentes se impunham ao nosso espírito, ocupavam a nossa imaginação, e até às vezes nos devoravam o coração, antes de se mostrarem o que eram: fantasmas. Talvez que também eles, pelo seu lado, pensassem o mesmo de nós, supondo que fossem de natureza a pensar qualquer coisa. Tudo isto era da ordem do sonho e da fantasmagoria.

Vivia, pela primeira vez, numa casa de ricos. Elias não passava de um burguês contente de possuir pratos de estanho e duas ou três taças de prata; quanto de espécies tinha estava encerrado no cofre-forte. O cofre destes amos de agora estava espalhado por algumas dúzias de bancos ou de empresas. A porcelana de Cantão na qual o senhor Van Herzog tomava as refeições provava que seu pai fora um dos primeiros a enviar para a China esquadras mercantis, viagem tão perigosa que de antemão se incluía nas perdas e danos um terço das embarcações e das equipagens. Essa velha fortuna dava ao antigo burgomestre os ócios e as prerrogativas de um homem que nasceu rico; as perdas em vidas humanas, as exacções e as astúcias, inseparáveis da aquisição de toda e qualquer opulência, datavam de um tempo anterior ao dele e outros que não ele eram seus responsáveis; o seu luxo e o de sua filha adquiriam assim uma espécie de doce patine.

Ao voltar a ver Londres e ao descobrir, em seguida, Amesterdão, após os dois anos passados na Ilha Perdida, maravilhará-se Natanael com as comodidades da grande cidade, que dispensam mesmo o mais pobre de ter que arrancar quotidianamente à terra e à água o necessário para viver.

Desbravar, e seguidamente arar, semear, plantar e colher; aplinar os troncos que irão servir para a construção ou atar os feixes de lenha que irão servir para aquecer; tosquiar as ovelhas, cardar, fiar e tecer a lã; abater o gado, defumar ou secar o peixe recém-pescado; moer ou amassar, cozer e fermentar: todos os habitantes da Ilha Perdida tinham, mais ou menos, realizado essas tarefas, de que a sua vida e a dos seus dependiam. Aqui, a cerveja estava na taberna, o pão na loja do padeiro que tocava uma trompa a anunciar o fim da cozedura; cadáveres prontos a servir de refeição pendiam dos ganchos do açougue; o alfaiate e o sapateiro talhavam em forma de vestimenta panos já tecidos e peles já raspadas e curtidas.

Mas o cansaço do indivíduo que se derreava para conseguir o soldo de sábado à noite não era menor: o pão quotidiano ganhava o ar de uma moedinha de cobre, ou mais raramente de prata, a qual permitia adquirir o que é preciso para viver. Os remediados, esses, inquietavam-se com o vencimento das rendas ou dos contratos de arrendamento; um crédito não reavido equivalia, para Elias, a uma seara perdida. Apenas a insegurança mudara de forma. Em vez de se estar abertamente dependente do raio, das tempestades, da seca ou do gelo, de que uma pessoa agora só se apercebia por interpostas servidões, doravante dependia-se do publicano, do ministro de Deus que reclamava a sua dízima, do usurário, do patrão, do proprietário. Cada qual, mesmo o mais pobre, fazia vinte vezes por dia o gesto de quem estende ou, pelo contrário, recebe, uma rodela de metal, ao comprar ou vender qualquer coisa. De todos os contactos humanos, era esse o mais comum ou, senão, o mais visível. Ao domingo, no sermão que Elias o obrigava a escutar, muitas vezes Natanael esperava ouvir: "Dai-nos hoje, Senhor, o soldo nosso de cada dia."

Naquela casa rica, porém, o dinheiro parecia renovar-se e engendrar-se por si mesmo: nem sequer se ouvia o seu indiscreto tilintar.

Disfarçava-se de mármore, a enquadrar o fogo nas altas chaminés; roncava brandamente nos fogões de faiança; aqui, soalho, ali, azulejos historiados, acolá, tapete que abafava os passos. Ele oleava a máquina doméstica encarregada dos pequenos afazeres e dos pequenos desaires do dia-a-dia, expedia até ao primeiro andar, aos aposentos do senhor Van Herzog, e até ao segundo, aos da senhora dAilly, as bandejas carregadas de pratos requintados esmeradamente servidos e a água quente para os cuidados da toilette, e trazia para baixo, de manhã e à noite, as águas sujas e o conteúdo das cadeiras de tampo aberto. Cheirava bem, nas flores das jardineiras, refulgia à noite nos lustres e candelabros munidos de brancas velas de cera. Disfarçado de bem-estar, e bem assim de ócio, era ele que permitia ao senhor Van Herzog

dedicar-se ao estudo, e à senhora dAilly tocar cravo no seu salão azul.

E, no entanto, esse homem e essa mulher pareciam por vezes, a Natanael, cativos, e os seus criados, cuja partida em massa os teria deixado tão desprovidos como o Tim e a Minne, uma espécie de carcereiros. Se bem que bons amos, não eram amados.

O senhor Van Herzog era tratado de velho picuinhas quando criticava a limpeza das platibandas; os sábios de que se rodeava eram considerados uns pedantes, bons para serem postos na rua à má cara, pelos jovens criados. Seu genro, o senhor dAilly, morto em duelo dez anos atrás, e que passara a vida a palmilhar estradas e a correr atrás de saias, era, e isto diz tudo, um francês. Ninguém (a não ser Natanael) se dava conta de que a senhora dAilly era bela. Atribuíam-lhe indiscretas aventuras que não se coadunavam com o seu rosto doce e grave.

O criado-mordomo, ao debruçar-se para servir os pratos, vira-lhe os pequenos seios pela abertura do modesto decote; e não se cansava de descrever um certo sinal. A camareira que acompanhava a senhora nas suas saídas apertava os lábios, como quem teria muito que contar. Natanael gostaria de tomar a defesa da jovem viúva tão impudentemente tratada, mas tê-lo-iam acusado de ser o seu galante ou de aspirar a sê-lo.

Aliás, aquele grosseiro vozear pouco mais importância tinha que um peido ou um arrote.

Desde que servia de criado de quarto ao senhor Van Herzog, os seus sentimentos para com esse rígido velho tornaram-se mais afectuosos, e até mais filiais do que os que tivera para com seu próprio pai, de quem nunca recebera, em criança, outra coisa que não fosse um tabefe de vez em quando ou dois pences para um doce. Nunca o senhor Van Herzog mandava o rapaz aconchegar-lhe as cobertas, ou lhe pedia o urinol, ou lhe solicitava que trepasse a uma escada de castanho a buscar um livro à prateleira mais alta, que não lhe agradecesse como o faria com um seu igual.

De tempos a tempos encarregava Natanael de lhe ler uma página impressa em caracteres demasiado pequenos para a sua vista. O cérebro daquele velho afigurava-se ao jovem criado um quarto mobilado a preceito e muito bem arrumado. Não havia ali nada de sujo ou de feio, nem nada, sequer, de raro ou de único, que pudesse comprometer a bela simetria do conjunto.

Quando, por vezes, o senhor Van Herzog erguia para ele os seus olhos de um cinzento deslavado e pálpebras um tanto vermelhas, pensava Natanael para consigo que aquele seu amo, senhor de uma tão longa experiência, devia ter, no fundo da sua memória tão em ordem, um armário onde se amontoariam as coisas demasiado preciosas ou demasiado horrorosas para serem expostas: mas talvez assim não fosse e o armário secreto se encontrasse vazio.

O antigo burgomestre recebia, de tempos a tempos, alguns velhos familiares seus, gulosos como ele dos problemas científicos ou mecânicos que estavam na ordem do dia; e logo dos seus bolsos se via sair um projecto de microscópio ou uns frasquinhos cheios de uma mistura química, quando não uma rã eviscerada, mas esses sábios estudos pareciam, as mais das vezes, não diferirem por aí além, aos olhos de Natanael, das experimentações e das brincadeiras da miudagem de Greenwich.

As demonstrações deixavam amiúde, nos aparadores, umas marcas de ácidos que Natanael disfarçava o melhor que podia com a ajuda de um verniz.

Logo que teve conhecimento de alguns episódios do passado de Natanael, o senhor Van Herzog tomou gosto em apresentar aos seus doutos amigos aquele rapaz que correra a América e fizera escala nas Ilhas. As viagens do mancebo despertavam-lhes a curiosidade. Debalde lhes lembrava Natanael que costeara apenas uma pequeníssima parte dessas paragens descobertas de fresca data, e tão-só algumas ilhas, de entre as centenas que havia: o entusiasmo e a necessidade de efabulação tomavam conta deles. As coisas que ele próprio contava chegavam-lhe depois aos ouvidos, na taberna, através do falatório desses senhores (dos que tinham o costume de andar pelas tabernas) ou dos seus criados (quando, por acaso, os tinham): e sempre as suas palavras vinham ao de cima já irreconhecíveis e como que empoladas. Atribuíam-lhe longas navegações pelo Meschacebé e pelo golfo do México, que ele nunca vira, nem

sequer em sonhos. Nas pequenas assembleias tidas em casa do senhor Van Herzog, certos convivas aproximavam-se dele com ar de mistério e falavam-lhe de Norumbega, a cidade de oiro, tão rica como as cidades em ruína do Peru, a qual prosperava, dizia-se, no meio do nevoeiro e das florestas de carvalhos do Norte, não longe dessa tal ilha dos Montes Desertos a que ele aportara. Homens que palmilhavam os bosques tinham chegado mesmo a fazer a sua planta. Tentou, em vão, persuadi-los de que Norumbega não passava de uma impostura, e que essas florestas outro oiro não tinham senão o do Outono. Chamavam-lhe manhoso, riam-se-lhe na cara.

Tendo, certa noite, para seu grande pesar, feito alusão, diante do senhor Van Herzog, ao seu meio-casamento com Foy, não tardou a ser suspeito de ter casado com uma princesa índia. Diziam outros que os Abenakis, a tribo da aurora, (traduzira-lhes esse nome letra a letra), que residia no extremo leste dessa terra recém-explorada e da qual ele reconhecia ter frequentado alguns clãs, o haviam feito prisioneiro, e se não fora as súplicas da sua encantadora esposa, tê-lo-iam levado. A avidez daquela douta gente não tinha limites no que respeitava à grossura ou ao tamanho do sexo daqueles homens e mulheres selvagens, e às suas poses ao acasalarem. Natanael achava que seria como aqui.

As curiosidades do senhor Van Herzog não eram tão cruas nem tão ingénuas como as dos frequentadores dos seus serões. Mas esse amante de ciências exactas tinha, tal como eles, visíveis falhas de atenção: desde que o assunto, por esta ou aquela razão, o não prendesse, já não ouvia mais nada, pois deixava de escutar. Os factos simples não lhe prendiam a atenção; tinham de estar entremeados de algo de novo ou de espantoso.

Tal como os seus sábios amigos, percebia mal e depressa demais: se Natanael descrevia com todo o cuidado uma planta de lá, logo ele julgava reconhecer uma das dos seus herbários ou, pelo contrário, quebrava a cabeça por causa de uma ervinha qualquer que, na realidade, poderia muito bem encontrar nas suas platibandas, se mais de perto examinasse o seu jardim.

Entretinham-se aqueles senhores, à noite, a fazer rodar um grande mapa-múndi postado sob um lustre; passeavam uma lâmpada pela sua superfície, para demonstrar as variações do dia e da noite, mas se o jovem, com a ajuda dos seus conhecimentos de navegação, se esforçava por corrigir as suas noções sobre as horas ou as estações de além-mar, aborreciam-se e mandavam-no para a copa. Não queria ele outra coisa.

Nessas noites, ao deitar, o senhor Van Herzog encarregava o criado de lhe arejar a roupa que fedia a tabaco, sem nunca, contudo, por palavras ou sorrisos, fazer alusão às bebedorias e às acirradas ou ruidosas disputas dos seus sábios hóspedes.

Quando algum conviva particularmente glutão levava, ao partir, nalgum guardanapo sebento, metade de uma torta, ele desviava a cabeça para não ter que o ver.

Natanael achava que havia nesse pequeno homem um bom coração. Mas quê? Possivelmente o senhor Van Herzog tinha prazer em mostrar-se superior aos seus hóspedes em delicadeza, como sem dúvida já o era na fortuna. Rico e considerado, tinha com que comprar os rapa-tachos que lhe lisonjeavam as manias.

Natanael já ouvira gabar como uma qualidade especial dos Países Baixos o espírito de igualdade reinante nos costumes e no trajar, cuja sobriedade rejeitava os galões e os laçarotes franceses. Mas pode haver imensas diferenças de tom e de qualidade num simples pano preto. Essa igualdade, inconcebível entre o antigo burgomestre e o seu lacaios, também era inexistente entre o opulento dono da casa e um químico sem emprego ou um anatomista depenado, ainda que se lhe permitisse refastelar-se com as melhores iguarias da cozinha.

As recepções da senhora dAilly eram mais raras, e menos báquicas. Organizava sobretudo serões ou uns cafezinhos musicais, a que seu pai nunca assistia, por não ter ouvido para a música. Viam-se ali alguns jovens frisados e vestidos à última moda, ou homens maduros de ar austero, todos eles amantes de boa música e de belas vozes, mas mulheres era o que mais havia, jovens, na sua maior parte, geralmente agradáveis e cujo trajo requintado se assemelhava ao da senhora. As fidalgas viúvas

arrebicavam-se como no tempo do príncipe de Orange. Por vezes, um virtuoso italiano tornava-se reconhecível pela sua tez trigueira, pelas cores berrantes do fato e a sua excessiva solicitude para com as damas. Nas sessões de música de câmara, era a própria senhora dAilly quem tocava ao cravo. Nessas ocasiões, Natanael, vestido de libré, mandava entrar as visitas que pareciam, literalmente, deslizar sobre os tapetes; a música impunha silêncio, mesmo antes de começar.

De ouvido à escuta, o jovem lacaio tentava, na copa, abafar o mais possível o tilintar das pratas. E de repente, aquilo surgia como uma aparição que se ouvisse, sem ver. Natanael só conhecera, até ali, árias inseparáveis das vozes que as cantavam: a voz fininha de Janet, a voz docemente rouca de Foy, a bela voz sombria de Sarai, que nos revolvía as entranhas, ou ainda as barulhentas canções dos compinchas, que reconfortavam uma pessoa metida lá no seu buraco, canções por vezes acompanhadas à guitarra e que, apesar do balanço, nos davam vontade de agarrar o parceiro e de dançar. E no templo, muitas vezes o órgão o transportara a um mundo de onde, mal entrara, era obrigado a sair, pois as vozes discordantes dos fiéis o traziam de cambulhada à terra. Aqui, porém, era outra coisa.

Sons puros (Natanael achava que preferia, agora, os que, por assim dizer, não haviam encarnado em voz humana) que se elevavam, que recuavam depois para subirem ainda mais, que bailavam como labaredas, mas com deliciosa frescura.

Entrelaçavam-se e beijavam-se como amantes, mas tal comparação era ainda demasiado carnal. Mais lembravam serpentes, só que não eram sinistros; ou clematites, ou volúbilis, só que as suas delicadas volutas não tinham um ar de fragilidade. E contudo eram frágeis; uma porta que, sem querer, batesse, bastaria para os quebrar. À medida que prosseguiam as perguntas e as respostas entre violino e violoncelo, entre viola e cravo, ia-se-lhe impondo a imagem de bolas de oiro descendo degrau a degrau uma escadaria de mármore, ou de repuxos caindo nos tanques de algum jardim, como o senhor Van Herzog lhe dissera ter visto em Itália ou em França. Nunca na vida se atingiria tal grau de perfeição, mas essa serenidade sem igual mostrava-se todavia mutável e era feita de momentos e de impulsos sucessivos; de novo se reformulavam aquelas uniões miraculosas; aguardava-se, coração a bater, o seu retorno, como se se tratasse de uma alegria há longo tempo esperada; cada variação levava-nos, qual carícia, de um prazer a outro prazer insensivelmente diferente; a intensidade do som aumentava ou diminuía, ou mudava, na sua totalidade, como acontece com as colorações do céu. O próprio facto de tal felicidade se escoar através do tempo levava-nos a crer que também aí se não estava perante a pura perfeição, situada, como dizem que Deus está, numa outra esfera, mas tão-só perante uma série de miragens do ouvido, tal como existem, algures, as miragens da vista. Depois, a tosse de alguém quebrava essa grande paz, o que bastava para nos fazer lembrar que aquele milagre só podia acontecer num lugar privilegiado, cuidadosamente isento de ruídos. Lá fora, as carroças continuavam a chiar; um burro maltratado zurrava; os animais no açougue mugiam ou arquejavam na sua agonia; crianças mal cuidadas e mal alimentadas berravam nos seus berços. Aqui e acolá, homens, como outrora o mestiço, morriam com uma praga nos lábios ensanguentados. Na mesa de mármore do hospital, pacientes gritavam. A mil léguas, possivelmente, a este e a oeste, troavam batalhas. Parecia escandaloso que esse imenso rugido de dor, que, se em qualquer momento viesse a entrar em nós, assim por inteiro, nos mataria, pudesse coexistir com aquele delgado fio de delícias.

Natanael circulava discretamente durante as pausas dos músicos, oferecendo café ou xaropes gelados. Sentada ao cravo, a senhora dAilly virava-se para tirar uma chávena ou um copo, desviando um pouco os joelhos sob as belas pregas do tafetá moiré. Logo se retomavam as conversas, onde ressaltava o timbre agudo das vozes femininas; prodigalizava-se aos executantes os costumeiros elogios, mas as conversas depressa desciam ao nível dos méritos da modista, dos cuidados com a saúde ou, por detrás do leque, a algumas palavras furtivas com um galante. Ainda que as pessoas se despedissem com o nome de uma composição italiana nos lábios, trocavam, sem o mínimo acanhamento, esses sons melodiosos pelos seus risinhos ou cochichos, pelo grito de chamamento ao cocheiro ou ao portador do lampião.

Pior ainda: mal uma sonata ou um quatuor chegava ao fim, logo reventavam os aplausos, tão de pronto, que mais parecia que aquela gente só estava à espera dessa oportunidade para também, por seu lado, fazer barulho. Um horrível bater de mãos, que abria num sorriso o rosto dos músicos, e os dobrava em dois numa saudação satisfeita, sucedia-se, qual motim, a um derradeiro acorde, suave como uma reconciliação. Quando a harpa já entrara na sua caixa e os violinos já se tinham ido, no estojo, debaixo do braço dos seus possuidores, a senhora, sozinha no meio da sala vazia, chegava-se, sonhadora, a um espelho, compunha um caracol de cabelo ou arranjava a gargantilha; antes de fechar o cravo, poisava às vezes numa tecla um dedo distraído. Esse som único caía como uma pérola, ou como uma lágrima. Cheio, destacado, muito simples, tão natural como o de uma gota de água solitária ao cair, era mais belo do que todos os outros sons.

Foi também naquela mansão que Natanael teve, pela primeira vez, ao espanejá-los, a ocasião de examinar quadros pintados.

Em criança, as estampas da Bíblia de sua mãe haviam-lhe ensinado que se pode lançar ao papel uma imagem mais ou menos parecida com as coisas visíveis e até mesmo invisíveis: lembrava-se, sobretudo, de um olho metido num triângulo. Mais tarde, contemplara as gravuras a talho-doce dos livros de Elias: a ideia que ele tinha das personagens da fábula era dali que provinha. Mas o senhor Van Herzog possuía mais do que isso: uma dúzia de telas, grandes e pequenas, cobertas de cores que deixavam ver, aqui e além, a marca dos pincéis do pintor, em molduras de ébano ou talha doirada. Tinham-lhe dito que tomasse cuidado, pois custavam bom dinheiro. Um dia veio em que os olhou de perto.

O antigo burgomestre tinha no seu gabinete duas pinturas do porto de Amesterdão, com galeras ali ancoradas. Retratos de seus pais vestidos à moda antiga ornavam a sua alcova. Na câmara azul da senhora dAilly (Natanael nunca lá entrara, pois era a camareira que todas as manhãs a arrumava) via-se, ao que se dizia, um pequeno quadro que muito escandalizava as criadas. O pouco que retivera de Ovídio levou-o a pressupor uma Diana no banho.

Possuía também a senhora uma miniatura do seu falecido marido, belo cavaleiro de fina barbicha negra.

Na sala, havia dois quadros frente a frente; comprara-os o senhor em Roma, na sua juventude. Um, que Natanael logo reconheceu, era uma Judite. Tratava-se, soube-o mais tarde, de uma obra-prima em claro-escuro, isto é, havia um pouco de claridade no meio de um grande escuro. Uma mulher de sumptuosos seios nus, ventre meio velado por uma gaze, sustentava nas mãos a cabeça de um decapitado. O artista divertira-se sem dúvida a opor o branco lívido daquela cabeça sanguinolenta ao branco doirado daquele peito. O corpo truncado jazia sobre o leito; estava, também ele, nu, salvo nas discretas dobras de um pano que, a par do lençol amarrotado, proporcionavam à vista um novo efeito de brancura.

O pintor devia ter recuado um passo para melhor julgar do contraste. Uma pretinha prendia ao pescoço da ama uma capa negra. Um coto de vela, a um canto, fazia luzir um gládio, gotejante de sangue. Uns raios de alvorada entravam pelo vão de uma janela. O outro quadro, pelo contrário, mostrava uma cena em pleno dia. Numa praça ornada de colunatas via-se um belo mancebo lavado em lágrimas e quase nu, mas coroadado de loiros, despedindo-se de uma jovem desfalecida. A acreditar no senhor Van Herzog, que não se aborrecia de instruir o seu criado sobre a história romana, tratava-se de Tito e de Berenice. Natanael lera algures que Tito era baixo e gordo, e Berenice uma quinquagenária assaz sabida, muito diferente, sem dúvida, daquela desfalecida e terna criatura. E também duvidava, lá para consigo, que um arrivista desejoso de casar com uma rainha, e uma rainha que sonhava ser imperatriz, tivessem sido, como piedosamente o asseverava o senhor Van Herzog, belos exemplos de um amor puro, e mais ainda, que uns papalvos de turbante e capacete tivessem presenciado as suas despedidas.

De certeza que essa história não fora reproduzida ponto por ponto em telas pintadas, bordejadas de oiro. Mas a ele parecia-lhe que à falsidade dos sentimentos correspondia a falsidade dos gestos.

O mais estranho era o comportamento do senhor e dos seus hóspedes perante aquelas pinturas. Para

dizer a verdade, quase ninguém lhes lançava um olhar. O antigo burgomestre, contudo, apontava-as, por vezes, ao evocar as suas viagens, ou lembrava, o que parecia realçar-lhes o mérito, que as comprara caríssimo a um tal príncipe Aldrobrandini. Nem ele nem os seus amigos se mostravam embaraçados, ou, pelos vistos, emocionados com os provocantes seios de Judite, ao passo que a senhora causaria escândalo se se apresentasse em corpete um pouco mais decotado do que o autorizava a moda.

Todos eles, e sobretudo o senhor, nas suas funções de magistrado, teriam feito uma cara de nojo se a realidade lhes houvesse proposto aquele corpo obscenamente deitado numa cama desfeita e aquela cabeça exangue cuja boca entreaberta se devia ter, momentos antes, separado daquele belo colo. A História Santa encobria muita coisa. Quanto a Tito e a Berenice, não teria o senhor, tão contenso em suas palavras e gestos, deixado de achar mal que algures, que não no teatro, amantes meio desfalecidos fizessem em público tão ternos adeuses.

Mas certamente, e Natanael reconhecia-o com humildade, que era o talento do pintor, e não o assunto, o que contava para os conhecedores. Assim ele o entendeu ao ouvir dissertar sabiamente o embaixador de França, o mesmo que mandara arrasar a loja de Cruyt. Esse senhor, que se vangloriava de conhecer as artes, ficava extasiado com o desenho em diagonal da Judite e a subtil proporção existente entre as personagens e as colunas de Tito. Parecia todavia a Natanael que esses sofisticados louvores não levavam em conta a humilde tarefa do artesão ocupado com as suas escovas, os seus pincéis, as suas tintas em pó e os seus óleos. Devia haver, como sempre, para esses obreiros, como para todos os demais, caminhos imprevistos e lapsos que redundavam em achados. Os ricos amadores simplificavam ou complicavam tudo.

Uma manhã, à queima-roupa (era muito o seu costume), disse o senhor para Natanael: - Já ouvistes falar de um tal senhor Léo Belmonte, que mora na rua dos Latoeiros?

- Fui lá levar-lhe uns granéis, quando trabalhava numa tipografia.

- Moço de recados?

- Revisor - disse Natanael com modéstia.

- Fostes então um dos primeiros a ler esses preciosos Prolegómenos?

- Mal os li, meu senhor. O meu trabalho limitou-se a emendar umas patranhas e a riscar aqui e acolá uma frase que parecia pouco clara, por omissão, talvez, de algum ponto ou de alguma palavra. Mas o senhor Belmonte não levou em conta as minhas objecções.

- De modo que conversastes com esse grande homem?

- Só por uns momentos, à entrada da porta - disse Natanael com um súbito rubor que o amo não soube explicar. A menção da visita a Léo Belmonte fizera-lhe recordar que se apressara, naquele dia, para ir à rua dos judeus ter com Sarai, e a fora encontrar a fazer amor com um cavaleiro.

- É um privilégio - disse laconicamente o senhor Van Herzog.

E inclinando um pouco o busto muito direito: - Falava-se, lá na tipografia, do particular que assumia as despesas da impressão? Ninguém ignora que Belmonte é pobre e que um livreiro não arrisca um chavo em tão sábia obra.

- O patrão referia-se vagamente a um rico amador.

- Sou eu, que aqui vos falo - disse o antigo burgomestre cheio de orgulho, mas baixando a voz. - Não o divulgueis.

"Porque é que se abre, então?" pensou Natanael. Bem sabia ele que todo o segredo, com o tempo, se torna difícil de guardar.

- Às vezes arrependo-me - prosseguiu o amo. - É certo que os Prolegómenos trouxeram a Léo Belmonte muita glória.

Escrevem-lhe, diz-se, de Inglaterra, da Alemanha, e até mesmo um jesuíta, da China... Por outro lado, foi excomungado pelos seus correligionários e vilipendiado no púlpito pelos pregadores, concordes, por uma vez, com os filhos de Israel.

Como tantos outros grandes homens, paga o seu génio com a adversidade.

Isto não tinha resposta. Natanael calculava que viria dali alguma ordem.

- Esses sublimes Prolegómenos mais não são, como o nome indica, do que o prefácio de um outro livro que é dever meu dar a conhecer ao mundo, dado a perseguição que fazem a Belmonte se ter agravado mais. Mas, como calculais, interessa-me ocultar que a expensas minhas se publica um livro subversivo. Belmonte prometera-me o fim do seu manuscrito para o dia da Páscoa judaica. Essa data já lá vai. Ireis ter com o filósofo e reclamar-lhe essa obra da minha parte.

- ele confiará em mim... - atreveu-se o criado a objectar.

- Aqui tendes um recado assinado, sem nome de destinatário, solicitando os papéis prometidos.

Natanael meteu o papel no bolsinho do colete e retirou-se.

- Tratai de ver como ele se encontra - continuou o senhor Van Herzog. - Dizem que está doente.

Era um lindo dia de Verão. Natanael deleitou-se com aquela longa caminhada. Evitando a judiaria, chegou à rua dos Latoeiros pelas bandas dos cristãos. As ruas, para dizer a verdade, eram sórdidas tanto num lado como no outro, mas nestas últimas, pelo menos, não iria topar com Lázaro a jogar ao pião.

A casa, cujas traseiras davam para um canal, com aquele calor um tanto mal cheiroso, tinha um jardimzinho onde a dona tomava o fresco. Sim, Léo Belmonte ainda ali morava. Virar à direita, nas águas-furtadas. O locatário estava sempre de porta aberta.

Subiu Natanael, quase já sem fôlego. As paredes sujas estavam cobertas dos graffiti obscenos do costume, mas, num dos patamares, alguém havia desenhado a estrela de David, e outro, talvez pelo prazer da contradição, um crucifixo rudimentar de onde pendia um Cristo. Devia ser obra de algum papista encafuado ali naquele buraco. Na porta de Belmonte, uma mão mais canhestra traçara também a giz, não sem erros de ortografia, uma imprecação bíblica contra os ímpios. Belmonte evidentemente que não se dera ao trabalho de a tirar. O inscritor devia ser um honrado calvinista, com lugar e livro de hinos reservados no templo. Não era de excluir que tivesse feito também alguns graffiti.

Natanael empurrou a porta entreaberta. Depois daquela escada escura e fresca, o quarto inundado de sol parecia um forno. O cheiro que ali havia era o do canal, à mistura talvez com o fedor de um balde que a dona da casa não despejara. Zumbiam as moscas. Um homem todo vestido, de feições balofas, cabelo e barba muito compridos, encontrava-se estendido numa cama, encostado a uma pilha de almofadas de cor parda. Estava de olhos fechados. Perguntou ele no seu vozeirão: - Quem é?

- Um mensageiro do senhor Van Herzog.

- Só?! - exclamou o doente, a modos que decepcionado.

Abriu os olhos. O seu olhar em brasa trespassava uma pessoa de um lado ao outro, como uma língua de fogo. Natanael estendeu-lhe o bilhete.

- Os meus óculos estão aí algures em cima dessa mesa. Esta humilhação!... Ser-se obrigado a encavalitar no nariz um utensílio para se poder ver um pouco melhor o preto no branco...

Tendo lido o bilhete, poisou-o na cama.

- Havemos de pensar nisso - disse ele. E acrescentou, em tom peremptório: - Estou a reconhecer-vos. Sois o moço com quem falei numa noite de invernã, à entrada dessa porta.

Os olhos de Natanael volveram-se para o bilhete poisado no lençol. Um post-scriptum escrito de uma penada acompanhava a assinatura. O amo lembrava decerto ao suspeito doente a primeira visita do revisor de Elias. A pretensão dele, de o reconhecer por si só logo à primeira, pareceu ao jovem uma intrujice. Ou talvez o doente pretendesse gabar-se, até ao fim, da sua excelente memória para as caras. A de Natanael dava bastante nas vistas, pelo que era fácil uma pessoa lembrar-se, mas nunca tal ideia passara pela cabeça do seu possuidor.

- Deus sive Deitas aut Divinitas aut Nihil omnium animator et sponsor - disse o doente em voz ainda mais débil.

- Criticastes-me esta frase.

- Os três primeiros termos pareciam-me inúteis alótopos e o quarto uma contradição - disse Natanael. - Mas não sou grande letrado.

- Sois igual aos outros. Falaram-vos, na escola, de um Deus, sem mais, que depois viestes logicamente a desaprender. Deitas aut Divinitas talvez tivessem aderido mais tempo. Quanto a Nihil...

Enxotou da cara uma mosca insidiosa.

- Não sois parvo, e é por isso que a vossa fisionomia me ficou gravada na cabeça - disse ele, como que para reparar a sua semi-impostura. - Lestes então os Prolegómenos?

- Mal, e ainda por cima há três anos.

- Três anos! - exclamou o doente. - Gasta uma pessoa o seu tempo e as suas forças como se se tratasse de conquistar a eternidade, e vem um fulano, que por acaso nos leu, dizer-nos que ao fim de três anos tudo olvidou! Malograda glória.

E acrescentou uma palavra mais grosseira...

- Ainda tenho, no entanto, uma vaga ideia - disse o antigo revisor de provas, remontando tanto quanto possível, para satisfazer o seu interlocutor, para lá de Sarai e do bigodaças do seu amante, do hospital e do homem morto por causa da safada da perna, de Mevrouw Clara e das pequenas alegrias e contratempos da mansão, até à sua última e sábia leitura. -

Sim - prosseguiu ele - tenho assim como que uma ideia de um belo pedaço de gelo de arestas cortantes que por acaso tive na mão.

- Bela comparação para um quase ignaro - disse o homem deitado. - Mas eu sei de onde vos vêm esses vislumbres de compreensão. Já várias vezes vos ouvi tossir. Dentro de dois anos ireis estojar, como eu.

Natanael aquiesceu com um aceno de cabeça indiferente.

- Não é uma profecia - disse o outro com ar sarcástico. É um facto constatado. Chegai-me, por favor, esse jarro de cerveja meio cheio que está aí em cima da mesinha. O médico proibiu-ma, mas cada um satisfaz os seus desejos como pode.

- Está morna - disse Natanael, levando a mão ao jarro.

- Tenho que me contentar.

Natanael entornou para o chão um pouco de água esquecida no fundo de um copo e encheu-o do líquido quente que lhe fazia, com uma careta, lembrar urina. O fulano bebeu-o como se fosse um néctar. Temendo que ele se engasgasse, Natanael amparou-o nas almofadas.

- Também quereis? - inquiriu o filósofo com um gesto do queixo, mas Natanael, também com um gesto, recusou. - Obrigado - acrescentou Belmonte, passando-lhe o copo. - Gerrit Van Herzog decerto não espera que eu vos trate de igual para igual. Mas ninguém é meu igual. Esse somítico de sentimentos não se dignou vir em pessoa; aliás, desde há trinta anos que nada mais temos a dizer um ao outro. E os sábios que me louvam ou me refutam em mais páginas do que as que contém o meu livro aborrecem-me de morte. Mas eu, como um doente ferido de impotência que, sempre que pode, belisca a enfermeira, sinto prazer em falar, com quem se me afigura ser um moço de espírito, daquilo que julgo ter feito. Pensastes então bem da minha obra...

- Não estou certo de ter pensado bem.. - disse o jovem, com ar embaraçado - Pensei, acho eu...

- Eu é que já não penso nada. Até é provável que pense mal.

- Parece-me que o senhor conseguiu juntar e ligar as coisas entre si, e com isto quero eu dizer os objectos e as noções dos homens, com a ajuda de palavras mais delicadas e mais fortes do que as próprias coisas em si. E quando as palavras não são suficientes, com algarismos, com letras e signos, como se fossem cabos de aço...

- É aquilo a que se chama lógica e álgebra - disse o filósofo, com um sorriso de orgulho. - Equações perfeitamente nítidas, e sempre exactas, quaisquer que sejam as noções ou as matérias a que as reportemos.

- Salvo o devido respeito que vos devo, meu senhor, a mim parece-me que as coisas assim encadeadas morrem de pronto, e desprendem-se de tais símbolos e palavras como as carnes se desprendem...

Estava a pensar num bando de cativos negros já meio podres nas suas cadeias, que vira na Jamaica. O outro fez uma careta.

- É feia, desta vez, a comparação. Mas não deixais de ter razão, meu rapaz. (Trazeis assim água ao moinho de uma das minhas opiniões favoritas: sempre achei que, entre simples e sábios, o único fosso que existe é o do vocabulário.) Sucede às coisas e às ideias o mesmo que a um corpo que se descarna...

Olhou, de sobrolho franzido, para as mãos de veias salientes.

...Mas nem por isso as suas relações são diferentes. Outras carnes e outras noções tomam o lugar das que apodrecem...

Essas miríades de linhas, esses milhares, esses milhões de curvas pelas quais, desde que há homens, o espírito perpassou, para ao menos dar ao caos uma aparência de ordem... Essas volições, essas forças, esses níveis de existência cada vez menos corporalizados, esses tempos cada vez mais eternos, essas emanções e esses influxos de um espírito em relação a outro, que são eles senão aquilo que os que não sabem do que falam denominam grosseiramente de Anjos?

Seres lá de cima, ou lá de baixo, em todo o caso de algures (e não preciso que me digais que lá de cima, ou lá de baixo, ou algures são expressões vazias), lançados como uma rede sobre este mundo demasiado acanhado, que nos deixa contrafeitos...

Essas Séfaroth de que nos falavam, na escola da sinagoga...

Fiz, àqueles brutos, o favor de traduzir as suas noções ultrapassadas na língua das deduções e na dos números.

Agradeceram-me queimando, em minha desonra, velas mal cheirosas.

- Eu cá - disse Natanael, abrindo-se como só quatro ou cinco vezes na vida o fizera com Jan de Velde, que de vez em quando gostava de citar o seu poeta ou de falar das blandícias da cama -, eu cá acho que avancei pelos vossos Prolegómenos como por uma ponte levadiça ou um passadiço de malhas muito largas... A uma altura que dava vertigens. A terra ficava lá tão em baixo que nem se via. Mas uma pessoa sentia-se pouco à vontade nessas pontes volantes que vergavam ao nosso peso e só serviam para ligar entre si uns cumes nus onde se enregelava...

- E não credes que haja vantagem em ligar tais cumes entre si? Essa trigonometria especulativa (entendeis estas palavras?) não vos diz nada que valha...

- É possível... Mas eu tinha umas certas dúvidas de que tais cumes fossem algo mais do que um amontoado de nuvens, como se vêem no alto mar. Ou então ilhas que não passassem de bancos de nevoeiro.

- Ah! Se vos valeis do vosso antigo mister de marinheiro e de uma Ilha Perdida...

Natanael, desta vez, julgou farejar ali um feiticeiro. O amo, no seu breve post-scriptum, não pudera contar decerto toda a história do seu criado, e não se recordava o jovem de ter jamais mencionado diante dos hóspedes da mansão o nome da Ilha Perdida.

- Penso o mesmo que vós acerca de todos esses pontos - disse inopinadamente o filósofo. - Os passadiços dos teoremas e as pontes levadiças dos silogismos não levam a lado algum, e o que ligam será, talvez, nada. Mas é belo.

Natanael pensou nos quatuors que a senhora dAilly mandava executar. Também eles eram belos, e em nada correspondiam aos ruídos do mundo, que à parte deles continuavam.

- E aqui tendes - prosseguiu Belmonte, cuja rouquidão parecia ter diminuído com a cerveja -, aqui tendes o porquê da demora tão deplorada por Gerrit Van Herzog, razão essa, aliás, que sempre lhe escaparia, ainda que nos rebaixássemos a apresentar-lha. Depois de haver, segundo uns, homologado o universo, e segundo outros provado Deus, ou, pelo contrário, a sua inutilidade (tais zé-ninguéns devem

ser rejeitados a par), eis-me de cu assente na terra nua e, pendurados por cima da minha cabeça, os meus silogismos perfeitos e as minhas incontroversas demonstrações, alto demais, contudo, para que eu, num golpe de rins, me consiga agarrar a eles. Executadas que foram as obras-primas da lógica e da álgebra, só me resta a mim apanhar com a mão um punhado desta terra sobre a qual me arrasto desde que fui feito... E da qual sou feito... E da qual sois feito. E da qual um simples montinho é mais complicado do que todas as minhas formulações. Pensei recorrer à filosofia, à química, a todas as ciências do interior das coisas. Mas, na primeira, deparei com abismos e ocultas contradições, tal como nos nossos corpos, sobre os quais, aliás, a fisiologia pouco sabe... Na segunda, voltava às generalizações e aos números... Se houvesse em qualquer parte um eixo a que, como um mastro de cocanha, pudéssemos trepar até ao que aquela gente supõe estar nas alturas... Mas não vejo outro eixo que não seja a coluna vertebral, a qual, como se sabe, forma uma curva... Ou então descobrir um buraco pelo qual descer até não sei que antípodas divinos... E sempre era preciso que esse eixo, ou esse buraco, estivesse no centro, fosse um centro... Mas a partir do momento em que o mundo (aut Deus) é uma esfera cujo centro está em toda a parte, como o afirmam os habilidosos (se bem que eu não veja por que é que ele não poderá ser de igual modo um poliedro irregular), bastaria cavar em qualquer sítio para se chegar a Deus, da mesma maneira que, à beira-mar, quando se cava na areia se tem água... Escavar com os dedos, com os dentes, com o focinho, nessa profundidade que é Deus... (Aut Nihil aut forte Ego.) Porque o segredo está em eu escavar em mim, já que neste momento eu estou no centro: eu e a minha tosse, esta bola de água e de lama que sobe e desce no meu peito e me atabafa, eu e a diarreia destas entranhas estamos no centro... Este escarro que rola dentro de mim, estriado de sangue, estas tripas que me atormentam como nunca as de outrem me hão-de atormentar, e que no entanto são feitas também da mesma carne, são também o mesmo nada, o mesmo todo... E este medo de morrer, quando todavia sinto a vida pulsar com paixão até à ponta do dedo grande do pé... Quando basta uma baforada de ar fresco entrar pela janela para eu ficar, como um odre, inchado de alegria... Dá-me cá esse caderno... - ordenou ele a Natanael, apontando para um maço de papéis que estavam em cima da mesa.

Natanael foi buscar-lho. Era um maço de folhas de formato e cor diferentes, às vezes enegrecidas e encarquilhadas na margem, como se tivessem sido intencionalmente aproximadas do fogo. Estavam todas cobertas de uma letrinha tremida, lançada em todos os sentidos, mas a tinta, aqui e além, já amarelecera. Estavam vagamente atadas com um cordel.

- Vês estas rasuras, e outras por cima, e as frases rasuradas que valem novamente? E admira-se Gerrit Van Herzog de estar há três anos à espera do meu segundo tomo... Que fez ele, durante estes três anos? Apôs a sua assinatura em contratos que triplicam e decuplicam os seus bens mal adquiridos? Desquita-se avançando três mil florins ao meu livreiro, que de resto lhe entrega um quarto do meu ganho...

Essa gente aluga a minha calma, a minha frieza, a segurança das minhas demonstrações, que enchem de raiva os meus adversários; sentem-se sossegados por ver que eu me sirvo de instrumentos que julgam possuir e que poderão, se necessário, aprender a manejar como eu... Não sabem eles a que negro vulcão eu posso descer... Ah! Os Prolegómenos e fazer brotar de sob eles os Axiomas e os Epílogos... O caos sob a ordem, depois a ordem sob o caos, depois... Serei o único a ter misturado tudo isso...

- O senhor Van Herzog ficaria grato de ter estes papéis - disse Natanael.

O doente estendeu ferozmente as mãos.

- Pois não vês que falta o título?... E tenho que rever algumas páginas. Hoje é terça-feira? Dir-lhe-ás que te mandei passar por cá na terça-feira que vem.

Natanael poisou o maço de folhas sobre a cama. Belmonte levou aos lábios um lenço que o jovem emissário viu manchar-se de um sangue escumoso. Inquieto, perguntou: - Não quer que fique um pouco mais, senhor?

- Não - disse Belmonte. - Isto não é nada. Não te esqueças de deixar a porta entreaberta. Estou à espera do médico.

Natanael enfiou pelo corredor escuro. No patamar de baixo ouviu os passos rápidos de um homem que subia. Colou-se à parede para o deixar passar. Era um fulano de negro, colarinho e punhos brancos. No escuro, via-se-lhe mal a cara, mas pelo vigor era um indivíduo ainda novo. Levava uma malinha que ao passar bateu em Natanael, pelo que ele, por entre dentes, se desculpou. "O médico cá do bairro", pensou o criado.

Uma vez na presença do senhor Van Herzog, deu-lhe parte do que vira e ouvira, sem contudo lhe relatar tintim por tintim a conversa do sor Belmonte. Ter-lhe-ia sido, aliás, impossível.

Aquela torrente de palavras que no momento o deitara abaixo parecia ter-se sumido na terra. Natanael interrogava-se, de resto, sobre se Belmonte não teria estado a falar apenas consigo próprio.

- Aguentará até terça-feira?

- Ainda parece robusto - retorquiu com ar evasivo o mancebo.

Era-lhe de facto penoso pensar que Belmonte pudesse morrer.

Algo nele ansiava por que aquele doente fosse imortal.

- Mesmo no tempo em que éramos novos - prosseguiu pensativo Gerrit Van Herzog - sempre o conheci cauteloso... Certamente que já deu ordens à dona da casa para que, em caso de morte, os seus papéis me sejam entregues... Mas não deixeis de ir lá a casa na terça-feira de manhã. Trar-me-eis a obra, tenha ela ou não título.

Mas na terça-feira seguinte, dezasseis de Agosto, dava a senhora dAilly um concerto de música de câmara. Ora estava tacitamente assente que, nessas ocasiões, Natanael vestia a libré e encarregava-se do serviço. Contentou-se o amo em recomendar-lhe que fosse no dia seguinte bem cedo à rua dos Latoeiros.

Era uma quarta-feira mais quente e húmida, mas menos ensoleirada, do que a terça-feira da semana anterior. A temperatura afectava Natanael, que se dirigiu num passo mais vagaroso para o centro da cidade, do lado da Judiaria, evitando porém tudo quanto o aproximasse de Mevrouw Loubah e de sua filha. A rua dos Latoeiros ficava entalada entre o bairro hebreu e o bairro cristão, tal como o destino do filósofo, rejeitado por uns e desaprovado pelos outros. A cancela de madeira do jardimzinho estava aberta. A gorda proprietária abanava-se com um pano de cozinha. Sem se dar ao trabalho de a abordar, Natanael, desta vez, subiu directamente às águas-furtadas: Ao contrário do que ele esperava, a porta estava fechada, mas apenas no trinco. O interior, vazio. Vazio, não só do indivíduo outrora deitado na cama, mas também dos móveis.

Vidros, paredes, soalho estavam lavados como se tivesse havido ali uma limpeza geral, mas um monte de restos e de lixo fora negligentemente empurrado à vassoura para um canto. Sobre o mosaico gasto do pavimento, viam-se quatro buracos cavados pelos pés da cama.

Natanael tornou a descer, em passo lento. No jardimzinho, a mulher do pano continuava a abanar-se. Natanael sentou-se no banco ao lado dela.

- Ah! Assustastes-me! - exclamou ela.

- O sor Belmonte foi levado para o hospital?

- Para o cemitério dos judeus - respondeu a mulher sem a mais pequena inflexão de voz. - Mas parece que o não queriam lá.

- Mas as suas coisas, os papéis dele?

- As suas coisas não valiam dois patacos. Fui logo avisar a filha.

- Desconhecíamos que tivesse uma filha - disse Natanael, incluindo, sem dar por isso, o senhor Van Herzog na sua resposta.

- Tinha. Bastarda. Um homem tão correcto... Mas também foi novo, como nós todos. É comerciante em Haarlem. Tratei logo de a avisar, para que não me acusem de fazer mão baixa nos móveis de um locatário.

- Em que dia foi?

- Há oito dias... Uma terça-feira: o médico vinha cá sempre às terças. Subiu ao entardecer e ficou lá duas horas com o doente. Sei disso, porque o vi enfiar-se pela escada, e era já noite quando desceu. Entretanto, o locatário morreu. Foi o médico que me disse para chamar a família. Parecia inquieto por causa dos seus honorários. Mas pagaram-lhe.

Oito dias. Natanael percebeu que devia ter assistido à última visita do médico.

- A filha é boa pessoa - disse a dona da casa com convicção. Foi à procura de um revendedor, que levou os móveis.

- Mas as roupas... Os papéis?

- As roupas foram logo vendidas a um trapeiro que ia a passar.

- E os papéis?

- O trapeiro não os quis. Ela então desceu e foi deitá-los ao canal. Ele tinha tido uns aborrecimentos lá com os da sua religião, sabíeis? Por isso ela não quis guardar aquela papelada.

Natanael olhou para a água turva. Desde que esse canal se abrisse, muita coisa ali fora parar, restos de comida, fetos, carcaças de animais, um ou dois cadáveres, talvez. Pensou no tal buraco que era Nada ou Deus.

Despediu-se da mulher.

- Já estou a reconhecê-lo - disse a mulher, falando como Belmonte oito dias atrás. - Também vós fostes lá acima aquele dia, ou terá sido na véspera? Tenho olho, eu.

- Sou moço de recados.

- É isso - disse ela. - Ele mandava sempre vir a cerveja e a comida dos cabarés cá do bairro. Espero que vos tenha pago logo?

Natanael acenou que sim. Ela desejou-lhe as boas-tardes.

Voltou à mansão mais ensombrado do que surpreso. Estava a pensar naquela letra diluída pela água, naquelas folhas moles e amachucadas arrastadas pela vasa. Talvez isso não fosse pior para elas do que a tipografia de Elias.

Não foi esse o parecer de Gerrit Van Herzog. Deixou-se o ancião ficar, por momentos, sentado, de queixo pendente, à sua mesa de trabalho.

- Quer dizer que lá se foi...

E tamborilando com os dedos secos na mesa, acrescentou: - Não tornarei a vê-lo.

- Admira-me que vossa senhoria não tenha ido em pessoa visitá-lo.

- Eu? Cinco andares?

- Vossa senhoria podia tê-lo mandado buscar de carruagem - murmurou Natanael.

- A minha posição não me permite frequentar um homem comprometido - disse secamente o senhor Van Herzog. - Mas talvez uma obra-prima se nos tenha escapado por entre os dedos. Devíeis ter guardado o manuscrito quando ele vo-lo passou para as mãos.

- Perdoai-me, senhor, mas envergonhar-me-ia de contrariar um doente.

O senhor Van Herzog aquiesceu gravemente. Posto o que disse: - Nunca saberemos qual o conteúdo dessas páginas, a menos que ele vos tenha soprado qualquer coisa.

- Palavras demasiado abstrusas para o entendimento de um criado.

A réplica de Natanael pareceu agradar. Ao fim e ao cabo, era justo e natural que as propostas de um filósofo fossem inacessíveis a um lacaio, por mais instruído que ele fosse.

- Podeis-vos ir - disse o antigo burgomestre.

Mas à hora de deitar, depois do dedal de Madeira que sempre tomava ao meter-se na cama, mostrou-se mais loquaz: - Conheceste-lo já na ruína - disse ele subitamente, de lágrimas nos olhos. - Mas eu convivi e viajei com ele antes dos trinta anos, quando ele ainda auferia, como eu, de dinheiro e de consideração. Nunca vi homem mais livre, mais lúcido, mais nobre. A sua pujança abarcava tudo quanto

havia.

Percorremos juntos a Itália e a Alemanha: ele ia sempre, por assim dizer, um passo à minha frente... Mas em Amesterdão...

Cada qual regressa, em suma, à concha em que Deus o pôs. Fiz carreira... Casei com uma mulher de boas famílias... Ainda se ele tivesse ficado entre os judeus, dignos de consideração pela sua riqueza e pela posição que desfrutavam entre os seus!

Mas preferiu quebrar com eles e ir viver para umas águas-furtadas, sozinho, como se isso pudesse ser...

Asseveram-nos, além disso, que as suas últimas companhias...

Talvez não passem de boatos. Eu, por mim, sempre me conservei no meu posto, sem hesitações.

Calou-se ao constatar que estava a fazer confidências a um criado. Deitado de costas entre os lençóis, uma vela acesa em cima da mesa-de-cabeceira, tinha um ar mais morto do que Belmonte duas horas antes de se finar, e vinte anos mais velho do que ele, muito embora fossem, sem dúvida alguma, ambos da mesma idade. Desta vez, só para si, não pôde deixar de murmurar: - Mas sempre lhe fiz o insigne favor de lhe publicar o livro. Não me ficou mais grato por isso.

E foi tudo. Natanael julgou ver lágrimas rolares por aquelas faces cavadas. Mas não havia lá muita luz no quarto. Malqueria ao velho por ele assim separar o amigo da juventude do doente que se debatera em suores sob as cobertas. Não era obra de um grande coração. O senhor ordenou-lhe que apagasse a vela.

Passaram-se meses. Chegado o Outono, Mevrouw Clara houve por bem fazer passar por via hierárquica, isto é, pela senhora dAilly, um pedido para que Natanael fosse dispensado de sair com mau tempo, o que lhe agravava a tosse. No entanto ele, uma vez, em Novembro, fez questão em ir, debaixo de uma chuva miudinha, à loja de Elias, recuperar alguns dos invendidos de Belmonte que o amo havia comprado. Não o incomodava a ideia de tornar a ver o seu antigo patrão. Sentia-se muito longe de tudo aquilo.

Não o viu, pois Elias tinha ou diziam ter saído. Os empregados presentes eram todos eles novos. À saída do pátio, topou, vindo de uma rua lateral, com Jan de Velde, que acompanhava, rindo muito alto, um jovem. Melhor para ele.

O caminho passava, à volta, pela Kalverstraat. Num recanto viam-se umas velhas barracas de feira, ali abandonadas durante todo o ano. Algumas eram temporariamente alugadas a charlatães ambulantes ou a apresentadores de espectáculos. Uma delas estava iluminada: ali se exhibia, por meio florim, um tigre trazido das Índias. Formara-se uma pequena bicha. Natanael estava abonado, nesse dia, e nunca tinha visto um tigre. Teve vontade de contemplar esse belo animal feroz, mas não mais carnívoro, pensou ele, do que a raça dos homens, esse animal dotado de uns belos olhos, onde arde uma chama verde. Um pequeno letreiro junto à porta causou-lhe um sobressalto: a entrada era gratuita para quem trouxesse um cão, ou qualquer outro animal de boa saúde, do qual pretendesse desfazer-se.

Ora, justamente, ali de pé a seu lado, uma burguesa de meia-idade, ainda aprazível no seu vestido castanho de gola branca, segurava nos braços um cãozinho fraldiqueiro, um cachorro de dois ou três meses, não mais. A mulher sentiu o olhar do rapaz poisar nela, carregado de censuras.

- A minha cadela teve uma ninhada. A maior parte dos cachorros já tem dono. Só este, é que não sabemos que lhe fazer.

Natanael puxou do seu meio florim.

- Dai-mo cá.

Ela estendeu-lhe aquela bolinha quente. Renunciando a ver a fera enjaulada, voltou para casa, ou seja, para o quartito que continuava a ocupar, junto ao de Mevrouw Clara. A história do cachorrinho comoveu toda a gente. A cozinheira encarregou-se de lhe preparar uns pâtées; Mevrouw Clara, pouco satisfeita de a limpeza do quartito ficar comprometida por aquele cão ainda não ensinado, nada disse.

Natanael penteou, escovou, lavou o animalzinho. Nos seus momentos de lazer, levava-o sempre a passear ao jardim. Pensava, com alegria, que arrancara aquele pequeno e tenro corpo aos dentes do tigre, embora admitisse que, ao fim e ao cabo, é próprio da natureza de uma fera devorar legitimamente carne viva. Fosse como fosse, aquela mulher que tão facilmente ia sacrificar uma criatura indefesa causava-lhe horror. Parecia-lhe estar nela condensada toda a dureza do mundo.

Mevrouw Clara não deixou, porém, de resmungar, ao vê-lo a passear o Salvo (era assim que ele lhe chamava) sob as árvores da alameda, todo encharcado da chuva. Agora que se tinha afeiçoado àquele inocente niquinho de vida, parecia-lhe essencial assegurar-lhe um destino, mesmo que um dia a saúde o forçasse a deixar a mansão. Meteu Salvo num cestinho e solicitou, pela camareira da senhora dAilly, o favor de ir à presença da ama.

Bateu à porta. A senhora estava sentada ao cravo, na câmara azul. Já sabia da história do cão, e afagava-o com gentileza quando o encontrava no jardim. Natanael ofereceu-lho, chamando-lhe a atenção para quanto Salvo se tornara bonito.

- Porque mo dais? Vós gostais dele.

- Dar-me-ia muita alegria que vossa senhoria ficasse com ele.

Ela tirou Salvo de dentro do cesto e pô-lo nos joelhos, para lhe fazer festas. Natanael afagava-o também, mostrando à senhora as orelhas tão compridas, o flanco peludo e macio, cor de acaju, em contraste com as patas brancas. Por instantes, ou menos que isso, a sua mão roçou sem querer pelo braço nu, metido na manga arqueada. A senhora não buliu: talvez nem tivesse sentido esse toque tão leve, que ele, contudo, prolongou mais uns segundos, para não dar a ideia que dele tivera consciência; ou talvez o incidente lhe parecesse demasiado insignificante para o levar a mal. A ele, o contacto daquela epiderme delicada fez-lhe o efeito de uma doce queimadura. Nunca mulher alguma lhe parecera tão meiga, ou tão pura.

O cão aproximou-o dela. Quando havia bom tempo, ela mandava-o subir e encarregava-o de ir passear o Salvo.

Chegado a Dezembro, veio-lhe outra vez a pleurisia. Curou-se depressa, mas, no dia de Reis, ao prepararem um belo lume, no salão, para receber as crianças que vêm cantar à Estrela e a quem se presenteia com cerveja quente, ele teimou em subir uma cesta de carvão e foi-se abaixo cuspiendo sangue. Mevrouw Clara meteu-o na cama, com severas prescrições.

A senhora ia-se informando dele. Deu-se ao trabalho de descer, por duas ou três vezes, a trazer-lhe pastilhas ou xarope para a tosse. Era só entrada por saída, mas deixava atrás de si o seu cheiro a verbena. Envergonhava-se de que ela o visse assim, deitado, com a barba por fazer, desgrenhado, o pescoço magro a sair da camisa de pano branco. Mas a senhora dAilly vinha ali só por compaixão, certamente não reparava nesses pormenores.

Logo que se viu melhor, começou a vaguear pela casa. Só lhe davam pequenos arranjos a fazer. Uma velha camareira, entrada de novo, presidia, juntamente com Mevrouw Clara, ao deitar do senhor. Por via do seu catarro crónico, o amo já lhe não pedia para ler em voz alta. Mas tinha o seu lugar a um canto do gabinete do antigo burgomestre; sacudia o pó ou limpava as raridades, talhava as penas, punha em ordem os papéis do amo, dos quais às vezes, dada a sua bonita caligrafia, ele lhe mandava fazer uma lista. Sem que tal se tornasse notado, mantinha o senhor a tosse de Natanael à distância. Os criados faziam o mesmo: à noite, davam-lhe de comer junto à lareira da cozinha, suficientemente longe da mesa onde os demais se sentavam, o que era um favor e ao mesmo tempo uma precaução. Sentindo que o conservavam por piedade, ter-se-ia Natanael ido embora se soubesse para onde ir, mas não estava ainda tão doente que o admitissem no hospital.

A situação acabou por resolver-se de uma maneira muito simples. Certa manhã de Março, perguntou-lhe o senhor à queima-roupa, como era seu costume: - Sabeis atirar?

Natanael sobressaltou-se como se tivesse ouvido um tiro. A pergunta era tão imprevista, que hesitava

em perceber. Mas disse: - Exercitei-me a bordo da Tétis. Mas nunca fui bom atirador.

- Tanto melhor, ao fim e ao cabo - acrescentou criticamente o senhor Van Herzog.

A explicação não se fez tardar. Possuía o senhor, numa ilha frísia, da qual metade, pelo menos, lhe pertencia, uma casinha que durante muito tempo utilizara durante a época da caça. Já lá não ia, mas seu sobrinho, o senhor Hendrick Van Herzog, todos os anos costumava ir até lá. O último guarda, farto de solidão, metera a chave por baixo da porta um ano antes. O belo ar do mar haveria de revigorar Natanael. Um camponês que vivia em terra firme iria abastecê-lo todas as semanas, como era costume fazer no tempo do antigo guarda. Natanael teria que ter aquelas poucas divisões limpas para a chegada do jovem Hendrick, e mostrar-se de vez em quando, de mosquete na mão, junto ao único desembarcadero da costa, para meter medo aos desconhecidos que se lembrassem de ir caçar no defeso para aquela ilha repleta de aves.

- E se por acaso forem náufragos? - alvitrou Natanael.

- O seu aspecto dar-vo-lo-ia a conhecer.

Mais valia, reiterou o amo, assustar os intrusos sem lhes atirar de perto: meter um chumbo na cabeça do filho de algum quinteiro ou de algum notável frísio daria azo a histórias.

Mas tais contratemplos eram raros, dada a distância por mar e o perigo de se encalhar nalgum banco de areia, a menos que se soubesse de cor a configuração dos canais. De Inverno, era o sossego absoluto, pois as migrações temporárias despovoavam a ilha e bastava a tempestade para defender, só por si, as costas. Natanael voltaria em Outubro com o jovem Hendrick e as suas bolsas cheias de aves selvagens.

A ideia daquela solidão fez bater o coração de Natanael.

Lembrava-se da Ilha Perdida e do cheiro bom a plantas silvestres que vinha da charneca. Quem sabe se esses meses de grande calma não bastariam para o curar? No fim de contas, não tinha mais do que vinte e sete anos. Mas logo se lembrou que muito mais nova era Foy quando o mesmo mal a levou, e que o ar do mar não a curara, nem a preservara, sequer. Mas Foy era uma rapariguinha frágil. Um outro pensamento, este formulado até mesmo perante si próprio, veio contradizer o seu desejo de solidão: passaria meses sem ver a senhora caminhar pelos lustrosos parques, na companhia do Salvo; nem sequer teria azo de enxergar o seu sorriso. Mas não podia lamentar isso assim sem corar: como toda a gente, também a senhora aprovava aquele projecto.

Chegou mesmo a ter alguns conciliábulos com Mevrouw Clara, para decifrar o que seria conveniente prever para o novo guarda levar, em questão de roupas, medicamentos e alimentos secos, no caso de o fornecedor, o de terra firme, não aparecer no dia aprazado. Empilharam todas as suas coisas dentro de sacos e sacolas.

Na véspera da partida, foi Natanael despedir-se do amo, que condescendeu em estender-lhe a mão, como de costume um pouco fria, e lhe desejou dias prósperos e bom comportamento. Era a fórmula que ele empregava em semelhantes ocasiões.

Bateu em seguida à porta da câmara azul. Veio a senhora em pessoa abrir. O cãozinho saltava e gania à roda dela. Natanael ajoelhou-se para fazer festas a Salvo. Quando se ergueu, disse-lhe ela: - Havemos de cuidar bem dele. Voltareis a vê-lo no Outono.

Estas palavras reconfortaram-lhe o coração, embora o tempo que o separava do regresso lhe parecesse, mais do que nunca, de recear. Perguntava a si mesmo se a senhora também lhe iria estender a mão, e se nesse caso se atreveria a beijá-la. Mas o beija-mão não é uma delicadeza de lacaio. Enquanto ele assim pensava, aproximou-se ela e beijou-o na boca, um beijo tão leve, tão rápido e no entanto tão firme, que ele recuou um passo, como perante a visitaçào de um anjo.

Estavam à entrada da porta. Despediu-se a senhora com o seu belo olhar que não sorria e fechou a porta atrás dele.

No dia seguinte, carregaram-lhe a bagagem até à chata amarrada ao fundo do jardim. Mevrouw Clara acompanhou-o ao embarcadero do coche de água. No cais, havia uma barafunda de gente a obstruir a

passerelle, como sempre acontece nas partidas. Encostado à amurada, Natanael acenou em despedida à caridosa governanta que se conservava um pouco afastada, benevolente e fria como de costume. De novo aquela mulherança de cabelo repuxado lhe lembrou a Morte, e de novo disse para consigo que era uma fantasia absurda: a morte está em nós.

Fazia bom tempo, o Zuiderzee estava que nem um lago. Havia, no convés, uma grande cabina com algumas mesas e um balcão onde se serviam bebidas, carnes frias e filhós. Natanael levava de comer, mas resolveu deitar-se num dos bancos que havia ao longo da parede exterior do bufete. Um dos sacos que tinha servia-lhe de travesseiro. O barulho do cordame lançado para o cais e o ranger da passerelle acordavam-no em cada paragem; o tumulto de Amesterdão repetia-se em miniatura.

Subia ou descia gente. Pela janela aberta da cabina vinha um cheiro a fritos juntamente com um barulho de vozes.

Natanael soergueu-se para ver aquela gente que assim ria e falava tão alto. Eram dois casais: duas mulheres de ar ordinário, ricamente vestidas, mas sem gosto, que não se sabia bem se seriam mercadoras todas aperaltadas, ou antigas mulheres públicas de vida folgada; uma coisa e outra, certamente. Uma delas, larga e baixa, tinha no dedo uma grossa aliança de oiro. Aos olhos de Natanael, sempre atreito a achar semelhanças entre o animal e o homem, os dois sujeitos que as acompanhavam eram uns autênticos porcos.

- A velha não foi incomodada?

- Qual quê? Se pudessem deitar-lhe a unha, de há muito o teriam feito.

- Mas deve ter tido pena da filha...

- Filha? Ninguém a viu parir. Mas vai-lhe custar a encontrar outra assim tão bela e de dedos tão bem exercitados.

- Tão bela? - disse a voz azeda de uma das mulheres. -

Enfim, admitamos: uma bela judia.

- Bela, e é tudo - exclamou o mais gordo dos dois porcos. -

E se eu a vi de perto! Estava debaixo dela.

Esta confissão fez cacarejar as mulheres.

- Não interessa. Estou contente como os dianhos de ter estado lá em Nimègue na terça, dia da feira dos cavalos...

- Que foste tu fazer a Nimègue? - perguntou o porco mais magro, em voz suspeitosa. - Não és alquilador.

- Não te apoquentes: não tem nada a ver com o teu trabalho.

O largo estava negro de gente, tanto que eu e o meu cliente tivemos que sair do Cão de oiro para podermos ver. Valia a pena: mil táleres roubados dos calções de um capitão de Hanover.

- Actuava sozinha?

- Parece que sim...

- Ainda não há muito tempo, tinha ela um marido em Amesterdão, um palerma qualquer - disse a mulher que até então estivera calada. - Escapuliu-se quando lhe cheirou a chamusco.

Uma coisa é ter uma mulher que nos traz uns cobres, outra coisa é arriscarmo-nos à força.

- Quando ela saiu, até se ouvia o zumbido de uma mosca, continuou o porco, com a boca cheia. - Quando subiu a escada ia a cantar.

- Hinos, ou quê?

- Não senhor, canções de botequim! E quando lá chegou acima, empurrou o homem vermelho, enfim, esse cujo nome dá azar. Mais um pouco, e ele estampava-se pelas escadas abaixo. E saltou de vez, sozinha. A corda fê-la valsar umas duas vezes, e toda a gente que estava na praça ficou a saber que ela tinha umas belas pernas.

- Só as pernas?

- Não vi mais. Foi pena. Por causa dos saiotos.
- Alguém sabe onde está a maquia de Dormund?
- Sabe a Loubah...

E inclinando-se para o compadre, sussurrou-lhe qualquer coisa.

- Dás demasiado à língua - disse a mais gorda das fêmeas, com ar de desprezo.

Natanael apoiara-se no cotovelo, para melhor ouvir.

Descansou a cabeça na sacola. Sarai morrera, afinal, do modo como ele sempre esperara. Quanto a ele, não passava de um palerma que tivera medo da forca.

Quando aquela gente desceu em Horn, foi à amurada e vomitou.

Uns marinheiros que o viram riram-se daquele passageiro que enjoava com um tempo tão calmo.

Na etapa seguinte, o camponês encarregado de o levar até à ilha veio de carroça buscá-lo. Era longo o caminho até ao lugarejo da costa onde o velho vivia. Vendo-o mergulhado num estupor cuja razão não entendia, o homem cuspiu de vez em quando e animava a égua, mas não dirigia a palavra ao viajante.

A choupana enfumarada só tinha uma cama. Natanael estendeu-se ao lado do velho; a velhota, que era magra e rabugenta, deitou-se do outro lado, junto à parede. Lá pela meia-noite, Natanael, que já não aguentava mais, foi arrumar-se ao pé da lareira apagada, que lhe lembrava o lume de turfa que havia lá na casinha da Alameda Verde. Esse lume tingira de rosa Sarai toda nua.

Mas ainda bem que ela tinha cantado ao subir a escada; ainda bem que saltara de um pulo, como numa dança. Ouvira dizer que o pescoço dos enforcados se alonga desmesuradamente, esticado pelo peso do corpo, e que o seu rosto congestionado mostra, pendente, uma língua preta. Mas esse rosto já estava debaixo da terra. Ele não a vira assim. Recordava-se de tudo: das mentiras, das manhas, das palavras grosseiras, dos silêncios insolentes, da dureza sob a capa da brandura: a memória, se não o coração, era impiedosa. Mas também havia aquela voz tão bela e grave que cantava como que para além de si, aqueles ardentes olhos escuros, aquela carne que ele conhecera nos seus mínimos pormenores. As pernas que baloiçavam sobre a cabeça dos transeuntes haviam outrora apertado os seus flancos e os seus joelhos; haviam descansado, trementes, em seus ombros. Tudo isso contava.

De madrugada, tomado de lancinante dor, perguntou de si para si se alguém mais sabedor em lidar com Sarai a não teria podido salvar. Pareceu-lhe que não. Salvá-la-ia, impedindo-a de ser ela própria. Fosse como fosse, não era ele esse homem.

Embarcaram muito cedo. Com vento de feição, a barca, de vela quadrada e dois pares de remos, levava uma meia hora de terra firme até à ilha. Como Natanael se cansasse a remar, pô-lo o velho ao leme. A ilha era tão plana, que só de muito perto a viam. Ao desembarcar, descobriu, contudo, Natanael que as dunas ao longo da costa formavam barreiras e fossos de areia.

Chegados a uma pequena enseada sossegada, o velho meteu-se na água até aos joelhos e prendeu o esquife ao poste de um pequeno pontão carcomido. Natanael penou para subir a duna com os embrulhos atrás, atados a uma longa corda. Descalçara os sapatos, que se enchiam de areia. A casita ficava a um nível inferior; o velho barqueiro abriu a porta com um pontapé e prendeu-a com um grande tarolo de madeira. Agachou-se para acender o lume, mas recomendou a Natanael que fosse poupado na lenha; não havia por assim dizer nenhuma na ilha, a não ser algumas tábuas trazidas pelo mar. As raras plantações de árvores, feitas aqui e acolá para ligar a areia, eram preciosas demais para que se pudesse tocar-lhes. Utilizavam a turfa, mas também ela vinha de terra firme.

Wilhelm mostrou-lhe os três compartimentos reservados aos amos, a cozinha, e um cubículo ao lado que serviria de quarto ao recém-chegado. Era pequeno, mas tanto mais quente por isso.

Quando se viu sozinho, Natanael pôs-se a arrumar meticulosamente as roupas, as provisões que o velho lhe entregara e as que as mulheres lhe haviam dado. Depois saiu, a dar uma olhadela. O esforço e as preocupações da chegada mal lhe tinham dado tempo a ver. Desta vez todo ele era olhos.

As dunas formavam, entre a casa e o mar, que só se via através de uma aberta, vagas monstruosas,

moldadas, dir-se-ia, pelas vagas verdadeiras que as haviam formado. Eram estáveis, se é que algo o pode ser; pressentia-se, no entanto, que se moviam invisivelmente, aqui diminuindo, além crescendo. Uma espécie de chuvisco de areia corria e zunia sobre elas, varrido pelo mesmo vento que dispersa a espuma das findas.

Tufos de erva isolados tremiam docemente sob a forte brisa.

Não: não era a Ilha Perdida, feita de rochedos, de calhaus, de charnecas e árvores agarradas à rocha pelas raízes, como se fossem enormes mãos crispadas, de veias salientes. Aqui, pelo contrário, tudo era sinuoso ou plano, móvel ou líquido, palidamente loiro ou palidamente verde. As próprias nuvens enfunavam como as velas das barcas. Nunca se sentira assim no âmago de tamanho frémito.

Ao cabo de algum tempo, as pernas vergaram-se-lhe como se fosse cair ou se preparasse para rezar, e dez, vinte vezes, gritou em voz alta o nome de Sarai. O enorme silêncio que o rodeava nem um eco sequer lhe devolveu: Então, só que em voz baixa, repetiu outro nome. Foi a mesma coisa.

Nesses primeiros dias que passou na ilha, oito, talvez, a menos que fossem sete ou nove (fazia as contas unicamente pelos quartos da Lua, que também mediam as visitas mais ou menos hebdomadárias de Wilhelm), cumpriu Natanael lealmente as suas horas de vela no velho quebra-mar; nos dias de ventania, depressa aprendeu a resguardar-se, com a ajuda de um lenço posto à laia de máscara, do perpétuo açoite da areia. Grandes e pequenas barcas baloiçavam ao longe, mas nenhuma dava jeitos de se aproximar da ilha. Deitado de barriga para baixo, com a cabeça entre as mãos como outrora, no mar, nos momentos de descanso concedidos à equipagem durante as longas calmarias, passava o tempo a observar ou a devanear. Recordando-se dos bibelots de tartaruga, marfim e coral que havia no gabinete do senhor Van Herzog, apreciava as incrustações do mexilhão e doutras conchas azuis, nacaradas ou róseas, que formavam estranhos desenhos nos espeques da velha base de madeira roída pelos bichos do mar. Aquelas bugigangas tão apreciadas na mansão pareciam-lhe então um pouco menos fúteis, pois que se aparentavam com as formas que o desgaste do tempo e a lenta acção dos elementos conferem às coisas. Apanhou, uma vez, uma espécie de bolo oblongo feito de areia dura e concreta, que um denteado semelhante à marca de um polegar tornava parecido com a paleta de um pintor.

A natureza, tal como o homem, fabricava belos objectos inúteis.

Nem uma só vez, durante essas fastidiosas rondas, detectou vestígios de passos humanos na praia, mas as aves deixavam as suas marcas semelhantes a estrelas, e os coelhos umas pegadas também elas a modos que saltitantes. Cascos de cavalo escavavam às vezes a areia; um quinteiro do senhor Van Herzog, que ao fim dalguns anos se desinteressara daquilo, deixara, no interior da ilha, uma manada à solta. Esses belos animais eram demasiado selvagens para aparecerem a descoberto em pleno dia, mas às vezes, pela alvorada, podia-se vê-los a lamberem o sal nas poças deixadas pelo mar.

Ao cabo de algum tempo, Natanael pendurou de vez num prego o seu inútil mosquete. Contentava-se em observar o mar do cimo das dunas.

Quando o vento soprava forte, procurava refúgio nos magros plantios de pinheiros que datavam também do tempo do quinteiro.

Nessas densas matas, em que as árvores apertadas umas contra as outras se resguardavam mutuamente do vento, não corria o risco de se perder como numa floresta: via-se o espaço vazio e nu, do lado de lá dos túneis de ramagem. Estava-se, ali, abrigado como se se estivesse numa igreja. À primeira vista, parecia reinar o silêncio, mas tal silêncio, se bem se escutasse, era tecido de graves e doces ruídos, tão fortes que lembravam o rumor das vagas, e tão profundos como o órgão das catedrais; recebiam-se como se fosse uma ampla bênção. Cada ramo, cada tronco se movia com um barulho diferente, que ia desde o estalido até ao sussurro e ao suspiro. Cá em baixo, o mundo dos fetos e dos musgos permanecia calmo.

Mas o mais bonito eram os milhentos pássaros que, no tempo do choco, faziam ninhos na ilha. Ao nascer do sol, as pernaltas pareciam como que geladas, à beira dos charcos raramente, com longos intervalos, as víamos avançar num passo cauteloso, decepcionadas pela presa fugidia. Natanael sentia-se

dividido entre a alegria do pássaro abicando, enfim, algo para a sua subsistência e o suplício do peixe tragado vivo. Os gansos selvagens formavam nuvens parecidas com bandeirolas, e desciam depois, a pascer, no meio de uma saraivada de gritos; os patos precediam-nos ou seguiam-nos; os cisnes desenhavam no céu o seu majestoso ângulo branco. Natanael sabia que nada havia nele que interessasse àquelas almas de uma outra espécie; que não lhe pagavam elas amor com amor; podia tê-las morto, se sentisse no íntimo o mínimo instinto de caçador, mas nunca ajudá-las, na sua existência exposta ao homem e aos elementos.

Os coelhos que viviam por entre a erva rasteira das dunas também não eram seus amigos, mas visitantes sempre em guarda, saídos das luras como de um outro mundo. Escondido por um arbusto, viu-os, uma vez, fazerem uma dança ao luar. De manhã, as abecoinhas executavam no ar o seu voo nupcial, mais belo do que qualquer figura dos bailes do rei de França. À noite, a penalta ainda lá estava. Num dia em que veio trazer os víveres, o velho Wilhelm desapareceu de repente atrás de uma duna, com um cesto vazio a baloiçar na mão. Tinha ido desencantar uns ovos de abecoinha para a mesa do senhor Van Herzog, a quem iriam ser enviados no próximo coche de água".

Ofereceu-os também a Natanael, que não aceitou.

Ao instalar-se na ilha, imaginara ele ficar apartado do mundo. Ficara, sim, mas as coisas nunca são tão perfeitas como a gente julga. A vinda hebdomadária de Wilhelm fazia-o reatar com o que pensara abandonar. Com os víveres, trazia também o velho as histórias da aldeia: uma vaca ou uma égua que dera à luz, o incêndio de uma meda de trigo, uma mulher espancada ou um marido cornudo, uma criança que nasce ou que morre, ou a inexorável visita do cobrador de impostos. Até se ouvia falar, às vezes, de uma cidade cercada ou pilhada na Alemanha.

Mas sobretudo, e ao contrário do que Natanael julgara, o velho não ia ali por via dele. Uma vez depostas as rações à soleira da porta, Wilhelm, de saco às costas, punha-se a andar para a antiga quinta, a uma légua dali, onde já só morava a viúva do quinteiro, meio entrevada, e a sua filha valetudinária, sujeita a crises que a deixavam dias inteiros prostrada na enxerga, sem falar nem comer. As mulheres ainda eram donas de uma vaca, de umas quantas galinhas e de uma pequena leira de legumes. Porém já era tempo de alguém se ocupar delas. Um agente do senhor Van Herzog arranajara-lhes um lugar no asilo de Horn, a partir de meados do Verão.

Levá-las-iam dali, se preciso fosse à má cara.

Enquanto isso, propôs o velho a Natanael que este o acompanhasse até casa das doidas, como lhes chamava. Aquela légua pareceu muito comprida ao rapaz, que se esforçava por disfarçar o cansaço e a falta de fôlego: não parecia bem passar por doente aos olhos de Wilhelm. Ofereceu-se até para fazer alguns pequenos trabalhos demasiado pesados para as mulheres, como o arranjo do telhado baixo do estábulo.

Comprava-lhes por uns soldos uma medida de leite, ou dois ou três ovos; assim iam juntando uns dinheirinhos para levar para o asilo. Quando a filha quinquagenária estava nos seus maus dias, era ele quem ordenhava a vaca. Gostava desse trabalho, que nunca mais calhara fazer desde os tempos da Ilha Perdida.

O flanco do animal era quente e rugoso, e ruivo como ao sol a encosta da serra. Por mais presas que estivessem à sua velha quinta, quase a desabar sobre elas, para aquelas mulheres o asilo significava comida a horas, um fogão que tirava bem no Inverno, tagarelices de comadres, por vezes a igreja, aos domingos, e ao sábado um banho de estufa. Para a vaca, que já não abundava em leite, a mudança só podia significar, pelo contrário, a mesa do açougue.

O dia da partida foi por assim dizer uma festa. Tinham vindo, com Wilhelm, vários rapazes da aldeia. A velha gemebunda foi levada numa cadeira improvisada com a ajuda de um lençol que dois dos moços puseram a tiracolo. A doida ia atrás, sem perceber lá muito bem. A vaca fechava o cortejo.

Para apaparicar as mulheres e decidi-las a partir, levaram também uma porção de utensílios

domésticos inúteis. Natanael convenceu o velho a ficar com a vaca até ao Outono.

A partida das suas quase vizinhas privou-o de leite, já que o do velho depressa se gastava ou azedava, e de ovos, quando a capoeira de Wilhelm lhos não fornecia. Mas não era isso o que mais importava.

Havia naquela ilha duas presenças humanas a menos e também a de um animal doméstico. A solidão aumentara.

Mas nem toda a ilha estava vazia de seres humanos. Wilhelm deteve-se um dia a falar de uma aldeia dos seus vinte fogos, a umas nove léguas para norte, na parte que não pertencia ao senhor Van Herzog. As cabanas baixas amontoavam-se, viradas contra o vento, à roda de um pequeno porto redondo como um escudo. As gentes de Oudeschild, meio pescadores, meio fazendeiros, possuíam um pouco de cevada e algum gado. Wilhelm fez um gesto para indicar que eles também tinham bebida; em certos dias, a cerveja e a genebra corriam à larga. A comunidade lá se desenvencilhava sem pastor, e as moças da terra passavam por não se fazerem rogadas. Wilhelm, propriamente, nunca fora até lá; o tráfego daquela gente com a terra firme fazia-se mais adiante, a nordeste do Zuiderzee.

Num dia de Agosto, viu Natanael virem do interior das terras dois robustos e joviais mocetões montando em pêlo. Os cavalos provinham da manada abandonada; tinham-nos domesticado o melhor possível; cabelos e crinas flutuavam ao vento. Seminus, brancos e loiros, mais vermelhos ou mais escuros nos sítios do corpo que o seu habitual fato de trabalho não cobria, tiveram para Natanael o efeito de uma aparição: dir-se-ia que a vida tomara, para o vir visitar, a forma deles e das suas montadas.

Confraternizaram. Apearam-se para beber directamente do barril a água da fonte que Wilhelm todas as semanas trazia, e onde não se havia infiltrado nenhum sabor a mar. Propuseram a Natanael que fosse com eles até à aldeia que ficava no outro extremo da ilha: trá-lo-iam de volta amanhã ou depois.

Natanael já de longa data se furtava a quaisquer folguedos, com medo de que um ataque de tosse ou uma golfada de sangue viessem estragar a festa; nunca acompanhava às feiras o pessoal do senhor Van Herzog. Mas a alegria dos dois moços acabou por tentá-lo.

Trepou para a garupa do cavalo de Markus. Lukas batia com os calcanhares nos flancos do seu para o fazer galopar. Os cavalos caminhavam sem fazer barulho pela areia ou a erva baixa. Sabia-lhe bem estreitar o torso sólido do cavaleiro que segurava as rédeas e sentir contra si esse calor e essa força.

Até o cheiro a suor que um corpo são exala, até isso era bom.

A chegada de Natanael transformou aquela noite numa quermesse: houve palmadas, abraços e bebedorias; fizeram-se saúdes e comeram-se crêpes; as mocetonas que não diziam que não, mas a quem Natanael não deu azo a dizerem que sim, bailaram ao som da sanfona, levadas nos braços dos rapazes; uns velhos, sentados num banco, batiam com o calcanhar no chão de terra batida para melhor marcarem a contradança. Natanael entrou na festa como se a fraqueza, a febre e a tosse o tivessem miraculosamente abandonado; despreocupado com o futuro, tendo, por assim dizer, deitado para trás das costas dez anos de passado, era novamente, por algumas horas, um marinheiro de dezoito anos. Mas no dia seguinte, no sótão onde dormia com Markus, veio-lhe um ataque de tosse; escondeu o lenço manchado de sangue. Pouco habituados a doenças, julgaram os moços que aquilo fosse efeito da bebida da véspera. Seis léguas a cavalo, estava fora de questão; para eles foi um divertimento levá-lo de barco. Contornaram longamente a costa mais abrigada da ilha, evitando os bancos de areia; os compinchas traziam a reboque um pequeno barril de cerveja; Natanael recusava, mas continuava embriagado pela alegria dos companheiros. Os moços ampararam-no e ajudaram-no a subir a duna que protegia a casa, do mar. Separaram-se com grandes promessas de voltarem a ver-se. Natanael sabia que não mais se veriam.

Daí a dias, teve conhecimento de que o senhor Hendrick Van Herzog, chamado pelos seus afazeres a Brême, não viria nesse Outono.

Chegara a recear certos aspectos dessa visita. A ideia das bolsas de caça a abarrotar horrorizava-o. Mas foi como se uma pesada cortina caísse isolando-o na solidão. Ainda se vira, como criado do jovem

senhor Hendrick, a subir atrás dele para o coche de água,; não se via a subir sozinho. O antigo burgomestre tivera contudo o cuidado de acrescentar, no seu lacónico bilhete, que supunha Natanael já curado e pronto a retomar o serviço na cidade, no princípio de Novembro. Mas Natanael sabia que não voltaria em Novembro.

O tempo, então, deixou de existir. Era como se tivessem apagado os números do mostrador de um relógio, e o próprio mostrador esmaecesse como a Lua no céu, em pleno dia. Sem relógio (o que havia na casita já não trabalhava e de algibeira nunca tivera nenhum), sem calendário dos pastores pendurado na parede, o tempo passava como um relâmpago ou então durava eternidades. Nascia o Sol, e desaparecia, num sítio um pouquinho diferente do da véspera, um pouco mais cedo todas as noites, um pouco mais tarde todas as manhãs. A madrugada e o crepúsculo eram os únicos acontecimentos de monta. Entre eles algo corria que não era o tempo, mas a vida.

As fases da Lua já não interessavam, salvo quando era Lua Cheia, e a areia à noite brilhava de branca. Já não se lembrava muito bem dos nomes e dos desenhos das constelações, que soubera de cor no tempo em que o piloto da Tétis se punha à capa guiado pela Aldebarã ou pelas Plêiades, mas isso pouco importava: de qualquer modo, eram fogos incompreensíveis ateados no céu. As nuvens ou os bancos de nevoeiro escondiam quase sempre parte delas; ou ei-las que reapareciam, quais perdidas amigas. Antes que o agravamento da doença lhe roubasse aos poucos o ânimo para gostar apaixonadamente de qualquer coisa, continuava a gostar apaixonadamente do mar. O mar, aqui, parecia ilimitado, todo-poderoso: o escuro da noite no mar prolongava em todos os sentidos o escuro da noite na ilha. Saindo às vezes de casa em plena escuridão, em que apenas se divisava confusamente a massa mole das dunas e, pela aberta, o branco encrespado do mar, despia a roupa e deixava-se penetrar por aquele negrume e aquela brisa quase morna. Mais não era, então, do que uma coisa entre as demais.

Não saberia dizer porque é que esse contacto da sua pele com a escuridão o perturbava tanto como outrora o amor. Mas havia ocasiões em que esse vazio nocturno era terrível.

O dia subdividia-se mais. A sombra dos tufo de erva sobre a areia era um quadrante solar. Via-o dar a volta. Ou então, deixando escapar-se-lhe por entre os dedos o solo friável, fazia da mão uma ampulheta que não marcava segundos, nem minutos, nem horas: bastava-lhe aplanar com a palma da mão o ínfimo montículo, para que essa prova de que se passara um certo tempo desaparecesse. A fim de não perder por completo o contacto com o almanaque dos homens, marcava numa trave, com uma faca, os dias que o separavam da vinda de Wilhelm.

Bastava esquecer-se uma noite, para tudo se baralhar. Mas Wilhelm era cada vez menos pontual, agora que na ilha só o tinha a ele para abastecer. Quando a esperada barca tardava, apoderava-se dele uma angústia que nada tinha a ver com o quarto de queijo, o pão grande, os legumes já murchos pelo ar do mar, nem sequer com a água pura, tão preciosa, contudo, que ela lhe trazia. Parecia que tinha necessidade de ver o rosto do velho Wilhelm para ficar seguro de que também ele próprio tinha um.

Uma vez, para comprovar que ainda possuía voz e fala, pronunciou alto, não já um nome de mulher, mas o seu próprio nome. O som meteu-lhe medo. O grito rouco da gaivota, o queixume do maçarico-real continham um apelo ou um aviso, compreendido pelos demais indivíduos da raça alada ou emplumada; ou pelo menos uma certeza de existir. Mas esse nome inútil parecia tão morto como o estariam todas as palavras da língua quando já ninguém mais a falasse. Talvez que, para se afirmar no seio de tão vasto mundo, devesse cantar, como as aves. Mas ele sabia que, para além de a sua voz rouca já não aguentar, perdera para sempre a vontade de cantar.

A pouco e pouco o medo, primeiro insidioso, depois fustigado às vezes até ao frenesim, assentou nele arraiais. Mas esse medo não era, como julgara, medo da solidão, mas medo de morrer, como se a morte se tivesse tornado mais inelutável desde que estava só. Tinha que deixar a ilha o mais depressa possível. Mas voltar para onde? A tão esperada visita de Wilhelm tornava-se um perigo; aquela tosse quase contínua, a febre que se sentia mal se lhe aflorava a mão, não escapariam ao velhote; arranjariam

qualquer manigância, como tinham feito com as duas mulheres; como era pouco provável que o levassem para a mansão, arranjar-lhe-iam um derradeiro poiso na granja enfumada de Wilhelm ou no hospício de Horn. Por outro lado, Wilhelm certamente que tinha pressa de acabar com aquelas travessias antes de vir o mau tempo.

O seu bom senso dizia-lhe que sempre se morre sozinho. E não ignorava que os animais se refugiam na solidão para morrer.

Parecia-lhe, não obstante, nas suas crises de asfixia nocturnas, que uma presença humana o teria amparado, ainda mesmo que fosse a de Tim ou de Minne, que só ficariam ao pé dele para o despojarem, ainda quente, dos seus andrajos.

Pensou naquele médico do hospital de Amesterdão, a declamar o seu latim à cabeceira dos moribundos; não era isso que ele queria. Recordou-se das vigílias que fizera junto do mestiço deitado na ponte, à sombra de um fardo de panos; amparara e tratara esse homem o melhor que pudera; e, no entanto, o cheiro infecto e a vista do olho meio saído da órbita haviam-lhe causado náuseas; desejara-lhe a morte, ao mesmo tempo que lhe enxotava, até ao fim, as moscas que poisavam na chaga. Não pudera oferecer ao jovem jesuíta mais do que um golo de água; não pudera aliviar nem sossegar Foy.

Quanto a Sarai, essa, expirara sem que ele nada sentisse, nem sequer um sobressalto, nesses últimos dias que passara na mansão de Amesterdão, talvez precisamente no momento em que a senhora dAilly o beijava. Morrera sozinha, por sobre aquela praça apinhada de gente.

Subsistia sem livros, pois no casinhotto encontrara apenas uma Bíblia que queimou aos punhados, num dia em que o lume custava a pegar. Afigurava-se-lhe, porém, agora, que os livros que havia calhado ler (deveria ajuizar por eles os demais livros?) pouca coisa lhe haviam ensinado, talvez menos do que o entusiasmo e a reflexão que pusera na sua leitura; achava, em todo o caso, que mal andaria em se não deixar absorver por completo na leitura do mundo que naquele momento, e por pouco tempo mais, tinha debaixo dos olhos, desse mundo que, por assim dizer, lhe coubera em sorte. Ler livros, como bebericar aguardente, seria uma maneira de se atordoar, para não estar ali. O que eram, aliás, os livros? Demais trabalhara ele, na loja de Elias, debruçado sobre aquelas filas de chumbos molhados em tinta. Quanto mais penosas se tornavam as suas sensações corporais, mais urgente se lhe afigurava tentar, à força de atenção, seguir, quando não compreender, o que em si se fazia ou desfazia.

Uma ou duas vezes ainda tentou, como ouvira aconselhar de cátedra a gente de cabeção e longas mangas pretas, avaliar, tanto quanto possível, do seu próprio passado. Não conseguiu.

Antes de mais, não era especialmente do seu passado que se tratava, mas tão-só de pessoas e coisas encontradas pelo caminho; revia-os a todos, ou pelo menos a alguns deles; a si mesmo, não se via. Parecia-lhe, bem vistas as coisas, que os homens e as circunstâncias lhe haviam causado mais bem do que mal, que gozara mais, no dia-a-dia, do que sofrera, mas decerto que muita dessa felicidade a maior parte da gente não a queria. Tivera alegrias que pelos vistos ninguém levava em conta, como por exemplo a de trincar uma ervinha. Nunca fora rico nem afamado; nunca desejara ser nem uma coisa nem outra.

Achava também que nunca fizera mal, tão-só que fosse uma pedra atirada a um pássaro, ou uma palavra cruel a supurar na memória de alguém. E se assim era, é porque tivera uma certa sorte. Podia ter morto aquele homem gordo de Greenwich; por puro acaso o não fizera. Se Sarai lhe tivesse proposto claramente que ele lhe vendesse o produto de um roubo, talvez tivesse assentido, cobarde e apaixonadamente.

Mas quem era, antes de mais, essa pessoa que designava como sendo ele próprio? De onde provinha ela? Do carpinteiro gordo dos estaleiros do Almirantado, que gostava de mascar tabaco e de distribuir sopapos, e da sua puritana esposa?

Não senhor: apenas passara através deles. Não se sentia, como tanta gente, homem somente por oposição às árvores e aos animais; mas antes, irmão de umas e primo afastado dos outros.

Como também se não sentia particularmente macho em presença do doce povo das fêmeas; possuía ardentemente algumas mulheres, mas, fora da cama, as suas carências, a sua servidão em relação ao salário, à doença, às tarefas quotidianas que uma pessoa faz para viver, não lhe pareciam assim tão diferentes das delas. Raramente saboreara, é facto, a fraternidade carnal que outros homens lhe testemunhavam; mas nem por isso se sentira menos homem. Falseavam tudo, dizia ele para consigo, ao darem tão pouca importância à maleabilidade e à inventiva do ser humano, tão semelhante à planta que procura o sol ou a água e se alimenta como pode dos solos onde o vento a semeou.

O hábito, mais do que a natureza, é que marcava, a seu ver, as diferenças que estabelecemos entre categorias, costumes e saberes adquiridos desde a infância, ou as diferentes maneiras de invocar isso a que se chama Deus. Mesmo as idades, os sexos e até as espécies lhe pareciam mais próximas umas das outras do que se julga: criança ou ancião, homem ou mulher, animal ou bípede que fala e trabalha com as suas mãos, todos comungavam da desgraça e da doçura de existir. Apesar da diferença de cor, entendera-se bem com o mestiço; apesar da religião, que ela aliás não praticava, fora Sarai uma mulher como outra qualquer; também havia ladras baptizadas. Mau grado o fosso que separa um criado de um burgomestre, sentira afeição pelo senhor Van Herzog, que sem dúvida reservava para o seu laçao apenas um recanto de benevolência; mau grado os poucos conhecimentos adquiridos através do mestre-escola e, mais tarde, nos livros folheados em casa de Elias, tinha a impressão de que não sabia muito mais do que Markus ou do que outrora o mestiço, que era cozinheiro. A despeito da sotaina e da França de onde saíra, o jovem jesuíta afigurava-se-lhe um irmão.

Mas não lhe cabia a ele emitir opiniões; só podia, ou nem isso, falar consigo mesmo. À medida que a ruína da sua carne aumentava, como a de uma casa de terra batida ou de barro delido pela água, parecia-lhe que no cimo de si mesmo, algo de forte e límpido brilhava agora, como uma vela no quarto mais alto da casa ameaçada. Supunha ele que a chama se apagava, uma vez desabada a casa; mas não tinha a certeza. Logo se veria ou, pelo contrário, não se veria. Optava, contudo, de preferência, pela escuridão total, que lhe parecia a solução mais desejável: ninguém necessitava de um Natanael imortal. Ou talvez que essa tal flâmula clara continuasse a arder, ou a atear-se, sem o saber, noutros corpos de cera, sem se preocupar também de já ter tido um nome.

Duvidava, na verdade, de que o seu espírito, ou aquilo a que o jovem jesuíta chamaria alma, pudesse ser mais que o poisado em si. Mas não ia, como Léo Belmonte, ao ponto de se preocupar até ao fim com não sei que eixo ou que buraco que era Deus ou então ele próprio. À sua volta havia o mar, a bruma, o sol e a chuva, os bichos do ar, da água e da gândara; ele vivia e morria tal qual esses bichos. Isso bastava. Ninguém se lembraria dele, como já ninguém se lembrava dos bichinhos do Verão passado.

Continuava maniacamente a ter em ordem as três divisões destinadas aos amos, como se não estivesse assente que o senhor Hendrick não viria. Apoderara-se dele a obsessão da limpeza: ir buscar a água salobra para lavar a sua pouca loiça e os seus pobres trapos dava-lhe logo cabo das forças. O lume era um animal ávido que era necessário estar sempre a alimentar com cavacas ou torrões de turfa. Acabava por se alimentar de caldo de cevada já frio, de queijo branco e de pão. As tripas já não lhe retinham os alimentos; várias vezes teve que se levantar à pressa e correr para a porta; o rasto de excrementos líquidos que ficou no patamar horrorizou-o; de manhã, contudo, não passava de umas manchas escuras sobre as quais lançou, com o pé, um pouco de areia.

O pior era aquela tosse marulhante, como se tivesse dentro de si uma espécie de pântano onde se ia afundando. Enrolado numa daquelas belas cobertas do senhor Van Herzog, que, melhor do que um lençol, secava os suores da febre, todas as noites julgava que já não veria a manhã. Era simplicíssimo: quantos bichos do mato não veriam, nessa noite, chegar a alvorada?

Sentia-se tomado de uma enorme piedade pelas criaturas, cada qual separada das demais, para quem viver e morrer é igualmente difícil. Ao nascer do dia, a brisa fresca, mas suave, que soprava do oceano, dava-lhe umas certas tréguas. O seu corpo bem lavado parecia-lhe, por momentos, intacto, e até belo,

participando, com todas as fibras, na alegria do amanhecer.

Coisa estranha, a sua ruína, mais presente que nunca nas horas nocturnas, não matara os desejos do amor. Pois era de amor que se tratava, já que o objecto possuído como que em sonhos apresentava, de todas as vezes, a mesma cara. Bebera com gratidão, quase com respeito, as tisanas feitas com a borragem e a alteia que lhe mandara, numa saca de pano, a senhora dAilly. Nela, só com reverência pensava. Mas à noite, deitado, nu, na sua mortalha de lã parda, realizava avidamente com ela os gestos que outrora fizera com Foy, com Sarai, com algumas outras; imaginava aquele corpo nas poses que as suas outras amantes tinham, mas mais doce ainda, no seu total abandono. Estas lembranças assim transformadas inebriavam-no.

Não era uma violação, pois o imaginava feito com meiguice e recebido com doçura. Era, no entanto, um abuso de que se envergonhava... Madalena dAilly... Dantes, gostava de murmurar esse nome, mas já não necessitava de nomes, desde que ela, para ele, representava todas as mulheres. Nunca, realmente, a senhora dAilly fizera, ou dissera, ou subentendera, algo que lhe permitisse usar assim dela. Pensava, depois, que cada criatura humana entra, sem o saber, nos sonhos amorosos dos que com ela se cruzam ou a rodeiam, e que mau grado, por um lado, a obscuridade ou a penúria, a idade ou a fealdade daquele que deseja e, por outro, a timidez ou o pudor do objecto cobiçado, ou o facto dos seus próprios desejos se endereçarem talvez a outrem, cada um de nós se encontra, deste modo, aberto e entregue a todos. Mesmo morta, poderia ainda fruir dela em sonho. Mas ela estava viva, e essa ideia levava-o a desejar preservar ainda na vida.

Aquilo passou, para depois tornar a vir às revoadas. Os temporais do equinócio chegaram mais ou menos na altura prevista; foi um sopro que varreu tudo. Wilhelm já tinha prevenido Natanael de que não se arriscaria a ir à ilha antes daquilo acabar; era uma privação ou um descanso de uma semana, ou talvez duas. Nem pensar em acender o lume; o fumo empurrado pela chaminé baixa teria invadido o quarto. Mas não havia frio. Reinava um ar de festa selvagem. Cavavam-se vagalhões, de crista cheia de espuma, onde outras ondas se vinham engalfinhar, mas essa água inerte era, na realidade, somente lavrada pelo vento. Só ela, e as raras e trémulas ervas deitadas ao rés das dunas, assinalavam a passagem do invisível senhor que torna marcante a sua presença pela violência que usa para com as coisas. Era, não só invisível, mas também silencioso: de novo as ondas lhe serviam de intermediário; aquele ribombar de trovão ao caírem em peso na terra mole, aquele barulho de cavalos à solta era dele que provinham. Nada mais ali tinha voz; as plantações de árvores ficavam demasiado longe para que se ouvissem troncos e ramaria a estalar e a ranger.

Natanael não saiu durante alguns dias; lá deitava, uma vez por outra, a cabeça fora da porta, logo flagelada pelas chapadas de areia. Pensava para consigo que bastaria uma onda a mais, uma rajada de vento mais forte, e não só a trémula choupana desabaria sobre ele, mas a ilha inteira desapareceria, ficaria reduzida, uma vez fechado o mar, a um desses bancos de areia ou desses escolhos tão perigosos para a vida dos navios. Mas, desde que há memória, sempre, em todos os equinócios de Outono, as marés subiram e depois desceram; acalmava-se aquela imensa fúria, e aos temporais do Inverno sucediam-se períodos de acalmia, a que por sua vez se seguiam as marés da Primavera. Aquela massa de areia saída das águas ainda um dia aí se afundaria, só que em hora, dia e ano tão incertos como os da morte de um homem.

De momento, a ilha inspirava suficiente confiança às aves para que elas ali se albergassem. Através da vidraça constantemente embaciada pela areia, via-as Natanael juntarem-se aos milhares num recôncavo das dunas, todas elas cientes de que tinham que arrostar com o temporal e, ao mesmo tempo, enfrentá-lo; tinham que poupar forças e virar a cabeça para o lado do vento, para que a aragem forte lhes não levantasse as penas, assim, mudas e em boa ordem como um exército cercado. Quando a borrasca acalmou o suficiente para ele se atrever a sair, arrastou-se Natanael pelo chão, mais do que andou, até ao poiso das aves. A maior parte já andava pelos céus, a planar lá muito em cima, agradadas, ao que

parecia, desse volteio que consiste em se deixar arrastar pelo vento ou ser impelido por ele. As roucas gaivotas já andavam à pesca, mergulhando o bico naquele caldo pesado e lamacento, carregado de detritos nos sítios onde a vaga raspava o fundo.

Cercetas calmas e miudinhas vogavam sem custo no dorso dos vagalhões, para logo descerem, no quebrar da onda. Alguns grupos mais tímidos haviam-se deixado ficar, em silêncio.

Natanael a rastejar pela areia não as incomodava. No outro extremo do porto que lhes servira de abrigo, viu ele uma gaivota cinzenta de asas a bater. Não perfeitamente adulta, a atentar na plumagem, porém morta. As asas inertes não obedeciam já a uma volição vinda da cabeça ou do peito emplumado, antes cediam passivamente à vontade ingente do vento. Virou-a Natanael com o cajado. Mais não era, aquela coisa, do que a forma de um pássaro: a vida que ali estivera, já não estava. À noite, no seu abrigo, onde alumiera uma candeia para se sentir menos só, apoiado num cotovelo durante um daqueles seus ataques de tosse, quedou-se a olhar vagamente para uma mosca moribunda que, na vidraça que já não tremelicava no caixilho, zumbia, enganada por aquela réstia de luz e de calor, de encontro ao vidro intransponível.

No dia seguinte amainou o vento, tudo parecia maravilhosamente calmo. Muito antes de nascer o dia, vestiu a camisa, enfiou as calças e o casaco, pôs os sapatos, num arfar que o acto de se baixar sempre lhe provocava. Fechou com todo o cuidado a porta atrás de si, para que não batesse.

O negro do céu tornava-se cinzento, a anunciar que estava perto a madrugada.

Encaminhou-se para o interior da ilha. Conhecia bastante bem as leves pistas que ele próprio traçara para conseguir ir dar, naquela meia claridade, ao seu recanto favorito; no estado de fraqueza em que estava, teria que contar com uma meia hora de caminho. De vez em quando parava, para olhar à sua volta. O temporal que revolucionara a costa mal aflorara as terras do interior, salvo talvez lá para as bandas dos pinhais, onde devia haver algumas árvores arrancadas. Natanael esperava que aqueles jovens e vigorosos irmãos apertados uns contra os outros se tivessem mutuamente protegido. Deste lado, porém, só o que se via era erva rasteira e plantas muito baixas de rojo pelo chão, onde ainda aparecia areia. Para ir aonde queria, teve que atravessar um pequeno regueiro natural aberto pelas chuvas, o qual, mais adiante, iria por certo dar ao mar. Mas era um riacho pouco fundo. Natanael sabia, sem contudo se sentir obrigado a dizê-lo, que estava a fazer, naquele momento, o que fazem os animais feridos ou doentes: procurava um refúgio onde acabar sozinho, como se a casita do senhor Van Herzog não fosse a verdadeira solidão. Pensava, a cada passo que dava, que ainda estava a tempo de retroceder e de ir comer, ao seu abrigo, o caldo da noite. Mas, a cada passo, também, o cansaço e a falta de fôlego lhe tornavam o regresso mais difícil. Teria caído e ter-lhe-ia sido custoso levantar-se; isso já lhe costumava acontecer.

Até que chegou à cova que procurava; havia uns medronheiros, aqui e acolá, refúgio dos pássaros e, na Primavera, dos ninhos. À sua aproximação levantaram voo dois faisões, num enorme e súbito bater de asas. Havia também, à entrada desse imperceptível vale, dois ou três abetos enfezados, mais ou menos do tamanho de um homem, onde umas pegas tinham feito ninho. Natanael enfiou os dedos naquela espécie de sacos vazios que ainda há pouco continham vida.

O céu, entretanto, ficara todo cor-de-rosa, não só a oriente, como ele esperava, mas por toda a parte, as nuvens baixas reflectindo a aurora. Não lhe era possível orientar-se bem: tudo parecia oriente. De pé, no fundo daquela cova de rebordos em suave declive, enxergava por todos os lados dunas que se encrespavam até ao mar. Estava-se bem ali. Deitou-se com toda a cautela na erva baixa, ao pé de uma moita de medronheiros que o protegia de um resto de vento. Poderia dormir um pouco antes de voltar para casa se o coração lho pedisse. Lembrou-se, no entanto, que se por acaso calhasse morrer assim, ficaria livre de todas as formalidades humanas: ninguém o iria procurar ali àquele sítio.

O velho Wilhelm certamente não pensaria que ele fosse aventurar-se até tão longe. O que se encontrasse depois, na Primavera, quando os caçadores furtivos viessem aos ovos, não mereceria a pena

ser enterrado.

Nisto, ouviu um balido: não era para admirar; carneiros que se haviam tornado selvagens viviam no centro da ilha; também eles haviam ali encontrado um abrigo seguro.

A hora do céu róseo já passara; deitado de costas, via as grandes nuvens, lá no alto, fazerem-se e desfazerem-se. E, de repente, a tosse voltou-lhe. Procurou não tossir, pois achava que já de nada servia tentar desoprimir o peito apanhado.

Doía-lhe por baixo das costelas. Soergueu-se um pouco, para ficar mais aliviado; um líquido quente bem seu conhecido encheu-lhe a boca; cuspiu levemente e viu o delgado fio de espuma sumir-se entre as ervas que cobriam a areia. Atabafava um pouco, não muito mais do que o costume. Descansou a cabeça num tufo de erva e acomodou-se como se fosse dormir.

Uma Bela Manhã

Para Joahn Polak

- Então, viste-os?
- Fiz mais do que ver. Falei com eles. És capaz de guardar um segredo? Vou-me embora.
- Embora para onde?
- Para a Dinamarca. Parece que fica no Norte e que os actores, lá, são bem tratados.
- Contrataram-te?
- Sabes bem que tinham falta de uma pessoa, desde que partiram a cabeça àquela moça, à primeira actriz, lá no Urro Pardo.
- A Loubah já sabe?
- Não, é melhor assim. Logo encontra outro que lhe leve as canecas de cerveja e os cafés lá acima aos clientes.
- É já amanhã que eles se vão embora?
- É. Amanhã muito cedo. Não te amofines, Klem. Logo passamos por aqui, quando viermos da Dinamarca. A propósito, estou a dever-te três soldos, da última aposta que fizemos.
- Deixa lá isso!...

Abraçaram-se.

Há já doze anos que ele cá andava, em cima desta grande bola que gira, e também ele girara muito, o miúdo, mas só pelas ruas e vielas de Amesterdão. À noite, muito bem posto, um pequeno lacaio, abria a porta aos clientes da Loubah, fazendo uma vénia até ao chão; uma vez por outra, quando a campainha repenicava num toque furioso, lá o mandavam levar de beber ou algum tabaco de que os visitantes dignos de tais cuidados careciam. Aliás, era só desses que Mevrouw Loubah recebia.

Reclinados sobre o travesseiro, na companhia de uma das duas sobrinhas, ou de uma terceira, que era negra, os senhores não prestavam atenção ao pequeno esguedelhado; mandavam-no, com ar distraído, esquadrinhar na algibeira de um casaco dependurado numa cadeira, à procura de alguma moeda. Uma ou duas vezes, porém, ganhou Lázaro, assim, uma moeda de oiro, o que o deixou embaraçado, pois não sabia onde trocá-la sem que o acusassem de a ter roubado. Foi a Negra que, no meio de grandes gargalhadas, acabou por lha trocar. As sobrinhas eram simpáticas, mas levantavam-se muito tarde.

Não se parava de lhes fazer a cama, de lhes lavar e passar a ferro os punhos e as coifas ou de lhes puxar o lustro aos sapatos. A cabeleireira, que todos os dias as vinha frisar, deixava o miúdo aquecer-lhe os ferros e arrefecê-los, soprando, quando era preciso, mas o cheiro a cabelo chamuscado enjoava-o.

O mais bonito, de longe, era quando o chamavam para ir dar uma ajuda lá na estalagem. A Loubah, que não era má pessoa, e gostava de estar bem com os vizinhos, nunca o impedia de ir e nem sequer cobrava uma percentagem sobre as gorjetas. Quanto à escola, lá se amanhava. Aliás, já estava a ficar um tanto velho demais para ir à escola.

A estalagem era todo um mundo. Havia ali de tudo. Gordos fazendeiros que vinham a uma feira importante, marinheiros de toda a parte, franceses que se mostravam sempre inquietos, sem um centavo e se diziam homens de letras, mas Lázaro não sabia o que essa palavra estrangeira queria dizer e o patrão, baixinho, tratava-os de espiões; criados das embaixadas que Suas Excelências não sabiam de momento onde alojar; damas na companhia de oficiais (sua mãe devia ter sido parecida com uma dessas senhoras). O pacote de Inglaterra trazia quase sempre novos clientes. E era nessa altura que o apreciavam, a ele, o pequeno Lázaro da casa da Loubah, não só para levar as travessas ou prender os cavalos no pátio, mas para se explicar com aquela gente em inglês. Falava-se muito em inglês em casa da Loubah; aprendera-o muito novo. Até a negra que viera da Jamaica algaraviava nessa língua. Também Lázaro vivera um grande momento, quando fora a Londres com Loubah, por algumas semanas, com o seu mais belo cabeção

arrendado e, nos bolsos, berlindes a brilharem. Mas lembrava-se, sobretudo, do enjoo da viagem.

Nos últimos dias, fora um bando de ingleses. À primeira vista ninguém percebeu se seriam ricos, se pobres; traziam consigo uma série de embrulhos mal amanhados. Os baús eram velhos e, amarrados com cordas, fechavam mal. Havia-os bem trajados, com uma roupa um tanto rota, ou remendada, e outros, todos mal postos, com fatos coçados ou sujados, mas trazendo às vezes, por cima do casaco, uma bela écharpe enfeitada com cequins, que era coisa de mulher, ou, no dedo, um grande diamante que Mevrouw Loubah logo afirmaria ser falso.

Lázaro reconhecera imediatamente que eles eram actores.

Conhecia-os bem. Vira uma ou duas peças em Londres, e aqui mesmo, em Amesterdão, havia de vez em quando representações em cima de uns estrados erguidos nas encruzilhadas ou nas cocheiras de alguma estalagem.

Tais actores, porém, que só sabiam fazer acrobacias ou palhaçadas, não valiam por aí além. Estes, pelo contrário, tinham, na sua maioria (eram bem uns dezoito ou vinte), quase tão boas maneiras como Mevrouw Loubah, ou Herbert Mortimer que Lázaro, seduzido pela sua grande gentileza, considerava um bom amigo.

Herbert Mortimer regressara a Londres por alturas do Natal, mas Lázaro ainda o não esquecera. Tinha uma bela aparência, muito embora não passasse de um velho senhor alquebrado, cheio de cãs e de brandura. Tinha umas mãos compridas e tratadas que pareciam acariciar constantemente o castão da bengala. Mas também se aprazia em afagar a cabeça da criança e abrir o belo pomo cinzelado do castão, para lhe oferecer drageias, de que ambos muito gostavam. Mevrouw Loubah e ele eram, como quem diz, velhos amigos. Quando, dois ou três anos antes, chegara a casa dela, trazia consigo vestimentas de boa qualidade e um grande caixote cheio de brochuras e de livros. Tinha também um macaquinho do tamanho de um punho fechado, mas o macaquinho morrera. Loubah alojara Herbert no quarto lá de cima, reservado às pessoas que não gostavam de ser incomodadas.

Nunca dali saía; a criança, que lhe levava de comer, pensava que talvez fosse por causa das escadas, ou então por medo.

Ninguém fazia melhor consumo de velas de cera (desprezava as de sebo), mas, ao contrário do que era costume, Loubah não se zangava. Pensava Lázaro que, para se mostrarem assim tão atenciosos um para o outro, deviam ter acordado muitas vezes, como fazem os que se amam, com a cabeça poisada no mesmo travesseiro, mas isso devia ter sido há bastante tempo, porque, mau grado o seu vermelhão, o seu alvaiade e o seu henné, a Loubah já não era nenhuma jovem, e ele, Herbert, não escondia que era velho. Tinha de certeza uns sessenta anos, pelo menos. Mas pelo menos num ponto diferia ele dos outros velhos: tinha o coração nas mãos. Partilhava com o miúdo as chávenas de chocolate e os biscoitos que lhe mandavam.

À noite, ao voltar, já tarde, para a sua mansarda, Lázaro via uma réstia de luz por baixo da porta de Herbert e ouvia-o a falar sozinho. Ou melhor, dir-se-ia que falava com outras pessoas que lhe respondiam, mas Lázaro tinha a certeza de que não havia lá ninguém. A menos que falasse com fantasmas, o que seria assustador, mas Lázaro espreitou um dia pela fechadura e não viu lá nenhum fantasma. O mais estranho é que a voz do velho senhor mudava a cada passo: ora era uma bela voz de homem que dava a ideia de ser ainda jovem, uma dessas vozes que fazem pensar em lábios cheios e belos dentes; ora, outras vezes, uma voz de rapariga, muito doce, que ria e chilreava como a água de uma fonte. Havia também várias vozes de labregos, que dir-se-ia discutirem uns com os outros. Mas o mais bonito era quando ele falava com voz pausada e majestosa, por certo a de algum bispo ou rei.

Uma noite, o miúdo arranhou na porta. O velho veio abrir com ar benevolente, um livro na mão.

- És tu? Há que tempos que eu te ouço a farejar por baixo da porta, como um cão.

Lázaro ladrou baixinho, sentou-se no chão e poisou a pata no joelho de mister Herbert, a desempenhar o seu papel canino. O outro acariciou-lhe a cabeça e continuou a ler a meia-voz, mas

parecia-lhe, ao miúdo, que ele lia melhor do que nunca desde que sabia que estava a ser visto e ouvido por alguém. A partir dessa noite, nunca mais se largaram. Lázaro tornara-se o seu filho, o seu rafeiro, o seu público. Em breve se tornou também seu aluno. Uma noite, disse-lhe o velho empurrando para o pé dele umas folhas rasgadas: - Tu sabes ler. Dá-me a réplica; é mais divertido.

Foi, realmente, mais divertido, pois muito se riam ambos quando Lázaro se enganava, o que acontecia com frequência. Não sabia ler lá muito bem em letra de imprensa.

Comiam agora quase sempre juntos, e passavam muitas vezes a refeição a fingir que a faca era uma adaga que se enterrava nas costas de alguém, e o garfo uma flor que se oferecia a uma dama, ou um ceptro, conforme os casos. A convite de Loubah, duas ou três vezes acedera mister Herbert a descer para jantar com a sua anfitriã, mas as sobrinhas dela e os seus convivas aborreciam-no, e o miúdo dava-se conta de que Herbert punha a maior parte das pessoas pouco à vontade, com aquelas suas belas maneiras à mesa e as suas frases tão bem-educadas, pois escusado será dizer que os hóspedes de Loubah eram, se bem que ricos, grosseiros, na sua grande maioria, ou então, pelo contrário, empertigados e sempre na defesa. Mevrouw Loubah, essa, tão fina e miudinha no meio das suas rendas, já estava habituada àquelas gargalhadas, àqueles arrotos, àqueles escarros cuspidos para o lume. E depois, mister Herbert, que tão eloquentemente falava o inglês dos reis e das rainhas, não se desenvencilhava na língua da terra. Zombavam dele, o que o irritava. O miúdo também não tinha escrúpulos de rir dos seus lapsos, mas isso apenas quando estavam a sós.

Um dia, pouco antes do Natal, como mister Herbert se encontrasse na pequena e aconchegada câmara de Loubah, ouviu o miúdo dizer: - Um fôlego, um ouvido para as cadências!... Parece que me estou a ver quando tinha doze anos, e também, ao mesmo tempo, há algo nele que eu nunca fui, um duende, um ondino, Ariel...

- Ariel? - repetiu, interrogativa, Mevrouw Loubah.

- Pouco importa - retorquiu o outro com impaciência. - É uma vergonha deixar tão belo terreno em pousio... Dirigido por mim...

- O vosso mister, meu caro, é daqueles que dão, do princípio até ao fim, só para morrer de fome.

- Entretanto, sempre se gozam uns bons momentos - exclamou Herbert, com ar sonhador. - Agitar uma sala, comover pessoas incapazes de se comoverem ao ver um homem ser morto na rua à sua frente... E depois, a corte... E certa maneira de saudar sem obsequiosidade Suas Majestades, quando estamos, nós mesmos, habituados a ser reis ou príncipes... Um ofício que nos faz aflorar de perto os grandes deste mundo. Um ofício, ousaria dizê-lo, algo semelhante ao vosso.

- A mim, pelo menos, nunca me incumbiram de perigosos recados que levam o seu portador à prisão. Escapaste de boa!...

- Graças a vós, encanto meu. Só os vossos predicados vos livraram de seguides o mesmo caminho...

- Oh! Nunca me deixei comprometer por fantasias políticas - disse ela. - Tudo vento, meu caro. Por mim, prefiro o que é sólido.

- O sólido e o requintado - observou ele, com ar galante. - Mas quanto ao pequeno...

- Não - disse ela. - Se alguma vez o mandar para lá, há-de ir com um protector mais rico em metal sonante. Sempre o sólido, como vedes. Por esse lado, bem podeis pôr luto.

E, levantando-se, fez um gesto que surpreendeu a criança: beijou o seu velho amigo nos lábios. Ele retribuiu-lhe longamente na mesma moeda. Seria possível as pessoas beijarem-se com aquela idade? Pareceu-lhe ao miúdo ouvir Mevrouw Loubah dizer, a rir, para mister Herbert, que um pingente de doze anos não era um rival.

Mas, daí a algumas semanas, já Herbert mostrava com satisfação o salvo-conduto munido de vários selos, que de longa data esperava. O céu político, para ele, clareava.

- Aconselho-vos a não sair daqui - disse a Loubah com prudência. - Aquilo lá pelo teatro está um pouco tremido, por causa dos Cabeças Redondas. Arriscais-vos a mergulhar em pleno drama.

Mas foi tudo em vão. Daí a dias tomava o ancião o barco para Londres, onde Burbage lhe propunha um belo papel. As despedidas entre ele e Mevrouw Loubah foram afectuosas, ainda que breves, como as de quem amiúde se deixa e se volta a encontrar. Beijou com mais ternura o menino, pelo menos a este assim lhe pareceu, pois julgou ver os olhos do seu velho amigo humedecerem-se de lágrimas. - "Que Julieta - murmurava ele numa voz quase a tremer -, que Julieta esta!". Como receava ser importunado pela alfândega, que lhe iria esquadriñar toda a bagagem, deixou em casa de Loubah uma boa parte dos livros e brochuras.

A criança apoderou-se deles, mas como Mevrouw Loubah não iria usar para com ele de tanta generosidade com respeito a velas, munuiu-se de vários tocos roubados. À noite, na mansarda, imitava o melhor possível as entoações e os gestos do seu velho amigo.

Os comediantes arribados à estalagem não podiam aspirar ao belo porte de Herbert que, a acreditar nas suas palavras, representara muitas vezes para el-rei Jaime. Mas tinham alguns patacos no bolso. Sabia-se que iam partir em tournée pela região de Hanover (a Eleitora era inglesa), pela Dinamarca e, finalmente, pela Noruega, mas preparavam-se primeiro para apresentar uma comédia, durante uma festa campestre que um fidalgo pródigo e bon vivant, o senhor de Brederode, muito estimado pelos donos da estalagem, dava no seu parque, a umas léguas dali. A consideração que tinham por ele repercutia-se nos saltimbancos. Um actor, contudo, não vale muito mais do que uma cabeça de gado, pelo que só lhes tinham reservado uma grande divisão, nas dependências da estalagem, divisão essa que outrora devia ter servido de estábulo, mas que agora se apresentava guarnecida de uma mesa redonda e de escabelos.

Umhas cobertas estendidas ao longo das paredes serviam de cama.

Lázaro, que gostava de adivinhar as idades, achou que o mais velho do grupo devia ter uns cinquenta anos e o mais novo dezassete. Este de dezassete era bom tipo. Não tardou a descobrir que se chamava Humphrey.

O garoto ia e vinha da cozinha para a sala com as canecas de estanho. Era uma espécie de jogo. Levantando bem alto o braço franzino, mostrava-se vaidoso da sua habilidade em fazer correr a jorros a cerveja, cheia de espuma.

- Bravo! O escanção do pai Júpiter!

- E eu sou o vosso Ganimedes - disse o garoto, citando um verso de um tal Shakespeare.

O contra-regra nem queria acreditar no que ouvia.

- Aonde é que foste buscar isso?

- Sei de cor todo o papel de Rosalinda - disse, orgulhoso, o menino.

- Se isso é verdade, é mais do que um bom presságio - exclamou o corpulento director que observava a cena - é uma graça que não podemos desdenhar.

- Ainda não é certo que o Edmund se não consiga safar - observou o contra-regra que gostava de contradizer e que, de qualquer modo, sentia afeição por Edmund.

- Ora, ora! Tem ali para três semanas, se é que escapa, e a nossa representação é amanhã. E depois, uma Rosalinda com as ventas quebradas...

- E tu, judeuzito piolhoso, como é que tu sabes inglês? -

perguntou com ar fero o contra-regra, que por sinal também tinha o emprego, no tablado, de tirano e de rei Herodes. - E onde é que foste tu aprender isso, essas tiradas de Rosalinda?

- Um senhor de idade chamado Herbert Mortimer esteve a morar lá em casa.

O director cavou as rechonchudas bochechas num assobio.

- Só! A propósito: ele, o Herbert, acaba de regressar a Londres com um belo salvo-conduto. Precisavam dele para fazer o César.

- O César? Que ideia? Em tempos tão conturbados?! É uma peça muito perigosa... Não... É para o Mouro de Veneza... Com novo arranjo, por certo, pois o raio da peça é já bem velha. Mas havemos de confessar que o Herbert não fica nada mal com a cara besuntada com licor de noz e um turbante na

cabeça...

- Mesmo assim! Toda a gente sabe que ele já não tem idade para beijar Desdémona...

- Ora! Deixa lá! Isso da idade, no teatro, sabes?... E até mesmo na vida...

O gordo e loiro director não tirava os olhos do miúdo, que todos pareciam ter esquecido.

- Dá-lhe a réplica, Orlando - disse ele para Humphrey. - Já vamos ver se ele é capaz ou não de fazer a Rosalinda. Seja como for, é amoroso...

- Isso não é justo - observou um rapaz de ar impertinente, um pouco avantajado, que espetava um arenque salgado num naco de pão. - Eu, Aliéna, é que devia fazer a Rosalinda...

- Contenta-te com seres ainda a Aliéna, minha filha - disse o director, a quem chamavam também o bom duque. - Já te saís tão mal com essas saias! Fazer o papel de uma rapariga que se disfarça de rapaz é como dar três cambalhotas de seguida. É preciso ciência, e da grande.

- Além disso - exclamou Humphrey - essa tua cintura tão larga incomodava-me, quando pegasse em ti para dançar.

Sentou-se nos calcanhares, limpando os olhos para esconder os seus prantos de transido apaixonado, ora rindo, ora implorando. Representava muito bem: em Orlando, era um pouco mais Humphrey, apenas, um Humphrey mais jovial. O pequeno, olhos a brilhar de satisfação, respondia-lhe sem se enganar.

No seu papel de rapariga que finge ser rapaz para consolar um camarada da ausência da sua bela, mas também para dele troçar gentilmente, conseguia dar a sentir, por dentro, algo como três pessoas que, por assim dizer, jogassem uma contra a outra. Pois, para tudo complicar, a rapariga vestida gostava do rapaz que consolava, o qual a não reconhecia com aqueles calções, assim, dobrada de homem. Havia que reconhecer que Herbert se saíra bem.

- Estás a atrapalhar-te - disse Humphrey. - Não saltes o mais bonito. Rapazes e raparigas são gado da mesma espécie.

Recomeça mais atrás.

- Como queiras - disse o garoto. - Mas eu atrapalho-me, porque ela se atrapalha... Está pouco à vontade, percebes?

Porque gosta de ti, Humphrey!

Decidira desde logo que Humphrey-Orlando merecia ser amado por Rosalinda.

- E eu, então? - intrometeu-se um garotito de nariz vermelhusco, que puxa constantemente para os ombros uma espécie de xaile de camponesa. - Era capaz de fazer a Rosalinda tão bem como outro qualquer, se me dessem os seus trapos.

- Tu és bom é para o Touchstone - disse o director, coisa que logo fez zangar um indivíduo de barba por fazer, caiado de branco, que não gostava nada que lhe lembrassem que fazia de palhaço.

- O caso é que não sou só eu que os faço rir - disse ele com ar bravo. E como que para provar os seus talentos, esboçou uma careta que lhe deu a goela aberta de uma gárgula.

- Está bem - prosseguiu o director, virando as costas ao dito Touchstone. - Está mesmo muito bem... A sorte pisca-me o olho - continuou ele, rejubilante. - E pensar eu que me estava a preparar para mudar de peça... Mas ainda há que ver se ele fica bem vestido de rapariga. No fim de contas, é a minha própria sobrinha.

Humphrey levantou-se para ir remexer num baú. Voltou com os braços repletos de ouropéis.

- Veste isto. Não precisas de despir o teu balandrau. Como és muito magro, vê-se logo o efeito que faz.

E acrescentou, virado para o director-duque: - Escolhi o vestido de casamento, que é o mais bonito. Assim vê-se melhor.

Custou-lhe ao garoto a dar com os colchetes da saia de chamalote carmesim, barrada de tela de prata.

- Tem cautela, que já está meio rasgado. O corpete é baixo, mas quando despises essa camisa grossa, que enche muito a parte de cima, verás que fica bem.

- Um bocado largueirão à frente - troçou Aliéna.
- Ótimo. Mete-se-lhe uns guardanapos... Vira-te lá.

O garoto virou-se com ar complacente, mostrando, por baixo da saia comprida, o pé calçado com um chanato muito largo.

- Com os diabos! - disse o director-duque. - Já me ia esquecendo! Vives com os teus pais?
- Tenho uma espécie de avó.
- O que é que ela faz?
- Recebe senhores para dançarem com as suas três sobrinhas.
- Quer-me parecer que não será lá muito difícil - disse confidencialmente o director para o contra-regra. - E a tua mãe?
- A minha mãe foi enforcada em público - respondeu com ostentação o garoto, que se vangloriava desse episódio.

Parecia-lhe a ele que a mãe (de quem de resto se não lembrava, por ser muito pequeno nessa altura) morrera no palco de um grande teatro.

- E o teu pai?
- Sei lá - disse a criança. - Acho que não tenho pai.
- Toda a gente tem pai - disse sentenciosamente Humphrey, esfregando as costas como se se lembrasse das bordoadas.

- Ouve lá com atenção - disse o director, agarrando o garoto pelos dois braços. - É o Bom Deus que te envia. Tu és judeu, creio eu, mas mesmo assim acreditas no Bom Deus, não é verdade? Pois bem: anteontem, no dia em que chegámos de Londres, o Edmund, que nós tratamos por Edmunda, foi dar uma volta pela cidade e lá travou-se de razões com alguém. Os holandeses não são para brincadeiras, e ele também tinha bebido mais genebra do que devia. Não sei quem é que tinha razão ou não, o certo é que fomos dar com ele no meio da rua, com a cabeça partida. E amanhã precisamos de uma Rosalinda que represente para o senhor de Brederode.

- Mas depois - prosseguiu Humphrey - depois é que vai ser bom. Vamos a Hanover, porque a Eleitora é lá da nossa terra e quer as peças que se representavam em Londres quando ela era nova. E a seguir à Dinamarca. Temos um contrato que nos promete quartos mesmo a sério, em águas-furtadas, e dois gansos ou dois cisnes por dia, guarnecidos à volta. E depois, se nos apetecer, vamos até à Noruega, e passaremos por aqui à ida para a bela Inglaterra, que já há-de estar aborrecida por nossa causa. Queres vir?

- Eu sou a vossa Rosalinda - disse o garoto, continuando a representar.
- Parece-me a mim que o melhor é ele não dizer nada à velhota - observou, meditativo o director-duque. - Gosta de ti; a tua avozinha?
- Sirvo os pratos e abro as portas.
- Nesse caso, logo encontra outro que lhe abra as portas e leve os pratos. Escapa-te amanhã, à sorrelfa, e vem aqui ter mal amanhã.
- Que logo vês a festa que te vão fazer - exclamou Humphrey.
- As damas vão-te beijar e chamar meu pajem. E dar-te-ão frutas cristalizadas.

E os senhores, às vezes, sacam da algibeira uma moeda de ouro.

Também já fui repariga, eu, sei como as coisas se passam. Mas desde que fiz dezoito anos, voltei a rapaz.

- O que não te priva de ter damas que te beijem, nem moedas de ouro - disse Aliéna, com ar sombrio.
- Tudo isso é muito bonito, meus filhos, mas o que é preciso é que o garoto se não deixe seduzir e fique na Dinamarca como pajem de alguma alteza - obtemperou o director-duque. - Se fores bom, levamos-te connosco para Londres.
- Já estive em Londres.

- Tanto melhor. Vais-te sentir como em tua casa. Tem-no debaixo de olho, Humphrey. Se calhar este pequeno prodígio é uma cabeça-no-ar.

Humphrey foi com o garoto até ao pátio. Lázaro deteve-se para beijar o pescoço de um cavalo.

- Não te despeças de ninguém, a não ser dos cavalos. Aliás, não há razão para despedidas; voltaremos a passar por cá.

Gostava que ficasses já hoje a dormir lá na sala grande, mas isso punha a tua velha de sobreaviso. Sai de casa logo de manhãzinha, sem fazer barulho, e traz o melhor fato que tiveres; tens um, não? Para ti, há o belo trajo de Ganimedes, para as cenas em que usares calças, mas é bom demais para andares com ele cá por fora: E não tragas dinheiro, ou só muito pouco. Ela poderia ir atrás de ti.

- Já tinha pensado nisso - disse o garoto, acenando com a cabeça.

Voltou para casa a correr. A casa ficava a dois passos, mas, a essa hora, já deviam estar à espera de o ver aparecer vestido com o seu fato bonito, para ir abrir a porta. Parou só um instante, para contar tudo ao Klem; Humphrey recomendara-lhe que o não fizesse, mas com o Klem podia-se contar; mesmo que lhe batessem à desalmada, nada contaria. O salão de Loubah estava repleto de gente. Parecia-lhe que aquilo, naquela noite, nunca mais acabava. Quando ficaram apenas dois ou três clientes, que tinham pago para ali dormir o resto da noite, Mevrouw Loubah atçou o lume da lareira, separando as cavacas e afastando-as do montão de cinzas quentes. Lázaro achou que ela parecia uma bruxa ou uma fada (havia também sibilas, nos livros de Herbert) e que, no seu género, era muito bonita. No teatro, deveria representar velhas rainhas.

Ao subir, passo a passo, a longa escada, acudiu-lhe à ideia que ela nunca lhe dera um tabefe, e muito menos ainda lhe batera.

Nunca o repreendera, salvo por causa das faltas que se comete para com o corpo, como o assoar-se com grande estentor ou apresentar-se despenteado.

Também, ao que lhe parecia, era boa para com as sobrinhas, e boa para com os clientes, a quem nem sequer repreendia por vomitarem depois de terem bebido. Fora muito boa para Herbert, que ele nunca vira dar-lhe dinheiro. Lembrava-se de que ela, uma vez, metera, à sua frente, na algibeira de um Senhor que dormitava numa cadeira, a bolsa que este deixara cair.

Mevrouw, que não era muito dada a sentenças, ao ver a admiração do pequeno, dissera: "Deve-se ser sempre honesto nas pequenas coisas. Mais tarde compreenderás." Não, não era uma avó ruim. Mas ele não gostava suficientemente dela para lhe dizer que se ia embora.

Já na mansarda, tirou com todo o cuidado, do meio de duas traves, a sua provisão de tocos de vela e releu, àquela luz, todo o papel de Rosalinda, para estar certo de não ir ficar entupido. "E depois" - pensou ele - "se eu me esquecer, inventarei qualquer coisa. O Humphrey ajuda-me." Fez um embrulho com as brochuras de Herbert (os livros eram pesados demais para poder levá-los) e meteu-o debaixo do travesseiro.

Dormitou, apoiado a tão duro pacote, com um olho fechado outro aberto, ou melhor, não dormitou, sonhou.

Sonhou um longo sonho. Era dele que se tratava, do pequeno Lázaro, que conhecia tudo quanto havia a conhecer nas ruas de Amesterdão: os ladrões que, é preciso que se diga, nunca lhe tinham roubado nada a ele, os bêbedos, que geralmente são simpáticos, depois de terem bebido bem; os pobres e os ricos (reconhecem-se pelo fato); os mendigos que têm medo que lhes façam concorrência; os fidalgos, novos e velhos, esses que nos dão umas moedas para levarmos uma carta a uma mulher, e uma gorjeta, ainda por cima, quando lhes trazemos a resposta, sem mesmo verem o que lá vem dentro, e o que lá vem dentro às vezes fá-los chorar; os que nos apertam nos braços (sabe-se lá porquê) num recanto escuro, como se nos quisessem quebrar todos, e esses desembolsam por vezes umas moedas de prata; os que nos dão uns soldos para lhes tomarmos conta do cavalo, e às vezes o cavalo é mau, e escoucinha, mas os cavalos, na sua maior parte, estimavam-no, e é um prazer sentir na mão a saliva deles, quando a gente lhes dá um

caroço de maçã... E aqueles que desconfiam de nós (esses são os mercadores), ou que nos enxotam com um pau quando ficamos a olhar muito tempo para as montras, que são os pasteleiros.

Era do Lázaro menino que se tratava, o que brincara com o Klem, aquele para quem Mevrouw Loubah era boa, mas a quem, apesar disso, nunca beijava, só que também nunca a tinham visto beijar quem quer que fosse, a não ser o Herbert, que era muito velho. Parecia-lhe a ele que esses pequenos Lázaros estavam, não mortos, nem esquecidos, antes ultrapassados, como os garotos com quem ele fazia corridas na rua.

E tratava-se de Herbert, que lhe havia ensinado a representar um ser diferente do que ele era. O quarto de Herbert contivera um ror de gente, e batalhas, e cortejos, e bodas, e gritos de alegria ou de dor de deitar a casa abaixo, só que gritados a meia-voz, de modo que ninguém ouvia, e toda essa multidão, onde se contavam reis e rainhas, coubera à vontade entre a arca e a pequena lareira. E Herbert partira, como se parte nos sonhos, ou como os comediantes saem pelos bastidores sem que se saiba porquê, da mesma maneira que o pequeno Lázaro iria partir, amanhã, com os actores.

Por mais pálido e alquebrado que estivesse, Herbert não tinha idade. Quando ele queria, era meigo e pequenino como os filhos de Eduardo, a quem haviam morto na Torre, e outras vezes leve e risonho como Beatriz, que baila como bailam as estrelas, e então, nessa altura, tinha quinze anos, mas outras alturas havia, quando chorava o seu reino perdido e a sua filha morta, em que tinha mil anos, de tão velho que era. E também não tinha corpo: quando tanto fazia rir o pequeno Lázaro, no seu Falstaff, era grande e gordo, com umas pernas curvas como os aros de uma pipa, e o resto do tempo era delgado como Jaime, o Melancólico (ninguém faria, amanhã, perante o senhor de Brederode, um Jaime, o Melancólico igual ao dele), e era bela, quando era Cleópatra.

E também Lázaro iria ser todas essas raparigas, e todas essas mulheres, e todos esses mancebos, e todos esses velhos.

Rosalinda, já o era. Partiria, amanhã, de casa de Mevrouw Loubah, cheia de espelhos de Veneza, onde as sobrinhas e os fidalgos se miravam todos nus. Ele iria vestido como de costume, à rapaz, mas na verdade seria Rosalinda, quando ela, disfarçada, abandona o belo palácio de onde seu tio, o bom duque, fora expulso. Dizia chamar-se Ganimedes e abalava para muito longe, para uma floresta tão grande que, se se fosse a pôr todas aquelas árvores em cena, nem todos os bosques e matas das redondezas de Amesterdão, postos lado a lado, chegariam.

Partia na companhia de Aliéna, a sua boa prima (não podia esquecer que tinha que se mostrar simpático para com Aliéna) e de um bufão emproado de quem Lázaro tinha um certo medo, mas o melhor era não o dar a perceber. E no dia das suas núpcias com Orlando, dançaria no seu belo vestido de barras prateadas (não sabia dançar, mas bastava pular ao compasso), e tinha que tomar cuidado para não rasgar mais o pano do vestido, que já estava roto.

E iria ser também outras lindas raparigas, mas primeiro teria que aprender de cor todas as tiradas que elas haviam debitado, e não apenas umas quantas falas de que se recordava por mister Herbert lhas ter por assim dizer entoado. Seria Julieta, e agora via porque é que mister Herbert, ao partir, o tratara por esse nome. Seria Jessica, a judia, vestida como as belas moças da Judenstraat; seria Cleópatra e daria a sua minúscula mão a beijar a um general chamado António; de balde procurava, entre os actores da grande sala, um suficientemente magnífico para ser António. E viria depois a ser morto por uma serpente, mas esperava que a mordidela da serpente lhe não fizesse doer muito.

Quando já tivesse passado muito tempo, quando ele tivesse dezoito, ou talvez dezanove, ou (quem sabe?) vinte anos, tornaria a ser, como o Humphrey, um rapaz: lutaria ombro a ombro com o selvagem que o atacava na liça, mas primeiro teria que desenvolver os bíceps e ganhar pulso. E seria Romeu chorando pela Julieta que se lembrava de ter sido; treparia facilmente à varanda, ele que tão bem trepava às árvores do cais.

Seria a duquesa de Malfi, que chora os seus filhinhos num asilo de loucas, e também, um dia, quando

já lhe não ficassem tão bem os vestidos de mulher, seria um dos malvados que os estrangulam. E seria Hotspur, o cavaleiro das esporas ardentes, tão jovem e tão bravo, e igualmente sua mulher Kate que, ao dizer-lhe adeus, se esforçava por rir, só para não chorar, e Hal, tão bravo e jovial, mais os seus alegres companheiros.

Muito mais tarde ainda, quando tivesse atingido uma idade realmente avançada, digamos quarenta anos, seria rei com coroa na cabeça, ou então César. Herbert mostrara-lhe como se cai, dispondo as pregas do fato para não mostrar indecentemente as pernas nuas. E seria também mulheres pejadas de todas as maldades que cometeram no decorrer da vida: uma enorme rainha da Dinamarca inçada de crimes, ou Lady Macbeth, com uma faca, ou ainda as barbudas feiticeiras que num caldeirão fervem coisas imundas.

Ou então faria de palhaço, como o da carantonha enfarinhada de ontem à noite: fazer rir as gentes seria ainda uma maneira de lhes agradar e de lhes dar prazer, como se lhes agrada e dá prazer sendo rapariga e beijando alguém à sua vista (e também eles vêm em pessoa, às vezes, para que os beijem nos bastidores), ou (é estranho dizê-lo) morrendo à sua vista, jovem e bela. E depois, ao cabo de cinquenta anos (é muito, cinquenta anos), dar-lhe-iam papéis de velho, a sério: um Orlando que já não seria Humphrey - pois se calhar Humphrey já teria entretanto morrido, uma vez que contava agora dezoito anos - carregá-lo-ia ternamente nos braços, sob a aparência do velho criado Adam, todo branco, todo enrugado, sem dentes, sem forças, mas fiel. Era bonito, ser-se cinquenta anos fiel.

E talvez acontecesse que após ter sido Jessica, a bela e risonha judia que se escapa levando uns escudos consigo, viesse a ser o pai Shylock de dedos aduncos, e o tratassem de velho judeu piolhoso como ontem o contra-regra o tratara de judeuzito piolhoso, porque é esse o costume. Mas deve ser duro, para um velho, perder, ao mesmo tempo, a filha e os escudos; talvez que ele, em vez de fazer rir as gentes, com o seu Shylock, as fizesse chorar.

Ou tudo se passaria, pelo contrário, sob um céu cor-de-rosa e à vista de um mar azul, e ele seria Próspero, o mago que, como Herbert, não tem idade porque é quase Deus, e então lembrar-se-ia de haver sido, anos antes, sua própria filha, Miranda, a inocente, que se apaixona por um homem porque o acha belo. E depois de ter apaziguado a terra e as ondas, recitaria maravilhosas palavras acerca das coisas que passam como um sonho, no sono profundo em que a nossa vida está envolta (já não sabia muito bem esta passagem de cor), e quando quebrasse a sua varinha de condão, tudo se acabaria.

E quando para ele já não houvesse, nos estrados de madeira, qualquer lugar, por pequeno que fosse, cuidaria das velas, seria o que as acende e as apaga, no fim, uma por uma. Mas porque sabia todos os papéis, tomá-lo-iam também para ponto: a sua voz estaria, como quem diz, em todas as vozes.

Apoderava-se dele uma alegria febril, nessa sensação de ser tantas pessoas ao mesmo tempo, a viverem tantas aventuras. O pequeno Lázaro não tinha limites, e bem podia sorrir amigavelmente ao seu próprio reflexo, que um pedaço de espelho entalado entre duas traves lhe remetia: não tinha forma, ele; tinha mil formas.

Mas nessa manhã, nesse baço dealbar do dia, ele era, em todo o caso, invisível, ao descer assim, descalço, chanatos na mão, pela escada das traseiras da casa de Loubah e ao esgueirar-se para fora pela porta da cozinha, cujo trinco oleara na véspera com um pouco de unto. O céu estava meio róseo, meio cinzento.

Vinha aí uma bela manhã.

Na rua, calçou os chanatos; já estava suficientemente atravancado, com o seu fatinho melhor dobrado no braço, os sapatos domingueiros pendurados à cinta e o grosso maço das brochuras de Herbert. Na cozinha, havia cinco soldos alinhados em cima da mesa, para o leiteiro. Ficou com eles. Não era verdadeiramente um roubo; era uma esmola.

A rua estava ainda praticamente vazia, a não ser uns camponeses que de cestas cheias iam a caminho do mercado: esses, ainda se deviam ter levantado à luz da vela. Um vendedor de filhós já se encontrava

no seu posto, para satisfazer a fome de quem passava. Lázaro gastou um soldo e meteu na boca a bela bola grande e quente. Cães escanzelados esgaravavam nos montes de lixo visitados de noite pelos ratos; bem gostaria ele de, um por um, fazer festas a todos aqueles cães. Também teria gostado de amparar como pudesse o bêbedo que cambaleava de regresso a casa, em risco de se estatelar na valeta, mas as roupas e os embrulhos tolhiam-lhe as mãos. E tinha que se apressar em chegar à estalagem.

Humphrey estava à porta, à espera dele, com uma velha manta de cavalo por cima dos ombros.

- Vai lá vestir-te. O teu vestido está naquela arrecadação junto à cavalaria. Toma cuidado, não apanhes frio: este ar da manhã faz enrouquecer.

E, atravessando o pátio, apontou para uma carruagem que começavam a atrelar.

- Mandou-no-la o senhor de Brederode, para nos levar ao castelo. Quer-nos ver chegar já com os fatos das comédias, que é mais divertido.

E afastando os panos da velha manta que lhe servia de capa: - Olha como eu estou bonito.

E estava-o, com efeito, com os seus calções amarelos de cabedal, os seus borzeguins de fivela e o seu gibão vermelho agalado a ouro. Esfregara as faces com carmesim.

- Despe essa fatiota. Trouxe-te umas calças e umas meias de mulher todas de seda.

- Mas onde está aquela linda saia de barras prateadas? - quis saber, um tanto decepcionado, o garoto a quem Humphrey passava um vestido azul de veludo.

- Parvo! Isso é no fim, na tua cena de núpcias. Para as cenas do meio, aquelas em que te vestes à rapaz, tens um lindo fato preto e cor-de-rosa. O fato que trouxeste de casa vai ser para a viagem.

Tremendo um pouco, naquela arrecadação húmida, alisou o pequeno, com todo o cuidado, as suas meias de seda. Humphrey chegou-lhe um par de escarpins bordados.

- Tens que tomar atenção e andar como uma rapariga, em passinhos miúdos. Se os sapatos te magoarem, paciência. A cintura está um bocado larga, mas eu tenho aqui alfinetes. Já pus os chumaços no corpete.

Passou-lhe ao pescoço um colar de pasta de vidro. E, entreabrindo um pouco a porta da arrecadação para deixar entrar mais luz, disse: - Estás linda. Os cabelos logo ficam bem, depois de penteados. Não me lembrei de trazer o boião do carmesim, mas isso remedeia-se mesmo lá. Aliás, as tuas faces são naturalmente rosadas. Anda, eles estão a acabar de se arranjar ali na sala.

Ajudou o miúdo a meter a fatiota num saco.

- Podes deitar fora esses chanatos velhos. Ou não. Servem-te de socos, nos dias de chuva.

Na sala grande, as pessoas vestiam-se, praguejando, barafustando por causa de uma fita extraviada ou de uma fivela de cinto surripiada por um colega. Audrey, que já estava bem bebido, trazia às três pancadas a sua coifa de camponesa.

Touchstone acrescentara ao alvaiade umas rodela vermelhas.

Coberto de cadeias de ouro que lhe serviam também para os papéis de mordomo, o duque passava de um grupo para o outro com uma dignidade ducal. A entrada de Rosalinda mereceu palmas, mas Aliéna continuou com ar enjoado.

- Fazes-me o favor de não lhe passar rasteiras - segredou-lhe Humphrey. - Tenho-te debaixo de olho.

Aliéna, sem rabujar mais, agarrou na prima pela mão.

Empilharam os baús no tecto da carruagem e os sacos atiraram-nos lá para dentro, para servirem de almofadas. O senhor de Brederode devia ter mandado o mais escavacado dos carros que tinha, pois no interior havia tão-somente um banco franjado, no qual o duque se instalou, ao lado de um rapaz alto, pálido e magro, já dos seus trinta anos de idade, que Lázaro decidiu que seria Jaime, o Melancólico, porque ele fazia os possíveis por apresentar um ar triste. Mas a ausência de outros bancos não chegava a incomodar: era, na mesma, cómodo sentar-se à turca, e no chão da carruagem havia-se espalhado alguma palha húmida que cheirava bem.

Houve, contudo, um incidente que fez o duque tornar a apear-se. Combinavam qualquer coisa, no

pátio. O cocheiro, que chegara já alta noite com a carruagem, emborcara caneca atrás de caneca; um banho de mangueira não lhe fez passar a piela.

Estendido nas lajes do pátio, a abarrotar de bebida, tinha o ar de uma lesma morta. Mas ressonava, o que provava que apesar de tudo estava vivo. Começou a cair uma chuvinha leve.

- Passa-se sem ele - decidiu o bom duque. - Eh! Girafa!

Apareceu um indivíduo esgalgado, que subiu para o assento com ar de resignação. Lançara, por cima do fato velho, um lençol da cama que o cobria da cabeça aos pés e tinha na mão uma foice, que poisou para segurar nas rédeas.

- É ele quem nos conduz, sempre que alugamos uma carroça - explicou Humphrey. - Nunca se faz rogado. E com aquelas vestes que usa, quer chova quer faça sol, nunca estraga a fatiota.

- Mete-me um bocado de medo - murmurou o garoto.

- Não há razão para isso. Em cena, branqueia-se-lhe a cara, para meter ainda mais medo. Representa a Morte arrastando consigo um homem rico, numa velha farsa que nós levamos de vez em quando, a abrir o espectáculo. Touchstone faz de Diabo, com um rabo muito comprido. O outro, o alto e descorado, faz também de fantasma de um rei da Dinamarca assassinado. Mas isso não é peça que se possa representar em Copenhaga.

Chovia agora a valer. Toda a gente se amontoou no interior da carripana. Aliéna, que se sentou ao pé da prima, incomodava-a, trincando um dente de alho. Rosalinda apoiou a cabeça nos joelhos de Orlando, que a cobrira com um pano da sua velha manta. A criança sentia fome, e pensava que talvez devesse ter comido duas filhós. Mas era bom saber que ainda lhe restavam quatro soldos para partilhar com Humphrey. Dois pares de caçadores do séquito do duque, vestidos de verde e camuflados com folhas, continuavam, a um canto, uma partida de tarot. Touchstone, de cabeça em baixo, cantarolava lúgubre endeixa.

Através dos vidros mal lavados, viam-se campos e prados com vacas, o que Lázaro, criança que até aí poucas vezes saíra da cidade, gostou de ver. Árvores que a Primavera renovara expunham a sua fresca verdura. Continuava a chover, em bâtegas, mas as nuvens a correrem umas atrás das outras mais pareciam brincar, lá no alto, e aqui e além havia grandes abertas de céu azul. Ia com certeza haver bom tempo, para a representação no parque.

Longo parecia, porém, o caminho. Os solavancos da carruagem embalavam a criança, que já se ia habituando. Tudo se confundia, naquela sonolência: o tamborilar da chuva no tecto da carruagem (caíam uns pingos em cima da manta), os gritinhos de Lázaro quando Humphrey, mau grado os cuidados que tinha, lhe arrepelava os cabelos, ao desempear-lhos, a balada do palhaço, o hálito de Audrey, as figuras do tarot que não se sabe muito bem o que querem dizer, Copenhaga que parecia já ali, ao virar da curva, e, através dos vidros a pingar da carruagem, os belos trechos de céu claro, e as guloseimas que o mordomo do senhor de Brederode decerto reservava para os actores, e a saia comprida de barras prateadas.

POSFÁCIOS

Anna, Soror...

é uma obra de juventude, mas daquelas que se conservam, para o seu autor, caras e essenciais até ao fim. Essas cerca de cem páginas faziam originalmente parte de um vasto e informe esboço de romance, Remous, de que algures já falei, esquiçado entre os dezoito e os vinte e três anos, e que continha em gérmen uma boa parte das minhas produções futuras.

Abandonado que foi esse «grande projecto» cujo resultado teria sido um romance-oceano, mais do que um romance-rio, viriam a ditar-me os acasos da vida uma obra inteiramente diferente, cujo mérito talvez fosse a sua extrema brevidade: Alexis. Mas, decorridos poucos anos, já entrada por assim dizer na Kcarreira literária, tive a ideia de recuperar certas partes, pelo menos, da antiga obra posta de lado. É assim que a narrativa agora intitulada Anna, Soror... apareceu em 1935 numa recolha de três novelas, La Mort Conduit l'Áttelage (foi um episódio de um dos fragmentos conservados que me inspirou este título). Para ao menos lhes dar uma aparência de unidade, resolvera chamar-lhes respectivamente D'Après Dürer (Segundo Dürer), D'Après Greco (Segundo Greco) e D'Après Rembrandt (Segundo Rembrandt), sem o que tais títulos, que, por mais que se faça, cheiram a museu, corriam o risco de se interpor entre o leitor e aqueles textos, por vezes canhestros, mas espontâneos e quase obsessivos, de outrora.

O título da presente recolha Comme L'Eau Qui Coule (Como a Água que Corre) aproxima-se um pouco de Remous, (Remoinhos), mas substitui a imagem dos avanços e ressacas do oceano pela do rio, ou por vezes da torrente, ora lamacenta ora límpida, que é a vida. D'Après Dürer, inteiramente fundido em L'Oeuvre au Noir (A Obra ao Negro) está, bem entendido, fora do jogo; D'Après Rembrandt, assaz indigno sob tão alto patronato, cindiu-se em duas novelas de que adiante falaremos. Quanto a Anna, Soror..., o recurso a Greco explicava-se enquanto alusão à leitura tremida e convulsiva desse grande pintor, mas o cenário de Nápoles e um certo ímpeto sensual levar-me-iam hoje a pensar sobretudo em Caravaggio, se é que é necessário apor a este relato violento o vocábulo de um pintor. O presente título é tirado das primeiras palavras do epitáfio inciso por diligência de Anna no título de Miguel, as quais dizem o essencial.

Contrariamente às duas outras novelas que a acompanham, Anna Soror... reproduz, na sua quase integralidade, o texto de 1935, ele próprio muito idêntico ao relato escrito em 1925 por uma jovem de vinte e dois anos. Inúmeros retoques de pura forma e uma dúzia de alterações mais de fundo foram, contudo, levados a efeito, com vista a esta nova publicação de hoje.

Discutirei algumas delas mais adiante. Se insisto no que estas páginas conservaram de essencialmente imutável, é que nisso vejo, entre outras evidências que a pouco e pouco se me impuseram, uma prova a mais da relatividade do tempo. Sinto-me tanto ao nível desta narração como me sentiria se a ideia de a escrever me tivesse vindo esta manhã.

Trata-se de um amor entre irmão e irmã, isto é, do tipo de transgressão que mais frequentemente inspirou os poetas a braços com um acto voluntário de incesto(1). Ao tentar recensear alguns, pelo menos, dos escritores ocidentais e de cultura cristã que trataram o mesmo assunto, depara-se-me desde logo o extraordinário Tis Pity Shes a Whore(2) do grande dramaturgo elizabetiano John Ford. Essa peça arrebatada, em que a baixeza, a atrocidade e a inépcia humanas servem de contraste a dois incestuosos de coração puro, contém uma das mais belas cenas de amor do teatro, aquela em que Giovanni e Annabella, prestes a cederem à sua paixão, se ajoelham um diante do outro: - You are my brother Giovanni. -And you my sister, Annabella.

Passemos logo de seguida para o fuliginoso Manfred de Byron.

Esse drama assaz confuso, cujo herói tem o nome de um príncipe excomungado da Alemanha da Idade Média, situa-se numa vaga paisagem alpestre: foi efectivamente na Suíça que Byron compôs esse texto que a um tempo venda e desvenda a aventura escandalosa com a sua meia-irmã Augusta, aventura essa que acabava de fechar-lhe definitivamente as portas de Inglaterra.

Esse romântico maldito é perseguido pelo espectro de sua irmã Astarté, de cuja morte foi o causador, mas o autor deixa-nos praticamente na ignorância das razões de ser desse obscuro desastre. Coisa curiosa, bem parece que esse nome de Astarté, insólito num cenário suíço e medieval, terá sido tirado da narrativa do Montesquieu das Lettres Persanes (Cartas Persas), Histoire d'Aphéridon et d'Astarté, patética narração que parece algo discordante nesse tecido de acerbas sátiras apimentadas de eróticas cenas à turca, cheias de rahat-loukum e de sangue. Aphéridon e Astarté, jovem casal parsi cuja religião

admite tais ligações, morrem perseguidos num meio muçulmano que abomina o incesto. Montesquieu parece ilustrar, com esse tocante hors-d'oeuvre, como noutros passos o faz em tom de gracejo, um antidogmatismo em relação a opiniões e a costumes aprovados num lado e desaprovados noutro, antidogmatismo esse que, cada um à sua maneira, Montaigne, Pascal e Voltaire haviam subscrito ou iriam subscrever. Não se pode de modo algum falar de revolta no caso dos dois jovens parsis que vivem e morrem adentro da sua própria lei: cabe ao autor fazer-nos sentir que a inocência e o crime são noções relativas. Em Ford, pelo contrário, era o próprio Giovanni que atacava com insolência os interditos que se opunham ao incesto, e Manfredo, em Byron, culpado de uma infracção que aliás fica em vago, mostra um orgulho luciferino em ser transgressor.

Um leitor francês não pode, enfim, esquecer René (Renato), em que Chateaubriand, pensando por certo em sua irmã Lucília, tomou como dado central o amor incestuoso de Amélia e a sua fuga do convento. Goethe, no *Wilhelm Meister*, não se abstém também de utilizar romanescamente o tema do incesto.

Bem mais perto de nós, a belíssima novela de Thomas Mann, *Sang Reservé*, ostenta dois temas frequentes em qualquer mostra do incesto fraternal: um, é o acordo perfeito de dois seres unidos por uma espécie de direito de sangue; o outro, a atracção quase vertiginosa da quebra de um hábito(3). Um jovem irmão e uma jovem irmã israelitas, de um requinte e de uma beleza raros, oriundos de uma opulenta família judia do Berlim de antes de 1935, unem-se, inebriados pela ópera de Wagner que evoca os amores incestuosos de Siegmund e Sieglinde. A Sieglinde judia está noiva de um oficial prussiano e protestante, e as primeiras palavras do amante, depois de realizado o acto, são, cinicamente, estas: "Já gozámos com esse goy." Prazer de achincalhar de antemão um casamento olhado pela família como uma promoção social - orgulho intelectual do transgressor. Reencontramos aqui, agora em tom de mofa, o Giovanni de Ford, quando anuncia, arrogante, ao prelado, seu tutor, a sua decisão de cometer um incesto, e mais tarde arrancando pela morte sua irmã a um marido enganado e odiado(4).

Depois destas obras-primas, depara-se-me tão-somente *Confidence Africaine* de Martin du Gard, também ele uma obra-prima, a qual, porém, nos leva da poesia ao bosquejo sociológico. É a proximidade nocturna e a necessidade de, para ler, ter de partilhar o mesmo candeeiro de mesa-de-cabeceira, que lançam nos braços um do outro aquele rapaz e aquela rapariga norte-africanos, mas o tumulto dos sentidos acaba quando a irmã se casa, como estava combinado, com um livreiro da vizinhança, e quando o irmão, que foi para a tropa, depara com outras beldades a quem cortejar. Voltaremos a ver, mais tarde, a antiga amante, já pesada e rabugenta, a tomar conta de um filho tuberculoso, produto miserável desse momento de prazer. Gide censurou, com razão, a Martin du Gard essa conclusão de um fácil convencionalismo: por muito prejudiciais que sejam, com a continuação, as uniões consanguíneas por demais exclusivas e frequentes, acontece também, e isso nenhum criador de animais o ignora, virem a concentrar-se nos seus rebentos as qualidades da raça; não produzem necessariamente, só por si, gente enfermiça ou doente. Limpando-se de tal história com esse fim moralizador, não está Martin du Gard dentro da verdade, como o não está Gide, adoptando, com um talvez excessivo entusiasmo, o ponto de vista da lenda, a qual dota o filho do incesto de virtudes prodigiosas, tal Siegfried, filho desse Siegmund e dessa Sieglind cuja aventura servirá de modelo aos amantes de *Sang Reservé*(5).

À excepção de *Confidence Africaine*, cuja tácita intenção terá sido, pelos vistos, mostrar quão banais são certas situações tidas como insólitas e rigorosamente proibidas, dois temas predominam, pois, nestas amostras de incesto: a união de dois seres de excepção emparelhados pelo sangue, isolados pelas suas próprias qualidades, e a vertigem do espírito e dos sentidos ao transgredir uma lei. O primeiro tema depara-se-nos em *Anna, Soror...*, onde as duas crianças vivem num relativo isolamento, que após a morte da mãe será total; o segundo está daí excluído. Nenhuma revolta do espírito aflora esse irmão e essa irmã imbuídos até aos ossos da piedade quase expirante da Contra-Reforma. O seu amor desenvolve-se no

meio das desoladas Pietà, das Virgens-das-Sete-Espadas, das santas que cantam pela boca das suas feridas", no fundo de sombrias e doiradas igrejas, que são, para eles, o cenário familiar da infância e um supremo asilo. A sua paixão é demasiado forte para se não realizar, mas apesar do longo combate interior que precede a falta, sentida desde logo como uma indizível felicidade, nenhum remorso se insinua entre eles. Apenas no íntimo de Miguel ganha forma o sentimento de que tal alegria só é possível sob uma condição: a de ele pagar o seu preço. A sua morte, quase voluntária, numa galera real, será o resgate, de antemão fixado, que irá permitir-lhe sentir, ao assistir à missa na segunda-feira de Páscoa, uma exultação isenta de arrependimento. Também não será o remorso, mas um inconsolável luto, o que irá alancear Anna toda a vida. Já velha, continuará a aliar sem perplexidade o seu amor irrepeso por Miguel à sua confiança em Deus.

De outro tom é o retrato de Valentina. Banhada num misticismo mais platónico do que cristão, essa mulher influi, sem que o saiba, nos seus violentos filhos; na tempestade que vai neles insinua-se algo da sua paz. Essa serena Valentina afigura-se-me, nisso a que não ousou chamar pomposamente a minha obra, um primeiro estágio da mulher perfeita, tal como muitas vezes me tem sido dado sonhá-la: amante e ao mesmo tempo desprendida, passiva por sagesa e não por fraqueza; a que tentei mais tarde delinear na Mónica de Alexis, na Plotina das Mémoires d'Hadrien (Memórias de Adriano) e, vista de mais longe, nessa senhora de Froso que dispensa ao Zenão de L'Oeuvre au Noir oito dias de segurança.

Se aqui me dou ao trabalho de as enumerar, é que, numa série de livros onde por vezes me tem sido censurado negligenciar a mulher, nelas empenhei uma boa parte do meu ideal humano.

Ao que parece (e emprego esta fórmula dubitativa porque acho que as motivações das personagens devem por vezes manter-se indecisas para o próprio autor: é esse o preço da sua liberdade) Valentina apercebe-se, desde o início, do amor das duas crianças uma pela outra, sem que nada faça para o destruir, sabendo-o inextinguível. "Aconteça o que acontecer, não chegarei nunca a odiar-vos." Esta sua suprema admonição põe-nos em guarda contra o pecado mortal da paixão levada ao extremo, depressa virada contra si própria e transformada em ódio, em rancor ou, o que é pior, em irritada indiferença. A felicidade alcançada e a dor aceite salvam-nos desse desastre: Miguel livra-se pela morte prematura; Anna, pela sua longa constância. A noção social do interdito e a noção cristã da falta fundiram-se nessa chama que dura toda a vida.

Anna, Soror... foi escrita em poucas semanas, na Primavera de 1925, durante uma estada em Nápoles e logo após ter regressado; talvez daí se explique que a aventura do irmão e da irmã decorra e tenha o seu desenlace durante a Semana Santa. Bem mais do que pelas antiguidades do museu ou pelos frescos da villa dos Mistérios, em Pompeia, dos quais todavia viria a gostar de um extremo ao outro da minha existência, deixara-me eu prender a Nápoles pela pobreza fervilhante e vivaz dos bairros populares, pela beleza austera ou o fanado esplendor das igrejas, algumas delas gravemente danificadas ou mesmo completamente destruídas, depois, pelos bombardeamentos de 1944, como esse São João do Mar em que ponho Anna a abrir o caixão de Miguel. Visitara o forte de Santelmo, onde situo as minhas personagens, e a Cartuxa vizinha, onde imagino um Álvaro a passar os seus últimos dias. Atravessara algumas aldeolas desoladas da Basilicata, numa das quais situei a mansão semi-senhorial, semi-rústica onde Valentina e os seus filhos vêm assistir às vindimas, e a ruína que Miguel entrevê numa espécie de sonho é provavelmente Poestum. Nunca invenção romanesca foi tão imediatamente inspirada pelos lugares onde iria decorrer.

Saboreei pela primeira vez, com Anna, Soror..., o supremo privilégio do romancista, o de se perder inteiramente nas suas personagens, ou de se deixar possuir por elas.

Durante essas poucas semanas, e continuando, ao mesmo tempo, a fazer os gestos e a assumir as relações habituais da existência, vivi eu constantemente no seio desses corpos e dessas duas almas, perpassando de Anna para Miguel e de Miguel para Anna, com essa indiferença ao sexo que é, creio eu, a de todos os criadores em presença das suas criaturas(6), e que fecha ignominiosamente a boca àqueles

que se espantam que um homem se possa exceder a pintar as emoções de uma mulher, Julieta em relação a Shakespeare, Roxana ou Freda, a Racine, Natacha ou Anna Karenine, a Tolstoi (de resto, porque longamente habituado ao facto, o público já nem sequer se espanta) ou, paradoxo mais raro, que uma mulher possa criar um homem em toda a sua verdade viril, seja ele o Genghi de Murasaki, o Rochester de Jane Eyre, ou, para Selma Lagerlof, Gosta Berling. Uma tal participação elimina igualmente outras diferenças. Vinte e dois anos tinha eu, exactamente a idade de Anna a quando da sua ardente aventura, mas penetrava, sem o mínimo constrangimento, no íntimo de uma Anna gasta e envelhecida ou de um declinante Álvaro. A minha experiência sensual era nessa altura assaz limitada; a da paixão vinha ainda para lá da curva, e, não obstante, o amor de Anna e de Miguel flamejava em mim. É um fenómeno simples, sem dúvida: já tudo foi vivido e revivido milhares de vezes pelos desaparecidos que transportamos nas nossas fibras, tal como transportamos também os milhares de seres que um dia virão a existir. A única questão que se põe, ainda e sempre, é a da razão por que, dessas inúmeras partículas que em cada um de nós flutuam, só umas, e não outras, assomam à superfície. Mais livre, nesse tempo, de emoções e preocupações pessoais, talvez eu estivesse mais apta do que hoje a dissolver-me por completo nessas personagens que inventava ou julgava inventar.

Por outro lado, e tendo, muito embora, abandonado desde cedo toda a prática religiosa, apenas conservando a marca, muito forte, na verdade, das lendas, das cerimónias católicas, era-me grato assumir o fervor religioso desses dois filhos da Contra-Reforma. Menina ainda, beijara os pés dos Cristos de gesso pintado, nas igrejas de aldeia; pouco importavam que não fossem os do admirável cadáver de barro da igreja do Monte Olivete, diante do qual se prostrara Anna. A cena em que irmão e irmã, prestes a unirem-se, contemplam da varanda do forte de Santelmo o céu resplandecente de chagas da noite de Sexta-Feira Santa, mostra, ainda que alguns a julguem sacrílega, até que ponto a emoção cristã persistia em mim, e isso apesar de eu estar então, por inevitável distanciamento em relação a um meio cujas fraquezas e insuficiências se tornaram por demais evidentes, em plena reacção contra os dogmas e os interditos cristãos.

Mas porquê essa escolha do tema do incesto? Comecemos por afastar as hipóteses dos ingénuos que imaginam que toda a obra nasce de uma anedota pessoal. Disse já, algures, que as circunstâncias da vida me haviam dado apenas um meio-irmão, dezanove anos mais velho do que eu, cuja presença, ora quezilenta ora taciturna, mas felizmente intermitente, constituíra um dos lados maus da minha infância. Na altura, aliás, em que eu escrevia Anna, Soror..., tinha deixado de ver esse meu pouco simpático irmão havia já uns dez anos. Não nego, todavia, mas isso mais por simples cortesia para com os fabricantes de hipóteses, que possam apresentar-se à imaginação do romancista situações imaginárias que sejam de certo modo o negativo das situações reais: no que me diz respeito, porém, o exacto negativo não seria um jovem irmão incestuoso, mas um irmão mais velho e amigo.

O facto, contudo, de o irmão de Anna se chamar Miguel e de os primogénitos da minha família se chamarem, de geração em geração, Michel, tende a provar que eu só era capaz de imaginar o herói da minha história dotado do mesmo nome que as irmãs de toda a minha ascendência paterna sempre deram a seu irmão. Mas talvez também essas duas sílabas me tenham parecido cómodas pela sua sonoridade espanhola facilmente reconhecível, sem o espanholismo exagerado de nomes tais como Guzman, Afonso ou Fadrique, e sem aquele ressaibo sedutor para sempre ligado ao de Juan. Nunca nos devemos basear demais neste tipo de explicações.

Que o incesto existe no estado de omnipresente possibilidade na sensibilidade humana, atraente para uns, revoltante para outros, provam-no o mito, a lenda, o curso obscuro dos sonhos, as estatísticas dos sociólogos e os factos do dia-a-dia.

Pode-se talvez dizer que ele depressa se tornou para os poetas o símbolo de todas as paixões sexuais, tanto mais violentas quanto mais constrangidas, castigadas e ocultas. Com efeito, o facto de se pertencer a dois clãs inimigos, como Romeu e Julieta, raramente é sentido nas nossas civilizações como um

obstáculo intransponível; o adultério banalizado perdeu, além disso, muito do seu prestígio graças à facilidade do divórcio; o amor entre duas pessoas do mesmo sexo saiu em parte da clandestinidade. Só o incesto continua a ser inconfessável e quase impossível de provar, mesmo onde suspeitamos que exista.

É contra as falésias mais abruptas que mais violentamente se lança a vaga.

Gostaria de falar um pouco mais de algumas correcções feitas a este texto, quanto mais não seja para responder de antemão aos que julgam que passo maniacamente o tempo a refazer e a mudar tudo, ou ao juízo demasiado apressado que faça de Anna Soror... uma obra de juventude publicada tal qual, de novo.

As correcções feitas, em 1935, ao texto de 1925, eram correcções gramaticais, sintácticas ou estilísticas. A primeira Anna datava ainda do tempo em que eu, a braços com um enorme fresco destinado a ficar inacabado, escrevia rapidamente, sem preocupações de composição ou de estilo, bebendo directamente de não sei que fonte em mim existente. Só mais tarde, a partir de Alexis, é que eu me iniciei na escola estrita do relato à francesa; e mais tarde ainda, por volta de 1932, é que me dei à pesquisa de técnicas poéticas dissimuladas na prosa, e crispando-a, por vezes. O texto de 1935 tinha a marca desses vários métodos: apertara certas frases, como que a chave de parafusos, correndo o risco de estoírar com elas; um esforço mais canhestro de estilização tornava rígida, aqui e além, a atitude das personagens. As correcções de 1980 destinaram-se, na sua maior parte, a tornar mais flexíveis certas personagens. No texto antigo, um preâmbulo de umas quantas páginas apresentava-nos, numa Flandres espanhola, uma Anna enlutada de vinte e cinco anos, casada, por ordens superiores, com um francês ao serviço de Espanha. Esse preâmbulo demasiado pesado tornava-se compreensível um Remous, centrado o mais possível nos Países Baixos espanhóis. Muito mais reduzida, essa passagem foi recambiada aqui para o seu lugar cronológico, antes da maturidade e da velhice de Anna. As poucas cenas em que figura a rapariga das víboras, que Miguel encontra na solidão de Acropoli, foram mais retocadas e desbastadas do que as restantes; relido a anos de distância, esse episódio, visível e excessivamente onírico, parecia-me ter, de certo modo, a mesma pretensão que os sonhos têm nas antigas tragédias. Das aparições da rapariga das víboras conservei apenas o bastante para sublinhar o estado febril de Miguel. Alguns breves acréscimos mostram, por outro lado, o esforço de aceder a uma realidade tópica, quero eu dizer, em estreita correlação com o lugar e o tempo, a única que me parece realmente convincente.

As violências e os deboches dos monges em certos conventos da Itália do Sul, só mais tarde os conheci, na altura em que estudava, para *L'Oeuvre au Noir*, esses casos de rebelião, larvar ou a descoberto, em certos mosteiros dos finais do século xv; servem, aqui, para melhor mostrar a selvajaria do lugar onde morre Valentina e onde as duas crianças começam a aperceber-se a medo do seu próprio amor.

Dois acrescentos, enfim, ambos muito breves, são de mencionar, por revelarem um deslize na concepção da vida do autor. Na antiga narrativa de 1925, vinda a lume dez anos mais tarde, a crise de exaltação de dom Miguel, uma vez efectivado o incesto, era imediatamente seguida do seu embarque sem esperança nem intenção de regresso; aqui, a calma que imobiliza a galera permite-lhe voltar ao forte de Santelmo e oferecer aos amantes dois dias e duas noites a mais. Não foi para fazer prolongar por mais alguns momentos a sua trágica felicidade que eu procedi a esse acréscimo, mas para tirar ao relato o que nele pudesse haver de demasiado construído, dando-lhe esse flutuamento que a vida tem até ao fim. O que Miguel e Anna haviam sentido como uma separação definitiva não o era, já que um prazo de dois dias lhes é imprevisivelmente concedido. A faixa que Miguel prende às persianas de Anna, para adverti-lo de quando se levantasse o vento, é o símbolo dessa flutuação. Já que as primeiras e solenes despedidas não passaram de um engano, pode ser que as segundas o venham a ser também.

O relato dos longos anos que Anna passou junto de um marido que não escolheu, e depois o luto de viúva que cobre o seu luto verdadeiro, sofreu de igual modo uma ligeira modificação.

Pretendi mostrar dois esposos que se não amam, mas que também não têm razões para se odiarem, ligados, apesar de tudo, pelos quotidianos cuidados da vida e mesmo, até certo ponto, pelas relações

carnais, quer porque uma amante fiel e ativa se lhe venha a submeter com vergonha, quer (e uma coisa não exclui a outra) porque os sentidos tenham acabado por prevalecer, concedendo-lhe o breve e decepcionante prazer de reencontrar, pelo espaço de um segundo, uma sensação amada. Acrescentei eu também que Anna viúva se deixa, uma noite, possuir, durante uma viagem, por um quase desconhecido logo olvidado, mas esse breve e quase passivo episódio carnal vem sublinhar ainda mais, a meu ver, a inalterável fidelidade do coração. O

incidente destina-se a lembrar o estranho estado que é o de toda e qualquer existência, em que tudo flui como a água que corre, mas em que os factos que realmente contaram, em lugar de se depositarem no fundo, são os únicos a virem à superfície e a conosco alcançarem o mar.

Taroudant, Marrocos, 5-11 de Março de 1981

Um Homem Obscuro

A segunda novela da presente escolha, O Homem Obscuro, longa narrativa ou romance curto, e Uma Bela Manhã, fantasia de algumas páginas, cindem em dois a pálida novela D'Après Rembrandt, datada de 1935, que na sua forma inédita de anos atrás se intitulara Natanael. Lido e relido várias vezes em 1970, esse texto frouxo, uma das minhas primeiras obras, pois fora escrito por volta dos meus vinte anos, e depois apenas levemente retocado, mostrou-se inutilizável. Dele, nem uma linha subsiste, embora contivesse já a semente que viria a germinar muitas estações mais tarde.

A ideia primeira da personagem de Natanael é mais ou menos contemporânea da personagem de Zenão; muito cedo, e com uma precocidade que a mim própria me espanta, imaginara dois homens que via perfilarem-se vagamente sobre um fundo dos antigos Países Baixos: um, vivamente lançado em busca do conhecimento, ávido de tudo quanto a vida possa ensinar-lhe, quando não oferecer-lhe, eivado de todas as culturas e todas as filosofias do seu tempo, e rejeitando-as para penosamente criar as suas; o outro, que de certo modo se deixa viver, resistente e ao mesmo tempo indolente até à passividade, quase inculto, mas dotado de uma alma límpida e de um espírito justo que o desviam, como que por instinto, do falso e do inútil, e que morre novo sem se queixar nem espantar muito, tal como viveu.

Já no meu esboço dos vinte anos, fizera de Natanael o filho de um carpinteiro, um pouco em alusão àquele que se proclamava o Filho do Homem. Essa noção já se não encontra em Um Homem Obscuro, ou apenas de forma muito difusa, e no sentido quase convencional em que todo e qualquer homem é Cristo. Situara, desde o início, Natanael na Holanda, país de que cedo conheci pelo menos algumas regiões, e na Holanda do século xvII que todos nós visitámos pela mão dos seus pintores. Mas nem por isso deixava de haver, nesse meu relato de outrora, um tom vago e falso, e isso por uma razão muito simples: decidira fazer de Natanael um operário, sem nada saber da vida dos operários do meu tempo e muito menos do do passado. Ignorava quase tudo da miséria das cidades; estava ainda muito verde em relação aos grandes compromissos e aos pequenos desaires quotidianos de todas as vidas. Como é ainda o caso da narrativa que lemos, já imaginava Natanael atingido por um mal de peito, encontrando num livreiro de Amesterdão um trabalho sedentário, mas não me dera ao cuidado de saber donde lhe viriam os conhecimentos necessários a esse mister de revisor de provas. Fazia-o, como ainda hoje, casar com uma judia de botequim, mas esse retrato de prostituta traçado por uma rapariga que pouco conhecimento tinha das mulheres era, quanto muito, um perfil perdido: esse elemento único que distingue toda a criatura, e que o amor desde logo revela a um olhar amante, faltava-lhe a ela. Enfim, após um longo e desolado passeio pelas ruas de Amesterdão, Natanael, esgotado, morria no hospital com uma cómoda pleurisia, sem que se sentissem suficientemente as ânsias e a dissolução do corpo. Tudo aquilo era baço e pardo, como muitas vezes o é uma vida vista de fora, mas nunca uma vida vista de dentro.

E, contudo, aquela personagem continuava, na penumbra, a viver em mim. Em 1957, encontrando-me eu na Ilha dos Montes Desertos (prefiro servir-me deste nome que Champlain inscreveu num mapa, em vez da denominação mais recente de Mount Desert Island), aceitei, como o fazia então amiúde, a proposta de uma breve série de conferências, a maneira mais fácil de descontar na folha das contribuições parte das despesas de uma viagem.

Essa tournée levar-me-ia a três cidades do Canadá: Quebeque, Monreal, Otava, e o meu público seria o das universidades e clubes franceses. O mais simples para mim, nessa altura, era tomar, numa longínqua estação de uma vitória do Maine, o único comboio Nova Iorque-Monreal que ainda transportava passageiros. Era já no tempo em que os comboios se iam juntar aos dinossauros nas arrecadações do tempo, enquanto os automóveis se não fossem, mais dia menos dia, juntar por sua vez a eles: as vias férreas do Maine já só existiam para o transporte de troncos de árvores destinados a transformarem-se em pasta de papel. Esse comboio munido de uma única carruagem Pullman parava naquela estação às duas da manhã: e ainda o faz. Acompanhada por Grace Frick, deixou-me o último autocarro, por volta das dez da noite, diante de uma estação deserta e fechada: a sala de espera só abria as portas à uma e quarenta e cinco. Refugiámo-nos na única pensão do sítio. Era uma espécie de estaminé barulhento e cheio de fumo. Enquanto Grace se contentava com uma mesa e um livro, lido à luz de uma lâmpada muito fraca, eu pedi, para essas quantas horas, um quarto de cama. Arranjaram-me um no primeiro andar. Exíguo, nu, forrado de um berrante papel de parede, o quartito continha apenas, além da cama, uma cadeira, e devia ser utilizado por caixeiros-viajantes perdidos por qualquer razão no meio daquele descampado.

O frio e as nevralgias impediram-me de dormir, mas, durante duas horas, aconteceu algo de extraordinário: vi, sob as pálpebras fechadas, perpassarem, saídos subitamente do nada, rápidos e apressados, todavia, como as imagens de um filme, os episódios da vida de Natanael, em que eu desde há vinte anos não mais pensara.

Estou a exagerar, e uma ressalva se impõe: lera, dois ou três anos antes, uma biografia de Samuel Pepys, esse inglês que adorava música de câmara, uma vida doméstica bem regrada e caprichos libertinos, o qual foi não só, como de há longa data se sabe, o inteligente cronista de Londres do século xvII, não só, como mais tarde se veio a saber, quando a outra parte do seu diário saiu da clandestinidade, um precursor em matéria de total franqueza erótica, mas também, naquilo a que se pode chamar os seus dias de trabalho, um eficaz Lorde do Almirantado. Foi assim que vim a saber que havia naquele tempo carpinteiros holandeses a trabalhar nos arsenais britânicos.

Esse facto trouxera-me à memória o meu jovem operário de Amesterdão, e achei então que lhe conviria perfeitamente um tal começo de vida. Teriam estas reflexões deixado silenciosamente em mim um húmus de imagens ou impelido na minha direcção alguns destroços de aventuras? O certo é que, durante duas horas, ao revérbero de uma lâmpada de arco presa à parede do quarto, vi passar sob os meus olhos um Natanael de dezasseis anos que ainda não conhecia. Coxeava, e entrara de aprendizagem em casa de um mestre-escola, pois os andaimes e o trabalho na doca seca não eram para ele. Obrigado a fugir, na sequência de uma rixa, escondia-se no porão de um três-mastros prestes a largar para as Ilhas; eu ia-o seguindo no seu vagabundear desde a Jamaica às Barbados, e de lá virava rumo ao norte, a bordo de um navio corsário britânico de patrulha à costa do Maine, aberta desde há pouco aos apetites europeus; imaginava-o metido num episódio autêntico, que de resto vem a ser a única parte histórica da minha narrativa, o ataque daquele filibusteiro inglês a um grupo de jesuítas franceses recentemente chegados à Ilha dos Montes Desertos, que então bem merecia esse nome. O motim teve lugar em 1621; a minha novela, voluntariamente vaga em matéria de datas (Natanael dispensa cronologias), desloca-o uns quantos anos. Um pouco mais tarde, e um pouco mais longe, via-o dar à Ilha Perdida que pode situar-se à vontade, sem grande precisão, no extremo norte do Maine ou junto à actual fronteira canadiana, entre Great Wass Island e Campobello, depois regressar à Europa, ainda não sabia bem como, e, graças aos

escassos conhecimentos adquiridos outrora em casa do mestre-escola, encontrar um lugar de revisor na oficina de um tio avarento, livreiro em Amesterdão, que já figurava no esboço primitivo.

Desposava ainda uma jovem judia chamada Sarai, que desta vez era ladra, tanto, pelo menos, quanto prostituta. O desolado passeio debaixo de neve continuava a existir, mas Natanael morria menos depressa. À saída do hospital tornava-se lacaio, roçando um pouco pelo mundo da riqueza, das elegâncias e das artes, do qual ele ajuizava como homem que já conhecia o reverso das coisas. Parece que acabaria por morrer numa das ilhas da costa frísia, não sabia ainda bem qual, nem em que circunstâncias. Nesse momento, vieram dizer-me que o comboio estava a chegar.

A tournée de conferências, boas, medíocres, ou más, em seguida uma grave indisposição que me reteve cerca de três semanas em Monreal, outros trabalhos e, finalmente, uma série de anos difíceis, impediram-me por completo de anotar essas visões de uma noite, numa vila isolada do Maine. Achava eu, como já acontecera em casos análogos, que se algo havia nelas de importante, isso reapareceria. Escrevi *L'Oeuvre au Noir*, *Souvenirs Pieux*, *Archives du Nord*, alguns ensaios, algumas traduções mais, mas Natanael, esse, retirara-se para a sombra.

Só de lá saiu em 1980, a uma distância de vinte e dois anos.

O presente texto de *Um Homem Obscuro* data inteiramente desses anos de 1979-1981, tão cheios, para mim, de acontecimentos, de mudanças e de viagens. Às imagens que vinte e dois anos antes vira desfilar, não tardaram a vir juntar-se outras, nascidas dessas. Chegado ao ponto em que já nada mais há a escrever, todo o livro conhece sempre esse momento de proliferação. Novas personagens surgidas por acaso ao virar de um episódio, cenas ocultas por outras cenas como outros tantos cenários rolantes: a pequena Foy, os seus velhos pais, e o irmãozito imbecil; *Mevrouw Loubah* e a sua casa um tanto lóbrega, um tanto trôpega; o helenista dissipador e mergulhado em dificuldades; a criada de rosto de Parca do burgomestre Van Herzog, que, por caminhos ínvios, conduz Natanael à ilha onde ele irá acabar; os habitantes da copa e os dos salões apainelados; a história do cão salvo dos dentes de um tigre, encontrada ao compulsar algumas notas de uns velhos extractos de facturas do século XVIII; o ruído surdo das vagas, fazendo e desfazendo as dunas, o bater de milhares de asas que ainda há pouco voltei a ouvir numa ilha da Frísia, e o recanto quase abrigado do vento onde eu me deitei debaixo dos medronheiros, procurando o sítio onde Natanael iria morrer o mais comodamente possível. Toda a obra literária é assim feita de um misto de visão, lembrança e acto, de noções e de informações recebidas, no decorrer de uma vida, através da palavra ou dos livros, e de resquícios da nossa própria existência.

A principal dificuldade de *Um Homem Obscuro* estava em mostrar um indivíduo mais ou menos inculto a tentar formular em silêncio o que pensa acerca do mundo que o rodeia, e por vezes, raramente, com lacunas e hesitações que correspondem à balbúcie de um gago, a esforçar-se por comunicar a outrem uma parcela, ao menos, de tudo isso. Natanael é daqueles que pensam quase sem a mediação das palavras. Quer isto dizer que é mais ou menos desprovido desse vocabulário a um tempo usual e usado, gasto como as moedas que demais serviram, por meio do qual nós trocamos o que supomos serem ideias, o que pensamos acreditar e o que acreditamos pensar. Mas para escrever tal relato era preciso, ainda, que essa meditação de tão vagos contornos fosse transcrita. Não ignoro que fiz batota ao dotar Natanael de uma pequena cultura recebida de um mestre-escola de aldeia, e proporcionando-lhe com isso não só a possibilidade de preencher, em casa de seu tio, Elias Adriansen, um lugar mal remunerado, mas também de estabelecer a ligação entre certas noções e certos conceitos: aqueles rudimentos de latim, de geografia e de história antiga servem-lhe, como que a contragosto, de bóias no mundo de fluxo e refluxo que é o seu; ele não é nem tão ignorante nem tão desprovido como eu gostaria que fosse. Continua, porém, tão independente quanto possível de qualquer opinião inculcada, um quase autodidacta, nada simples, mas também nada sobrecarregado, desconfiando instintivamente do que os livros que folheia, as músicas que por acaso ouve, as pinturas onde os seus olhos por vezes poisam, vêm acrescentar à nudez das coisas, indiferente aos grandes acontecimentos das gazetas, sem preconceitos em tudo quanto toca à vida dos

sentidos, mas também sem a excitação ou as obsessões fictícias que são o efeito da coacção ou de um erotismo adquirido, tomando a ciência e a filosofia pelo que elas são e sobretudo pelo que são os sábios e os filósofos com que depara, e erguendo para o mundo um olhar tão mais límpido quão incapaz é já de orgulho.

Nada mais há a dizer de Natanael.

Uma Bela Manhã

Uma Bela Manhã tem como ponto de partida o episódio final do antigo Natanael. Havia gratificado a minha personagem com um filho, real ou putativo, que Sarai lhe teria dado; criado pela mãe nas vielas da judiaria, a criança entrava, aos treze anos, para uma companhia de actores ingleses em tournée, como na época era costume os seus semelhantes fazerem, nas casas principescas da Alemanha ou dos países escandinavos, cujos possuidores haviam frequentado a corte de Whitehall ou desposado princesas inglesas ávidas das últimas novidades de Londres. A companhia via-se obrigada a encontrar, do pé para a mão, substituto para uma jovem primeira actriz, a qual, como se sabe, era sempre um adolescente ou um menino travestido.

Nunca eu, naquele esboço dos meus vinte anos, me preocupei em saber como é que esse menino das ruas de Amesterdão sabia inglês bastante para desempenhar uma peça de Ford ou de Shakespeare: esse reparo que alguém me fez, bem como o desejo de alargar o quadro, levaram-me, creio eu, aquando da recente redacção de Um Homem Obscuro, a relatar, por um lado, os verdes anos de Natanael em Greenwich e, por outro, a aludir aos sucessos de Sarai nos bordéis de Londres; o cenário holandês passou a ter um pano de fundo inglês. A personagem do velho actor londrino alojado em casa de Mevrouw Loubah, que ministra à criança algumas lições de elocução, também não figurava no texto antigo.

Outros pormenores houve, bem entendido, que foram omitidos, acrescentados ou mudados, de modo que nem uma linha resta do primeiro esquiço, ou das poucas páginas referentes à criança, revistas na versão de 1935. O essencial, nesta narrativa de hoje, é que o pequeno Lázaro, à vontade naqueles dramas elizabetianos ou jacobitas já fora de moda, que conhece através das brochuras rasgadas do velho actor, viva de antemão, não apenas a sua vida, mas toda a vida: sucessivamente rapariga e rapaz, mancebo e ancião, criança assassinada e brutal assassino, rei e mendigo, príncipe vestido de negro e garrido bobo do príncipe. Tudo quanto valeu a pena ser vivido, é-o já, no próprio momento em que ele se escapa numa manhã de chuva, com os demais actores, enfarpelados como ele com os seus trajos de cena, sob o toldo de uma carroça que os leva aos jardins do senhor de Brederode para aí representarem *As You Like It* (Como lhes Aprouver).

Tal como na antiga narrativa, o actor encarregado do papel da Morte numa requentada farsa medieval é quem vai às rédeas, que a sua mortalha branca não teme aguaceiros. Este pormenor, tirado de um episódio análogo de Cervantes, justificava o primitivo título da recolha de 1935: *La Mort Conduit L'Áttelage* (A Morte Conduz a Carruagem). Carregado do simbolismo que não é possível deixar de lhe atribuir, pareceu-me hoje demasiado simplista para servir de título. A morte conduz a carruagem, mas a vida também.

Sintra, 2 a 5 de Março de 1981

Notas do Posfácio de Anna, Soror...

1. O incesto entre pai e filha ou mãe e filho raramente é dado como voluntário, em relação, pelo

menos, a ambas as partes. Inteiramente inconsciente em Édipo-Rei, é apenas consciente para um dos dois parceiros na história de Mirra, contada por Ovídio, na qual a filha se entrega sob um disfarce. Ao que parece, a noção de abuso de autoridade, de coerção física ou moral tem muito a ver com o constrangimento face a esse aspecto do problema.

2. Literalmente: "Que pena que ela seja uma puta." Mas cautela: a palavra, no século XVI, não significa exclusivamente uma prostituta, mas qualquer mulher acusada de transgressão carnal. Que pena que ela seja uma pecadora seria talvez uma expressão mais exacta, mas não teria o cunho popular que lhe convém. Maeterlinck, ao traduzir esse drama, contentou-se, para título, com o nome de uma das personagens, Annabella.

3. Se, para um escritor, a importância de um tema se avalia pela frequência do seu emprego, poder-se-á atribuir a Byron e a Mann a obsessão do incesto. *The Bride of Abydos* (A Noiva de Abido) do primeiro é uma obra descorada, onde tudo se resolve pela descoberta de um erro quanto ao grau de parentesco; Caim, que trata da união dos filhos e das filhas de Adão, encerra alusões mais precisas ao mesmo assunto. Quanto a Mann, um romance de velhice, *LÉlu* (O Eleito), que contém uma das mais audaciosas cenas de incesto fraterno (o erotismo, para o leitor alemão, é velado pelo facto dos amantes se exprimirem em francês antigo), complica-se com a introdução de uma união edipiana com a mãe. Inúmeras alusões ao assunto se nos deparam, aliás, em Mann. Haveria, finalmente, que analisar, a propósito de uma efabulação do mesmo género, um extraordinário romance anónimo, publicado em Inglaterra em 1957, *Madame Solário*, o qual, se bem que muito lido, nunca foi estudado mais de perto. Mas a extrema complexidade dos temas psicológicos que se entrecruzam nessa narrativa tornam difícil de isolar o do incesto.

4. Se o drama de Ford foi escrito, como a data da representação leva a supor, por volta de 1627, é lícito perguntarmo-nos se ele não terá sido inspirado em parte por uma causa célebre francesa, a execução em 1603 de um irmão e de uma irmã incestuosos, Julien e Marguerite de Ravalet, trágica história tratada ao modo romanesco em um ou vários pequenos opúsculos então muito em voga. A peça de Ford situa-se, conforme o costume, numa Itália de teatro, mas o casamento forçado com um homem de idade madura, achincalhado e detestado, a raiva do ciumento que bate na mulher e a arrasta pelos cabelos pelo chão, para a fazer confessar o nome do cúmplice, a presença de um piedoso homem de Igreja, tutor e, no contexto francês, tio da jovem, encontram-se numa e noutra parte. Os dramaturgos isabelinos raramente inventam os seus temas romanescos, tirando-os, quer das *novelle* italianas, quer dos incidentes do seu tempo.

Seria emocionante que *Tis Pity Shes a Whore*, tal como o *Bussy d'Amboise* de Chapman, estivesse ligado a um *fait divers* francês autêntico.

5. Ver, a propósito deste debate, a *Correspondance d'Ándré Gide et de Roger Martin du Gard*, vol. I (1913-1934), cartas 316 a 318, 322, 327 a 331, 341 - e *Annexe à carta 329* - de 31 de Janeiro a 14 de Julho de 1931 (Gallimard, 1968).

6. Poderíamos lembrar aqui a confidência de Flaubert numa carta a Louise Colet, durante a composição de *Madame Bovary*: "Hoje, por exemplo, homem e mulher, os dois juntos, amante e amásia ao mesmo tempo, passei eu a cavalo pela floresta, numa tarde de Outono, sob a amarelecida folhagem, e era os cavalos, as folhas, o vento, as palavras que um ao outro diziam e o rubro sol que lhes semicerrava as pálpebras afogadas em amor."

(*Correspondance de Gustave Flaubert*), carta a Louise Colet de 23 de Dezembro de 1853, *Bibl. da Pléiade*, t. II, p. 483.

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

MARGUERITE YOURCENAR (1903-1987), de seu nome Marguerite de Crayencour, foi a primeira mulher eleita para a Academia Francesa, instituição literária com o máximo de 40 membros.

Marguerite foi educada na Flandres francesa e passou alguns anos da juventude a viajar com o pai. Começou a escrever na adolescência e continuou a fazê-lo depois da morte do pai que a deixou numa situação financeira confortável. Levou vida de nómada até ao eclodir da Segunda Guerra Mundial, altura em que se fixou nos Estados Unidos. Naturalizou-se americana em 1947.

O nome Yourcenar é um anagrama imperfeito do seu nome original Crayencour.

As obras literárias de Yourcenar são notáveis pelo seu estilo clássico, a sua erudição e subtileza psicológica. Nos seus livros mais importantes, recria eras e personagens do passado, meditando sobre o destino humano, a moralidade e o poder. A sua obra-prima Memórias de Adriano (1951) é um romance histórico sobre as memórias fictícias do imperador do século II. Outro romance histórico, A Obra ao Negro (1968) é uma biografia imaginária de um alquimista e erudito do século XVI. Yourcenar traduziu numerosos romances ingleses e americanos para a língua francesa.

Para se ser membro da Academia Francesa é necessário ter a nacionalidade francesa. Yourcenar tinha-se tornado americana, no entanto, o Presidente da República francesa concedeu-lhe dupla nacionalidade em 1979 e Yourcenar seria eleita para a Academia no ano seguinte.

Outras obras:

Alexis ou Tratado do Vão Combate (1929), Testemunho do Sonho (1934), Fogos (poesia, 1936), Contos Orientais (1938), Golpe de Misericórdia (1939), Testemunho do Sonho (1959), A Benefício de Inventário (1962), O Labirinto do Mundo (1974), Mishima ou a Missão do Vazio (ensaio, 1981), Como a Água Que Corre (1982), O Tempo, Esse Grande Escultor (ensaio, 1983), Peregrino e Estrangeiro (ensaio, 1989), Uma Volta pela Prisão (1991).

Scannerização e Arranjo

Amadora, Setembro de 2000